

NEIL GAIMAN

AUTOR DE O OCEANO NO FIM DO CAMINHO



LUGAR NENHUM

EDIÇÃO PREFERIDA DO AUTOR







NEIL
GAIMAN
LUGAR
NENHUM

Tradução de Fábio M. Barreto



Copyright © 1996, 1997 by Neil Gaiman
Copyright desta versão do texto © 2005, 2009, 2015 by Neil Gaiman
“I’m a Believer”, de Neil Diamond © 1996 Stonebridge Music e Colgems-EMI Music, Inc. Todos os direitos reservados. Usada com permissão.
“Como o marquês recuperou seu casaco”, copyright © 2014 by Neil Gaiman. Publicado originalmente em *Rogues*, organizado por George R. R. Martin e Gardner Dozois.
Trechos das epígrafes utilizados em tradução livre.

TÍTULO ORIGINAL
Neverwhere

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Juliana Werneck

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Houston Trueblood

ADAPTAÇÃO DE CAPA, LETTERING E ILUSTRAÇÃO DE ABERTURA
ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-900-0

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Mapa

Introdução a esta edição

Prólogo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Umás coisinhas a mais...

Um prólogo completamente diferente, quatrocentos anos antes

Como o marquês recuperou seu casaco

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os outros títulos do autor](#)

[Leia também](#)

Para Lenny Henry, amigo e colega de profissão,
que fez tudo isso acontecer;
e para Merrilee Heifetz, amiga e agente,
que faz tudo ficar bom.

Nunca fui à floresta de St. John. Não me atrevo. Temo a escuridão da noite escondida sob inúmeros abetos, temo encontrar o cálice de sangue e o bater das asas da Águia.

— *The Napoleon of Notting Hill*, G.K. Chesterton

Se doaste agasalhos e calçados
Todas as noites em eterno,
Senta-te e usa-os;
Pois Cristo receberá tua alma.

Esta noite, esta noite
Todas as noites em eterno,
Brasas e velas aquecerão teu lar,
E Cristo receberá tua alma.

Se carne e bebida doaste,
Todas as noites em eterno
O frio não te alcançará
E Cristo receberá tua alma.

— “The Lyke Wake Dirge” (canção tradicional inglesa)

[illegible]

	LINEAS	
Central		Pucallpa
District		Victoria
Northern		Jubilee
Metropolitan		(Term)
Bakerloo		

INTRODUÇÃO A ESTA EDIÇÃO

MESMO QUE VOCÊ já tenha lido *Lugar Nenhum*, é bem provável que ainda não tenha lido esta versão.

Lugar Nenhum nasceu do jeito que essas coisas costumam nascer: como uma série de televisão encomendada pela BBC. E, embora a série que foi ao ar não fosse necessariamente ruim, muitas vezes eu me pegava incomodado, pois o que se via na tela simplesmente não era o que eu via na minha cabeça. Então pensei que escrever um livro seria o jeito mais fácil de transportar o que estava na minha cabeça para a cabeça das outras pessoas. Livros são bons para isso.

O romance *Lugar Nenhum* nasceu para mim quando começamos a produzir a série de mesmo nome, mais ou menos como uma forma de manter minha sanidade mental. Sempre que uma cena era cortada, uma fala desaparecia ou algum elemento simplesmente era alterado, eu anunciava: “Não tem problema. Eu coloco no livro.” E dessa forma recuperava o equilíbrio emocional. E assim foi até o dia em que o produtor veio me informar: “Vamos cortar a cena da página vinte e quatro, e mato você se disser que vai colocar no livro.”

Depois disso, passei a só pensar em vez de dizer.

O que eu queria era escrever um livro que faria pelos adultos o mesmo que os livros da minha infância haviam feito por mim, como *Alice no País das Maravilhas*, a série de Nárnia, *O mágico de Oz*. E queria falar sobre as pessoas que vivem à margem, sobre os desvalidos, usando, para tanto, o espelho da fantasia — capaz de nos fazer ver pela primeira vez aquilo que, de tanto vermos, acabamos nunca enxergando de verdade.

Comecei a escrever *Lugar Nenhum* no primeiro dia de filmagem da série, em janeiro, na cozinha do apartamento que servia de locação, no sul de Londres. Terminei em maio, em um hotel de uma cidadezinha no sul da Califórnia.

A BBC publicou o livro em agosto daquele mesmo ano. Quando a Avon Books demonstrou interesse em lançá-lo nos Estados Unidos, aproveitei a chance para, em essência, fazer uma nova versão. Trancado em um quarto de hotel no World Trade Center, em Nova York, passei uma semana escrevendo, acrescentando informações e detalhes para os americanos — que

talvez não soubessem onde fica a Oxford Street ou o que se encontra por lá —, e aproveitei a oportunidade para revisar o texto, expandindo-o e aprofundando-o sempre que possível. Minha editora na Avon Books, Jennifer Hershey, fez um trabalho fantástico, demonstrando grande percepção. Nosso principal desentendimento foi em relação às piadas; ela não achava graça e estava convencida de que os leitores americanos não as receberiam bem em um livro que não era de natureza puramente cômica. Ela queria também eliminar o segundo prólogo, em que somos apresentados a Croup e Vandemar antes do início da história. Embora o trecho me faça falta, decidi que Jennifer tinha razão e transferi a descrição dos dois personagens para o corpo do texto. (Para os curiosos, esse trecho eliminado foi reproduzido nesta edição, ao final, em sua forma original.)

No total, acrescentei cerca de doze mil palavras e cortei milhares. Algumas eu fiquei feliz em perder. Outras me fizeram falta.

Esta versão de *Lugar Nenhum* foi elaborada a partir de várias outras, com a ajuda de Pete Atkins, da Hill House Publishers. Combinei os textos originais das edições inglesa e americana e corriji algumas redundâncias, criando uma nova versão — definitiva, espero —, além de uma dor de cabeça para os bibliógrafos.

Não escrevo continuções. No entanto, *Lugar Nenhum* é um mundo para o qual espero, um dia, retornar. Em um livro chamado *The Lost Rivers of London* [Os rios perdidos de Londres], li a história de uma cama de latão que foi encontrada no esgoto e até hoje ninguém sabe de onde veio ou como foi parar lá.

Aposto que De Carabás sabe.

Neil Gaiman

PRÓLOGO



NA VÉSPERA DE sua partida para Londres, Richard Mayhew não estava nem um pouco feliz.

A noite tinha começado bem: foi bom ler os cartões de despedida e receber os abraços de mulheres conhecidas suas, não desprovidas de charme; foi bom ouvir os alertas sobre os males e perigos da cidade para onde ia e ganhar, como presente conjunto dos amigos, um guarda-chuva branco com o mapa da rede metروiária de Londres estampado; foi bom beber as primeiras canecas de cerveja. Mas, depois disso, cada nova caneca o fazia se sentir significativamente menos bem, até ele acabar sentado na calçada naquela cidadezinha escocesa, passando frio e avaliando as vantagens conflitantes de vomitar ou não vomitar, nem um pouco feliz.

Dentro do pub, os amigos continuavam celebrando sua partida iminente com um entusiasmo que, ao seu modo de ver, estava começando a beirar o sinistro. Ele ficou ali sentado na calçada agarrado ao guarda-chuva fechado, ponderando se ir para Londres era realmente uma boa ideia.

— É melhor tomar cuidado — disse uma voz anasalada e velha. — Não demora muito e aparece alguém para enxotar você daí. Ou enfiar você num abrigo. É bem capaz. — Dois olhos argutos o encaravam, colados em um rosto adunco e encardido. — Passando mal?

— Não, estou bem, obrigado — respondeu ele.

Richard tinha um rosto jovem, quase de menino, o cabelo escuro com discretas ondulações, olhos grandes e amendoados. Tinha também aquele jeito amarrotado de quem acabou de acordar, o que o tornava mais atraente do que ele jamais conseguiria entender ou acreditar.

O rosto encardido se suavizou.

— Ah, pobrezinho. Tome aqui — disse a senhora, enfiando na mão dele uma moeda de cinquenta *pence*. — Quanto tempo faz que mora na rua, hein?

— Não sou mendigo — explicou Richard, envergonhado, tentando devolver a moeda. — Por favor... guarde seu dinheiro. Eu estou bem, só saí para tomar um ar. Vou para Londres amanhã.

A mulher o avaliou com desconfiança. Por fim, pegou a moeda de volta e a fez desaparecer sob as camadas de casacos e xales que a envolviam.

— Já estive em Londres — confidenciou a velha. — Foi onde me casei. Mas ele não prestava. Minha velha mãe bem que disse para eu não me casar com um estrangeiro, mas eu era jovem e linda, mesmo que hoje em dia não pareça, e segui meu coração.

— Claro — respondeu Richard, sentindo-se desconfortável.

Aos poucos, a certeza de estar prestes a vomitar estava passando.

— Só me lasquei. Já morei na rua, então sei como é — continuou a velha. — Por isso achei que você fosse um desses também. Vai fazer o quê em Londres?

— Consegui trabalho por lá — respondeu Richard, com orgulho.

— Em quê?

— Hã... finanças.

— Eu era dançarina.

A velha saiu andando pela calçada em um círculo desajeitado, enquanto cantarolava baixinho e desafinado. Então, cambaleou de um lado para o outro, como um pião terminando de girar, até finalmente parar em frente a Richard.

— Estende a mão — disse ela. — Vou ler sua sorte.

Richard obedeceu. A velha colocou a mão enrugada sobre a dele e a segurou com força. Então piscou algumas vezes, como uma coruja que tivesse acabado de engolir um rato e já começasse a sentir azia.

— Você tem um longo caminho pela frente... — começou a velha, intrigada.

— Londres.

— Não só Londres... — A velha fez uma pausa. — Não a Londres que eu conheço.

Naquele momento, uma chuva leve começou a cair.

— Sinto muito — continuou ela. — Tudo começa com portas.

— Portas?

Ela assentiu. A chuva apertou, tamborilando nos telhados e no asfalto.

— Eu ficaria de olho nas portas, se fosse você.

Richard se levantou, sem muito equilíbrio.

— Pode deixar — respondeu, sem saber direito como reagir a uma informação daquelas. — Vou ficar de olho. Obrigado.

A porta do pub se abriu, fazendo a luz e o barulho transbordarem para a rua.

— Richard? Você está bem?

— Sim, tudo bem. Só mais um segundo e já volto aí para dentro.

A velha já se afastava, cambaleante, debaixo da chuva pesada, ficando ensopada. Richard sentia que precisava fazer algo por ela, mas não podia oferecer dinheiro. Foi atrás da velha, correndo pela rua estreita, a água gelada da chuva encharcando o cabelo e o rosto.

— Tome — disse ele.

Atrapalhou-se com o cabo do guarda-chuva, tentando encontrar o botão de abrir. Então, um clique, e um gigantesco mapa de fundo branco desabrochou. Era a rede de metrô de Londres, cada linha em uma cor, cada estação marcada e com o nome indicado.

A velha aceitou o presente e sorriu sua gratidão.

— Você tem bom coração — disse ela. — Às vezes, isso basta como proteção, aonde quer que a pessoa vá. — E acrescentou: — Mas nem sempre.

Ela segurou firme o guarda-chuva quando uma rajada de vento ameaçou levá-lo ou virá-lo do avesso. Abraçou o cabo, sua força se multiplicando diante da chuva e do vento, e seguiu seu caminho noite adentro, uma forma branca arredondada coberta com os nomes das estações de metrô: Earl's Court, Marble Arch, Blackfriars, White City, Victoria, Angel, Oxford Circus...

Richard se pegou considerando, embriagado, se haveria mesmo um circo em Oxford Circus. Um circo de verdade, com palhaços e mulheres bonitas, com feras perigosas. A porta do pub se abriu outra vez: uma explosão de som, como se tivessem colocado a música em volume máximo naquele exato momento.

— Richard, seu otário, é a sua festa e você está perdendo.

Ele entrou. A ânsia de vômito tinha se perdido no meio de toda aquela estranheza.

— Você está parecendo um pintinho molhado — comentou alguém.

— Você nunca viu um pintinho, que dirá molhado — retrucou Richard.

Outra pessoa lhe entregou uma dose generosa de uísque.

— Toma, manda pra dentro. Vai dar uma aquecida. E você sabe que em Londres não vai encontrar um *scotch* verdadeiro.

— Até parece — retrucou Richard, com um suspiro. A água de seu cabelo pingava dentro do copo. — Londres tem tudo.

Ele virou a bebida, e, depois disso, alguém lhe deu mais uma dose, e então a noite virou um borrão e se desfez em fragmentos: Richard se lembrava, mais tarde, apenas de deixar um lugar pequeno e racional que fazia sentido por um lugar imenso e velho sem sentido; e de vomitar sem parar na sarjeta onde a água da chuva corria, em algum momento ao final da madrugada; e de ver uma forma branca coberta de símbolos em cores esquisitas, como um pequeno besouro redondo, afastando-se sob a chuva.

Pela manhã, embarcou no trem rumo a Londres para a viagem de seis horas que o levaria até os estranhos pináculos e arcos góticos da estação St. Pancras. Sua mãe lhe dera um pequeno bolo de nozes que havia preparado exclusivamente para a viagem dele, além de uma garrafa térmica com chá. E, assim, Richard Mayhew foi para Londres, sentindo-se um lixo.

UM

—

FAZIA QUATRO DIAS que ela estava correndo, em uma fuga impensada e desajeitada através de túneis e passagens. Estava faminta e exausta, um cansaço que nenhum corpo poderia suportar, e cada porta se mostrava mais difícil de ser aberta que a anterior. Depois de quatro dias em fuga, encontrou um esconderijo, uma pequena toca na pedra, ausente do mundo, onde estaria a salvo, ou ao menos assim esperava, e finalmente pôde dormir.

—

O sr. Croup tinha contratado Ross durante o último Mercado Flutuante, realizado na Abadia de Westminster.

— Pense nele, senhor Vandemar, como um canário.

— Ele canta? — perguntou o sr. Vandemar.

— Duvido muito. Pouco, bem pouco provável. — O sr. Croup passou a mão pelo cabelo laranja lambido. — Não, meu caro amigo, eu quis dizer metaforicamente... algo mais ao estilo dos pássaros que são levados às profundezas das minas de carvão.

O sr. Vandemar assentiu, começando a compreender: sim, um canário. Em nenhum outro aspecto o sr. Ross se assemelhava a um canário. Era um sujeito enorme (quase tão grande quanto o sr. Vandemar), e completamente imundo, e perfeitamente careca, e mal abria a boca, embora tivesse feito questão de dizer a cada um deles que gostava de matar e que era bom nisso; e o sr. Croup e o sr. Vandemar se divertiram em ouvir tal confissão, assim como Gengis Khan deve ter achado graça na presunção de algum jovem mongol que acabara de pilhar uma vila ou incendiar uma iurta pela primeira vez. Ele era um canário e nem desconfiava. E por isso o sr. Ross entrou primeiro, com sua camiseta imunda e sua calça jeans incrustada de sujeira, enquanto Croup e Vandemar seguiram atrás em seus elegantes ternos pretos.

Há quatro pontos bem simples que permitem diferenciar o sr. Croup do sr. Vandemar: primeiro, o sr. Vandemar é cinco palmos mais alto que o sr. Croup; segundo, o sr. Croup tem olhos cor de porcelana azul desgastada, enquanto os do sr. Vandemar são castanhos; terceiro, o sr. Vandemar usa na mão direita anéis confeccionados com o crânio de quatro corvos, mas o sr.

Croup não ostenta joias visíveis; quarto, o sr. Croup aprecia palavras, enquanto o sr. Vandemar está sempre com fome. E eles não se parecem nem um pouco um com o outro.

Um farfalhar na escuridão do túnel; a faca do sr. Vandemar surgiu em sua mão para logo desaparecer de vista, ressurgindo quase dez metros à frente, tremulando de leve. Ele foi até lá e a resgatou pelo cabo. Na ponta, empalada, havia uma ratazana cinza, abrindo e fechando a boca debilmente conforme a vida lhe escapava. Ele esmagou o crânio do bicho entre o indicador e o polegar.

— Bem, essa ratazana não vai mais atazanar ninguém — comentou o sr. Croup, e riu do próprio trocadilho.

O sr. Vandemar não esboçou reação.

— Ratazana. Atazanar. Entendeu?

O sr. Vandemar arrancou o rato da lâmina e pôs-se a mastigá-lo, pensativo, começando pela cabeça. Com um tapa, o sr. Croup lançou longe o animal.

— Pare com isso — ralhou.

O sr. Vandemar guardou a faca, um tanto emburrado.

— Recomponha-se — sibilou o sr. Croup. — Sempre haverá ratazanas. Agora, em frente. Coisas para fazer. Gente para machucar.

Três anos em Londres não mudaram Richard, embora tenham modificado o modo como ele via a cidade. Por conta das fotos que vira, ele tinha imaginado uma cidade cinza, até mesmo negra, mas ficou surpreso ao descobri-la cheia de cores. Era uma cidade de tijolos vermelhos e pedras brancas, de ônibus vermelhos e grandes táxis pretos (embora muitas vezes fossem, para surpresa de Richard, dourados ou verdes ou de um tom vinho), de caixas de correio muito vermelhas e parques e cemitérios com gramados intensamente verdes.

Era uma cidade onde o muito antigo e o novo canhestro dividiam o mesmo espaço, em uma convivência não desconfortável, mas sem respeito mútuo; uma cidade de lojas e escritórios e restaurantes e residências, de parques e igrejas, de monumentos ignorados e palácios sem majestade; uma cidade de centenas de bairros com nomes estranhos — Crouch End, Chalk Farm, Earl's Court, Marble Arch — e distintos por suas peculiaridades; uma cidade barulhenta, suja, vivaz e problemática, que se alimentava e necessitava dos turistas tanto quanto os desprezava, onde a velocidade média de locomoção e transporte não aumentara em trezentos anos, seguidos por quinhentos anos de ampliações espasmódicas das ruas e ilógicas articulações entre as necessidades do tráfego — fosse movido a cavalo ou, mais

recentemente, a motor — e as dos pedestres; uma cidade habitada e inflamada por gente de todos os tipos, cores e costumes.

Ao chegar, encontrara uma Londres gigantesca, estranha e essencialmente incompreensível, cuja única noção de ordem provinha do mapa da rede metroviária, aquela representação topográfica multicolorida e elegante das linhas e estações subterrâneas. Pouco a pouco, percebeu que o próprio mapa do metrô era uma conveniência ficcional que, embora facilitasse a vida, não guardava semelhança alguma com a real configuração da cidade acima: mais ou menos como pertencer a um partido político, pensou Richard certa vez, com orgulho, até o dia em que tentou explicar a um grupo de estranhos em uma festa as similaridades entre a política e o mapa do metrô e, não se fazendo entender, decidiu abster-se de comentários futuros sobre política.

Richard continuou lentamente, por um processo de osmose e informação branca (o mesmo que ruído branco, só que mais útil), a compreender a cidade, processo que se acelerou quando soube que a verdadeira Cidade de Londres se reduz a uma área de menos de três quilômetros quadrados — de Aldgate, no leste, até a Fleet Street e os tribunais do Old Bailey, no oeste —, um município diminuto que hoje abriga as instituições financeiras londrinas. Foi onde tudo começou.

Dois mil anos atrás, Londres era uma pequena vila celta na costa norte do Tâmisa, quando foi encontrada e colonizada pelos romanos. A cidade cresceu lentamente, até encontrar, cerca de mil anos depois, a pequena Cidade Real de Westminster, imediatamente a oeste, e, concluída a construção da Ponte de Londres, fundiu-se à vila de Southwark, do outro lado do rio; e continuou a crescer, campos e florestas e pântanos desaparecendo pouco a pouco sob a civilização que desabrochava, e continuou a se expandir, fundindo-se a outros povoados e aldeias — Whitechapel e Deptford a leste, Hammersmith e Shepherd's Bush a oeste, Camden e Islington ao norte, Battersea e Lambeth do outro lado do Tâmisa, ao sul —, absorvendo todos à medida que crescia, tal qual um aglomerado de mercúrio incorporando pequenas contas de mercúrio, de forma que restaram apenas seus nomes como lembrança.

Londres se tornou uma coisa gigantesca e contraditória. É um bom lugar, uma cidade razoável, mas há um preço a se pagar pelos bons lugares e um preço que todos os bons lugares têm que pagar.

Passado não muito tempo, Richard se pegou esnobando Londres; e não só isso: começou a se orgulhar de nunca ter visitado os pontos turísticos (exceto a Torre de Londres, quando serviu de relutante guia para tia Maude durante o fim de semana que ela passou na cidade).

Jessica fez tudo isso mudar. Richard viu seus fins de semana, antes dedicados a finalidades razoáveis, serem revertidos à tarefa de acompanhá-la a lugares como a National Gallery e a Tate Gallery, onde descobriu que longas visitas a museus fazem os pés doerem, que depois de um tempo as grandes

obras-primas mundiais da arte viram tudo a mesma coisa na mente e que é quase além da capacidade humana acreditar nos preços exorbitantes cobrados pelas cafeterias dos museus por uma fatia de bolo e uma xícara de chá.

— Aqui está seu chá e seu doce — anunciou ele a Jessica. — Um Tintoretto sairia mais em conta.

— Que exagero — retrucou Jessica, com bom humor. — A Tate nem tem nenhum Tintoretto.

— Eu devia ter pedido o bolo de cereja. Aí eles teriam verba para mais um Van Gogh.

— Não, não teriam — retrucou Jessica, com razão.

Richard a tinha conhecido na França, dois anos antes, em um fim de semana que passara em Paris; na verdade, ele a descobrira no Louvre, enquanto tentava reencontrar o grupo de amigos do trabalho que tinha organizado a viagem. Ao recuar alguns passos para observar uma escultura imensa, esbarrou em Jessica, que admirava um diamante extremamente grande e historicamente relevante. Tentou se desculpar em francês, língua que não falava, depois desistiu e se resignou ao inglês, para em seguida tentar se desculpar em francês por ter se desculpado em inglês, até enfim perceber que não poderia haver pessoa mais inglesa do que Jessica, que a essa altura já o fizera comprar um sanduíche francês caro e um suco de maçã gaseificado bastante inflacionado, como forma de ele se redimir, e, bem, foi assim que tudo começou, na verdade. Desde então, nunca tinha conseguido convencê-la de que não era o tipo de pessoa adequada a visitar galerias de arte.

Nos fins de semana em que não iam a galerias ou museus, Jessica o carregava para as compras — coisa que faziam quase exclusivamente em Knightsbridge, uma área opulenta a poucos minutos de caminhada, e menos ainda de táxi, da vila em Kensington onde ela morava. Richard a acompanhava por gigantescos e intimidantes empórios como a Harrods e a Harvey Nichols, lojas em que Jessica comprava qualquer coisa, de joias e livros a comida.

Richard se encantara por Jessica, que era linda, geralmente bem divertida e com certeza com um bom futuro garantido. E Jessica viu em Richard um enorme potencial, que, se direcionado pela mulher certa, o transformaria no acessório matrimonial perfeito. Se apenas ele fosse um pouquinho mais focado, murmurava para si mesma, e o presenteava com livros como *Vista-se para o sucesso* e *Os cento e vinte e cinco hábitos do homem bem-sucedido* e outros sobre como gerenciar sua empresa com disciplina militar, e Richard sempre agradecia e sempre tinha a intenção de lê-los. Jessica escolhia na sessão masculina da Harvey Nichols as roupas que ele deveria vestir, e ele usava tudo, ao menos durante os dias de semana; e, exatamente um ano depois do primeiro encontro, Jessica disse que era hora de comprarem um anel de noivado.

— Por que você continua com ela? — perguntou Garry, da contabilidade, um ano e meio depois. — Ela me dá medo.

— Jessica é um doce, você só precisa conhecê-la melhor — retrucou Richard.

Garry devolveu o troll de plástico à mesa do colega.

— Fico surpreso que ela ainda deixe você brincar com esses bonequinhos.

— Nunca tocamos no assunto — respondeu Richard, pegando uma das criaturas, um boneco de cabelo laranja berrante e expressão ligeiramente perplexa, como se estivesse perdido.

A verdade é que haviam, sim, tocado no assunto. Só que Jessica se convencera de que os trolls de Richard eram um traço charmoso e excêntrico, comparável à coleção de anjos do sr. Stockton. Envolvida na organização de uma exposição itinerante da coleção de anjos do sr. Stockton, ela concluiu que grandes homens sempre colecionavam algum tipo de objeto. No entanto, Richard não colecionava trolls. Tinha encontrado um na rua ao sair do trabalho e, em uma vaga e infrutífera tentativa de injetar um pouco de personalidade em seu ambiente profissional, o colocara sobre o monitor. Os outros chegaram ao longo dos meses seguintes, dados por colegas que notaram sua predileção por aquelas criaturinhas feias. Os trolls foram sendo alocados em pontos estratégicos pela mesa, ao lado dos telefones e do porta-retratos com a foto de Jessica. Naquele dia, havia um Post-it amarelo colado na foto.

Era uma tarde de sexta-feira. Richard já tinha percebido que os problemas são covardes: nunca acontecem sozinhos, sempre andam em bandos e se jogam todos ao mesmo tempo em cima da vítima. Veja a sexta-feira em questão, por exemplo. Aquele era, como Jessica lhe havia lembrado no mínimo uma dúzia de vezes no último mês, o dia mais importante da vida dele. Não da dela, claro que não. Esse dia estava reservado para o futuro, quando — e Richard não tinha dúvidas de que aconteceria — ela fosse eleita primeira-ministra, rainha ou Deus. Entretanto, era, com certeza, o dia mais importante da vida dele. É uma pena que, mesmo com o Post-it deixado na porta da geladeira de casa e aquele deixado na foto de Jessica, ele tenha esquecido completamente.

Além disso, ele precisava concluir o relatório da Wandsworth, que já tinha passado do prazo e demandava sua atenção quase exclusiva. Conferiu mais uma linha de números, então notou a ausência da página dezessete e a imprimiu de novo. Mais uma página, e Richard soube que se ao menos o deixassem em paz para terminar... se, por algum milagre dos céus, o telefone não tocasse... Tocou. Ele meteu o dedão no botão de viva-voz.

— Alô? Richard? O diretor-geral quer saber quando vai receber o relatório.

Ele olhou para o relógio.

— Só mais cinco minutos, Sylvia. Está quase pronto. Só preciso anexar a projeção de faturamento.

— Obrigada, Dick. Já vou descer para buscar.

Sylvia era, como ela mesma gostava de explicar, a “assessora pessoal do DG”, ou apenas AP do DG, uma mulher que se movimentava acompanhada de uma aura de eficiência pura. Richard já ia meter novamente o dedo para desligar o viva-voz, mas o telefone tocou outra vez na mesma hora.

— Richard, é Jessica — anunciou o aparelho, com a voz de Jessica. — Você não esqueceu, espero.

— Esqueci o quê?

Ele tentou lembrar o que poderia ter esquecido. Olhou para a foto de Jessica em busca de inspiração e encontrou ali toda a inspiração de que precisava, na forma de um post-it amarelo grudado bem na testa dela.

— Richard? Pegue o telefone.

Ele obedeceu, ao mesmo tempo em que lia o lembrete.

— Desculpe, Jess. Não, não esqueci. Sete da noite, no Ma Maison. Encontro você lá?

— Jessica, Richard. Não Jess. — Ela fez uma pausa. — Depois do que aconteceu da última vez? Não mesmo. Você é capaz de se perder no quintal da própria casa, Richard.

Ele pensou em ressaltar que *qualquer um* confundiria a National Gallery com a National Portrait Gallery e que não tinha sido *ela* quem passara o dia inteiro de pé na chuva (o que, na opinião de Richard, era tão divertido quanto perambular por algum museu até os pés doerem), mas achou melhor se conter.

— Encontro você na sua casa — decidiu ela. — Podemos ir andando até o restaurante.

— Tudo bem, Jess. Quer dizer, Jessica. Desculpe.

— Você confirmou a reserva, não confirmou, Richard?

— Sim — mentiu ele, com convicção. O outro telefone na mesa começou a tocar com estridência. — Jessica, olha, eu...

— Ótimo — interrompeu ela, e desligou.

A maior soma de dinheiro que Richard já gastara na vida tinha sido destinada àquele anel de noivado, um ano e meio antes, em uma das muitas sessões de joalheria da Harrods. Ele atendeu.

— Oi, Dick. Sou eu. Garry — disse Garry, que se sentava a algumas mesas de distância. E acenou de seu cubículo maravilhosamente livre de trolls. — Hoje à noite está de pé? Você disse que poderíamos conversar sobre a conta da Merstham.

— Desliga a porcaria do telefone, Garry. Claro que está de pé.

Pôs o fone no gancho. Havia um número no post-it, anotado por ele mesmo algumas semanas antes. Richard realmente havia feito a reserva: tinha quase certeza. Mas não confirmara. Vivia pensando em confirmar, mas havia

tanto a fazer e ainda faltava um bom tempo para o jantar. Só que os problemas andam em bandos...

Sylvia surgiu ao lado dele.

— Dick? É o relatório da Wandsworth?

— Quase pronto, Sylvia. Olha, espere só um minuto, está bem?

Ele terminou de discar o número. Respirou aliviado quando alguém atendeu:

— Ma Maison. Em que posso ajudar?

— Mesa para três, hoje à noite. Creio que fiz uma reserva. Se fiz, gostaria de confirmar. Se não fiz, gostaria de reservar agora. Por favor.

Não, não havia registros de uma mesa reservada para aquela noite em nome de Mayhew. Ou Stockton. Ou Bartram, sobrenome de Jessica. E, quanto a fazer uma reserva naquele momento...

Não foram as palavras o que Richard achou tão desagradável: foi o tom de voz usado para transmitir a informação. Uma mesa para *aquela noite* deveria ter sido reservada anos antes, talvez pelos pais dele, foi o que ficou implícito. Uma mesa para *aquela noite* era impossível: mesmo o papa, o primeiro-ministro e o presidente da França seriam recebidos com um não categórico se chegassem sem uma reserva confirmada.

— É para o chefe da minha noiva — insistiu Richard. — Eu sei que devia ter ligado antes, mas somos só três, será que você não poderia, *por favor*...

Desligaram.

— Richard? — chamou Sylvia. — O DG está esperando.

— Você acha que eu conseguiria uma mesa se ligasse de novo oferecendo algum dinheiro? — perguntou ele.

No sonho, estavam todos juntos em casa. Os pais, o irmão, a irmã de colo. Todos reunidos no salão de festas, encarando-a. Muito pálidos, muito sérios. Portia, a mãe, tocou-lhe o rosto e a alertou de que estava correndo perigo. No sonho, Door riu e disse que já sabia. A mãe balançou a cabeça: não, não — o perigo era agora. *Agora*.

Door abriu os olhos. A porta estava se abrindo, devagar, devagar; ela prendeu a respiração. Passos, ruídos leves no piso de pedra. *Talvez ele nem note minha presença*, pensou. *Talvez vá embora*. Então lembrou, desesperada: *Estou com fome*.

Os passos hesitaram. Ela estava bem escondida sob um monte de jornais e tapos, sabia disso. E era possível que o intruso não tivesse intenção de machucá-la. *Será que ele está ouvindo meu coração bater?*, perguntou-se. Então, quando os passos se aproximaram, ela soube o que precisava fazer e teve medo. A coberta que a ocultava foi puxada. Ao erguer o olhar, Door viu um

rosto inexpressivo e sem pelos faciais se contrair em um sorriso cruel. Ela rolou para o lado, se contorceu. A lâmina da faca, apontada para seu peito, atingiu no alto do braço.

Até aquele momento, Door jamais se imaginara capaz. Jamais havia pensado que teria coragem, medo ou desespero suficientes para ousar fazê-lo. Mas levou a mão ao peito do sujeito e *abriu...*

O homem engasgou e caiu em cima dela. Estava úmido, morno e escorregadio, de modo que ela foi obrigada a sair de debaixo dele serpenteando e se esticando, para então fugir do esconderijo de qualquer maneira possível.

Saiu direto em um túnel estreito e baixo, onde recuperou o fôlego, largando o corpo contra a parede, respirando entre soluços e arfadas. A fuga tinha exigido o que restava de suas forças; estava esgotada. O ombro começava a latejar. *A faca*, pensou. Mas estava a salvo.

— Ora veja — disse uma voz vinda da escuridão, de algum ponto à direita. — Ela sobreviveu ao senhor Ross. Quem diria, senhor Vandemar!

A voz escorria. Soava como uma gosma cinza.

— Sim, senhor Croup, quem diria — concordou uma voz sem emoção, à esquerda dela.

Uma luz foi acesa.

— No entanto — continuou o sr. Croup, os olhos brilhando na escuridão do subsolo —, não vai sobreviver a nós.

Door acertou no homem uma joelhada forte, bem na virilha, para em seguida fugir a esmo, a mão segurando o ombro esquerdo.

E correu.

— Dick?

Richard fez um gesto de desdém para a interrupção. A vida estava quase sob controle. Só mais um minuto...

Garry repetiu o nome:

— Dick? Já deu seis e meia.

— Deu *o quê*?

Papéis, canetas, planilhas e trolls foram enfiados na maleta. Richard a fechou com vontade e saiu correndo.

Vestiu o casaco enquanto andava. Garry o seguiu.

— E então, vamos beber ou não?

— Beber?

— A gente combinou de sair hoje para conversar sobre aquela conta do Merstham, lembra?

Hoje? Richard parou. Se algum dia, concluiu, transformassem desorganização em esporte olímpico, ele tinha certeza de que representaria a

Grã-Bretanha.

— Garry, desculpe. Vou ter que furar. Preciso encontrar Jessica hoje à noite, para jantar com o chefe dela.

— O senhor Stockton? Da família Stockton? O Stockton?

Richard assentiu. Os dois desciam as escadas depressa.

— Vai ser legal, tenho certeza — comentou Garry, sem transmitir muita sinceridade. — E como vai o Monstro da Lagoa Negra?

— Jessica é de Ilford, Garry. E continua sendo a razão e o amor da minha vida, muito obrigado por perguntar.

A essa altura, tinham chegado ao saguão do prédio. Richard correu até as portas automáticas, mas elas se recusaram terminantemente a se abrir.

— Já passou das seis — informou o sr. Figgis, segurança do prédio. — Os senhores precisam assinar o livro de saída.

— Eu não mereço isso — reclamou Richard, dirigindo-se ao mundo em geral. — Não mereço.

O sr. Figgis cheirava ligeiramente a unguento e tinha a fama de possuir uma coleção enciclopédica de material erótico. Vigia as portas com uma diligência que beirava a loucura e nunca havia se recuperado por completo da noite em que todos os computadores de um dos andares resolveram criar pernas e abandonar o prédio junto com dois vasos de planta e o tapete Axminster do diretor-geral.

— Então, nada de beber hoje?

— Desculpe, Garry. Pode ser na segunda?

— Claro. Segunda está ótimo. Até lá.

O sr. Figgis examinou as assinaturas e, satisfeito em constatar que nenhum dos dois carregava computadores, vasos ou tapetes, apertou o botão debaixo da mesa. A porta se abriu.

— Portas — murmurou Richard.

A passagem subterrânea se bifurcava e se dividia a todo momento. Ela escolhia o caminho ao acaso, abaixando-se para entrar em túneis, correndo e tropeçando e ziguezagueando. Atrás dela vinham, tranquilamente, o sr. Croup e o sr. Vandemar, tão animados e relaxados quanto dignitários vitorianos em visita à Grande Exposição do Crystal Palace. Quando chegavam a bifurcações, o sr. Croup procurava no chão o rastro de sangue mais próximo e o seguia. Eram como hienas, exaurindo as forças da presa. Podiam esperar. Tinham todo o tempo do mundo.

Pelo menos daquela vez, Richard teve sorte. Pegou um táxi preto conduzido por um homem extremamente animado, que o levou para casa por um improvável caminho composto de ruas que ele nunca havia notado, o tempo todo tagarelando sem parar. Richard havia descoberto que todos os taxistas de Londres tagarelam ininterruptamente — bastando apenas que o passageiro seja um ser vivo consciente que fale inglês —, discursando sobre os problemas do trânsito londrino, estabelecendo as melhores maneiras de lidar com o crime e discorrendo acerca das últimas polêmicas políticas. Ele saiu do táxi como um louco, deixando não só a gorjeta como também a pasta, mas conseguiu fazer sinal para o motorista antes que o táxi voltasse à rua principal e assim resgatou a maleta. Subiu correndo a escada e entrou em casa, já tirando a roupa: a maleta voou pela sala e fez um pouso forçado no sofá; as chaves foram retiradas do bolso e deixadas estrategicamente na mesa do hall, para ter certeza de não esquecê-las quando voltasse a sair.

Então correu para o quarto. O interfone tocou. Richard, já setenta e cinco por cento vestido em seu melhor terno, se lançou sobre o aparelho.

— Richard? É Jessica. Espero que esteja pronto.

— Ah. Sim. Já vou descer.

Pegou um casaco e saiu correndo, batendo a porta atrás de si. Jessica esperava ao pé da escada. Ela sempre esperava ali. Não gostava do apartamento de Richard, pois a fazia se sentir irritantemente feminina. Sempre corria o risco de encontrar alguma cueca espalhada, bem, por qualquer canto; sem contar as recorrentes bolas de pasta de dente na pia do banheiro: não, aquilo não era lugar para alguém como ela.

Jessica era muito bonita; tão bonita que, vez ou outra, Richard se pegava a observando e pensando: *O que ela está fazendo comigo?* E, depois que faziam amor — o que sempre acontecia na casa dela, um apartamento em uma vila de construções baixas no elegante bairro de Kensington, na cama de latão coberta com o lençol de linho branquíssimo (pois os pais de Jessica diziam que mantas decoradas eram uma extravagância) —, ela o abraçava forte, no escuro do quarto, os longos cachos castanhos sobre o peito dele, e sussurrava que o amava muito, ao que Richard respondia que a amava também e que queria ficar com ela para sempre, e ambos acreditavam.

— Mas veja, senhor Vandemar... Ela está mais lenta.

— Mais lenta, sim, senhor Croup.

— Deve estar perdendo muito sangue, senhor V.

— Um sangue saboroso, senhor C. Tão molhado e saboroso.

— Não falta muito.

Um clique: o som de um canivete se abrindo, vazio e solitário e escuro.

— Richard? O que está fazendo?

— Nada, Jessica.

— Não me diga que esqueceu as chaves de novo.

— Não, Jessica.

Richard parou de apalpar a roupa e enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Bom, Richard, hoje, quando você conhecer o senhor Stockton, precisa ter em mente que ele não é só um homem muito importante, mas uma entidade do mundo corporativo.

— Mal posso esperar... — comentou ele, com um suspiro.

— O que você disse, Richard?

— Mal posso esperar! — repetiu ele, dessa vez em um tom animado.

— Vamos apressar o passo, por favor — exigiu Jessica, que começava a transmitir uma aura do que, em uma mulher normal, quase poderia ser considerado nervosismo. — Não podemos deixá-lo esperando.

— Não mesmo, Jess.

— Não me chame assim, Richard. Tenho pavor de apelidos. São tão degradantes.

— Ei, tem um trocado?

Era um homem sentado na soleira de uma porta. Tinha a barba em parte grisalha, em parte amarelada, os olhos fundos e escuros. Um papel pendurado no pescoço por um barbante puído repousava em seu peito, informando, a quem fosse capaz de ler, que o sujeito morava na rua e tinha fome. Não era preciso nenhuma placa para saber disso; Richard, já com a mão no bolso, procurava uma moeda.

— Richard! Não temos tempo — repreendeu Jessica, que fazia doações regulares para instituições de caridade e só investia em fundos éticos. — Pois então: como meu noivo, eu preciso que você cause uma boa impressão. É vital que meu futuro marido seja bem-visto. — Ela franziu o cenho. Então o abraçou rapidamente e continuou: — Ah, Richard. Eu te amo *tanto*. Você sabe disso, não sabe?

E Richard assentiu. Ele sabia.

Jessica olhou para o relógio e acelerou o passo. O homem ficou para trás; Richard discretamente lhe jogou uma moeda de uma libra. Ele a agarrou no ar com a mão imunda.

— Não houve problema com a reserva, espero — disse Jessica.

E Richard, que não era muito bom em mentir quando confrontado com uma pergunta direta, respondeu apenas:

— Hmm.

Tinha feito uma escolha errada: o corredor terminava numa parede. Normalmente, Door nem precisaria parar, mas estava tão cansada, tão faminta e tão machucada... Recostou-se na parede, sentindo no rosto a aspereza do tijolo. Ela ofegava, soluçava e chorava. Sentia o braço frio e a mão esquerda dormente. Era impossível continuar. O mundo começava a parecer muito distante. Queria parar, deitar e dormir por cem anos.

— Ah, minha pobre alma sombria se eleva... Senhor Vandemar, está vendo o mesmo que eu? — A voz era baixa e vinha de um ponto próximo: deviam estar mais perto do que ela imaginara. — O que é, o que é... que chegou a fugir, mas...

— ... vai morrer em instantes? — completou a voz sem emoção, e vinha de cima dela.

— Nosso cliente ficará encantado.

Door buscou qualquer vestígio de força no fundo da alma, em meio a todo o sofrimento, dor e medo. Estava exausta, completamente esgotada. Não tinha para onde ir, não lhe restavam poderes nem tempo. *Se esta for a última porta que vou abrir*, rezou em silêncio, ao Templo e ao Arco, *que seja para algum lugar... qualquer lugar... seguro...*, e então completou, já delirante: *Alguém confiável*.

Enquanto sentia a consciência deixá-la, tentou abrir uma porta.

Conforme a escuridão a envolvia, ela escutou a voz do sr. Croup cada vez mais distante e longínqua. Ele dizia:

— Raios e trovões...

Jessica e Richard caminhavam em direção ao restaurante, braços enlaçados. Ela andava o mais rápido que o salto permitia, obrigando-o a acelerar para acompanhá-la. Os postes de luz e as vitrines das lojas fechadas iluminavam o caminho. Passaram por uma série de edifícios altos e imponentes, abandonados e solitários, unidos por um grande e contínuo muro de tijolinhos.

— Está me dizendo que precisou oferecer cinquenta libras só pela mesa? Você é um idiota, Richard.

Jessica, os olhos negros faiscando, não estava nem um pouco feliz em ouvir aquilo.

— Eles perderam a minha confirmação. E disseram que agora todas as mesas estavam reservadas.

Os muros altos ecoavam os passos dos dois.

— Provavelmente vão nos colocar perto da cozinha — reclamou Jessica. — Ou da porta. Você explicou a eles que era para o senhor Stockton?

— Sim.

Ela suspirou. Continuou a arrastar o noivo rua afora, mesmo quando, mais adiante, uma porta se abriu, alguém saiu, cambaleou por um momento assustadoramente longo e despencou na calçada. Richard teve um calafrio e parou na mesma hora. Jessica lhe deu um puxão.

— Aliás, durante a conversa com o senhor Stockton, lembre-se de jamais interrompê-lo. Nem discordar. Ele não gosta de ser contrariado. Quando ele fizer uma piada, ria. Se em algum momento tiver dificuldade em saber se foi ou não uma piada, olhe para mim. Eu vou... hã... bater com o dedo na mesa.

A essa altura, tinham alcançado a pessoa caída atravessada na calçada. Jessica deu um passo largo para passar por cima da forma retorcida. Richard hesitou.

— Jessica?

— Tem razão. Ele pode tomar o gesto como sinal de tédio — refletiu ela.

— Já sei! Se ele fizer uma piada, vou coçar a orelha — decidiu, muito satisfeita.

— Jessica!

Não era possível que ela estivesse ignorando solenemente a pessoa no chão.

— O que foi?

Jessica não parecia feliz em ser arrancada de seu alegre devaneio.

— Olhe.

Richard apontou. A pessoa estava com o rosto para baixo e coberta por roupas largas; Jessica o puxou pelo braço.

— Ah. Sim. Richard, se você dá atenção, eles se aproveitam. Todos têm onde morar, na verdade. É só dormir que passa a embriaguez; ela vai ficar bem.

Ela? Richard olhou para baixo. Era uma garota.

— Sabe — continuou Jessica —, eu disse ao senhor Stockton que nós vamos... Richard? O que está fazendo?

Ele tinha se abaixado.

— Ela não está bêbada — declarou. — Está ferida. — Olhou para a ponta dos próprios dedos. — Sangrando.

Jessica olhava nervosamente para ele, sem compreender.

— Vamos nos atrasar — lembrou ela.

— A garota está *ferida*.

Jessica olhou outra vez para a jovem caída. Prioridades; Richard não tinha prioridades.

— Richard. Vamos nos atrasar. Alguém vai passar por aqui. Outra pessoa pode ajudá-la.

O rosto da garota estava coberto de sujeira, as roupas encharcadas de sangue.

— Ela está ferida — repetiu ele. Seu rosto exibia uma expressão que Jessica nunca tinha visto nele.

— Richard. — Foi um tom de alerta. Em seguida, porém, ela cedeu um pouco e ofereceu uma alternativa: — Então chame uma ambulância. Rápido, vai.

Os olhos da jovem se abriram de repente, muito brancos e grandes em contraste com o borrão de sujeira e sangue que era o rosto.

— Hospital não, por favor. Eles vão me encontrar. Me leve para algum lugar seguro. Por favor — pediu ela, em um fiapo de voz.

— Mas você está sangrando — contrapôs Richard.

Ele olhou ao redor, tentando descobrir de onde ela viera, mas o muro não tinha abertura, eram só tijolos e mais tijolos, ininterruptamente. Voltando a olhar para aquela forma imóvel, perguntou:

— Por que não quer ir a um hospital?

— Me ajude — sussurrou a garota, e seus olhos se fecharam.

Novamente ele perguntou:

— Por que você não quer ir a um hospital?

Dessa vez, não houve resposta.

— Quando chamar a ambulância, não dê seu nome — alertou Jessica. — Podem exigir que você preste depoimento, e aí chegaríamos atrasados, e eu não vou deixar que minha noite seja arruinada por... Richard? O que está fazendo?

Ele ergueu a jovem nos braços. Ela era surpreendentemente leve.

— Vou levá-la para casa, Jess. Não posso deixá-la aqui. Diga ao senhor Stockton que lamento muito, mas que tive uma emergência. Sei que ele vai entender.

— Richard Oliver Mayhew — retrucou Jessica, com frieza. — Trate de colocar essa pessoa no chão agora mesmo e voltar para junto de mim, ou nosso compromisso se encerra neste instante. Estou avisando.

Richard sentia o sangue morno e grudento manchando sua camisa. Às vezes, não há nada que se possa fazer, concluiu; e foi embora.

Jessica ficou parada na calçada, os olhos cheios de lágrimas, vendo o noivo arruinar sua grande noite, até Richard sumir de vista. Então, e só então, ela proferiu, em volume e clareza mas destituído de elegância, um sonoro “Merda!”, e jogou a bolsa no chão com toda a força, tão forte, aliás, que espalhou pela calçada o celular, o batom, a agenda e vários absorventes internos. Depois, não tendo alternativa, recolheu tudo e guardou de volta na bolsa e seguiu seu caminho até o restaurante, para esperar pelo sr. Stockton.

Mais tarde, enquanto tomava vinho branco, Jessica tentou inventar uma justificativa plausível para a ausência do noivo e se viu considerando a desesperada ideia de simplesmente dizer que Richard havia morrido.

— Foi muito repentino — murmurou ela, com ar melancólico.

Richard não parou para pensar um único momento durante o percurso. Não era algo sobre o qual tivesse controle. Em algum ponto da parte racional de sua mente, alguém — um Richard Mayhew normal e sensato — lhe alertava que estava sendo ridículo: deveria ter simplesmente chamado a polícia ou uma ambulância, era arriscado mover uma pessoa ferida, ele tinha magoado Jessica séria e profundamente, teria que dormir no sofá naquela noite, estava arruinando o único terno bom que tinha, a garota exalava um mau cheiro daqueles... Porém, apesar disso tudo, Richard continuava botando um pé na frente do outro, os braços já com câibras e as costas doloridas, e, ignorando os olhares assustados dos transeuntes, continuou andando. Enfim chegou à entrada do prédio, e lá foi ele subir a escada, e, quando parou em frente à porta do apartamento, lembrou que esquecera as chaves na mesinha do hall, lá dentro...

A garota esticou a mão imunda, e a porta se abriu.

Nunca pensei que ficaria feliz por não ter fechado a porta direito, pensou Richard. Carregou a garota para dentro — fechou a porta com o pé — e a deitou na cama, constatando que tinha encharcado de sangue a frente da camisa.

A garota parecia quase inconsciente, os olhos fechados mas com as pálpebras trêmulas. Richard a despiu da jaqueta de couro. Havia um corte longo que ia do braço esquerdo até o ombro. Ele respirou fundo.

— Olha, vou chamar um médico — disse, baixinho. — Está me ouvindo?

Ela abriu os olhos; arregalados, assustados.

— Por favor, não. Vai melhorar, não é tão ruim quanto parece. Só preciso dormir. Médico, não.

— Mas seu braço... seu ombro...

— Eu vou ficar bem. Amanhã. Por favor. — A voz dela era pouco mais que um sussurro.

— Hã... tudo bem. Acho. — E, com a sanidade começando a retomar o controle, acrescentou: — Olha, eu preciso saber...

Mas ela tinha caído no sono. Richard pegou no armário um cachecol velho e envolveu, apertado, o braço e o ombro da garota; não queria que ela perdesse mais sangue e morresse em sua cama antes que ele pudesse chamar um médico. Feito isso, saiu do quarto sem fazer barulho e fechou a porta. Sentado no sofá, em frente à televisão, Richard se perguntou o que havia feito.

DOIS

—

ELE ESTÁ EM algum lugar muito abaixo da superfície: um túnel, talvez, ou os dutos do esgoto. A luz oscila, definindo a escuridão em vez de afugentá-la. Ele não está sozinho. Outros caminham ao seu lado, mas ele não consegue ver o rosto de ninguém. Então começam a correr, atravessando o esgoto, chapinhando na lama e na imundície. Gotículas d'água caem devagar, cristalinas na escuridão.

Ao virar uma curva, lá está a criatura à sua espera.

É enorme. Ocupa todo o espaço do túnel: a cabeça volumosa, abaixada; o corpo coberto de pelos eriçados; a respiração se condensando no ar frio. Algum tipo de javali, pensa ele a princípio, mas logo reconsidera. Não pode ser: nenhum javali seria assim tão grande. É do tamanho de um touro, de um tigre, de um carro.

A fera o encara. Espera uma eternidade enquanto ele ergue a lança. Ele olha para a mão que segura a lança e repara que aquela não é sua mão: uma pelagem negra cobre o braço, as unhas são quase garras.

A fera avança.

Ele arremessa a lança, mas é tarde demais. Sente a fera dilacerando-lhe o flanco com as presas afiadas, sente a vida escorrer do seu corpo, então percebe ter caído de cara na água, que é tingida de escarlate pelos sinuosos feixes de sangue sufocante. E ele tenta gritar, tenta acordar, mas só o que inspira é lama, sangue e água. Ele sente apenas dor...

— Pesadelo? — perguntou a garota.

Richard despertou de súbito, arfando. As cortinas ainda estavam fechadas, a luz acesa, a TV ligada, mas percebeu, pela luminosidade suave que se infiltrava na sala pelas frestas, que já tinha amanhecido. Tateou o sofá em busca do controle remoto, que conseguira se alojar entre a almofada e sua lombar durante a noite, e desligou o aparelho.

— É — respondeu. — Mais ou menos.

Esfregou os olhos para afastar o sono e, avaliando em que condição se encontrava, ficou aliviado em notar que pelo menos havia tirado os sapatos e o paletó antes de dormir. A camisa estava coberta de sangue seco e sujeira. A jovem sem-teto não fez comentários. Parecia mal: via-se a palidez sob a sujeira e o sangue seco, e ela era bem pequena. Usava camadas de tecidos aleatórios jogados uns sobre os outros: roupas esquisitas, veludos sujos, rendas enlameadas, rasgos e frestas que revelavam outras camadas e estilos. Parecia

que tinha invadido a seção de história da moda do Victoria and Albert Museum durante a madrugada e saído de lá levando todas as peças no corpo. Seu cabelo curto estava imundo, mas, olhando bem, parecia ser ruivo-escuro por baixo da sujeira.

Se tinha uma coisa que Richard realmente odiava era gente que constatava o óbvio: aquelas observações sobre coisas impossíveis de não serem notadas, como “Está chovendo, hein?”, “Sua sacola rasgou e as compras caíram na poça”, ou mesmo “Ai! Essa doeu!”.

— Ah, então você acordou — comentou Richard, e se odiou por isso.

— A quem pertence a baronia? — perguntou a garota. — Quem é o dono deste feudo?

— Hã... O quê?

Ela olhou ao redor, desconfiada.

— Onde estou?

— Little Comden Street, quarto andar, Newton Mansions...

Não terminou de falar. A garota tinha aberto as cortinas e piscava contra a luz fria do dia. Contemplava em deslumbramento a vista que nada tinha de excepcional, os olhos arregalados notando os carros, os ônibus e o minúsculo comércio lá embaixo: uma banca de revistas, uma padaria, uma farmácia e uma lojinha de bebidas.

— Estou na Londres de Cima — murmurou ela.

— Sim, você está em Londres. — *Em cima de quê?*, perguntou-se. — Acho que você estava em choque ontem à noite. É um corte feio, esse aí no seu braço.

Ele esperou uma resposta, uma explicação. A garota olhou brevemente para ele e voltou a se concentrar nos ônibus e nas lojas.

— Eu, hã... — continuou Richard — ... encontrei você caída na calçada. Tinha muito sangue.

— Não se preocupe — respondeu ela, séria. — A maior parte não era meu.

Ela soltou a cortina, que voltou a se fechar. Então começou a desatar o torniquete do braço, desenrolando o cachecol manchado de sangue seco. Examinou o corte e fez uma careta.

— Vou ter que dar um jeito nisso — disse ela. — Pode me ajudar?

Richard sentia que aquilo estava ficando além de suas capacidades.

— Eu não sou muito bom nessas coisas.

— Bem, se o seu problema é estômago fraco, basta segurar as ataduras e amarrar as pontas onde eu não alcançar. Você tem atadura, não tem?

— Ah, sim — respondeu ele. — No kit de primeiros socorros. No banheiro. Debaixo da pia.

Então foi até o quarto trocar de roupa, imaginando, enquanto isso, se algum dia conseguiria dar um jeito naquela camisa (sua melhor camisa, que tinha ganhado de... Droga, Jessica ia ter um *troço*).

A água suja de sangue lhe recordava alguma coisa, talvez algum sonho que tivera, mas que não lembrava nem por um decreto. Tirou o tampão do ralo, deixou tudo escoar e encheu a pia com água limpa. Jogou um jato leitoso de sabonete antisséptico: o cheiro pungente parecia restaurar a razão, cicatrizar a bizarrice da situação e daquela estranha garota. Jogou água morna no braço e no ombro dela, que aguardava inclinada na pia.

Richard não tinha um estômago tão fraco quanto pensava. Ou melhor, era extremamente sensível quando se tratava de sangue na tela: um bom filme de zumbi ou mesmo um drama médico explícito o faziam se encolher todo, histérico, cobrindo os olhos e balbuciando “Já acabou? Já acabou?”, mas, quando o sangue ou a dor eram reais, simplesmente agia para solucionar o problema. Os dois limpavam e enfaixaram o corte — que era bem menos grave do que parecera no dia anterior —, a garota aguentando a dor como podia. Enquanto isso, Richard se pegou imaginando qual seria a idade dela, como seria sua aparência por baixo de toda aquela sujeira, por que morava nas ruas e...

— Como você se chama? — perguntou ela.

— Richard. Richard Mayhew. Dick.

Ela assentiu, como se estivesse tentando gravar o nome na memória. A campainha tocou. Ele olhou para a bagunça no banheiro, depois para a garota, e se perguntou o que uma pessoa normal pensaria de tudo aquilo. Uma pessoa como...

— Santo Deus! — exclamou ele, temendo pelo pior. — Aposto que é Jess. Ela vai me matar. — *Minimizar danos. Minimizar danos.* — Olha, espere aqui.

Ele fechou a porta do banheiro ao sair e se dirigiu ao hall. Quando abriu a porta do apartamento, deixou escapar um suspiro do mais absoluto alívio. Não era Jessica. Era... Quem eram aqueles? Missionários? Testemunhas de Jeová? A polícia? Não fazia ideia. Bom, fossem quem fossem, estavam em dupla.

Ambos usavam um terno preto um tanto ensebado, um tanto desgastado. Até Richard, que se considerava disléxico no idioma da moda, notou algo estranho no corte do paletó. Era como se o alfaiate responsável tivesse vivido dois séculos antes e apenas ouvido a descrição de um terno moderno, sem nunca ter visto um. As linhas eram estranhas, assim como os detalhes e acabamentos.

Uma raposa e um lobo, pensou Richard, involuntariamente. O homem à frente, a raposa, era um pouco mais baixo que ele. Tinha cabelo oleoso e lambido, de um tom improvável de laranja, e complexão pálida; e, quando Richard abriu a porta, o homem deu um sorriso muito largo, que saiu com

um atraso mínimo. Seus dentes lembravam as lápides de um cemitério após um terremoto.

— Um bom dia, meu caro senhor — cumprimentou o sujeito. — Que bela e agradável manhã!

— Hm. Oi — respondeu Richard.

— Estamos conduzindo uma investigação pessoal de natureza delicada, por assim dizer, batendo de porta em porta. O senhor nos convidaria a entrar?

— Olha, não é um bom momento — respondeu Richard. Em seguida, perguntou: — Vocês são da polícia?

O segundo estranho, um homem alto, aquele que seria o lobo, cabelo escuro já grisalho e arrepiado pelo corte rente, mantinha-se um pouco atrás do amigo, segurando um bolo de cartazes pequenos colado ao peito. Nada dissera até então: apenas aguardara, gigantesco e impassível. Ele deu uma risada; curta, grave e suja. Havia algo doentio naquele riso.

— Da polícia? — disse o mais baixo. — Ah! Seria um grande contentamento. Embora inegavelmente tentadora, uma carreira a serviço da lei e da ordem não estava nas cartas que a Dama Fortuna tirou para meu irmão e eu. Não, somos meros cidadãos. Permita-me fazer as apresentações. Senhor Croup sou eu, e este cavalheiro é meu irmão, senhor Vandemar.

Não pareciam irmãos. Não pareciam nada que Richard já tivesse visto na vida.

— Irmão? — perguntou Richard. — Então por que não têm o mesmo sobrenome?

— Admirável. Que cérebro o dele, senhor Vandemar. Incisivo e aguçado; é o mínimo que se pode dizer. — O sr. Croup chegou mais perto de Richard e ficou na ponta dos pés para encará-lo na mesma altura. — Algumas pessoas têm uma mente tão afiada que poderiam até se cortar.

Richard deu um passo involuntário para trás.

— Podemos entrar? — insistiu o sr. Croup.

— O que vocês querem?

O sr. Croup deu um suspiro, em uma demonstração, segundo ele claramente acreditava, de tristeza.

— Estamos em busca de nossa irmã — explicou. — Uma menina voluntariosa, inconstante e assaz teimosa, que quase partiu o coração de nossa pobre mãe viúva.

— Fugiu — explicou o sr. Vandemar, falando baixo. E enfiou um dos panfletos nas mãos de Richard. — Ela é um pouco... diferente — completou, girando o dedo ao lado da cabeça para indicar que a garota era, na verdade, completamente doida.

Richard olhou para o papel.

Estava escrito:

VOCÊ VIU ESTA JOVEM?

Logo abaixo havia a foto, em tons de cinza típicos de xerox, de uma jovem que lembrava uma versão de cabelo comprido, mais arrumada e mais limpa da que ele deixara no banheiro.

Mais abaixo, lia-se:

ATENDE PELO NOME DE DOREEN. MORDE E CHUTA. FUGITIVA.
AVISE, CASO A TENHA VISTO. QUEREMOS ENCONTRÁ-LA. HÁ RECOMPENSA.

Por fim, um número de telefone. Richard olhou outra vez para a foto. Era ela, sem dúvida.

— Não — disse ele. — Não a vi, infelizmente. Sinto muito.

Mas o sr. Vandemar não lhe deu atenção, a cabeça erguida para farejar o ar como quem sente um cheiro peculiar ou desagradável. Richard estendeu o panfleto para devolvê-lo, mas o homem grande simplesmente o empurrou para fora do caminho e entrou, um lobo rondando a caça. Richard foi atrás dele.

— O que pensa que está fazendo? Quer parar com isso? Vá embora. Ei, você não pode entrar aí... — Porque o sr. Vandemar seguia para o banheiro.

Richard torceu para que a garota (Doreen?) tivesse tido presença de espírito e fechado o trinco por dentro. Mas não: a porta se escancarou facilmente ao empurrão do sr. Vandemar, que logo entrou. Richard, sentindo-se como um cachorrinho impotente latindo para os calcanhares do carteiro, entrou atrás dele.

Não era um cômodo grande. Havia banheira, vaso sanitário, pia, vários frascos de xampu, um sabonete e uma toalha. Quando Richard saíra dali alguns minutos antes, havia também uma garota bem suja e ensanguentada, uma pia mais ensanguentada ainda e um kit de primeiros socorros aberto. Agora, estava tudo perfeitamente limpo.

Não havia lugar, naquele cômodo, onde a garota pudesse estar escondida. O sr. Vandemar saiu do banheiro, abriu a porta do quarto, entrou, olhou em volta.

— Ainda não entendi o que você pensa que está fazendo, mas, se os dois não saírem do meu apartamento agora mesmo, vou chamar a polícia.

Naquele momento, o sr. Vandemar, que até então se dedicara à tarefa de examinar a sala, virou-se para o dono da casa. Na mesma hora, Richard percebeu que estava morrendo de medo, como um cachorrinho descobrindo que o suposto carteiro é na verdade um gigantesco alienígena comedor de cães saído diretamente de um daqueles filmes para os quais Jessica nunca tinha tempo. Richard se pegou ponderando se o sr. Vandemar era o tipo de

pessoa a quem se diz “Por favor, não me machuque” e, caso fosse, se essa súplica adiantaria alguma coisa.

Foi quando o raposino sr. Croup se pronunciou:

— O que lhe acometeu, senhor Vandemar? É o pesar que sente por nossa querida irmã, certamente. Queira pedir desculpas a esse cavalheiro — ordenou.

O grandalhão assentiu, ponderando.

— Achei que precisasse usar o toalete — justificou-se. — Alarme falso. Sinto muito.

O sr. Croup se dirigiu à porta do apartamento, empurrando o sr. Vandemar à frente de si.

— Pronto. Espero que perdoe meu irmão pela incivilidade. Está consternado de preocupação com nossa querida mãe viúva e nossa irmã, que mesmo agora enquanto conversamos vaga sem rumo pelas ruas de Londres, desprotegida e desamparada. Apesar de seu comportamento, o sr. Vandemar é um bom homem para se ter ao lado. Não é mesmo, meu robusto companheiro?

Os dois já estavam fora do apartamento, chegando à escada. O sr. Vandemar nada disse. Não parecia transtornado pelo pesar. Croup se virou novamente para Richard e ensaiou mais um sorriso de raposa.

— Ligue se a vir — exigiu.

— Adeus — disse Richard.

Fechou e trancou a porta. E, pela primeira vez desde que fora morar ali, fechou a correntinha de segurança.

— Eu não sou gordo — reclamou o sr. Vandemar.

O sr. Croup, que cortara o telefone de Richard à primeira menção de chamar a polícia e agora começava a ficar em dúvida se tinha cortado o fio certo (as tecnologias de telecomunicação do século XX não eram seu ponto forte), pegou um dos panfletos das mãos de Vandemar.

— Eu não falei que você era gordo — defendeu-se. — Cuspa!

Com um esgarro, o sr. Vandemar produziu uma bela porção de muco trazido do fundo da garganta, que cuspiu cuidadosamente no verso do panfleto. O sr. Croup bateu com o papel na parede, colando-o ao lado da porta de Richard. Grudou na mesma hora, e grudou bem.

VOCÊ VIU ESTA JOVEM?, indagava o panfleto.

— “Robusto”. Você disse. Significa gordo.

— “Robusto” também pode significar forte, firme, vigoroso, resistente, corajoso, resoluto, intrépido — argumentou o sr. Croup. — Você acreditou nele?

Os dois se viraram e começaram a descer a escada.

— Papo furado — respondeu o sr. Vandemar. — Senti o cheiro dela.

Richard esperou junto à porta fechada do apartamento até ouvir o portão do prédio bater, vários andares abaixo. Estava no corredor, dirigindo-se ao banheiro, quando levou o susto com o toque alto do telefone. Correu de volta para alcançar o aparelho.

— Alô? — atendeu. — Alô?

O fone não emitiu som. Em vez disso, ele ouviu um clique, seguido pela voz de Jessica saindo da secretária eletrônica, ao lado.

— Richard? É Jessica — disse a voz de Jessica. — É uma pena que você não esteja em casa, pois esta teria sido nossa última conversa, e eu gostaria muito de não falar sozinha.

O telefone não estava funcionando, reparou ele. O fio que saía do aparelho fora cortado cuidadosamente após alguns centímetros. Ele gritou para o bocal mesmo assim, exclamando “Jessica!”, “Estou aqui!” e “Por favor, não desligue!”.

— Você me causou um constrangimento terrível ontem à noite, Richard — continuou a voz. — De minha parte, esse noivado se encerra aqui. Não pretendo devolver a aliança e não voltaremos a nos encontrar. Que você e sua sem-teto queimem no inferno. Adeusinho.

— Jessica! — gritou ele, na esperança de que o volume fosse capaz de fazer sua voz penetrar na rede telefônica.

A fita parou de girar, o aparelho emitiu um segundo clique e a luzinha vermelha começou a piscar.

— Má notícia? — perguntou a garota.

Ela estava logo atrás dele, na minúscula cozinha conjugada à sala, um curativo bem-feito no braço, pegando saquinhos de chá e colocando-os em canecas. A água fervia na chaleira.

— Sim. Péssima. — Richard foi até ela e estendeu o panfleto de VOCÊ VIU ESTA JOVEM?. — É você, não é?

Ela ergueu a sobrancelha.

— Sou eu na foto.

— E seu nome é... Doreen?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Eu me chamo Door, Richardrichardmayhewdick. Leite e açúcar?

Richard agora tinha plena certeza de estar totalmente perdido naquela situação.

— Richard. Só Richard. Sem açúcar. Olha, se não for muito pessoal, pode me contar o que aconteceu com você?

Door despejou a água fervente nas canecas.

— Nem queira saber — foi só o que ela disse.

— Hã... tudo bem. Me desculpe se...

— Não. Richard, é sério, você *não vai* querer saber. Não seria nada bom ouvir essa história. Você já me ajudou muito mais do que deveria.

Ela retirou os saquinhos de chá da água e entregou uma caneca a ele. Ao aceitar, ele notou que ainda estava com o telefone sem fio na mão.

— Hmm. É. Eu não podia simplesmente deixar você lá.

— Podia, sim — retrucou ela. — Mas não deixou.

Ela colou o corpo à parede e espiou pela janela. Richard foi até lá e olhou para fora. Do outro lado da rua, o sr. Croup e o sr. Vandemar saíam da banca de revistas, o VOCÊ VIU ESTA JOVEM? grudado em um lugar de destaque na lateral da banca.

— Eles são mesmo seus irmãos? — perguntou.

— Ah, por favor — disse ela, sem se abalar. — Até parece.

Ele tomou o chá devagar, tentando fingir que estava tudo normal.

— Onde você estava, aliás? Agora há pouco?

— Bem aqui — respondeu ela. — Olha, como esses dois ainda estão rondando, precisamos enviar uma mensagem para... — Ela pensou melhor.

— Para alguém que pode ajudar. Não me atrevo a sair daqui por enquanto.

— Não tem algum outro lugar para onde você possa ir? Ou alguém para quem possa ligar?

Ela pegou o telefone mudo das mãos dele, o fio cortado balançando no ar, e fez que não.

— Meus amigos não têm telefone — explicou, e colocou o aparelho de volta na base, onde ficou repousando, inútil e solitário. — Migalhas — acrescentou, com um breve sorriso travesso.

— Hein?

Nos fundos do quarto havia uma janela pequena que dava vista para os telhados e as calhas. Door subiu na cama para alcançá-la, abriu-a e espalhou as migalhas por ali.

— Não estou entendendo nada — disse Richard.

— Claro que não. Mas fique quieto.

Ouviu-se um rufar de asas e então surgiu um borão roxo-cinza-esverdeado de um pombo, que começou a bicar as migalhas. Door esticou o braço direito e o pegou. O pombo a olhou com curiosidade, mas não reclamou.

Door e Richard se sentaram na cama. Ela o fez segurar o pombo enquanto prendia uma mensagem na perna do bichinho com um elástico muito azul, que Richard vinha usando até então para prender as contas de luz. Segurar pombos não era a atividade favorita dele, muito menos em um dia daqueles.

— Não estou entendendo — comentou. — Isso não é um pombo-correio. É só um pombo como qualquer outro de Londres. Do tipo que caga na Coluna de Nelson.

— Isso mesmo — concordou Door.

Ela exibia arranhões na lateral do rosto, e seu cabelo ruivo estava sujo e bagunçado; bagunçado, mas não emaranhado. E os olhos... Richard não conseguia definir a cor. Não eram azuis, nem verdes, nem castanhos, nem cinzentos; lembravam opalas nobres: fagulhas intensas de verdes e azuis e até mesmo vermelhos e amarelos, que cintilavam em flashes desencontrados conforme ela se mexia. Door pegou o pássaro das mãos dele, delicadamente, e o ergueu à altura do rosto para encará-lo. O pombo virou a cabeça para o lado e a encarou de volta com os olhos de contas negras.

— Muito bem — começou ela, e fez um ruído semelhante ao gorgolejar dos pombos: — *Crrpplrrr...* Você tem que procurar o marquês De Carabás. Entendeu?

O pombo gorgolejou de volta.

— Bom garoto. Olha, é muito importante, então você precisa... — O pombo a interrompeu com um borbulhar que parecia impaciente. — Desculpe. Você sabe o que fazer, claro.

Ela então o levou até a janela e o soltou.

Richard tinha acompanhado a conversa com certo fascínio.

— Parecia até que ele estava entendendo você, sabia? — comentou, enquanto o pombo encolhia no céu até desaparecer atrás dos telhados.

— Imagine só — respondeu Door. — Bem, agora é esperar.

Ela foi até a estante que havia no canto do quarto, encontrou um exemplar de *Mansfield Park* que Richard nem sabia que tinha e foi para a sala.

Ele a seguiu. Door se acomodou no sofá e abriu o livro.

— Então, é um apelido para Doreen? — perguntou ele.

— O quê?

— Seu nome.

— Não. É só Door mesmo.

— Como se escreve?

— D-o-o-r. Como The Doors. Ou “porta” em inglês.

— Ah. — Ele precisava dizer alguma coisa, então comentou: — Que espécie de nome é esse? Quem é que se chama “Door”?

E ela o encarou com aqueles olhos de cores inusitadas e respondeu:

— Eu.

E voltou a ler Jane Austen.

Richard pegou o controle remoto e ligou a TV. Trocou de canal. Trocou de novo. Suspirou. Trocou uma vez mais.

— Mas então: o que estamos esperando?

Door virou a página. Não ergueu os olhos do livro.

— Uma resposta.

— Que tipo de resposta?

Ela deu de ombros.

— Ah — resignou-se ele. — Hm.

Agora que a maior parte da sujeira e do sangue tinha sido limpa, Richard pôde notar que a pele dela era muito branca. Ficou se perguntando se tamanha palidez era consequência de alguma doença, ou se fora causada pela perda de sangue, ou se ela simplesmente não saía muito de casa, ou, ainda, se tinha anemia. Talvez tivesse passado um tempo na prisão, embora parecesse nova demais para isso. Será que o brutamontes tinha dito a verdade ao afirmar que ela era maluca?

— Sabe, quando aqueles homens apareceram...

— Homens? — Os olhos de opala brilharam.

— Croup e... hã... Vanderbilt.

— Vandemar. — Ela refletiu por um momento. — É, acho que podemos chamá-los de homens. Duas pernas, dois braços, uma cabeça...

— Quando eles entraram... — insistiu Richard — ... onde você estava?

Ela lambeu a ponta do dedo e virou mais uma página.

— Aqui.

— Mas...

Ele não terminou a frase, pois perdera as palavras. O apartamento não tinha nenhum lugar onde ela pudesse ter se escondido. Só que Door não saía. Mas...

Ouviram o ruído de algo sendo arranhado, e então o vulto de uma criatura bem maior que um simples camundongo saiu correndo do meio da bagunça de fitas VHS largadas embaixo da TV.

— Argh! — exclamou Richard, jogando o controle remoto com toda a força na direção da criatura.

O controle acertou as fitas com estardalhaço. Nenhum sinal do vulto.

— Richard! — repreendeu Door.

— Fique tranquila. Acho que era só um rato.

Door olhou feio para ele.

— Claro que era um rato. E você deve ter assustado o coitadinho! — Ela olhou ao redor e assobiou baixinho por entre os dentes. — Olá? — chamou, ajoelhando-se no chão, *Mansfield Park* esquecido de lado. — Olá? — Ela olhou feio para Richard mais uma vez. — Se você o tiver machucado... — ameaçou, para depois voltar à voz suave e se dirigir de novo à sala: — Sinto muito, ele é um idiota. Olá?

— Ei, eu não sou um idiota — objetou Richard.

— Shhh! Olá?

Um focinho rosado e dois olhinhos negros despontaram de sob o sofá. O restante da cabeça surgiu em seguida, analisando os arredores com suspeita. De fato, era grande demais para ser um simples camundongo, Richard tinha certeza disso.

— Oi — cumprimentou Door, em tom amável. — Você está bem?

Ela estendeu a mão. O animal subiu em seus dedos e deu uma corridinha braço acima, acomodando-se na dobra do cotovelo. Door acariciou o corpinho do bicho com o dedo. Ele tinha pelo marrom-escuro e uma longa cauda rosada. No flanco havia algo que parecia um papel dobrado.

— É um rato — anunciou Richard, sentindo que às vezes a constatação do óbvio era algo perdoável.

— Sim, é um rato. Não vai se desculpar?

— O quê?

— Peça desculpas.

Talvez não tivesse ouvido bem. Talvez ele é que estivesse ficando louco.

— Para um rato?

Ela não respondeu, um silêncio bastante significativo.

— Me desculpe se assustei você — disse Richard ao rato, mas com dignidade.

O bicho olhou para Door.

— Ele está sendo sincero — defendeu ela. — Não é só da boca para fora, não. — Ela começou a mexer no bicho, dizendo: — Vamos ver o que você tem para mim.

Era um papelzinho marrom dobrado várias vezes, preso ao corpo do rato pelo que realmente parecia um elástico muito azul.

Door o abriu: um papelzinho marrom de bordas gastas, com uma mensagem escrita em tinta preta, em caligrafia dura e angulosa.

— Obrigada — disse ela ao rato. — Você me ajudou muito.

O bicho disparou para debaixo do sofá, encarou Richard por um momento e desapareceu nas sombras.

A garota chamada Door entregou o papel a Richard.

— Tome. Leia isto.

Era fim de tarde no centro de Londres e, com o outono se aproximando, já começava a escurecer. Richard pegara o metrô até a estação Tottenham Court Road e agora seguia pela Oxford Street, segurando o papel. A Oxford Street é o coração do comércio de Londres e, mesmo àquela hora, as calçadas estavam cheias de turistas e gente fazendo compras.

— É uma mensagem — explicou Door ao lhe entregar o bilhete. — Do marquês De Carabás.

Richard sabia que já tinha ouvido aquele nome em algum lugar.

— Que legal — respondeu. — Acabou o estoque de cartões-postais dele, foi?

— Assim é mais rápido.

Passou pelas luzes e a barulheira da Virgin Megastore; pela loja de souvenirs, com os típicos capacetes da polícia londrina e as miniaturas dos

ônibus vermelhos; pela pizzaria logo ao lado, que vendia apenas fatias, para consumo individual; e, por fim, virou à direita.

— *Você precisa seguir as instruções escritas aqui. Não deixe que ninguém o siga.*
— *Então, ela suspirou e acrescentou: — Eu realmente não devia envolver você nisso, não tanto assim.*

— *Se eu seguir essas instruções... você vai embora mais rápido?*

— *Sim.*

Richard virou na Hanway Street, e, embora tivesse se afastado apenas alguns passos da agitação reluzente da Oxford Street, era como se estivesse em outra cidade: a Hanway estava vazia, abandonada; uma rua estreita e escura, quase uma viela, com lojas de discos melancólicas e restaurantes fechados. A única fonte de iluminação era a luz que escapava dos bares restritos localizados nos andares superiores dos prédios. Ele avançava pela rua, apreensivo.

— *“... virai à direita na Hanway Street, depois à esquerda na Hanway Place, depois à direita novamente, na Orme Passage. Paraí no primeiro poste de luz...”*

— *Tem certeza de que é isso mesmo?*

— *Tenho.*

Richard não se lembrava de nenhuma Orme Passage, embora já tivesse passado pela Hanway Place: no subsolo da rua havia um restaurante indiano que Garry Do Trabalho adorava. Pelo que Richard se lembrava, a Hanway Place não tinha saída. The Mandeer, era aquele o restaurante. Passou pela entrada bem iluminada, com degraus convidativos que levavam para as profundezas, e virou à esquerda...

Tinha se enganado. Havia mesmo uma Orme Passage. Lá estava a plaquinha, bem alto no muro.

ORME PASSAGE, W1

Não era de se estranhar que nunca a tivesse notado: era praticamente uma mera viela entre casas, estreita e iluminada por uma inconstante lâmpada a gás. *Quase não se vê mais dessas hoje em dia*, pensou Richard, erguendo as instruções à luz para enxergar melhor.

— *“Em seguida, daí três voltas levógiras”?*

— *Significa no sentido anti-horário, Richard.*

Ele girou, três vezes, sentindo-se ridículo.

— *Olha, por que eu tenho que fazer isso tudo só para encontrar o seu amigo? Toda essa bobagem...*

— *Não é bobagem. É sério. Você... Faça isso por mim, tudo bem? — E ela sorriu para ele.*

Ele parou de girar e foi até o fim da viela. Nada. Ninguém. Só uma lata de lixo de metal e, ao lado, aparentemente um monte de trapos.

— Olá? — chamou. — Tem alguém aqui? Sou amigo de Door. Alguém?

Nada. Não havia ninguém ali. Richard ficou bastante aliviado: agora podia voltar para casa e explicar àquela garota que nada tinha acontecido. Então informaria as autoridades responsáveis, e eles que resolvessem o caso dela. Amassou o bilhete e o lançou na direção da lixeira.

O suposto monte de trapos se desdobrou, cresceu e ficou de pé em um único movimento fluido, a tempo de surgir uma mão e pegar no ar o papel amassado.

— Isto é meu, suponho — disse o marquês De Carabás.

O sujeito usava um casaco preto enorme e de ar requintado, não bem uma sobrecasaca e tampouco exatamente uma gabardina, além de botas altas também pretas e, por baixo do casaco, roupas puídas. O branco dos olhos reluzia no rosto extremamente escuro. E ele sorriu dentes brancos, um sorriso momentâneo, como se achasse graça de uma piada que só ele entendia, e inclinou-se em reverência, dizendo:

— De Carabás, a seu dispor. Você é...?

— Hã... É... Hmm...

— Você é Richard Mayhew, o jovem que resgatou e medicou nossa Door. Como ela está?

— Hã... bem. O braço ainda está um pouco...

— Estou certo de que Door nos deixará maravilhados com sua velocidade de recuperação. A família dela tinha capacidades extraordinárias nesse aspecto. É surpreendente que tenham conseguido matar a todos, não acha?

O homem que se apresentava como marquês De Carabás andava de lá para cá, muito inquieto. Richard já sabia se tratar de uma dessas pessoas que estão sempre em movimento, como um felino de grande porte.

— A família de Door foi morta? — perguntou Richard.

— Veja, não chegaremos a lugar algum se você continuar repetindo tudo que digo, não é mesmo? — repreendeu o marquês, que tinha parado diante dele. — Sente-se.

Richard deu uma olhada em volta, à procura de onde se sentar, mas o marquês colocou a mão em seu ombro e o fez estatelar-se no calçamento de paralelepípedos.

— Door sabe que meu preço é alto. O que exatamente ela oferece?

— Como assim?

— Qual é a proposta? Você me foi enviado para negociar, meu jovem. Não sou barato e nunca aceito fiado.

Richard deu de ombros, ou ao menos o melhor que se pode dar de ombros quando se está caído de costas no chão.

— Ela pediu para lhe dizer que precisa que você a acompanhe até em casa... seja lá onde fique... e que providencie um guarda-costas.

Mesmo quando o marquês ficava parado, seus olhos nunca deixavam de se mexer. Para cima, para baixo, para os lados, como se estivesse procurando

alguma coisa, pensando em alguma coisa. Somando, subtraindo, computando. Richard questionava consigo mesmo a sanidade mental do sujeito.

— E ela oferece...?

— Bem... nada.

O marquês bafejou nas unhas e as lustrou na lapela do distinto casaco. Virou de costas.

— Não oferece nada. A *mim*. — Ele parecia ofendido.

Richard se apressou a se levantar como pôde.

— Bem, ela não mencionou dinheiro, só disse que teria que ficar devendo um favor a você.

Os olhos brilharam.

— E que tipo de favor, exatamente?

— Um favor muito grande — respondeu Richard. — Disse que ficaria devendo um grande favor.

De Carabás sorriu para si mesmo, como uma pantera faminta avistando no campo uma criança perdida. Ele se virou de novo para Richard.

— E você a deixou sozinha? — perguntou. — Com Croup e Vandemar à espreita? Ora, o que está esperando?

Então se joelhou e pegou do bolso um pequeno objeto metálico, que enfiou na tampa de um bueiro no fim da viela e girou. A tampa saiu com facilidade; o marquês guardou o objeto metálico e, de outro bolso, tirou algo que lembrava um sinalizador ou um foguete bem comprido. Segurando o objeto com uma das mãos, De Carabás o alisou com a outra, fazendo a extremidade irromper em uma chama escarlate.

— Posso fazer uma pergunta?

— Certamente que não — respondeu o marquês. — Você não vai fazer perguntas. Não vai receber respostas. Não vai sair do caminho. Não vai nem pensar no que está acontecendo nesse momento. Entendeu?

— Mas...

— E o mais importante: nada de “mas”. Agora vamos, precisamos salvar uma donzela em perigo e não há tempo a perder. Mexa-se.

O marquês apontou para as profundezas reveladas pela boca do bueiro. E Richard se mexeu: começou a descer pelas barras de metal presas à parede do bueiro que serviam de degraus. Sentia que estava boiando havia tanto tempo naquele mar de confusão que só um batiscafo poderia ajudá-lo a encontrar o barco afundado da sanidade.

Que lugar seria aquele? Não pareciam os túneis de esgoto. Talvez fosse um acesso para cabos telefônicos ou um túnel para trens muito pequenos. Ou para... outra coisa. Percebia agora que não sabia muito bem o que se passava

sob as ruas de Londres. Caminhava tenso, com medo de tropeçar em alguma coisa, de cair ali naquela escuridão e quebrar o tornozelo. Adiante, De Carabás seguia resoluto e tranquilo, como se não se importasse se Richard o acompanhava ou não. A chama escarlate lançava sombras imensas nas paredes do túnel.

Richard correu para alcançá-lo.

— Vejamos... — começou De Carabás. — Terei de levá-la ao Mercado. O próximo será daqui a uns... dois dias, se não me engano, e é evidente que sempre me recordo com exatidão. Posso escondê-la até lá.

— Mercado? — perguntou Richard.

— O Mercado Flutuante. Mas não pense nisso. Chega de perguntas.

Richard olhou ao redor.

— Bem, eu ia perguntar onde estamos, mas imagino que você se recusaria a responder.

O marquês sorriu mais uma vez.

— Excelente — disse, satisfeito. — Você já tem problemas demais.

Richard suspirou.

— E como. Minha noiva me largou, e provavelmente vou precisar comprar um telefone novo...

— Pelo Templo e pelo Arco. Um telefone é o menor dos seus problemas.

De Carabás colocou o sinalizador no chão, encostado na parede, onde continuou a queimar e crepitar, e começou a subir os degraus de metal cravados na pedra. Depois de hesitar por um instante, Richard o seguiu. As barras de metal estavam geladas e enferrujadas; ele as sentia se desintegrando nas mãos enquanto subia, fragmentos de ferrugem entrando nos olhos e na boca. A luz escarlate lá embaixo tremeluziu e se apagou. Terminaram de subir na escuridão total.

— Mas então, vamos voltar para buscar Door? — perguntou Richard.

— Em algum momento, sim. Mas primeiro preciso organizar uma coisinha. O seguro. Aliás, quando sairmos para a luz do dia, não olhe para baixo.

— Por quê? — perguntou Richard.

Então o sol atingiu seu rosto, e ele olhou para baixo.

Era dia (*Como assim era dia?*, perguntou uma vozinha na cabeça de Richard. *Era quase noite quando ele entrou na viela, talvez uma hora antes*), e ele se viu agarrado a uma escada de metal que subia pela lateral de um prédio muito alto (*mas, alguns segundos antes, ele estava subindo a mesma escada, só que dentro de um túnel, não estava?*), e lá embaixo ele via...

Londres.

Carros minúsculos. Onibus e táxis minúsculos. Prédios minúsculos. Árvores. Caminhões em miniatura. Pessoas realmente minúsculas. O cenário abaixo entrava e saía de foco.

Dizer que Richard Mayhew tinha medo de altura seria perfeitamente correto, mas não abrangeria a amplitude da questão; seria equivalente a descrever o planeta Júpiter como maior que um pato. Richard odiava penhascos e prédios altos: em algum lugar dentro dele, não muito fundo, havia o medo — o mais puro e absoluto pavor, daqueles de emudecer o grito — de que, se chegasse muito perto da beirada, um impulso de seguir adiante o dominaria e o faria dar um passo em direção ao vazio. Sentia como se fosse incapaz de confiar plenamente em si mesmo, o que o apavorava muito mais do que o simples medo de cair. Então definia aquilo como vertigem e, odiando tanto a sensação quanto a si mesmo, mantinha-se longe de grandes alturas.

Ele congelou no meio da escada. As mãos apertavam com força as barras de metal. Os olhos doíam em algum ponto atrás do globo ocular. Começou a respirar fundo demais, rápido demais.

— Alguém não estava prestando atenção, hein? — comentou uma voz debochada acima dele.

— Eu... — A garganta não funcionava. Ele engoliu em seco. — Eu não consigo me mexer.

Suas mãos suavam. E se suassem tanto que o fizessem simplesmente escorregar e cair em direção ao nada...?

— Claro que consegue. Bem, se não conseguir, pode ficar aí, pendurado nessa parede até as mãos congelarem, as pernas cederem e você despencar uns trezentos metros para uma morte terrível e nem um pouco elegante.

Richard ergueu o olhar para o marquês, que o encarava de volta, ainda sorrindo. Quando notou que estava sendo observado, De Carabás soltou as duas mãos do metal e sacudiu os dedos no ar, zombando dele.

Richard sentiu uma onda de vertigem alheia.

— Filho da mãe — murmurou.

Soltando a mão direita da barra, ele a ergueu cerca de vinte centímetros, até alcançar a barra seguinte. Então moveu a perna direita, elevando-a para o degrau seguinte. E repetiu o movimento com a mão esquerda. Depois de um tempo, chegou à borda de um telhado plano, alçou o corpo e desabou ali.

O marquês se afastava a passos largos. Richard bateu a superfície do telhado com as duas mãos, sentindo a estrutura sólida que o sustentava. O coração martelava no peito.

— Você não é bem-vindo, De Carabás! — gritou uma voz dura e rouca a certa distância dali. — Fora daqui. Suma.

— Velho Bailey! — respondeu a voz do marquês. — Vejo que está irradiando saúde!

Então Richard ouviu passos se aproximando, e um dedo cutucou-lhe as costelas de leve.

— Tudo bem aí, meu rapaz? Estou preparando um ensopado. Quer um pouco? É de estorninho.

Richard abriu os olhos.

— Não, obrigado — respondeu.

As penas foram o que ele viu primeiro. Não sabia se era um casaco, uma capa ou alguma peça de roupa estranha sem nome, mas, de qualquer forma, era uma vestimenta externa toda revestida de penas. Um rosto gentil e enrugado, com costeletas grisalhas, espiava do topo das penas. Afora o rosto, as partes do corpo não ocultas sob penas estavam completamente envoltas por cordas. A criatura lhe lembrou uma montagem de *Robinson Crusoé* a que assistira quando criança: Crusoé seria daquele jeito se tivesse ficado preso em um telhado em vez de em uma ilha deserta.

— Velho Bailey é como me chamam, rapaz — anunciou a encarnação de Crusoé. O sujeito se enrolou ao pegar um par de óculos meio deteriorado pendurado no pescoço e o colocou no rosto, para então encarar Richard através das lentes. — Não o reconheço. A qual baronia presta lealdade? Qual é o seu nome?

Richard conseguiu erguer o corpo e se sentar. Estavam no alto de um prédio antigo, todo em pedra marrom, com uma torre acima. Gárgulas desgastadas pelo tempo, sem asas ou membros e algumas sem cabeça, projetavam-se tristonhas dos cantos da torre. Lá embaixo soava o lamento distante de uma sirene de polícia e o rugido abafado do trânsito. Do outro lado do telhado, à sombra da torre, havia algo que parecia uma barraca de camping; uma velha tenda marrom e bastante remendada, coberta com manchas brancas de cocô de pombo. Richard abriu a boca para se apresentar.

— Você. Bico fechado — disse o marquês De Carabás. — Nem mais um pio. — Então se virou para o Velho Bailey. — Quem tem o costume de meter o nariz onde não é chamado pode acabar sem nariz. — E estalou os dedos logo abaixo do nariz do homem, fazendo-o dar um pulo de susto com o som alto. — Pois bem, Velho Bailey, você me deve um favor há vinte anos. Um favor dos grandes. E vim cobrá-lo.

O velho ficou um instante em silêncio.

— Fui um tolo — murmurou.

— Burro velho: mais vale matar do que ensinar — comentou o marquês, enfiando a mão em um bolso interno do casaco e retirando uma caixinha prateada, maior que uma caixa de rapé e menor que uma cigarreira, além de muito mais ornamentada que ambas. — Sabe o que é isto?

— Quem dera não soubesse.

— Você vai guardar para mim.

— Não quero.

— Não é uma escolha.

O velho do telhado pegou a caixinha prateada e a segurou meio sem jeito, com as duas mãos, como se o objeto pudesse explodir a qualquer momento. O marquês deu uma leve cutucada em Richard com a ponta da bota preta de bico quadrado.

— Muito bem — disse. — Melhor irmos embora, certo?

Dizendo isso, afastou-se a passos largos. Richard se levantou e o seguiu, mantendo uma boa distância da beirada do edifício. O marquês abriu uma porta na torre, ao lado de um conjunto de chaminés altas, e os dois se puseram a descer uma escada em caracol mal iluminada.

— Quem era aquele homem? — perguntou Richard, forçando os olhos para enxergar na penumbra.

Os passos dos dois ecoavam e reverberavam pelos degraus metálicos.

O marquês bufou.

— Não ouviu uma palavra do que eu disse, hein? Você já está com problemas. Tudo que fizer, tudo que disser e tudo que ouvir só vai tornar pior sua situação. É melhor rezar para que já não tenha ido fundo demais.

Richard inclinou a cabeça para o lado.

— Com licença, sei que é uma pergunta pessoal, mas... você é clinicamente insano?

— É possível, embora improvável. Por quê?

— Bem, um de nós deve ser.

A escuridão ao redor tinha se fechado por completo. Richard até tropeçou ligeiramente após o último degrau, pisando em falso sem saber que a escada terminava ali.

— Cuidado com a cabeça — alertou o marquês, abrindo uma porta.

Mas, mesmo assim, Richard bateu com a testa em algo duro e soltou um “Ai!”. Atravessou então uma porta baixa, cobrindo os olhos ao voltar à luz.

Massageou a testa dolorida, depois esfregou os olhos. A porta os deixara em um pequeno armário de parede de seu prédio, em que se guardava material de limpeza, logo abaixo de seu andar. Estava cheio de vassouras, espanadores e um esfregão antiquíssimo, além de uma gama de líquidos, géis e ceras de limpeza. Richard não viu no armário a escada de acesso que haviam acabado de descer, só um calendário velho, manchado e, a não ser que 1979 estivesse para voltar, totalmente inútil.

O marquês examinava o VOCÊ VIU ESTA JOVEM? afixado ao lado da porta do apartamento de Richard.

— Não é o melhor ângulo dela — comentou.

Richard fechou a porta do armário, pegou do bolso de trás da calça as chaves, abriu a porta e enfim se viu em casa. Ficou bastante aliviado ao notar, olhando pelas janelas da cozinha, que era noite outra vez.

— Richard! — exclamou Door. — Você conseguiu.

Ela tinha tomado banho e, ao que parecia, ao menos tentara limpar a sujeira e o sangue das camadas de roupa. As mãos e o rosto não estavam mais

encardidos. O cabelo, agora limpo, era ruivo-escuro, com fios em cobre e bronze aqui e ali. Richard se perguntou quantos anos teria: quinze? Dezesseis? Mais? Ainda não conseguia avaliar.

Door usava a jaqueta de couro marrom que usava quando ele a encontrou, uma peça enorme que a engolia. Parecia uma jaqueta aviador antiga e a fazia parecer ainda menor, ainda mais vulnerável.

— É, pois é — respondeu ele.

O marquês De Carabás prostrou-se sobre um dos joelhos e baixou a cabeça em reverência.

— Milady.

Door parecia desconfortável.

— Ora, De Carabás, trate de se levantar. Que bom que veio.

O homem se levantou, em um único movimento fluido.

— Se não me engano — disse ele —, foram usadas as palavras *favor, muito e grande*. Em conjunção e nesta ordem.

— Depois. — Ela foi até Richard e tomou-lhe as mãos. — Richard. Obrigada. Muito obrigada por tudo que fez por mim. Troquei os lençóis da cama. E queria poder retribuir de alguma forma.

— Você vai embora?

Ela assentiu.

— Estou a salvo agora. Quer dizer, mais ou menos. Espero. Por um tempo.

— Para onde vai?

Ela sorriu, um sorriso gentil, e balançou a cabeça em negativa.

— Nada disso. Vou sair da sua vida. Você foi incrível.

Esticando-se na ponta dos pés, ela lhe deu um beijo no rosto, um beijo de amizade.

— Se algum dia eu precisar entrar em contato com você...?

— Não vai precisar. Nunca. E... — Ela fez uma pausa. — Bem, me desculpe.

Richard olhou para os próprios sapatos, meio sem jeito.

— Não há por que pedir desculpas — respondeu. E acrescentou, sem convicção: — Foi divertido.

Ele ergueu o rosto outra vez.

Mas não havia ninguém.

TRÊS

NA MANHÃ DE domingo, Richard vasculhou a gaveta de baixo do armário em busca do telefone em formato de Batmóvel que ganhara de tia Maude anos antes e o conectou à linha. Tentou ligar para Jessica, mas não teve sucesso. A secretária eletrônica dela estava desligada, assim como o celular. Ele imaginou que a ex-noiva tivesse ido à casa dos pais, no interior, e não tinha a menor vontade de falar com ela enquanto estivesse lá. Richard achava os pais de Jessica profundamente intimidantes, cada um a seu modo. Nenhum dos dois aprovava a ideia de ter Richard como genro: inclusive, a mãe dela certa vez comentara com ele, de forma bastante casual, sobre a decepção que sentiam com aquele noivado, declarando-se convicta de que, se quisesse, a filha conseguiria coisa melhor.

Os pais de Richard já tinham falecido. O pai morrera de repente, de ataque cardíaco, quando Richard era ainda um garotinho. Depois disso, a mãe foi morrendo aos pouquinhos e, assim que o filho saiu de casa, simplesmente definhou: seis meses depois de se mudar para Londres, ele pegou o trem para a Escócia, a fim de passar os últimos dois dias de vida da mãe ao lado dela, em um pequeno hospital local. Em alguns momentos ela o reconhecia; em outros, o chamava pelo nome do falecido marido.

Richard se sentou no sofá e refletiu. Os acontecimentos dos últimos dois dias se tornavam cada vez menos reais, menos prováveis. Real mesmo era a mensagem de Jessica na secretária eletrônica, dizendo que não queria mais vê-lo. Naquele domingo, ele a ouviu de novo e de novo, na esperança de que, daquela vez, Jessica mudasse de ideia e ele detectasse amor em sua voz. Não aconteceu.

Pensou em sair para comprar o jornal de domingo, mas desistiu. Arnold Stockton, chefe de Jessica — um sujeito de queixo duplo que era a caricatura de um homem que se fizera sozinho —, era dono de todos os jornais semanais que Rupert Murdoch não conseguira comprar. Seus jornais falavam sobre ele, assim como os demais. Por isso, Richard suspeitava de que ler o jornal provavelmente lhe lembraria o jantar a que tinha deixado de comparecer na sexta-feira. Dessa forma, ele optou por um demorado banho quente, alguns sanduíches e várias xícaras de chá. Assistiu a um pouco de TV dominical e encenou mentalmente conversas com Jessica. Ao fim de cada

diálogo, faziam um amor selvagem, agressivo, repleto de lágrimas e paixão, e ficava tudo bem.

Na segunda-feira, o despertador não tocou. Richard botou o pé na rua às dez para as nove, em disparada, pasta balançando no ar, olhando de um lado para o outro como um louco, rezando por um táxi. Suspirou aliviado quando viu um grande carro preto se aproximando, a plaquinha acesa indicando que estava desocupado. Fez sinal e gritou.

O táxi passou direto, com toda a calma, ignorando-o solenemente, e desapareceu ao virar a esquina.

Mais um táxi. Mais uma luzinha amarela. Dessa vez, Richard foi fazer sinal no meio da rua, mas o carro desviou e seguiu seu caminho. Ele começou a resmungar, murmurando palavrões. E correu para a estação de metrô mais próxima.

Pegou do bolso um punhado de moedas, espancou o botão do guichê eletrônico para a compra de um bilhete unitário para Charing Cross e começou a introduzir as moedas. Todas atravessaram as entranhas da máquina e caíram direto na bandejinha de troco. Nada de bilhete. Richard tentou outra máquina, com o mesmo resultado. E outra. O atendente do guichê falava ao telefone quando Richard foi até lá reclamar e comprar a passagem à moda antiga; e, apesar de seus gritos de “Ei!” e “Com licença?” (ou talvez por causa deles) e das batidas insistentes na barreira de plástico, o sujeito continuou concentrado em sua conversa particular.

— Que se dane — exclamou Richard, e pulou a catraca.

Ninguém o impediu; ninguém parecia se importar. Ofegante e suando em bicas, ele desceu correndo a escada rolante e chegou à plataforma lotada bem na hora em que um trem se aproximava.

Quando criança, Richard tinha pesadelos em que simplesmente não estava lá e que, por mais barulhento que fosse ou independente do que fizesse, ninguém notava sua presença. Agora, começou a se sentir daquela maneira, pois as pessoas passavam à sua frente sem a menor cerimônia; foi sendo esmagado pela multidão, empurrado para todos os lados por passageiros que embarcavam ou por outros que desembarcavam.

Persistiu, retribuindo os empurrões e abrindo caminho como podia, até estar quase dentro do vagão — tinha enfiado um dos braços —, mas foi então que começou a soar o apito de fechamento das portas. Ele puxou o braço, mas a manga do casaco ficou presa. Começou a esmurrar a porta, a gritar, na certeza de que o condutor ao menos a reabriria o suficiente para ele se soltar. Mas não: o trem começou a andar, e Richard foi forçado a correr aos tropeços pela plataforma, cada vez mais rápido. Largou a pasta no chão e, desesperado, puxou a manga do casaco com a mão livre. O tecido se

rasgou, lançando-o para a frente, e Richard arranhou a palma da mão no piso e rasgou o joelho da calça. Após se levantar, um tanto desengonçado, voltou para recuperar a pasta.

Olhou para a manga do casaco arrancada, para a mão ralada e a calça rasgada. Por fim, subiu a escadaria de pedra e saiu da estação. Ninguém pediu seu bilhete na saída.

— Me desculpe pelo atraso — comentou Richard, para ninguém especificamente, ao chegar ao escritório já em plena atividade.

O relógio na parede marcava dez e meia. Ele jogou a pasta na cadeira, limpou o suor do rosto com um lenço.

— Vocês não vão acreditar no que eu passei para chegar aqui — continuou. — Foi um pesadelo.

Olhou para a mesa que ocupava. Faltava alguma coisa. Mais precisamente, faltava tudo.

— Onde estão minhas coisas? — perguntou à sala, elevando um pouco a voz. — Cadê meus telefones? E meus trolls?

Abriu as gavetas. Também vazias: nem uma embalagem de chocolate comido ou um clipe de papel torto para mostrar que algum dia Richard já trabalhara ali. Sylvia se aproximava, conversando com dois homens parrudos. Richard foi até ela.

— Sylvia, o que está havendo?

— Pois não? — respondeu ela, educadamente, e apontou para a mesa.

Cada um dos cavalheiros avantajados pegou um lado da mesa, e os dois foram carregando-a para fora do escritório.

— Tomem cuidado — pediu ela.

— Minha mesa. Para onde estão levando minha mesa?

Sylvia olhou para ele, ligeiramente confusa.

— E você é...?

Não sou obrigado a aturar isso, pensou ele.

— Richard — respondeu, com sarcasmo. — Richard Mayhew.

— Ah — disse ela. E a atenção de Sylvia se desviou dele como um pombo desviando do poste. — Não, aí não! Meu Deus do céu — gritou para os carregadores, e saiu correndo atrás deles enquanto a mesa de Richard ia embora.

Ficou vendo-a se afastar. Em seguida, foi até a mesa de Garry. Encontrou-o respondendo a um e-mail. Olhou para a tela: o e-mail parecia ser de conteúdo sexualmente explícito e estava endereçado a alguém que não era a namorada de Garry. Constrangido, Richard deu a volta até o outro lado da mesa.

— Garry, o que está acontecendo? Isso é uma brincadeira ou o quê?

Garry olhou para os lados, como se tivesse ouvido alguma coisa distante. Apertou uma tecla, acionando o descanso de tela de hipopótamos dançantes, e balançou a cabeça, clareando os pensamentos, então pegou o telefone e começou a discar. Richard bateu com força no gancho.

— Olha, Garry, não tem graça. Não faço ideia do que vocês estão aprontando.

Finalmente, para grande alívio de Richard, Garry ergueu o olhar para ele.

— Se fui demitido, é só me dizer, não precisa fazer toda essa farsa de que não estão me vendo aqui...

Então, Garry sorriu.

— Oi. Sou Garry Perunu. Posso ajudar?

— Acho que não — respondeu Richard, com frieza, e foi embora, deixando a pasta para trás.

O escritório da empresa dele ficava no terceiro andar de um prédio grande, antigo e bem frio junto à Strand Street. Jessica trabalhava em um dos andares do meio de um edifício espaçoso, com vidros cristalinos e espelhados, bem no coração de Londres, quinze minutos a pé dali.

Richard foi correndo até lá. Chegou ao Edifício Stockton em dez minutos, passou direto pelos guardas uniformizados no térreo, entrou no elevador e subiu. Encarou a si mesmo no interior todo espelhado do elevador: a gravata estava meio frouxa e torta; o casaco, sem uma das mangas; a calça, rasgada; e o cabelo, um emaranhado revestido de suor... Minha nossa, estava um lixo.

Um toque de flauta soou, e a porta se abriu. O andar de Jessica era bastante opulento, ao estilo minimalista. Uma recepcionista ficava a postos logo depois do elevador, uma criatura graciosa e elegante cujo salário líquido devia ser maior que o bruto de Richard. A mulher lia a *Cosmopolitan*. Nem ergueu os olhos quando ele se aproximou.

— Preciso falar com Jessica Bartram — anunciou Richard. — É importante. Preciso falar com ela.

A recepcionista o ignorou, absorvida na atividade de examinar as unhas. Richard seguiu em frente até a sala de Jessica. Abriu a porta, entrou. Ela estava de pé diante de três grandes pôsteres de divulgação de “Anjos sobre a Inglaterra: uma exposição itinerante”, cada um com a imagem de um anjo diferente. Virou-se quando ele entrou, abrindo um sorriso caloroso.

— Jessica. Graças a Deus. Escuta, acho que eu estou pirando. Começou hoje de manhã, quando não consegui pegar um táxi, e depois teve a coisa toda no metrô e no escritório e... — Ele apontou para a manga que faltava no casaco. — É como se eu tivesse sumido do mundo.

Ela sorriu outra vez, com uma expressão tranquilizadora.

— Olha, me desculpe por aquela noite — continuou Richard. — Quer dizer, não pelo que fiz, mas por você ter ficado chateada, e... Enfim, sinto muito. Está tudo uma loucura e, sinceramente, não sei o que fazer.

Jessica assentiu e manteve aquele sorriso compadecido.

— Você vai me achar uma pessoa horrível, mas é que tenho uma péssima memória para fisionomias. Se me der só mais um segundo, tenho certeza de que vou lembrar.

Naquele momento, Richard soube que era real. Sentiu o pavor se instalar no estômago. A incompreensível loucura daquele dia estava acontecendo de verdade. Não era uma brincadeira ou uma armação.

— Tudo bem — respondeu, sem emoção. — Deixa pra lá.

Ele se virou, saiu da sala, seguiu pelo corredor. Estava quase no elevador quando ela o chamou.

— Richard!

Ele se virou. *Era* brincadeira. Uma vingança mesquinha. Tinha uma explicação.

— Richard... Maybury? — Jessica parecia orgulhosa por recordar inclusive o sobrenome.

— Mayhew — corrigiu ele, e entrou no elevador.

As portas entoaram o gorjeio triste de flauta e se fecharam.

Richard voltou para casa a pé, irritado e confuso e triste. Às vezes fazia sinal para algum táxi, mas sem esperança real de que parassem, e, de fato, nenhum parou. Seus pés doíam, seus olhos ardiam, mas ele sabia que mais cedo ou mais tarde acordaria em uma segunda-feira decente, uma segunda-feira que faria sentido, uma segunda-feira normal e honesta.

Chegando em casa, encheu a banheira com água quente, largou as roupas em cima da cama, atravessou nu o corredor e submergiu nas águas relaxantes. Estava quase cochilando quando ouviu uma chave girar, uma porta ser aberta e fechada e uma sedosa voz masculina dizer:

— Naturalmente, vocês são os primeiros que atendo hoje, mas tenho uma lista enorme de interessados.

— Não é tão espaçoso quanto parecia pela descrição que nos mandaram — opinou uma voz de mulher.

— Compacto, é verdade, mas gosto de pensar nisso como uma virtude.

Richard nem tinha se dado ao trabalho de trancar a porta do banheiro. Afinal de contas, estava sozinho em casa.

Surgiu uma voz masculina, mais grossa e bruta:

— Você disse que estava vazio. Essas coisas não lhe parecem móveis?

— O inquilino anterior deve ter deixado algumas peças. Estranho. Não me avisaram.

Richard ficou de pé dentro da banheira. Logo depois, como estava pelado e aquelas pessoas poderiam entrar ali a qualquer momento, voltou a se sentar. Então olhou em volta, já meio desesperado, à procura de uma toalha.

— Veja, George — comentou a mulher, no corredor. — Alguém esqueceu uma toalha na cadeira.

Richard considerou possíveis substitutos de toalha: uma esponja, o pote de xampu pela metade, um patinho amarelo de borracha. Um por um, julgou-os inapropriados para a função.

— Como é o banheiro? — perguntou a mulher.

Richard puxou a toalha de rosto e cobriu as partes íntimas. Então se levantou, as costas apoiadas na parede, e se preparou para a mortificação. A porta se abriu. Três pessoas entraram no banheiro: um jovem com casaco de pele de camelo e um casal de meia-idade. Será que estavam tão constrangidos quanto ele?

— É um tanto pequeno — comentou a mulher.

— Compacto — corrigiu o casaco de camelo, delicadamente. — De fácil manutenção.

A mulher passou o dedo pela lateral da pia e torceu o nariz.

— Acho que já vimos o suficiente — anunciou o homem de meia-idade. Saíram do banheiro.

— Atenderia perfeitamente às nossas necessidades — comentou a mulher.

Seguiu-se uma conversa em vozes mais baixas. Richard saiu da banheira e foi com cuidado até a porta. Lá estava a toalha na cadeira, no corredor para o quarto; colocou o braço para fora e a pegou.

— Vamos ficar com ele — anunciou a mulher.

— Vão? — indagou o casaco de camelo.

— É exatamente o que estamos procurando — explicou ela. — Ou melhor, vai ser, assim que o tornarmos mais aconchegante. Podemos ocupá-lo na quarta-feira?

— Mas é claro. Amanhã mesmo nos livramos dessa tralha. Sem problemas.

À porta do banheiro, sentindo frio e pingando e se cobrindo com a toalha, Richard lançou um olhar raivoso para eles.

— Não é tralha, são as minhas coisas!

— Então na quarta pegamos as chaves no seu escritório.

— Ei! — choramingou Richard. — Eu moro aqui!

Os três passaram por ele ao se dirigirem à porta do apartamento.

— Foi um prazer tratar com vocês — disse o casaco de camelo.

— Vocês não... não estão me ouvindo? Esta casa é minha. Eu moro aqui!

— Se você puder enviar por fax os detalhes do contrato para o meu escritório... — disse o homem bruto, e os três saíram, batendo a porta.

Richard ficou ali parado na sala que costumava ser sua, no silêncio, tremendo de frio.

— Isso não está acontecendo — anunciou ao mundo, em desafio direto às evidências capturadas pelos sentidos.

O Batfone começou a guinchar, os faróis piscando. Richard atendeu com receio.

— Alô?

A linha chiava e estalava, como se a ligação fosse de muito longe. A voz era desconhecida.

— Senhor Mayhew? Senhor Richard Mayhew?

— Sim — respondeu ele. E depois, maravilhado: — Você pode me ouvir. Ah, graças a Deus. Quem é?

— Meu parceiro e eu nos apresentamos ao senhor no sábado, senhor Mayhew. Eu inquiri a respeito do paradeiro de determinada jovem. Está recordado? — A voz ondulava em entonações escorregadias, maldosas, raposinas.

— Ah. Sim. Você.

— Senhor Mayhew. O senhor afirmou não estar em companhia de Door. No entanto, temos razões para acreditar que o senhor adulterou a verdade, e em grande medida.

— E *vocês* disseram que eram irmãos dela.

— Todos os homens são irmãos, senhor Mayhew.

— Ela não está mais aqui. E não sei para onde foi.

— Temos conhecimento disso, senhor Mayhew. Estamos perfeitamente cientes de ambos os fatos. E, sendo magnanimamente franco, senhor Mayhew... pois tenho certeza de que conta com minha franqueza... eu, se fosse o senhor, não voltaria a me preocupar com aquela jovem. Os dias de Door estão contados, e o número em questão não chega sequer a dois dígitos.

— O que você quer?

— Senhor Mayhew... o senhor conhece o sabor do próprio fígado? — indagou o sr. Croup, muito prestativo.

Richard não respondeu. O sr. Croup continuou:

— É que o senhor Vandemar me garantiu que vai, ele próprio, arrancá-lo de seu corpo e enfiá-lo em sua boca antes de cortar seu lindo pescocinho. Assim o senhor saberá qual é o gosto, não é mesmo?

— Vou ligar para a polícia. Você não pode me ameaçar assim.

— Senhor Mayhew. O senhor pode ligar para quem quiser, mas odiaríamos que pensasse nisto como uma ameaça. Nem eu nem o senhor Vandemar ameaçamos ninguém, não é mesmo, senhor Vandemar?

— Ah, não? — disse Richard. — Então isso foi *o quê*?

— Uma promessa — respondeu o sr. Croup, do outro lado da linha cheia de estática, eco e chiado. — E sabemos onde o senhor mora.

E desligou.

Richard segurava o telefone com força, encarando o aparelho. Então, espancou três vezes o número nove.

— Serviços de emergência — atendeu o operador. — Bombeiros, polícia ou ambulância?

— Pode me transferir para a polícia, por favor? Um homem acabou de me ameaçar de morte, e acredito que seja sério.

Silêncio. Richard torceu para estar sendo transferido. Depois de alguns momentos, porém, a voz voltou a se pronunciar:

— Serviços de emergência. Alô? Alguém na linha? Alô?

Richard desligou o Batfone e foi até o quarto se vestir, porque estava nu e sentindo frio e medo, e porque simplesmente não havia mais nada que pudesse fazer.

Depois de muito pensar, pegou a bolsa esportiva preta, que guardava embaixo da cama, e enfiou algumas meias. E cuecas. Algumas camisetas. O passaporte. A carteira. Estava de calça jeans, tênis e uma blusa de frio grossa. Lembrou-se de como a garota que dizia se chamar Door se despedira; como tinha hesitado e pedido desculpas...

— Você sabia — disse ele ao apartamento vazio. — Você sabia que isso ia acontecer.

Foi até a cozinha, pegou algumas frutas e as colocou na bolsa. Então fechou o zíper e saiu para a rua escura.

O caixa eletrônico sugou o cartão com um leve zunido. DIGITE SUA SENHA, exigiu a máquina. Richard obedeceu. A tela ficou preta. Em seguida: POR FAVOR, AGUARDE. Em algum lugar nas entranhas da máquina, algo rugia e resmungava.

CARTÃO INVÁLIDO. O caixa fez um clique e expeliu o cartão.

— Tem um trocado? — perguntou uma voz cansada atrás dele.

Richard se virou: o homem era baixo, velho e tinha um princípio de careca. A barba irregular era um emaranhado confuso de fios loiros e grisalhos, e as linhas do rosto eram marcadas pelo preto da sujeira. Usava um casaco imundo sobre um suéter cinza-escuro. Os olhos, também cinzentos, estavam cheios de remela.

Richard entregou o cartão ao homem.

— Toma. Pode ficar. Tem umas mil e quinhentas libras, se você conseguir sacar.

O homem pegou o cartão com as mãos encardidas pela vida nas ruas, examinou-o, virando-o de ambos os lados, e respondeu, sem a menor

empolgação:

— Valeu mesmo. Com mais sessenta *pence* eu consigo um belo cafezinho. Devolveu o cartão a Richard e lhe deu as costas para se afastar.

Richard pegou a bolsa e foi atrás do sujeito.

— Ei. Espera aí. Você pode me ver!

— Não tem nada de errado com os *meus* olhos — retrucou o homem.

— Ei, você já ouviu falar de um lugar chamado “Mercado Flutuante”? Preciso ir até lá. É que uma garota chamada Door...

Mas o homem começou a recuar. Parecia nervoso.

— Olha, eu preciso muito de ajuda — implorou Richard. — Por favor!

O homem o encarava sem demonstrar piedade. Richard suspirou.

— Tudo bem. Desculpe incomodar.

Então, ele se virou e, agarrando a alça da mochila com as duas mãos para firmá-la, saiu andando pela High Street.

— Psiu.

Richard olhou para trás: o homem gesticulava.

— Vem cá, anda. Depressa, cara.

O homem desceu apressado alguns degraus de uma entre várias casas abandonadas na lateral da rua — degraus largos, que as pessoas usavam para depositar lixo e que levavam a apartamentos de subsolo abandonados. Richard foi atrás dele. No fim da descida havia uma porta, que o sujeito abriu; ele entrou, esperou Richard passar e a fechou. Ali dentro, viram-se no escuro. Ouviu-se um ruído, seguido pelo chiado de um fósforo ganhando vida: o homem encostou o fósforo no pavio de um velho lampião ferroviário, que, no entanto, emitia menos luz que o fósforo, e os dois seguiram pela semiescuridão.

O lugar cheirava a mofo, umidade e tijolos antigos, a podridão e negrume.

— Onde estamos? — sussurrou Richard.

O guia o calou com um “shhhh”. Chegaram a uma segunda porta. O homem deu batidas ritmadas. Depois de um instante, a porta foi aberta.

Por um momento, Richard ficou cego pela luz repentina. Estava em uma sala gigantesca de teto abobadado, um salão subterrâneo cheio de fumaça e muito iluminado pelas pequenas fogueiras que queimavam por todos os lados. Gente envolta em sombras cercava as chamas, tostando pequenos animais em espetos. Alguns corriam de fogueira em fogueira. A cena lhe lembrou o inferno — ou melhor, o inferno tal como o imaginava quando estava na escola. A fumaça arranhava seus pulmões. Richard tossiu. Nisso, centenas de olhos se viraram para ele: centenas de olhos pouco amigáveis, sem piscar.

Um homem se aproximou rapidamente. Tinha cabelo comprido, uma barba marrom cheia de falhas e usava roupas esfarrapadas adornadas com peles — peles alaranjadas, pretas e brancas, como as cores de um gato

malhado. Seria mais alto que Richard se não andasse tão encurvado, as mãos junto ao peito com os dedos unidos.

— O quê? O que é? O que é isso? — perguntou o homem ao que guiava Richard. — Quem trouxeste para nós, Iliaster? Diga-diga-diga.

— Ele é lá de cima — explicou o guia. (*Iliaster?*) — Estava perguntando sobre lady Door. E sobre o Mercado Flutuante. Trouxe para você, lorde Arauto dos Ratos. Achei que você saberia o que fazer com ele.

Agora, mais de uma dúzia de pessoas enroladas em peles os cercava, mulheres e homens, até algumas crianças. Moviam-se em surtos: momentos de calma seguidos por passos acelerados na direção de Richard.

O lorde Arauto dos Ratos remexeu dentro dos farrapos de peles e pegou um ameaçador pedaço de vidro fino, de uns vinte centímetros. Fiapos de pele mal curtida haviam sido amarrados na base, improvisando uma empunhadura. A luz das fogueiras reluzia na lâmina de vidro. O lorde Arauto dos Ratos encostou o caco pontiagudo na garganta de Richard.

— Ah, sim. Sim-sim-sim — trinou ele, empolgado. — Sei *muito bem* o que fazer com ele.

QUATRO

—

O SR. CROUP e o sr. Vandemar tinham se instalado no porão de um hospital vitoriano fechado havia dez anos por conta de cortes no orçamento do Ministério da Saúde. A empresa de desenvolvimento imobiliário anunciara a intenção de transformar o edifício em um condomínio de luxo incomparável, mas desapareceu logo que o hospital fechou as portas. Portanto, o prédio permanecia ali, ano após ano, vazio, sem vida e indesejado, as janelas com tapumes e as portas com cadeados. O teto apodrecido deixava passar gotas de chuva para o interior vazio, espalhando umidade e decrepitude. O hospital fora construído ao redor de um pátio central, que permitia a entrada parcial de uma luz cinzenta pouco amigável.

O universo contido no porão abaixo das alas do hospital consistia em mais de cem salas minúsculas, algumas vazias, outras repletas de suprimentos hospitalares deixados para trás. Em uma dessas salas, havia uma enorme fornalha de metal larga e baixa, enquanto a seguinte abrigava vasos sanitários e chuveiros com canos entupidos e sem água. A maior parte do assoalho das salas estava coberta por uma camada fina e oleosa de água da chuva, que devolvia ao teto apodrecido reflexos da escuridão e da decadência.

Quem descesse os degraus até o ponto mais profundo do edifício, passando pelos vestiários abandonados, pelos banheiros dos funcionários, por uma sala cheia de vidro quebrado — onde o teto inteiro havia desabado, deixando ver o trecho de escada acima —, chegaria a uma pequena escada de ferro enferrujada, cuja pintura originalmente branca descascava em longas tiras de tinta úmida. E quem descesse aquela escada, cruzasse a área pantanosa do piso e forçasse caminho por uma porta de madeira semiapodrecida chegaria ao subporão, um espaço imenso abarrotado de cento e vinte anos de resíduos hospitalares acumulados, abandonados e, por fim, esquecidos. Era ali que o sr. Croup e o sr. Vandemar haviam se instalado, por ora. As paredes eram úmidas, a água pingava do teto. Coisas estranhas se deterioravam nos cantos — algumas das quais já haviam sido vivas.

O sr. Croup e o sr. Vandemar estavam matando tempo. O sr. Vandemar tinha arranjado em algum lugar uma centopeia, uma criatura vermelho-alaranjada de quase vinte centímetros, com assustadoras presas venenosas, e no momento se distraía deixando-a correr por suas mãos, vendo-a se

enroscar em seus dedos, desaparecer por uma manga do casaco e sair pela outra no instante seguinte. O sr. Croup brincava com giletes. Desde que encontrara, em um canto, uma caixa cheia de lâminas de cinquenta anos de idade embaladas em papel-manteiga, vinha tentando encontrar o que fazer com elas.

— Se puder me dirigir sua atenção, senhor Vandemar — disse o sr. Croup depois de um tempo —, pouse seus olhinhos nisto.

O sr. Vandemar segurou a cabeça da centopeia delicadamente entre o dedão imenso e o indicador gigante, para fazê-la parar de se retorcer, e olhou para o sr. Croup.

O sr. Croup apoiou a mão esquerda na parede, os dedos bem abertos, pegou cinco giletes com a mão direita, mirou com cuidado e as arremessou. As lâminas se cravaram na parede entre os dedos do sr. Croup. Era como um experiente atirador de facas apresentando uma versão miniatura de seu show. Quando o sr. Croup tirou a mão, as lâminas na parede marcavam a posição dos dedos, e ele se virou para o parceiro em busca de aprovação.

O sr. Vandemar não se impressionou.

— Qual é a graça nisso? Você não acertou um único dedo.

O sr. Croup deu um suspiro.

— Não acertei? Oh! Valha-me Deus, tem razão. Como pude ser tão tolo? — Ele tirou as lâminas da parede, uma de cada vez, e as largou na mesa de madeira. — Por que não me mostra como se faz?

O sr. Vandemar assentiu, colocando a centopeia no pote de geleia vazio. Apoiou a mão esquerda na parede. Ergueu o braço direito: na mão estava sua faca, uma faca excelente, afiada e perfeitamente balanceada. Então cerrou os olhos e arremessou. A faca cruzou o ar bem como uma faca grande e muito afiada cruzaria o ar em alta velocidade e se cravou no reboco úmido da parede com um som abafado, atravessando, no caminho, as costas da mão do sr. Vandemar.

Um telefone começou a tocar.

O sr. Vandemar olhou em volta, satisfeito, a mão ainda presa à parede.

— É *assim* que se faz.

Havia um telefone antigo no canto da sala. Uma antiguidade em madeira e baquelite, de parede, que não era usado no hospital desde a década de 1920. O sr. Croup pegou o fone, ligado por um fio comprido e reforçado com trapos enrolados, e falou pelo bocal, que ficava preso à base:

— Croup e Vandemar Ltda. Obliteração de obstáculos, erradicação de inconveniências, extração de membros inoportunos e serviços de odontologia.

A pessoa do outro lado da linha se pronunciou, e o sr. Croup se contraiu involuntariamente. O sr. Vandemar tentou puxar a mão da parede, mas estava bem presa e não queria sair de jeito nenhum.

— Ah. Sim, senhor. Sim, claro. A propósito, permita-me observar que sua confabulação telefônica ilumina e alegria um dia até então deveras lamentável e tedioso. — Mais uma pausa. — Certamente. Contarei minhas adulações e delongas. Com prazer. É uma honra e... O que sabemos? Sabemos que... — Uma interrupção. O sr. Croup coçou o nariz; pensativo, paciente. — Não, não sabemos onde ela está neste exato momento. Não é necessário. Ela estará no Mercado hoje à noite, e... — Ele comprimiu os lábios. — Não temos intenção de violar o tratado de trégua estabelecido no Mercado. Estamos considerando mais algo como esperar até que ela saia e surrupiá-la...

Então ficou um tempo em silêncio, apenas escutando, de vez em quando assentindo.

O sr. Vandemar tentou puxar a faca da parede com a mão livre, mas a lâmina estava bem presa.

— Sim, isso pode ser providenciado — respondeu o sr. Croup, ainda ao telefone. — Exato, será providenciado, foi o que quis dizer. Claro. Sim. Entendo. Ah, senhor, talvez possamos falar sobre... — Mas a pessoa do outro lado havia desligado. O sr. Croup encarou o fone. Um instante depois, colocou-o de volta no gancho. — Você se acha muito esperto — murmurou.

Só então notou a situação em que o sr. Vandemar se encontrava.

— Pare com isso — ralhou o sr. Croup.

Ele foi até lá, arrancou a faca da parede e da mão do sr. Vandemar e a colocou sobre a mesa.

O sr. Vandemar sacudiu a mão e flexionou os dedos, depois limpou os restos de reboco grudados na lâmina.

— Quem era?

— Nosso empregador. Parece que não vai funcionar com a outra. Muito nova. Tem que ser a mulher Door.

— Então não temos mais permissão para matá-la?

— Isso, sr. Vandemar, seria um perfeito resumo da situação. Bem, parece que a pequena senhorita Door anunciou que deve contratar um guarda-costas. No Mercado. Hoje à noite.

— E...?

O sr. Vandemar cuspiu no dorso da mão (por onde a faca tinha entrado) e na palma (por onde tinha saído) e esfregou o cuspe com o enorme dedo. A abertura na carne se fechou, cicatrizou, a mão curada.

O sr. Croup pegou do chão seu velho casaco pesado e preto. Vestiu-o.

— Então, senhor Vandemar, não seria apropriado contratarmos um guarda-costas também para nós?

O sr. Vandemar guardou a faca na bainha de braço e também vestiu seu casaco. Enfiou as mãos bem fundo nos bolsos e ficou positivamente surpreso ao encontrar, em um deles, um rato quase intacto. Ótimo. Estava com fome.

Ponderou sobre a última declaração do sr. Croup com a intensidade de um legista dissecando seu grande e verdadeiro amor; percebendo a falha no raciocínio do parceiro, manifestou-se:

— Não precisamos de um guarda-costas, senhor Croup. Nós é que machucamos as pessoas. Ninguém nos machuca.

O sr. Croup apagou as luzes.

— Ah, senhor Vandemar — respondeu, apreciando o som daquelas palavras, assim como apreciava o som de todas as palavras —, se nos cortam, não sangramos?

O sr. Vandemar ponderou por um instante, no escuro. Então respondeu, muito corretamente:

— Não.

— Um espião do Mundo Superior, hein? — indagou o lorde Arauto dos Ratos. — Eu deveria rasgá-lo da goela às entranhas e prever o futuro com suas vísceras.

— Veja bem — começou Richard, encurralado contra a parede, a adaga de vidro pressionando seu pomo de adão —, acho que o senhor está cometendo um tremendo engano. Meu nome é Richard Mayhew. Posso provar quem sou. Tenho minha carteirinha do plano de saúde. Cartão de crédito. — Acrescentou desesperado: — Coisas.

Richard notou, com a clareza impassível de quem está prestes a ter a garganta cortada por um lunático com um caco de vidro, que, do outro lado do salão, pessoas se prostravam no chão em reverência, permanecendo abaixadas. Uma silhueta negra muito pequena avançava na direção deles.

— Acredito que um momento de reflexão provará que tudo isso é pura tolice — prosseguiu Richard. Ele não tinha a menor ideia do significado das palavras, sabia apenas que saíam de sua boca e que, enquanto estivesse falando, era porque estava vivo. — Agora, por que não vira isso para lá e... Hã, com licença, essa bolsa é minha. — Essa última parte foi dirigida a uma garota magra e maltrapilha, de dezesseis ou dezessete anos, que pegara a bolsa dele e estava despejando no chão, sem o menor cuidado, todos os pertences que continha.

As pessoas no salão continuaram a se curvar, e a permanecer curvadas, conforme se aproximava a silhueta diminuta, que naquele momento alcançava o grupo ao redor de Richard. Mas nenhum deles notou a chegada da criatura, pois olhavam para o intruso.

Era um rato, que o olhou com curiosidade. Richard teve a impressão bizarra, porém fugaz, de que o animal havia *piscado* para ele com um de seus olhinhos negros como petróleo. O bicho então guinchou bem alto.

O homem da adaga de vidro caiu de joelhos. Os outros ao redor fizeram o mesmo. Diante disso, o mendigo, aquele a quem haviam chamado de Iliaster, imitou o gesto também, embora após um segundo de hesitação e, em comparação, um pouco sem jeito. Num piscar de olhos, Richard passara a ser o único de pé. Até que a adolescente lhe deu um puxão no cotovelo, e, enfim, ele também se curvou, apoiando-se em um dos joelhos.

O lorde Arauto dos Ratos curvou-se tanto que seu cabelo comprido varria o chão. Ele respondeu ao rato com o mesmo tipo de som, franzindo o nariz, arreganhando os dentes, guinchando e sibilando, para todos os efeitos ele mesmo um rato gigante.

— Ei, será que alguém pode me dizer... — começou Richard.

— Quietos! — ralhou a garota.

O rato subiu (um tanto desdenhoso, ao que pareceu) na mão suja do lorde Arauto dos Ratos, que o ergueu respeitosamente diante do rosto de Richard. O bicho ondulava a cauda de maneira lânguida enquanto inspecionava os traços do recém-chegado.

— Este é o mestre Caudalonga, do clã Cinzento — anunciou o lorde Arauto dos Ratos. — Ele disse que você não lhe é estranho. Quer saber se já se conhecem de algum lugar.

Richard olhou para o rato. O rato olhou para Richard.

— Hã... é possível — admitiu ele.

— Caudalonga disse que estava cumprindo um favor que devia ao marquês De Carabás.

Richard olhou para o animal com mais atenção.

— Ah, *aquele* rato? Sim, já nos conhecemos. Inclusive joguei o controle remoto nele. — Algumas pessoas ao redor pareceram horrorizadas. A garota magrela chegou a guinchar. Richard não deu muita atenção a tais reações, pois finalmente encontrava algo de familiar naquela loucura. — Olá, ratinho. Que bom vê-lo outra vez. Sabe onde posso encontrar Door?

— Ratinho! — exclamou a garota, em um guincho que saiu abafado pelo pavor.

Ela usava um broche grande, de um vermelho desbotado, preso na roupa esfarrapada; daqueles que vêm em cartões de aniversário. No broche estava escrito, em letras amarelas: Eu fiz onze anos.

O lorde Arauto dos Ratos agitou a adaga de vidro em advertência a Richard.

— Você não pode se dirigir ao mestre Caudalonga, a não ser por meu intermédio — ralhou. O rato guinchou uma ordem, e o sujeito ficou de queixo caído. — Ele? — indagou, encarando Richard com desdém. — Veja, não posso abrir mão de ninguém. Que tal se eu simplesmente cortar a garganta dele e mandar o corpo para o Povo do Esgoto...?

O rato guinchou outra vez, em um tom decisivo, depois pulou do ombro do homem para o chão e desapareceu em um dos muitos buracos nas

paredes.

O lorde Arauto dos Ratos se levantou. Centenas de olhos estavam fixos nele. O sujeito se virou para a multidão no salão e observou seus súditos, agachados ao lado das fogueiras alimentadas por óleo.

— Estão olhando o quê? — gritou ele. — Quem está virando os espetos, hein? Querem que a comida queime? Não tem nada aqui para vocês. Ora essa. Vocês... vocês sumam da minha frente!

Richard se levantou, nervoso. Esfregou a perna esquerda, que formigava dolorosamente. O lorde Arauto dos Ratos se virou para Iliaster.

— Ele tem que ser levado ao Mercado. Ordens do mestre Caudalonga.

Iliaster balançou a cabeça e cuspiu no chão.

— Olha, eu é que não vou levar. Custaria minha vida, ir até lá. Vocês, que falam com os ratos, sempre foram bons comigo, mas não posso voltar lá. Você sabe disso.

O lorde Arauto dos Ratos assentiu, guardando a adaga entre os pelos da veste. Então sorriu para Richard com seus dentes amarelados.

— Você não faz ideia de como teve sorte agora há pouco.

— Ah, sei, sim. E como sei.

— Não. Não sabe — retorquiu o homem, balançando a cabeça. E murmurou consigo mesmo, indignado: — “Ratinho”...

O lorde Arauto dos Ratos tomou o braço de Iliaster. Os dois se afastaram um pouco e começaram a conversar, volta e meia olhando de esguelha na direção de Richard.

A garota magra devorava uma das bananas que encontrara na bolsa de Richard. Era, considerou ele, uma demonstração da forma menos erótica possível de se comer uma banana.

— Isso era para ser meu café da manhã, sabia? — comentou ele. A garota ergueu um olhar cheio de culpa. — Meu nome é Richard. E o seu?

A garota, que já tinha engolido quase todas as frutas da bolsa, terminou a banana. Ela hesitou; em seguida, esboçou um sorriso e disse um nome que soava muito como “Anaesthesia”.

— Eu estava com fome — explicou.

— Eu também — retrucou Richard.

A garota olhou para as pequenas fogueiras pelo salão, depois de volta para Richard. Sorriu outra vez.

— Você gosta de gato? — perguntou.

— Sim — respondeu Richard. — Adoro gatos.

Anaesthesia ficou aliviada.

— Prefere coxa ou peito?

A garota chamada Door cruzava a praça seguida pelo marquês De Carabás. Havia centenas de outras pequenas praças, vilas e vielas em Londres exatamente como aquela, pequenos refúgios dos velhos tempos, imutáveis fazia trezentos anos. Até o cheiro de mijo era o mesmo que na época de Samuel Pepys. Faltava ainda uma hora para amanhecer, mas o céu já começava a clarear, adquirindo uma cor de chumbo meio lúgubre. Feixes de névoa flutuavam como fantasmas pálidos.

A porta estava cerrada com alguns poucos tapumes e coberta por pôsteres manchados de bandas esquecidas e boates havia muito fechadas. Os dois pararam na frente do local. O marquês observou os tapumes cobertos de pregos e pôsteres e não pareceu impressionado; no entanto, ele nunca parecia se impressionar com nada.

— Então é aqui a entrada? — indagou.

Door assentiu.

— Uma delas.

Ele cruzou os braços.

— Vamos, então? Diga seu *abra-te sésamo* ou seja lá o que você faz.

— Não quero fazer isso — retrucou ela. — Não sei se é o certo a ser feito.

— Muito bem. — Ele descruzou os braços. — Até outro dia.

O marquês girou nos calcanhares e começou a seguir por onde tinham vindo.

Door o segurou pelo braço.

— Você me abandonaria? — perguntou. — Assim, sem mais nem menos?

Ele abriu um sorriso sem humor.

— Mas é claro. Sou um homem muito ocupado. Tenho coisas a encontrar. Gente para ver.

— Espere um pouco. — Door o soltou e mordeu o lábio inferior. — Da última vez que estive aqui... — Mas não terminou a frase.

— Da última vez que você esteve aqui, encontrou sua família morta. Pronto. Agora você não precisa explicar. Mas, se não vamos entrar, nossa relação comercial acaba aqui.

Ela ergueu o olhar para ele, a luz da alvorada empalidecendo seu rosto delicado.

— E só?

— Também posso lhe desejar toda a sorte do mundo na nova carreira, mas temo que você não viva o suficiente para começar.

— Você é mesmo uma figura.

O marquês não respondeu ao comentário. Door voltou à porta.

— Bem... vamos — disse ela. — Vou abrir.

Ela posicionou a mão esquerda em um dos tapumes que bloqueavam a porta e, com a direita, segurou a enorme mão escura do marquês, seus dedos

muito pequenos entrelaçando-se nos dele, bem maiores. Door fechou os olhos.

... um sussurro e um arrepio e uma mudança...

... e a porta desmoronou para dentro da escuridão.

A lembrança era recente, tinha poucos dias: Door entrando na Casa Sem Portas, gritando “Cheguei!” e “Tem alguém aí?”. Passou do vestíbulo para a sala de jantar, a biblioteca, a sala de estar; ninguém respondeu. Seguiu para outro cômodo.

A piscina interna era uma estrutura vitoriana de mármore e ferro fundido. Quando mais novo, o pai encontrara o lugar abandonado e prestes a ser demolido, e o conectara à estrutura da Casa Sem Portas. No mundo lá fora, na Londres de Cima, aquele espaço talvez tivesse sido destruído e esquecido havia tempos. Door não fazia ideia da localização física daqueles cômodos. O avô construíra a casa pegando um aposento aqui, outro ali, por toda a Londres, sempre com discrição e sem portas; posteriormente, o pai ampliara o lugar.

Ela caminhou ao longo da margem lateral da velha piscina, feliz por estar em casa, intrigada por não encontrar a família. Então, olhou para baixo.

Um corpo flutuava na água, deixando atrás de si nuvens gêmeas de sangue, uma partindo do pescoço, outra da virilha. Era seu irmão, Arch. Os olhos dele estavam arregalados e distantes. Door reparou que estava, ela própria, de boca aberta. Ouviu a si mesma gritar.

— Isso doeu — comentou o marquês.

Ele esfregou a testa com força e alongou o pescoço, como se tentasse aplacar um súbito torcicolo.

— Lembranças — explicou Door. — Estão registradas nas paredes.

Ele ergueu a sobancelha.

— Você podia ter me avisado.

— Ah, sim. Tem razão.

Estavam em um aposento branco muito grande. Quadros cobriam todas as paredes. Cada quadro mostrava um cômodo diferente. O aposento branco não tinha portas, nenhum tipo de abertura.

— Decoração interessante — observou o marquês.

— Este é o saguão de entrada. Daqui, podemos ir para qualquer outro cômodo da Casa. Todos são conectados.

— Onde ficam esses outros cômodos?

— Não sei — respondeu Door. — A quilômetros daqui, provavelmente. Espalhados por todo o Submundo.

O marquês tinha conseguido cruzar a sala em poucas e impacientes passadas.

— Impressionante. Uma casa associativa, cada cômodo situado em algum outro lugar. Muito engenhoso. Seu avô era um homem de visão, Door.

— Não cheguei a conhecê-lo. — Ela engoliu em seco e falou, tanto para ele quanto para si mesma: — Achávamos que estaríamos seguros aqui. Que ninguém poderia nos machucar. Só minha família sabia navegar por estas salas.

— Vamos torcer para que o diário do seu pai nos dê algumas pistas. Por onde começamos a procurar?

Door deu de ombros.

— Tem certeza de que ele tinha um diário? — insistiu De Carabás.

Ela assentiu.

— Ele se trancava no escritório e isolava o cômodo até terminar de ditar as entradas.

— Então é por lá que vamos começar.

— Mas já procurei lá. Juro. Eu *procurei*! Quando estava limpando o corpo...

Ela começou a chorar, em soluços baixos e enraivecidos, que pareciam arrancados da alma.

— Calma, calma — falou o marquês De Carabás, sem jeito, dando tapinhas no ombro de Door. Só mais uma vez, por garantia: — Calma. — Ele não era muito bom em consolar os outros.

Os olhos de cores incomuns de Door estavam cheios de lágrimas.

— Você... você pode me dar um minuto? Vou ficar bem.

O marquês assentiu e foi para o outro extremo da sala. Quando olhou para trás, Door continuava de pé, sozinha, a silhueta recortada contra a entrada branca da câmara cheia de quadros de salas, abraçando a si mesma, tremendo convulsivamente e chorando como uma garotinha.

Richard ainda não havia superado o fato não lhe terem devolvido a bolsa.

O lorde Arauto dos Ratos se manteve irredutível. Declarou enfaticamente que o rato — mestre Caudalonga — não tinha dito nada sobre devolver os pertences de Richard. Dissera apenas que ele deveria ser levado ao Mercado. O lorde informou a Anaesthesia que ela estava incumbida de levar o cara lá de cima ao Mercado e que, sim, era uma ordem. E ela que parasse de choramingar e tratasse de se mexer. A Richard, disse apenas que se ele, o lorde Arauto dos Ratos, o visse outra vez, então ele, Richard, iria se ver com ele, o lorde Arauto dos Ratos. E reiterou que Richard não tinha ideia da sorte que tivera e, ignorando as solicitações de Richard para que suas coisas

— ou pelo menos a carteira — lhe fossem devolvidas, levou os dois até uma porta e a trancou assim que passaram.

Richard e Anaesthesia caminhavam lado a lado escuridão adentro.

Ela carregava uma lamparina improvisada com uma vela, uma lata, alguns fios e uma garrafinha de limonada de boca larga. Para Richard, foi surpreendente como seus olhos se adaptaram rápido à escuridão quase total. O lugar parecia uma série de galerias subterrâneas e porões de armazenamento. Às vezes, pensava ter visto algum movimento nos cantos mais distantes das galerias, mas sempre — fosse humano, rato ou alguma outra criatura — já tinha desaparecido quando se aproximavam. Tentou falar com Anaesthesia sobre aquilo, mas ela o mandou ficar quieto.

Um sopro de ar frio atingiu o rosto de Richard. A menina-rata se agachou de repente, colocou a lamparina no chão, agarrou uma grade de metal encaixada na parede e a puxou com força. A grade se abriu subitamente, lançando-a ao chão. Ela fez sinal para Richard entrar por ali. Ele se abaixou e entrou engatinhando, bem devagar; depois de quase meio metro, o chão simplesmente acabava.

— Ei — sussurrou Richard —, tem um buraco aqui.

— Não é muito fundo — respondeu a garota. — Pode ir.

Ela entrou e recolocou a grade. Richard a sentia a uma proximidade desconfortável.

— Toma — pediu, entregando a ele a pequena lamparina e sumindo na escuridão abaixo. — Pronto. Não foi tão ruim, viu? — Seu rosto estava um pouco abaixo dos pés de Richard. — Pode me devolver a lamparina.

Ele obedeceu. Anaesthesia precisou dar um pulo para alcançar a lamparina.

— Agora é a sua vez — sussurrou ela.

Richard avançou bem pouquinho, tenso, inclinou o corpo para a frente e se pendurou na borda. Ficou assim por um instante, depois se soltou. Aterrissou de quatro, as mãos e os pés afundando em uma lama macia e úmida. Limpou as mãos no suéter. Alguns metros à frente, Anaesthesia abria outra porta, que atravessaram também; ela a fechou depois de entrarem.

— Agora podemos falar — anunciou. — Não muito alto, mas podemos. Se você quiser.

— Ah. Que bom. — Porém, Richard não conseguia pensar no que dizer. — Então... Hm... Você é um rato?

Ela deu uma risadinha aguda, como uma menina japonesa, cobrindo a boca com a mão.

— Quem me dera — respondeu. — Não tive essa sorte. Não; só falo ratês. Nós falamos com ratos.

— Como assim? Vocês conversam, é isso?

— Ah, não. Também fazemos coisas para eles. É que... — o tom de voz dela implicava algo que nunca teria ocorrido a Richard espontaneamente —

... *existem* certas coisas que os ratos *não conseguem* fazer, sabe? Por não terem dedos, polegares, essas coisas. Ei!

Sem mais nem menos, ela o empurrou contra a parede e tampou sua boca com a mão imunda. Apagou a vela.

Nada aconteceu.

Então ele ouviu vozes vindas de longe. Os dois esperaram, na escuridão fria. Richard sentiu um tremor.

Pessoas passaram por ali, conversando em tons graves. Quando todos os sons morreram na distância, Anaesthesia baixou a mão e reacendeu a vela, e os dois seguiram caminho.

— Quem eram aquelas pessoas? — perguntou ele.

A garota deu de ombros.

— Não importa.

— Então por que você achou que não ficariam felizes em nos ver?

Ela lançou a Richard um olhar de pena, como uma mãe tentando explicar ao filho pequeno que, sim, *aquela* chama também é quente. *Todas* são. Por favor, confie na mamãe.

— Vamos. Eu conheço um atalho. Podemos até dar um pulo na Londres de Cima.

Eles subiram alguns degraus de pedra, e, no alto, ela abriu uma porta. Quando os dois passaram, a porta se fechou.

Richard olhou ao redor, perplexo. Estavam no Victoria Embankment, um aterro quilométrico construído durante a era vitoriana na margem norte do Tâmbisa, para cobrir o sistema de drenagem e a recém-criada linha District do metrô e substituir as malcheirosas margens lamacentas que infestaram as margens do Tâmbisa por quinhentos anos. Ainda era noite — ou talvez fosse noite outra vez. Richard não sabia quanto tempo passara andando pelas trevas dos caminhos subterrâneos.

Não havia lua, mas o céu noturno exibia um apinhado de brilhantes e resplandecentes estrelas de outono. Havia também as luzes dos postes, dos edifícios e das pontes, que pareciam estrelas terrenas, e brilhavam duplamente, refletidas junto com a cidade na água noturna do Tâmbisa. *É a terra encantada*, pensou Richard.

Anaesthesia apagou a vela.

— Tem certeza de que é por aqui? — indagou Richard.

— Tenho. Absoluta.

No instante em que pousou os olhos em um banco de madeira próximo, Richard achou que fosse um dos objetos mais desejáveis que já vira.

— Podemos sentar? — pediu. — Só um pouquinho.

Anaesthesia deu de ombros. Sentaram-se cada um em uma ponta do banco.

— Na sexta-feira, eu fazia parte de uma das melhores empresas de análise de investimento financeiro de Londres.

— O que é esse negócio de investimento finãosei?

— Era o meu trabalho.

Ela assentiu, satisfeita.

— Entendi. E...?

— Só estou relembrando, na verdade. Ontem... era como se eu não existisse mais, para ninguém aqui em cima.

— É porque não existe mesmo — explicou Anaesthesia.

Um casal boêmio que viera caminhando de mãos dadas preguiçosamente pelo Embankment se sentou bem no meio do banco, entre os dois, e começou a trocar beijos apaixonados.

— Ei, vocês — reclamou Richard.

O homem enfiou a mão por dentro da blusa da mulher, movendo-a com entusiasmo; um viajante solitário descobrindo um continente inexplorado.

— Quero minha vida de volta — resmungou Richard para o casal.

— Eu te amo — declarou o homem.

— Mas a sua esposa... — retrucou a mulher, lambendo o rosto dele.

— O que você quer com ela?

— Não quero nada com ela — respondeu a mulher, dando uma risadinha bêbada. — Eu quero é você. — E colocou a mão entre as pernas dele, dando mais risadinhas.

— Vamos embora — disse Richard, sentindo que a vizinhança tinha tornado o banco um local menos atraente.

Eles se levantaram e se afastaram. Anaesthesia se virou para trás, olhando com curiosidade para o casal, que aos poucos ficava cada vez mais horizontal.

Richard não se pronunciou.

— Algum problema? — perguntou a garota.

— Mais ou menos todos — respondeu ele. — Você passou a vida toda lá embaixo?

— Ah, não. Nasci aqui em cima. — Ela hesitou. — Mas você não ia querer saber.

Richard percebeu, quase surpreso, que gostaria de saber a história dela.

— Quero, sim. Juro.

Ela apalpou as miçangas de quartzo bruto do colar que usava e engoliu em seco.

— Era eu, minha mãe e as gêmeas... — começou, mas logo parou de falar, fechando a boca decidida.

— Continue — pediu Richard. — Pode falar, não tem problema. Mesmo.

A garota assentiu, respirou fundo e recomeçou, mas não olhava para ele enquanto falava, os olhos fixos no chão à frente.

— Bom, minha mãe teve minhas irmãs e eu, mas aí ela ficou meio maluca das ideias. Um dia, voltei da escola e a encontrei chorando sem parar, toda pelada e quebrando as coisas. Pratos e tal. Mas ela nunca machucou a

gente. Nunca. Aí veio uma dona da assistência social e levou as gêmeas embora, e eu tive que ficar com minha tia. Ela morava com um cara. Nunca gostei dele. E quando ela saía... — Nesse ponto, Anaesthesia ficou quieta por tanto tempo que Richard pensou que a história tinha terminado. Mas então ela retomou: — Enfim. Ele me batia. Fazia outras coisas também. No fim das contas, contei para a minha tia, e ela começou a bater em mim. Disse que eu estava mentindo. Disse que ia chamar a polícia para me levar. Mas não era mentira, não. Aí eu fugi. Era meu aniversário.

Haviam chegado à ponte Albert, um monumento kitsch cruzando o Tâmisa, unindo o Battersea, ao sul, à ponta do Embankment onde fica o bairro Chelsea. Uma ponte digna de contos de fadas, com milhares de luzinhas brancas.

— Eu não tinha para onde ir. E estava tão frio... — Ela fez mais uma pausa. — Eu dormia nas ruas. Dormia de dia, que era um pouco mais quente, e passava a noite andando, só para não ficar parada mesmo. Eu tinha só onze anos. Roubava pão e leite que entregavam nas casas. Odiava fazer aquilo, então comecei a andar pelas feiras, pegando maçãs e laranjas podres, essas coisas que ninguém queria. Mas aí eu fiquei muito doente. Morava debaixo de um viaduto em Notting Hill. Quando acordei, estava na Londres de Baixo. Os ratos tinham me encontrado.

— E você já tentou voltar para tudo isso? — perguntou Richard, indicando os arredores: casas quentinhas, silenciosas e cheias de gente; carros cruzando a madrugada; o mundo real...

Ela balançou a cabeça. *Todas as chamas queimam, minha criança. Um dia você vai aprender.*

— Não dá. É um ou outro. Não dá para ter os dois.

— Me desculpe — disse Door, hesitante.

Além dos olhos vermelhos, parecia que ela tinha acabado de assoar o nariz com bastante força e esfregado as lágrimas dos olhos e do rosto.

O marquês, que até então estava entretido brincando de cinco marias com umas moedas velhas e uns ossinhos guardados em um dos muitos bolsos do casaco, ergueu o rosto e a olhou com frieza.

— Esse pedido é sincero?

Ela mordeu o lábio.

— Não. Para falar a verdade, não estou arrependida. Passei tanto tempo fugindo, me escondendo e correndo que... essa foi a primeira chance real que tive de...

O marquês recolheu as moedas e os ossinhos e guardou tudo de volta no bolso.

— A senhorita primeiro — disse ele, e a seguiu de volta à parede com os quadros.

Door pousou uma das mãos sobre a imagem do escritório do pai e, com a outra, segurou a enorme mão escura do marquês.

... a realidade se distorceu...

Estavam na estufa, regando as plantas. Primeiro, Portia direcionava o fluxo de água para o solo, regando a base e evitando as folhas e os botões.

— É para molhar os sapatos, não as roupas — disse à filha mais nova.

Ingress tinha o próprio regador, menorzinho. Estava muito orgulhosa. Era exatamente como o da mãe, de aço e pintado de verde-claro. Depois que Portia regava uma planta, Ingress a regava de novo, com o regadorzinho.

— Os sapatos — repetiu ela para a mãe. E começou a rir, soltando uma gargalhada espontânea de menina.

A mãe riu também, até que o raposino sr. Croup a puxou pelo cabelo, pegando-a de surpresa, e cortou sua garganta muito branca de uma orelha à outra.

— Olá, papai — murmurou Door.

Ela tocou o busto do pai com a ponta dos dedos, acariciando a lateral do rosto. Um homem magro, austero e quase careca. *César interpretando Próspero*, pensou o marquês. Sentia-se um pouco enjoado. A última imagem tinha *doído*. No entanto, estava no escritório de lorde Portico. Era um *bom* começo.

O marquês observava a sala, os olhos deslizando de detalhe em detalhe. O crocodilo empalhado pendurado no teto; os livros de encadernação em couro, um astrolábio, espelhos côncavos e convexos, instrumentos científicos inusitados; havia mapas nas paredes, mapas de terras e cidades das quais De Carabás nunca ouvira falar; uma escrivaninha, coberta por cartas escritas à mão. A parede branca atrás exibia uma mancha marrom e vermelha. Havia um retrato pequeno da família de Door. O marquês olhou para a foto.

— Sua mãe e sua irmã, seu pai e seus irmãos. Todos mortos. Como foi que *você* escapou?

Ela abaixou a mão.

— Foi sorte. Tinha saído de casa por alguns dias, para explorar... Sabia que ainda tem soldados romanos acampados no rio Kilburn?

O marquês não sabia, o que o deixou irritado.

— Hm. Quantos?

Ela deu de ombros.

— Algumas dezenas. Acho que são desertores da Décima Nona Legião. Meu latim não é muito bom. Bom, quando voltei...

Ela engoliu em seco. Os olhos cor de opala se encheram de lágrimas.

— Reconponha-se — ralhou o marquês. — Precisamos do diário do seu pai. Para descobrir quem fez isso.

Door franziu o cenho.

— Já sabemos quem fez isso. Croup e Vandemar...

Ele abriu a mão, agitou os dedos enquanto falava:

— Croup e Vandemar são os braços. Mãos. Dedos. Existe uma cabeça, que deu a ordem, e que também quer você morta. Aqueles dois custam caro.

— Ele olhou em volta, observando o escritório atulhado. — E o diário?

— Não está aqui — respondeu Door. — Eu falei. Já procurei.

— Ah, eu fui levado pela crença errônea de que sua família tinha a habilidade de localizar portas, tanto as evidentes quanto as ocultas.

Door olhou feio para ele. Então fechou os olhos e apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador. Enquanto isso, o marquês examinava os objetos na escrivaninha de lorde Portico. Um tinteiro, uma peça de xadrez, um dado feito em osso, um relógio de bolso de ouro, várias penas e...

Curioso.

Uma estatueta de javali, ou um urso agachado, quem sabe um touro. Não era muito nítido. Tinha o tamanho de uma peça de xadrez grande e fora esculpida de um jeito rústico, em obsidiana negra. A figura lhe lembrou alguma coisa, mas o quê, o marquês não saberia dizer. Ele a pegou sem cerimônia, virou-a de ponta-cabeça, envolveu-a com os dedos.

Door abaixou a mão que levava ao rosto. Parecia perplexa e confusa.

— O que foi? — perguntou o marquês.

— *Está aqui* — respondeu ela simplesmente.

E começou a andar pelo escritório, olhando para um lado e para o outro. O marquês enfiou a estatueta em um bolso interno, discretamente.

Door parou em frente a um armário alto.

— Ali.

Ela estendeu a mão: ouviu-se um clique, e um pequeno painel na lateral do armário se abriu. Door enfiou a mão na abertura escura e tirou de lá um objeto mais ou menos do tamanho e formato de uma pequena bala de canhão, que entregou ao marquês. Era uma esfera em latão antigo e madeira polida; dentro, cobre polido e lentes de vidro. Ele a pegou.

— É isso?

Door assentiu.

— Bom trabalho.

Ela parecia consternada.

— Não sei como não vi antes.

O marquês a consolou:

— Você estava transtornada. Eu sabia que estaria aqui. E raramente me engano. A questão agora é... — O marquês ergueu o pequeno globo de madeira. A luz atingiu o vidro polido e reluziu nos encaixes de latão e cobre. Doía admitir sua ignorância a respeito de alguma coisa, mas ele perguntou mesmo assim: — Como isso funciona?

Anaesthesia o tinha levado até um parque do outro lado da ponte. Ali, desceram alguns degraus de pedra ao lado de um muro. Ela reacendeu a vela engarrafada e entrou por uma porta em uma área de manutenção. Desceram mais alguns degraus, cercados pela escuridão.

— Você conhece uma garota chamada Door? — perguntou Richard. — Ela é um pouco mais nova que você.

— Lady Door. Sei quem é.

— Então qual é a... hã... a que baronia ela pertence?

— Nenhuma — respondeu a garota. — Lady Door é da Casa do Arco. A família dela era muito importante.

— Era? E por que deixou de ser?

— Foram todos mortos.

Ah, sim, ele se lembrava do marquês dizendo algo a respeito. Um rato cruzou o caminho deles. Anaesthesia parou nos degraus e se curvou em reverência. O rato parou diante dela.

— Majestade — cumprimentou a menina.

— Oi — disse Richard.

O rato os encarou por um breve instante, para logo depois disparar degraus abaixo.

— Mas então. O que é isso de Mercado Flutuante? — perguntou Richard.

— É muito grande — explicou Anaesthesia. — Mas nós, que falamos ratês, raramente precisamos ir lá. Para dizer a verdade... — Ela hesitou. — Esquece. Você vai rir de mim.

— Não vou — retrucou Richard, com sinceridade.

— Bem, é que eu tenho um pouco de medo.

— Medo? Do Mercado?

Tinham chegado ao fim dos degraus. Anaesthesia hesitou; depois, seguiu para a esquerda.

— Ah, não. Existe um tratado de trégua no Mercado. Se alguém ferir alguém lá, toda a Londres de Baixo vai partir para cima da pessoa com a força de uma tonelada de esgoto.

— Então do que você tem medo?

— Do caminho até lá. O Mercado acontece cada vez num lugar diferente. Não é fixo. E, para chegar ao lugar em que vai ser o de hoje... —

Ela mexeu nas miçangas de quartzo do colar, nervosa. — Bem, vamos ter que passar por uma área barra-pesada.

Ela parecia *mesmo* assustada. Richard teve que se conter para não abraçá-la.

— E que lugar terrível seria esse?

Anaesthesia se virou para ele, afastou o cabelo dos olhos e contou.

— Knightsbridge — repetiu Richard, e deu uma risadinha.

A garota deu as costas para ele.

— Não falei? Eu sabia que você ia rir.

Os túneis haviam sido abertos no início da Segunda Guerra Mundial. Milhares de soldados ficavam alojados ali, e era preciso bombear seus dejetos para os túneis de esgoto, muito acima, por ar comprimido. As laterais dos túneis eram ocupadas por fileiras de beliches de metal para as tropas dormirem. Havia planos de assimilar os túneis em uma extensão para trilhos de alta velocidade da linha metroviária, mas a ideia não deu em nada, e, quando a guerra acabou, os beliches ficaram para trás, e sobre as estruturas de metal foram colocadas caixas cheias de cartas, arquivos e papéis: segredos, e do tipo mais desinteressante, armazenados nas profundezas, para serem esquecidos. Por questões econômicas, os túneis foram desativados no início da década de 1990. As caixas de segredos foram resgatadas, para que os documentos fossem escaneados e armazenados digitalmente ou queimados.

Varney se instalara no mais profundo dos túneis profundos, bem abaixo da estação de metrô de Camden Town. Empilhou alguns dos beliches abandonados na frente da única entrada e começou a decorar o lugar. Ele gostava de armas. Fazia as próprias, a partir de qualquer material que encontrasse, ou pegasse, ou roubasse, como peças de carros e pedaços de maquinário, que transformava em ganchos, canivetes, bestas, balestras, manganelas e trabucos para derrubar muralhas, porretes, gládios e claves. As armas ficavam penduradas na parede do túnel ou expostas nos cantos, com ares pouco amigáveis.

Varney pareceria um touro se houvesse touros sem chifres nem pelo, mas cobertos de tatuagens e que tivessem sofrido um colapso dental generalizado. E ele roncava. A lamparina a óleo ao lado de sua cabeça emitia uma luz bem fraca. Varney dormia numa pilha de trapos, roncando e fungando; no chão, ao alcance da mão, a empunhadura de uma espada caseira de lâmina dupla.

Alguém acendeu a lamparina.

Varney pegou a espada e estava de pé antes mesmo de abrir os olhos. Então parou, olhou em volta. Não havia ninguém lá: a pilha de beliches que bloqueava a porta permanecia intacta. Começou a baixar a espada.

Uma voz fez:

— Pssst.

— Hã? — indagou Varney.

— Surpresa! — anunciou o sr. Croup, avançando para a luz.

Varney recuou: um erro. Havia uma faca encostada em sua têmpora, a ponta da lâmina quase no olho.

— Movimentos não são aconselháveis — alertou o solícito sr. Croup. — O senhor Vandemar pode acabar causando um pequeno acidente com o canivete velho que carrega. Afinal, a maioria dos acidentes acontece em casa. Correto, senhor Vandemar?

— Não confio em estatísticas — respondeu um frio sr. Vandemar.

Uma mão coberta por uma luva surgiu atrás de Varney, esmagou a espada e jogou no chão a arma retorcida.

— Como está, Varney? — perguntou o sr. Croup. — Bem? Mesmo? Em boa forma e aprumado para o Mercado desta noite? Sabe quem somos?

Varney assentiu da melhor maneira possível que não envolvesse movimento de músculos. Ele sabia quem eram Croup e Vandemar. Seu olhar vasculhava as paredes. Sim, ali, a maçã: uma bola de madeira cravada de pregos presa a uma corrente, no canto mais distante da sala...

— Há um rumor de que certa jovem lady vai selecionar guarda-costas hoje à noite. Você considerou se candidatar à função? — O sr. Croup palitou os dentes-lápides. — Enuncie claramente.

Varney pegou a maçã com o poder da mente. Era seu dom. Com cuidado, isso... devagar... tirou a arma do gancho e a ergueu até o teto do túnel em arco. Com a boca, respondeu:

— Varney é o melhor guarda e matador do Submundo. Dizem que sou o melhor desde os tempos da Hunter.

Varney moveu, com a mente, a maçã pelas sombras, posicionando-a em um ponto acima e atrás da cabeça do sr. Croup. Primeiro esmagar o crânio de Croup, depois Vandemar...

A maçã mergulhou no ar, rumo à cabeça do sr. Croup; Varney se abaixou, ao mesmo tempo se afastando da lâmina da faca. O sr. Croup não ergueu os olhos. Não se virou. Apenas mexeu a cabeça com uma velocidade obscena, e a maçã passou direto por ele, se espatifando no chão, lançando no ar lascas de tijolos e do concreto. O sr. Vandemar ergueu Varney com apenas uma das mãos.

— É para machucar? — perguntou ao parceiro.

O sr. Croup balançou a cabeça: *Ainda não*. Para Varney, disse:

— Nada mau. Pois então, meu caro “melhor guarda e matador”, queremos que você compareça ao Mercado hoje à noite. Queremos que faça o que for preciso para se tornar o guarda-costas pessoal de certa jovem lady. E, quando for contratado, de uma coisa deve se lembrar: pode protegê-la do restante do mundo, mas quando a quisermos, a pegaremos. Entendido?

Varney passou a língua pelo que lhe restava de dentes.

— Isso é um suborno? — perguntou.

O sr. Vandemar tinha pegado a maça e estava dismantelando a corrente com a mão livre, elo por elo, soltando pedacinhos de metal retorcido no chão. *Clinc*.

— Não — respondeu ele. *Clinc*. — É uma intimidação. — *Clinc*. — E, se não fizer o que o senhor Croup está dizendo, vamos — *clinc* — machucar você — *clinc* —, e vai doer, e depois — *clinc* —, vamos matar você, e vai doer ainda mais.

— Ah — disse Varney. — Então eu vou trabalhar para vocês, é isso?

— Sim, vai — respondeu o sr. Croup. — Mas temo que nossa proposta não contemple qualquer tipo de compensação.

— Isso não é problema para mim — retrucou Varney.

— Ótimo. Bem-vindo a bordo — anunciou o sr. Croup.

Era um mecanismo grande mas elegante, feito de peças de carvalho e nogueira polidas, de latão e vidro, de bronze e espelhos e marfim esculpido e incrustado, com prismas de quartzo, e engrenagens e molas e roldanas de latão. Era bem maior que uma televisão de tela plana, embora a parte da tela não tivesse mais que seis polegadas. Uma lente de aumento bem na frente aumentava o tamanho da imagem. Da lateral saía uma trombeta de latão, uma espécie de corneta acústica — o tipo de amplificador que se encontraria em um gramofone antigo. Em geral, o equipamento parecia uma combinação de televisão e reproduzidor de vídeos que tivesse sido inventada e construída trezentos anos antes, por Sir Isaac Newton. O que era, mais ou menos, exatamente o caso.

— Veja.

Door colocou a bola de madeira em uma plataforma. A máquina emitiu luzes, fazendo a bola girar sem parar.

Um rosto nobre surgiu na telinha, em cores vívidas. Logo em seguida, uma voz falhada saiu da trombeta, meio fora de sincronia e no meio de um discurso:

— ... que duas cidades sejam tão próximas e, ao mesmo tempo, tão distantes; os donos de tudo vivendo acima e nós, os desapossados, vivendo abaixo e no entremeio, vivendo às margens.

Door encarava a tela com uma expressão indecifrável.

— No entanto — dizia seu pai —, sou da opinião de que o problema que mais afeta a nós, habitantes do Submundo, é nossa mesquinha estrutura faccional. O sistema de baronias e feudos é tão segregador quanto tolo.

Lorde Portico usava um velho smoking surrado e um solidéu. Sua voz parecia atravessar séculos, não dias ou semanas. Ele tossiu.

— E não estou sozinho nessa crença. Há outros que desejam ver as coisas como são. Que gostariam de ver a situação transformada. Há os que...

— Tem como acelerar isso? — perguntou o marquês. — Ir logo para o último registro?

Door assentiu e acionou uma manivela de marfim na lateral: a imagem se dissolveu, se fragmentou, se reconstruiu.

Agora Portico aparecia de sobretudo. O solidéu sumira. Via-se um corte escarlate profundo na lateral da cabeça. Ele não estava mais sentado à escrivaninha, e falava muito baixo, em um tom carregado de tensão.

— Não sei quem vai ver isto, quem vai encontrar isto, mas, seja quem for, por favor, faça este registro chegar às mãos de minha filha, lady Door, se ela ainda estiver viva... — Uma onda de estática varreu a imagem e o som. Em seguida: — Door? Filha, estamos em maus lençóis. Não sei quanto tempo até que encontrem esta sala. Acho que minha pobre Portia já está morta, assim como seu irmão e sua irmã.

O som e a qualidade da imagem começaram a decair.

O marquês olhou de relance para Door, que tinha o rosto molhado: lágrimas transbordavam dos olhos e reluziam ao descer pelas faces. Parecia não se dar conta de que estava chorando e não fazia o menor esforço para limpar o rosto. Apenas encarava a imagem do pai e escutava suas palavras. *Estática*. A imagem se apagava. *Estática*.

— Escute o que vou dizer, filha — prosseguia o pai morto. — Vá até Islington... pode confiar em Islington... Você precisa acreditar em Islington. — A imagem se duplicou. Ele passou a mão nos olhos, limpando o sangue que caía. — Door? Vingue nossa morte. Vingue sua família.

A corneta de gramofone emitiu um estouro alto. Portico virou a cabeça para olhar algum ponto fora da tela, aturdido e nervoso.

— O quê?! — exclamou, e se moveu, sumindo da tela.

Por um momento a imagem não se alterou: a escrivaninha, e, atrás, a parede branca. Então, um arco de sangue vermelho vivo espirrou na parede. Door acionou a alavanca na lateral, desligando a máquina, e deu as costas para o marquês.

— Tome — disse De Carabás, oferecendo um lenço.

— Obrigada. — Ela limpou o rosto e assoou o nariz com força. Então encarou o vazio. Por fim, falou: — Islington.

— Nunca fiz negócios com Islington — comentou o marquês.

— Achei que fosse só uma lenda.

— De modo algum. — Ele estendeu o braço para pegar na escrivaninha o relógio de bolso todo em ouro e o abriu. — Belo trabalho manual — observou.

Door concordou.

— Era do meu pai.

O marquês fechou a tampa com um clique.

— Hora de ir ao Mercado. Já vai começar. O senhor Tempo não está do nosso lado.

Door assoou o nariz outra vez e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro. Então se virou para o marquês, o cenho franzido, os olhos de cores inusitadas brilhando.

— Você acha mesmo que vamos conseguir encontrar um guarda-costas capaz de enfrentar Croup e Vandemar?

O marquês exibiu brevemente os dentes brancos.

— Desde Hunter, não há ninguém à altura de tal feito. Portanto, me contentarei com quem possa lhe proporcionar tempo suficiente para fugir — respondeu ele, enfiando o relógio no bolso e amarrando a corrente ao colete.

— O que está fazendo? — protestou Door. — Esse relógio é do meu pai!

— Ele não vai mais usar, certo? — De Carabás ajustou a corrente dourada. — Pronto. Veja que elegante.

O marquês observou as emoções cruzando o rosto dela: dor, raiva e, finalmente, resignação.

— Temos que ir — foi só o que ela disse.

— Falta pouco para a Ponte — disse Anaesthesia.

Richard torcia para que fosse verdade. Já estavam na terceira vela. Era assustador ainda se encontrarem debaixo de Londres: tinha quase certeza de que haviam andado o bastante para chegar ao País de Gales.

— Estou com muito medo. Nunca atravessei a Ponte.

— Achei que você já tivesse ido a esse mercado — comentou Richard.

— É o Mercado *Flutuante*, idiota. Já expliquei. Acontece cada vez num lugar diferente. Teve um naquela torre grandona que tem um relógio. Big sei lá o quê. Eu fui nesse. E depois foi no...

— Big Ben? — sugeriu Richard.

— Pode ser. Estávamos lá dentro, onde os mecanismos ficam girando. Foi lá que eu arranjei isso aqui... — Ela exibiu o colar. A luz da vela se refletia amarelada no quartzo. Anaesthesia sorriu, um sorriso de criança. — Gostou?

— É lindo. Foi caro?

— Troquei por umas coisas. É assim que funciona aqui embaixo. Por troca.

Depois de uma curva, viram a ponte. Richard achou que bem poderia ser uma das pontes que atravessavam o Tâmisia quinhentos anos atrás: uma enorme estrutura de pedra estendendo-se sobre um vasto abismo negro, noite adentro. Entretanto, não havia céu acima, não havia água abaixo. A ponte cruzava a escuridão. Richard ponderou sobre quem a teria construído, e quando. Como uma coisa daquelas podia existir abaixo da cidade de

Londres sem ninguém saber? Sentiu um frio na barriga. Sentiu também, percebeu ele, um medo intenso, um medo patético da tal ponte.

— Temos mesmo que atravessar isso? — perguntou. — Não tem como chegar ao Mercado por outro caminho?

Estavam parados na base da ponte. Anaesthesia balançou a cabeça.

— Chegaríamos ao lugar onde o Mercado vai estar, mas não encontraríamos nada lá.

— Hã? Mas isso é ridículo. Quer dizer, ou uma coisa está num lugar, ou não está. Estou certo? Hein?

Ela balançou a cabeça de novo. Ouviram um burburinho atrás, e alguém lançou Richard ao chão. Ele olhou para cima: um homem alto, cheio de tatuagens grosseiras, em roupas improvisadas de couro e vinil que pareciam retalhos arrancados do estofamento de carros, olhou para ele com ar blasé. Atrás do homenzarrão havia dezenas de pessoas, homens e mulheres: pareciam a caminho de uma festa a fantasia de baixíssimo orçamento.

— Alguém — disse Varney, que não estava de bom humor — estava no meu caminho. Alguém devia olhar por onde anda.

Certa vez, quando ainda era um garotinho voltando da escola, Richard encontrou um rato em uma vala. Quando o viu, o rato se ergueu nas patas traseiras, guinchou e deu um pulo, deixando-o apavorado. Richard recuou, impressionado em notar como algo tão pequeno poderia estar tão disposto a lutar contra uma criatura muito maior. Anaesthesia havia se colocado entre Richard e Varney. A garota tinha a metade do tamanho do brutamontes, mas ainda assim o encarou, arreganhou os dentes e guinchou como um rato muito irritado ao ser encurralado. Varney deu um passo para trás. Varney cuspiu nos sapatos de Richard. Varney, por fim, deu meia-volta e, guiando a massa de gente que o acompanhava, seguiu pela ponte rumo à escuridão.

— Você está bem? — perguntou Anaesthesia, ajudando Richard a se levantar.

— Sim. Você foi muito corajosa.

Ela baixou os olhos, envergonhada.

— Eu não sou corajosa. Continuo com medo da Ponte. Até aquele pessoal estava com medo, por isso é que estavam todos juntos. Em grupo a gente se sente mais seguro. Grandões medrosos.

— Se vocês forem cruzar a Ponte, vou com vocês — falou uma voz feminina, encorpada como leite e mel.

Richard não conseguiu identificar o sotaque. Na hora, achou que talvez fosse do Canadá ou dos Estados Unidos, mas depois suspeitou que pudesse ser de alguma parte da África, ou Austrália, ou até mesmo da Índia. Nunca soube ao certo. Era uma mulher alta, de cabelo castanho comprido e pele cor de caramelo queimado. Usava roupas de couro mosqueado em tons de cinza e marrom. Levava no ombro uma bolsa de couro surrado. Carregava

uma lança, uma faca no cinto e uma lanterna a pilha presa no pulso. E era, sem sombra de dúvida, a mulher mais bonita que Richard já vira.

— Claro, venha conosco. Em grupo a gente se sente mais seguro — respondeu ele, depois de hesitar por um instante. — Meu nome é Richard Mayhew. Esta é Anaesthesia. É ela quem sabe o caminho.

A menina-rata se encheu de orgulho.

A mulher de couro o olhou de cima a baixo.

— Você é da Londres de Cima — constatou.

— Sim.

— Viajando com uma dos arautos. Uau.

— Sou a guardiã dele — retrucou Anaesthesia, com truculência. — Quem é você? A quem presta lealdade?

A mulher sorriu.

— Não devo lealdade a homem nenhum, menina-rata. Algum de vocês já cruzou a Ponte da Noite¹ alguma vez? — Anaesthesia balançou a cabeça em negativa. — Hmm, isso vai ser divertido, então.

Os três seguiram na direção da ponte. Anaesthesia entregou a Richard a lanterna improvisada.

— Toma.

— Obrigado. — Richard olhou para a mulher de couro. — Temos mesmo algo a temer?

— Só a escuridão que acompanha a Ponte — respondeu a mulher.

— Como assim, a escuridão vai seguindo a gente?

— A escuridão segue apenas o dia.

Anaesthesia buscou a mão de Richard. Ele segurou firme a dela. A garota sorriu, apertou a mão dele também. Então, os três pisaram na ponte, e Richard começou a compreender a escuridão: era algo sólido e real, muito mais que a simples ausência de luz. Sentiu que ela o tocava, provocando, movendo, explorando — percorrendo sua mente. Escorregava para os pulmões, por trás dos olhos, para dentro da boca...

A cada passo, a luz da vela se tornava mais fraca. E, Richard percebeu, o mesmo acontecia com a lanterna da mulher de couro. No entanto, a sensação não era bem de que as luzes estavam enfraquecendo, mas de que a escuridão estava se fortalecendo. Richard piscou, os olhos se abrindo no vazio — nada além de escuridão, a mais completa escuridão. *Sons*. Um farfalhar, algo se torcendo. Ele piscou, cego pela noite. Os sons ficaram mais malignos, mais famintos. Ele imaginou ouvir vozes: uma horda de trolls gigantescos e deformados embaixo da ponte...

Algo passou deslizando entre eles.

— O que foi isso? — guinchou Anaesthesia.

A mão dela tremia na de Richard.

— Quieta — sussurrou a mulher. — Não chame a atenção dela.

— O que está acontecendo? — sussurrou Richard.

— A escuridão está acontecendo — respondeu a mulher de couro, baixinho. — A noite. Todos os pesadelos que saem para passear quando o sol se põe, desde o tempo das cavernas, quando dormíamos amontoados em busca de calor e segurança, estão acontecendo. Esta é a hora de temer o escuro.

Richard sabia que havia algo prestes a cobrir seu rosto. Fechou os olhos: não fez a menor diferença no que via ou sentia. A noite era total. Foi quando começaram as alucinações.

Viu uma forma caindo na direção dele através da noite, queimando, as asas e o cabelo em chamas.

Ergueu as mãos: não havia nada ali.

Jessica olhou para ele com desprezo. Ele queria gritar, dizer que estava arrependido.

Um pé depois do outro.

Era criança, voltando da escola, à noite, pela única rua sem iluminação. Por mais vezes que passasse por ali, nunca ficava mais fácil, nunca melhorava.

Estava nas profundezas dos esgotos, perdido em um labirinto. A Besta o aguardava. Ele ouvia um gotejar lento. Sabia que a Besta estava à espera. Agarrou a lança... Um urro ribombante veio do fundo da garganta da fera, de algum ponto às suas costas. Ele se virou. Com lentidão, uma lentidão agonizante, a Besta avançou na direção dele, em meio à escuridão.

E avançou.

Ele morreu.

E continuou andando.

Com lentidão, uma lentidão agonizante, a Besta avançava na direção dele, vezes e mais vezes, na escuridão.

Richard ouviu uma espécie de sopro, seguido por um clarão tão forte que chegava a doer a vista. Ele recuou, estreitando os olhos. Era a chama da vela, em seu receptáculo de garrafa de limonada. Nunca tinha notado como uma única vela podia brilhar tanto. Ergueu-a, ofegante, tossindo e tremendo de alívio. Sentia o coração bater acelerado, tamborilando dentro do peito.

— Parece que fomos bem-sucedidos na travessia — comentou a mulher de couro.

O coração de Richard batia tão forte que a princípio ele nem conseguiu falar. Forçou-se a respirar mais devagar, a se acalmar. Estavam em uma câmara enorme, exatamente como a do outro lado — tanto que ele teve a estranha sensação de que estava na mesma sala de onde acabara de sair. Só

que ali as sombras eram mais pronunciadas, e sua visão estava marcada pelas manchas coloridas que nublam a visão após o flash de uma câmera.

— Parece que não estávamos em perigo real... — comentou Richard, hesitante. — Era como uma casa mal-assombrada... alguns barulhos no escuro... e a imaginação cuida do resto. Não havia o que temer, não é mesmo?

A mulher o encarou com um olhar quase de pena; só então Richard percebeu que ninguém mais segurava sua mão.

— Anaesthesia?

Da escuridão no alto da ponte veio um barulho baixo, como um suspiro ou um farfalhar. Um punhado de miçangas irregulares de quartzo foram deslizando pelo piso curvo da ponte. Richard pegou uma. Era do colar da menina-rata.

— Temos que... A gente precisa voltar. Ela...

A mulher ergueu a lanterna e a apontou para a ponte. Richard viu até o outro lado. Estava deserta.

— Cadê ela? — perguntou.

— Ela se foi — respondeu a mulher, sem rodeios. — A escuridão a levou.

— Precisamos fazer alguma coisa!

— O quê, por exemplo?

Ele abriu a boca, mas ficou sem palavras. Fechou-a. Apalpou o pedaço de quartzo e olhou para os outros, ainda no chão.

— Ela se foi — repetiu a mulher. — A Ponte cobra um pedágio. Agradeça por não ter sido levado também. Bem, se você está procurando o Mercado, é por aqui. — Ela indicou uma passagem íngreme e estreita na meia-luz à frente, o início do caminho parcamente iluminado pelo feixe da lanterna que carregava.

Richard não se mexeu. Estava atordoado. Não conseguia acreditar que a menina-rata tinha desaparecido — perdida, raptada ou... —, menos ainda que a mulher de couro pudesse continuar como se nada tivesse acontecido, como se aquilo fosse a coisa mais comum do mundo. Anaesthesia não podia ter morrido...

Ele completou o pensamento: Anaesthesia não podia estar morta porque, se estivesse, seria sua culpa. A garota não pedira para acompanhá-lo. Richard apertou a miçanga de quartzo com tanta força que machucou a mão. Pensava no orgulho com que Anaesthesia exibira o colar, em quão próximos tinham se tornado nas poucas horas que passaram juntos.

— Você vem?

Ele ficou lá parado na escuridão, o coração batendo forte. Então, com muita delicadeza, enfiou a miçanga de quartzo no bolso da calça e seguiu a mulher, que estava ainda apenas alguns passos à frente. Enquanto a seguia, percebeu que ainda não sabia o nome dela.

¹ Em inglês, *Night's Bridge*. Daí Richard ter achado que Anaesthesia se referia ao bairro de Knightsbridge. (N. da E.)

CINCO

—

PESSOAS PASSAVAM POR eles com lampiões e tochas, lanternas e velas. Aquilo lhe lembrava dos documentários que ele vira sobre cardumes de peixes reluzentes disparando pelas águas... Nas profundezas do mar, habitadas por criaturas cujos olhos haviam perdido a função.

A mulher de couro subiu alguns degraus. Degraus de pedra, com bordas em metal. Era uma estação de metrô. Entraram em uma fila de gente esperando para se esgueirar por um gradil, que fora entreaberto para dar acesso à saída.

Logo à frente deles havia dois jovens, ambos com uma corda amarrada no pulso. Quem segurava as cordas era um homem pálido e careca que cheirava a formol. Logo atrás esperava um homem de barba grisalha, com um gato preto e branco no ombro. O gato se banhou com vigor e lambeu a orelha do homem antes de se aconchegar e dormir no ombro do sujeito. A fila avançava lentamente. Uma a uma, as pessoas se esgueiravam pelo pequeno espaço aberto no gradil e emergiam na noite.

— Por que quer ir ao Mercado, Richard Mayhew? — perguntou a mulher de couro, em voz baixa.

— Tenho esperança de encontrar uns amigos por lá. Quer dizer, só uma amiga. Não conheço muita gente deste mundo. Estava meio que começando a conhecer Anaesthesia, mas... — Ele não terminou a frase. Então, fez a pergunta que não ousara enunciar até então: — Ela morreu?

A mulher deu de ombros.

— Sim. Praticamente. Imagino que sua visita ao Mercado fará valer a perda.

Richard sentiu um calafrio.

— Acho pouco provável. — Estava chegando a vez dos dois na fila. — O que você faz?

A mulher sorriu.

— Serviços físicos para uso particular.

— Ah. — Uma pausa. — Que tipo de serviços físicos?

— Alugo meu corpo.

Foi só isso.

— Ah.

Ele estava chateado demais para continuar a conversa, para pressioná-la a explicar, mas teve uma ideia. Os dois saíram noite adentro. Richard olhou para trás: a placa da estação dizia KNIGHTSBRIDGE. Ele não sabia se sorria ou se chorava. Parecia ser o iníciozinho da manhã. Olhou para o relógio de pulso e não ficou surpreso ao ver o mostrador digital apagado. Talvez a bateria tivesse se esgotado ou, mais provavelmente, talvez o tempo na Londres de Baixo tivesse apenas uma vaga semelhança com o tipo de tempo com o qual estava acostumado. Não importava. Ele abriu a pulseira do relógio e o jogou na lixeira mais próxima.

As pessoas estranhas atravessavam a rua em um fluxo constante, passando pelas portas duplas que havia adiante.

— É ali? — indagou ele, horrorizado.

A mulher assentiu.

— É.

O prédio era grande, coberto por milhares de luzes. Brasões em plena vista anunciavam orgulhosamente que ali se vendia todo tipo de mercadorias em nome de diversos membros da família real britânica. Richard, que gastara os pés e muitos horas de fins de semana perseguindo Jessica pelas lojas mais proeminentes de Londres, reconheceu o lugar na mesma hora, mesmo sem a enorme placa com o nome.

— Na Harrods?

A mulher assentiu.

— O desta noite, sim — explicou ela. — O próximo Mercado pode acontecer em qualquer lugar.

— Mas, sei lá... na Harrods? — Parecia quase um sacrilégio se enfiar naquele lugar durante a noite.

Entraram por uma porta lateral, em um salão às escuras. Passaram pelo *bureau de change*, pela sessão de embrulhos para presente, por outro salão escuro com óculos de sol e manequins expostos para venda e entraram no Salão Egípcio. Luz e cor jorraram sobre ele como uma onda varrendo a costa. A mulher se virou para Richard: bocejou como um gato, cobrindo o rosado da boca com a mão cor de caramelo. Sorriu.

— Bem, você chegou ao Mercado. São e salvo, ou quase. Tenho negócios a tratar. Até mais.

Ela então se despediu com um breve aceno de cabeça e desapareceu na multidão.

Richard ficou lá parado, sozinho no meio da multidão, assimilando aquilo tudo. Era pura loucura. Disso não havia a menor dúvida. Barulhento, agressivo, insano e, em vários sentidos, maravilhoso. Gente discutindo, pechinchando, gritando, cantando. Os vendedores anunciavam e enalteciam seus produtos, declamando em altos brados a superioridade das mercadorias. Havia música — de diversos tipos, tocadas de diversas maneiras, em diversos instrumentos, a maioria tão improvisada quanto improvável. Richard sentia

cheiro de comida. Todos os tipos de comida: o aroma de curry e temperos era predominante, e, por baixo, o cheiro de carnes e cogumelos grelhados. Havia barracas instaladas por toda a loja, perto e até mesmo em cima de balcões que durante o dia vendiam perfumes, relógios, joias e cachecóis de seda. Todos compravam. Todos vendiam. Richard escutava os gritos do Mercado enquanto vagava pela multidão.

— Sonhos adoráveis, fresquinhos! Pesadelos de primeira linha! Temos tudo! Venha comprar belos pesadelos!

— Armas! Arme-se! Defenda seu porão, sua caverna, seu buraco! Quer mandar ver em alguém? Aqui temos tudo para você! Ei, senhora, venha conferir...

— Tralha! — gritou uma velha gorda, bem no ouvido de Richard, quando ele passou pela barraquinha fedida em que ela atendia. — Inutilidades! Lixo! Sobras! Dejetos! Detritos! Venham! Nada inteiro ou sem arranhões! Bosta, tripas e montes de merda inúteis. Eu sei que você quer!

Um homem de armadura cantava, batucando o ritmo em um pequeno tambor.

— Perdidos. Venham, venham, vejam com seus próprios olhos. Perdidos. Nada desses lixos achados por aí. Tudo devidamente perdido, pode confiar.

Richard vagou pelas vastas galerias da loja como que em transe. Não conseguia sequer estimar quantas pessoas havia ali naquela noite. Mil? Duas mil? Cinco mil?

Uma vendinha exibia pilhas bem altas de garrafas. Garrafas cheias e vazias, de todos os tamanhos e formatos, de garrafas de biritá até uma grande e brilhante que só poderia conter um gênio em cativeiro; outra vendia lamparinas e velas feitas de todo tipo de ceras e sebos; um homem empurrou na direção dele algo que parecia a mão decepada de uma criança segurando uma vela, murmurando: “A Mão da Glória, senhor? Bota qualquer um pra correr. Tiro e queda.” Richard apertou o passo, nem um pouco interessado em saber o que era a Mão da Glória ou como funcionava; passou por uma barraca que vendia joias brilhantes de ouro e prata, depois por uma que vendia joias de materiais que pareciam válvulas e fios de rádios antigos; havia barracas vendendo todo e qualquer tipo de livro ou revista; outras que vendiam roupas: peças velhas, remendadas, transformadas em alguma roupa esquisita; vários tatuadores; um pequeno leilão de escravos, Richard tinha quase certeza de que era isso (passou bem longe dali); uma cadeira de dentista com a broca operada por uma alavanca no chão e uma fila de pobres coitados esperando para terem os dentes arrancados ou obturados por um jovem que parecia estar se divertindo demais com aquilo; um velho encurvado vendendo artigos inusitados que poderiam ser chapéus ou poderiam ser obras de arte moderna; o que parecia muito uma estrutura móvel com vários chuveiros; até mesmo um ferreiro...

A cada três ou quatro tendas, havia alguém vendendo comida. Algumas eram preparadas em fogueira: curries, batatas, castanhas, cogumelos gigantes e pães exóticos. Richard ficou se perguntando como a fumaça das fogueiras não disparava o alarme de incêndio do edifício. Depois, perguntou-se por que ninguém roubava a loja: por que montar as próprias barracas? Por que simplesmente não pegar as coisas que já estavam ali? Àquela altura, sabia que perguntar não seria boa ideia... Parecia marcado como alguém da Londres de Cima e, por isso, alvo de grande suspeita.

Havia um profundo tribalismo naquela gente, refletiu ele. Tentou isolar os grupos distintos: os que pareciam ter fugido de uma encenação da sociedade medieval; os que lembravam hippies; o povo albino, com roupas cinza e óculos escuros; os arrumadinhos e perigosos, de terno e luvas pretas; as mulheres enormes e quase idênticas que andavam em grupos de dois ou três e assentiam quando seus olhares se cruzavam; os de cabelo emaranhado que pareciam morar no esgoto e cheiravam como o capeta; além de centenas de outros estilos e tipos...

Então imaginou como pareceria a Londres normal — a *sua* Londres — aos olhos de um forasteiro, e isso lhe deu forças. Começou a se dirigir àqueles com quem cruzava, perguntando se sabiam onde encontrar um homem chamado De Carabás e uma jovem chamada Door. As pessoas balançavam a cabeça em negativa, pediam desculpa, desviavam o olhar, se afastavam.

Richard recuou e pisou sem querer no pé de alguém. Alguém tinha bem mais de dois metros de altura e era coberto por tufo de pelos ruivos. Alguém tinha dentes pontudos que pareciam afiados como facas. Alguém o ergueu com uma só mão, grande como a cabeça de uma ovelha, e aproximou o rosto dele à boca de alguém, quase fazendo Richard vomitar.

— Mil perdões — disse Richard. — É que... estou procurando uma garota chamada Door. Você sabe se...

Mas alguém o jogou no chão e o largou ali.

Richard sentiu outra vez o cheiro de comida e, apesar de ter dado um jeito de esquecer que estava morrendo de fome desde que recusara uma peça nobre de gato de rua — não sabia dizer quantas horas antes —, se sentiu salivar. Começou a perder o controle de suas faculdades mentais.

A mulher de cabelo esticado que cuidava da barraca de comida mais próxima não alcançava sequer a cintura de Richard. Quando ele tentou falar com a mulher, ela apenas balançou a cabeça e levou o dedo aos lábios. Não podia falar, ou não sabia falar, ou não queria falar. Richard teve que recorrer à mímica para negociar um sanduíche de queijo cottage com alface e um copo de um líquido com cara e cheiro de limonada caseira. Como pagamento, deu uma caneta esferográfica e uma caixa de fósforos que ele nem lembrava que tinha. A mulher minúscula deve ter achado que levou

muita vantagem na negociação, pois acrescentou alguns biscoitinhos de nozes ao lhe entregar a comida.

Richard ficou parado em meio à multidão, ouvindo a música — alguém cantava “Greensleeves” na melodia e ritmo de “Great Balls of Fire”, por algum motivo que ele não conseguiu discernir —, acompanhando a bizarrice do bazar que se desenrolava em volta e comendo o sanduíche.

Enquanto mastigava o último pedaço, reparou que nem tinha sentido o gosto da comida, então resolveu diminuir o ritmo, mastigando os biscoitos com calma. Tomou a limonada em goles pausados, para que durasse mais.

— Precisa de um pássaro, senhor? — perguntou uma voz alegre, bem próxima. — Tenho corvos grandes e pequenos, gralhas e estorninhos. São pássaros ótimos, muito inteligentes. Gostosos e *também* sagazes. Uma maravilha.

— Não, obrigado — respondeu Richard, dando as costas para o sujeito.

A placa pintada à mão acima da barraquinha anunciava:

TENDA DO VELHO BAILEY — PÁSSAROS E INFORMAÇÕES

Outras placas, menores, se espalhavam pela barraca: “TUDO QUE VOCÊ QUER SABER!”, “OS ESTORNINHOS MAIS GORDINHOS!” e “GRALHA DAS BOAS É NO VELHO BAILEY!”. Richard se lembrou do homem-sanduíche que encontrara assim que chegara a Londres, que ficava na frente da estação Leicester Square aconselhando ao mundo: “MENOS LUXÚRIA É MENOS PROTEÍNAS, OVOS, CARNES, FEIJÃO, QUEIJO E ÓCIO.”

Pássaros saltitavam e se agitavam em pequenas gaiolas que pareciam feitas com antenas de TV.

— E que tal uma informação? — insistiu o Velho Bailey, entrando no espírito da negociação. — Mapa de telhado? História? Uns segredo, uns mistério? Se eu não tiver sabendo, é porque não vale nada. É o que eu sempre digo. — O homem usava o mesmo casaco de penas, ainda envolto em cordas e cabos. Ele piscou, surpreso, ao olhar para Richard, então pegou um par de óculos preso ao pescoço por um fio. Inspeccionou Richard com cuidado. — Ei, pera aí!... Eu já vi você. Com o marquês De Carabás. No telhado. Lembra? Hein? Sou o Velho Bailey. Não tá lembrado? — Ele estendeu a mão e apertou a de Richard com força.

— Para falar a verdade, estou mesmo procurando o marquês. E uma jovem que atende pelo nome de Door. Devem estar juntos.

O velho fez uma dancinha. Algumas penas caíram do casaco, o que gerou um coro de reprovação dos pássaros ao redor.

— Informação! Informação! — anunciou a todos por ali. — Viram? Eu disse! *Diversifiquem*. Diversifiquem! Ninguém pode passar a eternidade

vendendo gralhas para ensopado... que ainda por cima têm gosto de chinelo cozido. E são idiotas. Burras como portas. Você já comeu gralha?

Richard balançou a cabeça em negativa. Pelo menos disso ele tinha certeza.

— O que vai me dar em troca? — perguntou o velho.

— Como assim? — indagou Richard, pulando sem jeito entre os blocos de consciência no pensamento do velho, que mais pareciam pedaços de gelo boiando em um rio.

— Se eu te der a informação, o que você me dá?

— Eu não tenho dinheiro — comentou Richard. — E acabei de me desfazer da minha caneta.

O sujeito começou a vasculhar os bolsos de Richard.

— Pronto. Isso aqui!

— Meu lenço?

Nem estava assim tão limpo. Ele tinha ganhado de tia Maude, no último aniversário. O Velho Bailey se apossou do pedaço de pano e o sacudiu sobre a cabeça, todo feliz.

— Nada tema, meu rapaz — cantarolou, triunfante. — Sua busca chegou ao fim. Vá por ali, pegue aquela porta. Não tem erro. Eles estão testando os candidatos.

O Velho Bailey apontava para a vasta galeria de restaurantes da Harrods. Uma gralha deu um grasnido cruel.

— Não se meta — retrucou o Velho Bailey para o pássaro. Depois, dirigindo-se a Richard: — Agradeço pela bandeirola.

E saiu dançando em volta, deliciado, abanando o lenço de um lado para o outro.

Candidatos?, pensou Richard. Mas então sorriu. Não importava. Como o velhinho do telhado dissera, sua busca chegara ao fim. Seguiu rumo à galeria de restaurantes.

No mercado de trabalho de guarda-costas, o figurino era essencial. Todos tinham algum dom e todos estavam desesperados para exibi-lo. Naquele momento, Ruislip enfrentava Dândi Sem Nome.

Dândi Sem Nome parecia um libertino do início do século XVIII que não encontrou uma calça apropriada e teve que se virar com o que achou no brechó da igreja. Tinha passado pó de arroz até o rosto ficar branco e um batom vermelho na boca. Ruislip, seu oponente, era a figura que apareceria no sonho de alguém que caísse no sono assistindo a uma luta de sumô na TV e ouvindo Bob Marley: um homem gigantesco e com dreads no cabelo que parecia um bebê obeso gigante.

Estavam frente a frente no meio de um círculo de espectadores, outros guarda-costas e alguns curiosos. Nenhum deles mexia um músculo sequer. Dândi era um palmo mais alto que Ruislip, mas Ruislip parecia pesar o equivalente a quatro Dândis, cada um carregando uma grande pasta de couro abarrotada de banha. Eles se encaravam, sem nunca desviar o olhar.

O marquês De Carabás cutucou o ombro de Door e apontou. Algo estava prestes a acontecer.

Num momento, havia dois homens se encarando impassíveis. No momento seguinte, a cabeça de Dândi foi jogada para trás, como se ele tivesse levado um soco na cara. Um pequeno hematoma roxo-avermelhado surgiu em sua bochecha. Ele comprimiu os lábios, e suas pálpebras adejaram. Então abriu os lábios avermelhados em uma imitação macabra de sorriso.

A um gesto de Dândi, Ruislip cambaleou para a frente, curvando-se e levando as mãos à barriga.

Dândi Sem Nome deu um sorriso de escárnio, um tchauzinho e jogou beijos para vários espectadores. Ruislip o encarou com raiva, redobrando a força do ataque mental. A boca do Dândi começou a sangrar. Seu olho esquerdo estava inchando. Ele cambaleou. O público murmurava aprovação.

— Não é tão bom quanto parece — sussurrou o marquês para Door.

De repente, Dândi Sem Nome tropeçou e caiu de joelhos, como se alguém o estivesse empurrando para baixo, e caiu desconjuntado no chão. Seu corpo deu um solavanco, como se levasse um forte chute no alto da barriga. Ruislip parecia triunfante. Os espectadores batiam palmas educadamente. Dândi se contorcia e cuspiu sangue no chão coberto de serragem da área de peixes, carnes e aves da Harrods. Alguns amigos do sujeito o arrastaram até um canto. Dândi estava péssimo.

— Próximo — chamou o marquês.

O aspirante seguinte também era mais magro que Ruislip (tinha mais ou menos o tamanho de dois Dândis e meio, incluindo apenas uma valise cheia de banha). O sujeito era coberto de tatuagens e usava roupas que pareciam feitas de retalhos de estofamento de carros e de tapetes em vinil. Tinha a cabeça raspada e arreganhava os dentes podres em um sorriso de escárnio para o mundo.

— Sou Varney — anunciou.

Antes de entrar no ringue, ele esgarrou e cuspiu uma gosma verde na serragem que forrava o chão.

— Quando estiverem prontos, cavalheiros — disse o marquês.

Ruislip bateu os pés descalços no chão, como um lutador de sumô: um-dois, um-dois, encarando o outro incisivamente. Um pequeno corte se abriu na testa de Varney. O sangue começou a cair em um dos olhos, mas Varney ignorou o ferimento, concentrado no braço direito. Ele ergueu o braço devagar, como se indo contra uma força intensa, e acertou um soco no nariz de Ruislip. O sangue jorrou. Ruislip inspirou demorada e dolorosamente e

desabou no chão. O som da queda foi o de meia tonelada de fígado molhado sendo jogado em uma banheira. Varney deu uma risadinha.

Ruislip se levantou devagar. O sangue que escorria do nariz lhe ensopava a boca e o peito, pingava no chão. Varney limpou o sangue da própria testa e abriu a boca podre para o mundo em um sorriso pavoroso.

— Vamos lá, seu gordo nojento. Me acerta de novo.

— Esse aí é promissor — murmurou o marquês.

Door ergueu a sobancelha.

— Ele não parece muito legal.

— Para um guarda-costas, ser *legal* é tão útil quanto o talento de regurgitar lagostas inteiras. Ele parece *perigoso*.

A plateia irrompeu em um burburinho de aprovação quando Varney deu um golpe muito veloz e doloroso: envolvia o súbito encontro de seu joelho envolto em couro com os testículos de Ruislip. O murmúrio foi contido como os aplausos desanimados de partidas locais de críquete em tediosos porém ensolarados domingos ingleses. O marquês bateu palmas educadamente, junto com os demais.

— Muito bom, senhor.

Varney olhou para Door e deu uma piscadela, como se ela já fosse sua, para então voltar a se concentrar em Ruislip. A garota sentiu um calafrio.

Ao ouvir os aplausos, Richard foi naquela direção.

Cinco mulheres de pele muito clara passaram por ele, todas praticamente com a mesma roupa: vestido longo de veludo, quase pretos de tão escuros — verde-escuro, marrom-escuro, azul-marinho, vermelho-sangue e um todo preto. Elas tinham cabelo preto e usavam joias de prata; estavam com maquiagem e penteado perfeitos. Andavam em silêncio: Richard ouviu apenas o farfalhar do veludo pesado quando elas passaram, um ruído que era quase um suspiro. A última das mulheres, a que estava toda de preto e era a mais bela e a mais pálida do grupo, sorriu para ele. Richard retribuiu o sorriso, temeroso, e seguiu até onde os testes estavam sendo conduzidos.

A arena ficava na área de peixes, carnes e aves, em uma parte aberta abaixo da estátua de peixe. A plateia (duas ou três fileiras de pessoas) estava de costas para ele. Richard se perguntava como encontraria Door e o marquês quando a multidão se afastou, abrindo caminho, e ele viu os dois sentados no tampo de vidro da bancada de salmão defumado. Ele abriu a boca para chamar Door, e nesse momento entendeu por que o grupo de gente tinha se dividido: um homem enorme, com o cabelo cheio de dreads, nu exceto por um pano amarelo, verde e vermelho enrolado na virilha como uma fralda, vinha voando, como se arremessado por um gigante, e aterrissou bem em cima dele.

— Richard?

Ele abriu os olhos. O rosto entrava e saía de foco. Feições élficas, pele clara e olhos cor de opala nobre encarando os seus.

— Door? — respondeu ele.

A garota parecia furiosa; furiosa era pouco, na verdade.

— Pelo Templo e pelo Arco, Richard. Não acredito nisso. O que você está fazendo aqui?

— É bom ver você também — disse ele, sem forças.

Ele se sentou e temeu ter sofrido uma concussão. Ficou se perguntando como conseguiria identificar, caso tivesse, e também por que algum dia tinha imaginado que Door ficaria feliz em vê-lo. Ela analisava as unhas com muita atenção, respirando fundo; parecia estar tentando se conter.

Lá estava o homenzarrão de dentes podres que derrubara Richard na entrada da ponte, lutando com um anão, ambos usando pé de cabra. A luta não seguia tão desequilibrada quanto seria de se imaginar. O anão tinha uma velocidade sobrenatural: rolava, atacava, quicava, desviava, tudo tão depressa que fazia Varney parecer pesadão e desajeitado.

Richard se virou para o marquês, que acompanhava atentamente a luta.

— O que está acontecendo?

O marquês olhou de relance para ele, mas logo voltou a acompanhar a ação que se desenrolava à sua frente.

— *Você* está perdido, na mais profunda merda e, imagino, a poucas horas de uma morte prematura e dolorosa. *Nós*, enquanto isso, estamos selecionando guarda-costas.

Varney acertou o pé de cabra no anão, que na mesma hora parou de pular e correr para ficar caído e imóvel.

— Acho que já vimos o bastante — anunciou o marquês, em voz alta. — Obrigado a todos. Senhor Varney, pode esperar um instante?

— Por que você inventou de vir aqui? — indagou Door, com frieza glacial.

— Não tive muita escolha.

A garota suspirou. O marquês andava pela área dispensando os guarda-costas que já haviam sido testados, distribuindo um elogio aqui, um conselho ali. Varney esperava pacientemente, um pouco afastado. Richard tentou um sorriso para Door. Foi ignorado.

— Como encontrou o Mercado?

— Eu conheci um povo dos ratos... — começou Richard.

— Os arautos dos ratos — corrigiu ela.

— Isso. E sabe aquele rato que trouxe a mensagem do marquês...?

— O mestre Caudalonga.

— Esse mesmo. Ele mandou me trazerem até aqui.

Door ergueu a sobrancelha e inclinou a cabeça de lado.

— Um arauto trouxe você?

Richard assentiu.

— Durante a maior parte do caminho. Chamava-se Anaesthesia. Ela... Bem, aconteceu alguma coisa com ela. Na Ponte. Outra mulher me acompanhou pelo restante do caminho. Acho que ela era... sabe... — Ele hesitou. — Prostituta.

O marquês estava de volta. Parou em frente a Varney, que exibia uma autossatisfação quase obscena.

— Armas de especialização? — perguntou o marquês.

— Rá! É assim: se serve para rasgar carne, para arrancar cabeças, para quebrar osso ou para abrir um rombo no peito do sujeito, Varney é especialista.

— Ex-empregadores que recomendem seus serviços...?

— Olympia, a rainha dos pastores, e o pessoal do Crouch End. Fui segurança também da Feira de Maio.

— Bem, ficamos muito impressionados com suas habilidades.

— Ouvi dizer — começou uma voz feminina — que vocês precisavam de um guarda-costas. Não sabia que estavam atrás de amadores entusiastas.

A mulher tinha pele da cor de caramelo e um sorriso capaz de encerrar uma revolução. Usava roupas de couro malhado em tons de marrom e cinza. Richard a reconheceu de imediato.

— É ela — sussurrou para Door. — A prostituta.

— Varney — disse Varney, afrontado — é o melhor guarda e matador do Submundo. Todo mundo sabe disso.

— Já encerraram os testes? — perguntou a mulher ao marquês.

— Já — respondeu Varney.

— Não necessariamente — respondeu o marquês.

— Então eu gostaria de me candidatar.

— Muito bem — respondeu o marquês, após uma fração de segundo.

Então deu um passo para trás, subiu no balcão de salmão defumado e se sentou confortavelmente para assistir.

Varney era inegavelmente perigoso, sem contar ameaçador, sádico e ativamente prejudicial à saúde física daqueles à sua volta. Não era, no entanto, muito veloz em termos de compreensão. Ele ficou encarando o marquês enquanto a ficha caía, e caía, e caía ainda mais. Finalmente, perguntou, cheio de descrença:

— Vou ter que lutar com *ela*?

— Sim — respondeu a mulher de couro. — Ou quer descansar um pouco antes?

Varney começou a rir: uma risada de louco. Mas logo parou, porque a mulher lhe acertou um chute forte e certo no plexo solar e ele tombou como uma árvore.

O pé de cabra que ele usara contra o anão se encontrava no chão, ao alcance de sua mão. Varney o pegou e o bateu no rosto da mulher — ou melhor, teria batido se ela não tivesse desviado. Ela reagiu rápido, golpeando com força os ouvidos dele com as mãos espalmadas. O pé de cabra saiu voando. Ainda se recuperando da dor, Varney sacou da bota uma faca. O que aconteceu depois, ele não saberia dizer muito bem, só sabia que o mundo tinha sido arrancado de sob seus pés e que ele fora lançado de cara no chão, o sangue escorrendo dos ouvidos e sua própria faca contra a garganta.

— Basta! — anunciou o marquês De Carabás.

A mulher ergueu o olhar, mantendo a faca no pescoço de Varney.

— E então?

— Muito impressionante — anunciou o marquês. Door assentiu.

Richard estava embasbacado: a performance tinha sido uma mistura de Emma Peel, Bruce Lee e um tornado maligno, salpicado com uma dose generosa de um trecho de um documentário que ele tinha visto sobre vida animal em que um mangusto trucidava uma cobra-real. Era assim que a mulher se movia. Era assim que lutava.

Richard em geral ficava nervoso quando confrontado com demonstrações reais de violência, mas descobriu que ver aquela mulher em ação era empolgante, como se ela revelasse a existência de uma parte desconhecida dele próprio. Parecia fazer muito sentido, naquele espelho surreal da Londres que ele conhecia, que aquela mulher existisse e lutasse tão ameaçadoramente e tão bem.

A mulher era da Londres de Baixo. Ele enfim entendia. E, ao pensar nisso, pensou também na Londres de Cima, um mundo onde ninguém lutava daquele jeito — ninguém precisava lutar daquele jeito —, um mundo de segurança e sanidade. Por um momento, a saudade de casa o tomou como uma febre.

A mulher baixou o olhar para Varney.

— Obrigada, mas infelizmente não precisaremos de seus serviços — disse ela educadamente, para então sair de cima de Varney e guardar no cinto a faca dele.

— E seu nome é...? — indagou o marquês.

— Me chamam de Hunter — respondeu a mulher.

Ninguém falou nada. Então Door perguntou, hesitante:

— *Aquela* Hunter?

— Isso mesmo — respondeu Hunter, limpando a calça justa de couro, que estava cheia de forragem. — Estou de volta.

Um sino soou em algum lugar, duas vezes, um badalar profundo que fez os dentes de Richard vibrarem.

— Cinco minutos — murmurou o marquês. Então se virou para os espectadores restantes: — Creio que já escolhemos nossa guarda-costas. Muito obrigado a todos. Encerramos por aqui.

Hunter foi até Door e a olhou de cima a baixo.
— Você consegue impedir que me matem? — perguntou a garota.
— Salvei a vida *dele* três vezes só hoje — respondeu a mulher, apontando com a cabeça para Richard. — Na travessia da Ponte.
Varney, que se levantara a muito custo, pegou o pé de cabra com a mente. O marquês percebeu; nada comentou.
A sombra de um sorriso pairava nos lábios de Door.
— Que engraçado, Richard achou que você fosse...
No entanto, Hunter não chegou a descobrir o que Richard tinha achado, pois naquele momento o pé de cabra foi voando na direção de sua cabeça. Ela simplesmente ergueu o braço e o pegou: o objeto encaixou-se na palma de sua mão com um ruído satisfatório.
Hunter foi até Varney.
— Isto é seu? — perguntou ela.
O grandalhão arreganhou os dentes amarelos, pretos e marrons.
— No momento, estamos sob a Trégua, mas se você tentar algo do tipo outra vez, vou arrancar seus dois braços e fazer você carregá-los para casa nos dentes.... — Ela torceu o pulso de Varney para trás. — Agora... peça desculpas, como um bom garoto.
— Ugh! — protestou Varney.
— Como é? — encorajou Hunter.
O grandalhão cuspiu as palavras como se estivessem presas na garganta, sufocando-o:
— Desculpa.
Ela o soltou. Varney recuou até uma distância segura, claramente assustado e furioso, sem tirar os olhos de Hunter. Quando chegou à porta, parou e gritou, hesitante, a voz denunciando que estava à beira das lágrimas:
— Você já era. Já era, ouviu? — E saiu correndo.
— Amadores — comentou Hunter, com um suspiro.

Estavam voltando pelo mesmo caminho por que Richard viera. O sino agora ressoava grave e continuamente. Quando chegaram perto da origem do som, Richard viu que se tratava de um sino de latão gigante suspenso por uma estrutura de madeira, com uma corda pendendo do badalo. Quem tocava era um grande homem negro, vestido com uma batina preta de monge dominicano. Aquilo estava ao lado do estande gourmet de balinhas de goma.

Embora o Mercado em si tivesse parecido impressionante a Richard, mais impressionante ainda era a velocidade com que o desativavam, o desmanchavam e o empacotavam. Os sinais de sua existência começavam a desaparecer: barracas eram desmontadas, levadas nas costas, carregadas pelas ruas. Richard avistou o Velho Bailey saindo, os braços cheios de suas placas

rudimentares e suas gaiolas de pássaros. Ele acenou alegremente para Richard e sumiu na noite.

A multidão se dispersou, o Mercado desapareceu e o chão da Harrods voltou ao normal, tão sóbrio, elegante e limpo como em toda tarde de sábado que Richard passara ali, atrás de Jessica. Era como se o Mercado nunca tivesse existido.

— Hunter. Eu ouvi falar de você, é claro — disse o marquês. — Por onde andou esse tempo todo?

— Por aí — respondeu a mulher, sem mais explicações. E, dirigindo-se a Door: — Você sabe seguir ordens?

— Se for preciso, sim.

— Ótimo. Então *talvez* eu consiga manter você viva — disse ela. — Se eu aceitar o trabalho.

O marquês parou e olhou para ela, incrédulo.

— Você disse *se* aceitar o trabalho...?

Hunter abriu a porta, e eles saíram para a noite das ruas de Londres. Tinha chovido enquanto estavam no Mercado, de forma que a luz dos postes cintilava no asfalto molhado.

— Já aceitei — retrucou Hunter.

Richard observava a rua brilhante. Parecia tudo tão normal, tão calmo, tão equilibrado... Por um momento, teve a sensação de que, para retomar o controle da própria vida, bastaria chamar um táxi e pedir que o levasse para casa. E dormiria a noite toda em sua cama. Mas nenhum táxi o veria nem pararia para ele, e, mesmo que algum parasse, Richard não tinha para onde ir.

— Estou cansado — comentou ele.

Ninguém disse nada. Door evitava seu olhar, o marquês o ignorava sem a menor cerimônia e Hunter o tratava como uma irrelevância. Ele se sentia uma criancinha indesejada, seguindo as crianças maiores para todo lado. Aquilo o irritou.

— Olha só — começou, limpando a garganta —, não quero ser um incômodo, sei que vocês são pessoas muito ocupadas, mas e eu?

O marquês se virou para ele e o encarou, os olhos brancos arregalados contrastando com o rosto negro.

— Você? — perguntou. — O que tem você?

— Ora, como eu volto ao normal? É como se eu tivesse entrado em um pesadelo. Semana passada tudo fazia sentido, e agora nada faz sentido... — Não conseguiu concluir. Engoliu em seco. — Quero saber como faço para ter minha vida de volta.

— Você não vai conseguir isso se vier com a gente, Richard — respondeu Door. — Sozinho já vai ser bem difícil, aliás. Eu... eu sinto muito, de verdade.

A frente do grupo, Hunter se ajoelhou no asfalto, pegou um pequeno bastão de metal do cinto para destravar a tampa do bueiro e a retirou. Depois de observar lá dentro, desceu pelo buraco e chamou Door, que a seguiu sem olhar de novo para Richard. O marquês coçou o nariz.

— Meu jovem, entenda uma coisa: existem duas Londres. A Londres de Cima, onde você vivia, e a Londres de Baixo, o Submundo, onde habitam as pessoas que caem pelas brechas do mundo. Agora você é uma delas. Tenha uma boa noite.

E De Carabás também começou a descer pela escada do bueiro.

— Ei! Esperem! — pediu Richard, pegando a tampa do bueiro antes que o fechassem.

Ele desceu atrás do marquês. No início da escada, o cheiro era de ralo sujo: um misto de morte, sabão e repolho podre. Richard esperava que o cheiro piorasse, mas não, pelo contrário: o odor foi se dissipando rapidamente conforme ele descia. Uma água cinzenta corria pelo piso do túnel de tijolos, rasa porém veloz. Richard pisou naquilo. Avistando à frente as luzes do grupo, saiu correndo pelo túnel, espirrando água até alcançá-los.

— Vá embora — ordenou o marquês.

— Não — retrucou ele.

Door o olhou de relance.

— Eu lamento muito, de verdade.

O marquês se colocou entre ela e Richard.

— Não tem como você voltar para sua antiga casa, seu antigo trabalho ou sua antiga vida — explicou ele a Richard, em um tom quase gentil. — Nada disso existe mais. Lá em cima, *você* não existe.

Tinham chegado a um entroncamento: um ponto em que três túneis se encontravam. Door e Hunter seguiram por um deles, o que não tinha água, sem olhar para trás. O marquês ficou para trás alguns momentos.

— Você vai ter que se virar como puder aqui embaixo, com os esgotos e a magia e o escuro — continuou, e abriu um enorme sorriso branco, um sorriso de uma falsidade reluzente, monumental. — Bem... mais uma vez, foi um prazer. Desejo-lhe sorte. — E completou, em tom de confiança: — Se você conseguir sobreviver aos próximos dois dias, talvez até dure um mês inteiro.

Com isso, deu meia-volta e saiu andando atrás de Door e Hunter.

Richard apoiou o corpo no muro. Ficou ali ouvindo os passos dos três ecoando para longe, o fluxo da água correndo para as estações de bombeamento do Leste de Londres, o sistema de escoamento de esgoto em ação.

— Merda.

Então, para a própria surpresa, Richard Mayhew, sozinho no escuro, começou a chorar pela primeira vez desde a morte do pai.

A estação de metrô estava muito vazia e muito escura. Varney se mantinha próximo das paredes enquanto avançava, lançando olhares de esguelha para trás, para a frente e para um lado e o outro. Tinha escolhido uma estação qualquer e chegara ali de telhado em telhado, oculto nas sombras, sempre conferindo se não estava sendo seguido. Não podia voltar para seu covil nos túneis profundos de Camden Town. Arriscado demais. Varney tinha comida e armas escondidas em outros lugares. Ficaria escondido por um tempo, até a poeira baixar.

Parou perto da bilheteria e prestou atenção aos sons, na escuridão: silêncio absoluto. Lembrou a si mesmo que estava sozinho e se permitiu relaxar um pouco. Parou no alto da escada em espiral e respirou fundo.

Uma voz ao seu lado, engordurada como óleo velho, comentou casualmente:

— Varney é o melhor guarda e matador do Submundo. Todo mundo sabe. O próprio senhor Varney nos disse isso.

Uma voz monótona respondeu, do outro lado:

— Não é legal contar mentiras, senhor Croup.

Na mais completa escuridão, o sr. Croup se empolgou com a discussão.

— Não mesmo, senhor Vandemar. Devo dizer que considero essa mentira uma traição pessoal e que me sinto profundamente magoado. E desapontado. Quando o indivíduo não dispõe de outras qualidades como compensação, é difícil ser leniente com as decepções, não é mesmo, senhor Vandemar?

— Muito difícil, senhor Croup.

Varney saiu em disparada, no escuro, sem nem pensar duas vezes, descendo a escada em espiral. Do alto veio a voz do sr. Croup:

— Devemos considerar que seria uma morte por misericórdia.

Os pés de Varney faziam o metal dos degraus ressoar pela escada, ecoando por toda a descida. Ele bufava, ele ofegava, os ombros raspando nas paredes; cambaleava às cegas escuridão abaixo. Enfim alcançou o início da escada, onde uma placa alertava os usuários do metrô de que eram duzentos e cinquenta e nove degraus no total e que apenas pessoas em boas condições de saúde deveriam sequer considerar a façanha de subir por ali. Todos os demais, sugeria a placa, deveriam tomar o elevador.

Elevador?

OuvIU-se um baque metálico, e as portas do elevador se abriram, magnificamente devagar, inundando de luz o corredor. Varney procurou a faca, todo atrapalhado, e soltou um palavrão ao lembrar que a maldita Hunter não a devolvera. Levou o braço à bainha do ombro para puxar o facão, mas não a encontrou.

Um pigarro educado soou às costas dele. Varney se virou.

O sr. Vandemar estava sentado nos degraus, ao pé da escada em espiral. Limpava as unhas com o facão de Varney.

Foi quando o sr. Croup se lançou sobre ele, atacando com dentes, garras e pequenas lâminas. Varney sequer teve a chance de gritar.

— Tchau — disse o sr. Vandemar, impassível, e continuou limpando as unhas.

O sangue começou a escorrer. Vermelho e encharcado, aos borbotões, pois Varney era um homem bem grande e havia muito tempo que guardava aquilo tudo dentro de si. Entretanto, depois que o sr. Croup e o sr. Vandemar terminaram, dificilmente alguém notaria a mais discreta mancha no assoalho ao pé da escada em espiral.

Da próxima vez que o piso fosse lavado, os últimos resquícios desapareceriam para sempre.

Hunter liderava o caminho. Door ia no meio. O marquês De Carabás assumia a retaguarda. Nenhum dos três dissera uma única palavra desde que deixaram Richard para trás, meia hora antes.

Door parou de repente.

— Não podemos fazer isso — declarou. — Não podemos deixá-lo.

— Mas é claro que podemos — retrucou o marquês. — Foi o que fizemos.

Door se sentia culpada e burra desde que vira Richard caído debaixo de Ruislip, na Harrods. Estava farta.

— Não seja tola — interveio o marquês.

— Ele salvou minha vida — retrucou ela. — Poderia ter me deixado naquela calçada, mas não deixou.

Era culpa dela. Sabia disso. Tinha aberto uma porta até alguém que pudesse ajudá-la, e assim ele fizera. Richard a levava para um lugar aquecido, cuidara dela, buscara ajuda. O ato o havia feito despencar para o outro mundo.

Só de considerar levá-lo com eles já era tolice. Não podiam, pois mal conseguiriam cuidar de si mesmos durante a jornada que os aguardava.

Ponderou, por alguns instantes, se tinha sido simplesmente a porta que abrira, possibilitando que ele a notasse, ou se havia algo mais naquela história.

O marquês ergueu a sobrancelha: era uma criatura distante, reservada, feita de pura ironia.

— Minha querida e jovem dama, esta expedição não comportará convidados.

— Não me trate como criança, De Carabás — retrucou Door, transmitindo cansaço na voz. — Acho que eu posso decidir quem vem com

a gente. Você trabalha *para mim*, não é mesmo? Ou é o contrário?

O pesar e a exaustão lhe tinham drenado a paciência. Ela precisava do marquês, não podia se dar ao luxo de tratá-lo mal, mas chegara ao seu limite.

De Carabás a encarou com uma raiva fria.

— Ele *não vem* com a gente — declarou. — Mesmo porque já deve estar morto a essa altura.

Richard não estava morto. Estava no escuro, sentado na boca de um cano de escoamento, pensando o que fazer, imaginando quanto faltava para chegar realmente ao fundo do poço. Até aquele momento, refletia, a vida o tinha preparado para um trabalho na área financeira, para compras em supermercados, para jogos de futebol na TV nos fins de semana, para o botão do aquecedor caso sentisse frio. A vida falhara esplendidamente em prepará-lo para ser uma não-pessoa nos telhados e esgotos de Londres, para dias de frio, umidade e escuridão.

Uma luz brilhou. Passos se aproximaram. Se fosse um bando de assassinos, canibais ou monstros, nem se daria ao trabalho de resistir, decidiu. Que acabassem com ele logo; já tinha jogado a toalha. Olhou para baixo, para a escuridão onde deviam estar seus pés. Os passos se aproximavam.

— Richard?

Era a voz de Door. Ele se levantou de um pulo. Depois, ignorou-a deliberadamente. *Se não fosse por você*, pensou...

— Richard?

Ele não ergueu o olhar.

— Que foi?

— Olha, foi por minha culpa que você só se meteu nessa confusão — começou ela. *Pode apostar*, pensou Richard. — E eu sei que não vai estar protegido ao nosso lado, mas... bem... — Ela hesitou. Respirou fundo. — Eu sinto muito. De verdade. Venha comigo.

Só então Richard olhou para ela: uma garotinha de rosto delicado e pálido, em formato de coração, com grandes olhos cor de opala que o encaravam com urgência. *É*, disse a si mesmo, *acho que não estou totalmente pronto para desistir de viver*.

— Bem, eu não tenho nenhum compromisso mesmo, então por que não? — respondeu, com uma falta de interesse muito calculada que beirava a histeria.

A expressão de Door mudou. Ela avançou e o abraçou bem forte.

— E vamos tentar levar você de volta para casa. Prometo. Assim que encontrarmos o que estou procurando.

Richard se perguntou se aquela vontade era sincera e, pela primeira vez, suspeitou de que a promessa fosse impossível de ser cumprida. Mas afastou

esse pensamento. Os dois seguiram juntos. Lá na frente, no fim do túnel, Richard viu Hunter e o marquês esperando por eles. O marquês tinha uma cara de quem havia sido forçado a engolir um limão inteiro.

— Aliás, *o que* você está procurando? — perguntou Richard, um pouquinho mais animado.

Door respirou fundo.

— É uma longa história — respondeu, em tom solene, depois de uma longa pausa. No momento, estamos procurando um anjo chamado Islington.

Foi quando Richard desatou a rir; não deu para segurar. Em parte era histeria, claro, mas era também consequência da exaustão de alguém que, de algum jeito, conseguira acreditar em dezenas de absurdos nas últimas vinte e quatro horas, sem sequer ter tomado um café da manhã decente. A risada dele ecoou pelos túneis.

— Um anjo? — repetiu, rindo sem parar. — Chamado Islington?

— Temos um longo caminho pela frente — completou Door.

Richard balançou a cabeça, sentindo-se esgotado, vazio, escapelado.

— Um anjo — sussurrou, histérico, para os túneis e a escuridão. — Um anjo.

Havia velas por todo o salão: velas junto às pilastras de ferro que sustentavam o teto, velas dispostas perto da cascata que descia de um dos paredões até uma pequena piscina de pedras, velas amontoadas nos cantos do paredão de rocha, velas aos montes pelo chão, velas instaladas em castiçais perto da porta gigantesca que ficava entre duas pilastras de ferro negro. A porta era de sílex negro polido, com uma base de prata quase preta de tão escurecida pelo passar dos anos. As velas não estavam acesas; mas, à medida que uma figura alta passava, as chamas ganhavam vida. Não foram tocadas por mão alguma; o pavio não se aproximou de nenhum fogo.

As vestes longas da figura eram simples e brancas, talvez mais que brancas. Uma cor, ou uma ausência de todas as cores, tão brilhante que espantava. Os pés estavam descalços no piso de rocha fria do salão. O rosto era pálido e sábio, além de gentil; e, talvez, um pouco solitário.

Era muito belo.

Em pouco tempo, todas as velas do salão ardiam. A figura parou perto da piscina de rochas; ajoelhou-se ao lado, uniu as mãos em concha, baixou-as até mergulhá-las na água cristalina, ergueu-as e bebeu. A água era gelada, mas muito pura. Quando terminou de beber, fechou os olhos por um momento, como se em oração. Então se levantou e se afastou, cruzando o salão de volta por onde viera; e as velas se apagaram à sua passagem, como acontecia havia dezenas de milhares de anos. A figura não tinha asas, mas era, sem sombra de dúvida, um anjo.

Islington deixou o salão; a última das velas se apagou, e a escuridão retornou.

SEIS

RICHARD ESCREVEU EM seu diário mental:

Querido diário,

Na última sexta-feira, eu tinha um emprego, uma noiva, uma casa e uma vida que fazia sentido (ou pelo menos tanto quanto é possível uma vida fazer sentido) até que encontrei uma garota ferida e sangrando na calçada e tentei dar uma de bom samaritano. Agora não tenho noiva, nem casa, nem emprego e estou perambulando por um lugar centenas de metros abaixo das ruas de Londres, com uma expectativa de vida equivalente à de uma libélula suicida.

— Por aqui — anunciou o marquês, indicando o caminho com um volteio elegante da mão, o punho de renda imundo do casaco esvoaçando.

— Mas esses túneis são todos iguais — afirmou Richard, deixando de lado o diário mental. — Como vocês sabem qual é qual?

— Não sabemos — respondeu o marquês, infeliz. — Estamos completamente perdidos. Nunca mais seremos vistos. Em poucos dias começaremos a matar uns aos outros para termos o que comer.

— Sêrio?

Mas, em uma fração de segundo, Richard entendeu que era deboche e odiou a si mesmo por ter acreditado.

— Não.

Pela expressão do marquês, via-se que ele achava tão fácil enganar aquele pobre coitado que nem tinha graça. Richard, no entanto, notou que ligava cada vez menos para o que pensavam dele. Exceto, talvez, por Door.

Continuou a escrever em seu diário mental. *Esta outra Londres tem centenas de habitantes. Milhares, talvez. Gente que nasceu aqui e gente que caiu das margens do mundo de cima. Estou vagando junto com uma garota chamada Door, a guarda-costas e o grão-vizir psicótico dela. Passamos a noite em um túnel pequeno que Door disse ter sido um trecho do esgoto construído nos tempos da Regência. A guarda-costas estava acordada quando peguei no sono e estava acordada quando me acordaram. Acho que ela não dorme nunca. Nosso café da manhã foi bolo inglês: o marquês tinha um bom pedaço no bolso. Por que alguém andaria por aí com um naco de bolo? Meus sapatos quase secaram totalmente enquanto eu dormia.*

Quero ir para casa. Mentalmente, ele sublinhou a última frase três vezes, reescreveu-a com letras vermelhas garrafais e a circulou. Por fim, colocou

vários pontos de exclamação ao lado, até o limite da margem do papel mental.

Pelo menos o túnel que percorriam naquele momento estava seco. Era um túnel high-tech: canos prateados e paredes brancas. O marquês e Door iam na frente, lado a lado. Richard geralmente ficava alguns passos atrás dos dois. Hunter cada hora estava em um lugar diferente: às vezes, atrás de todos; às vezes, à esquerda ou à direita, muitas vezes na dianteira, fundindo-se às sombras. Ela se movimentava sem ruído algum, o que Richard considerava desconcertante.

Um feixe de luz surgiu à frente.

— Chegamos — anunciou o marquês. — Estação Bank. Um bom lugar para começar a procurar.

— Vocês são doidos — comentou Richard. Não tinha intenção de ser ouvido, mas até uma *sotto voce* ganhava corpo e ecoava ali na escuridão.

— Ah, somos? — indagou o marquês.

O chão começou a tremer: um trem do metrô passava em algum lugar próximo.

— Richard, por favor — pediu Door.

Mas as palavras simplesmente saíam:

— Bem, vocês dois estão sendo bobos. Anjos não existem.

— Ah. Sim — concordou o marquês, assentindo. — Agora estou compreendendo. Anjos não existem. Assim como não existe Londres de Baixo, nem arautos dos ratos, nem pastores em Shepherd's Bush.

— E *não existem* pastores em Shepherd's Bush. Eu conheço a área. São só casas, lojas, ruas e a BBC. Só isso — afirmou Richard, em tom categórico.

— Existem, sim — interveio Hunter, oculta na escuridão, embora sua voz soasse bem ao ouvido de Richard. — E reze para nunca encontrá-los. — Ela disse aquilo com extrema seriedade.

— Bem, mesmo assim, não acredito que tenha um bando de anjos zanzando aqui por baixo.

— De fato — confirmou o marquês. — É só um anjo. — Haviam chegado ao fim do túnel. Uma porta fechada se erguia diante deles. O marquês se pôs de lado para Door avançar. — Senhorita?

Ela pousou a mão na madeira da porta, que, um instante depois, se abriu sem ruído.

— Talvez a gente esteja pensando em coisas diferentes — disse Richard, insistindo no assunto. — Os anjos que eu tenho em mente são aqueles com asas, auréola e trombeta, aquela coisa toda de “paz na terra e aos homens de boa vontade”.

— É isso aí — respondeu Door. — Exato. Anjos.

Passaram pela porta. Richard fechou os olhos involuntariamente ao receber no rosto o repentino jorro de luz: era como uma enxaqueca ao lhe atingir a cabeça. Quando sua vista se ajustou à claridade, ele descobriu,

surpreso, que sabia onde estava: no longo túnel da passagem para pedestres que ligava as estações de metrô Monument e Bank. Passageiros circulavam por ali, mas nenhum deu a menor atenção aos quatro. O lamento jovial de um saxofone ecoava pela extensão do túnel: alguém tocando, com certa competência, “I’ll Never Fall In Love”, de Burt Bacharach e Hal David. Richard conteve o impulso de começar a cantarolar junto. Eles seguiram na direção da estação Bank.

— Quem é mesmo esse anjo que estamos procurando? — perguntou Richard, sem muita inocência. — Gabriel? Rafael? Miguel?

Estavam passando diante de um mapa da rede do metrô. O marquês bateu o dedo comprido e escuro no ponto da estação Angel: Islington.

Richard já tinha passado centenas de vezes pela estação Angel. Ficava no badalado distrito de Islington, cheio de lojas de antiguidades e bistrôs. Sabia muito pouco sobre anjos, mas tinha quase certeza de que a estação de Islington fora batizada em homenagem a algum pub ou ponto de referência. Ele mudou de assunto:

— Sabe, quando tentei embarcar no metrô alguns dias atrás, não consegui.

— Você tem que mostrar quem manda, é só isso — explicou Hunter, baixinho, atrás dele.

Door mordeu o lábio inferior.

— O trem que estamos procurando vai nos deixar entrar — disse. — Se conseguirmos encontrá-lo.

As palavras dela quase foram abafadas por uma música que vinha de algum lugar ali perto. Desceram alguns degraus e tomaram outro corredor.

Estendido no chão, diante do saxofonista, estava o casaco dele, já com algumas moedas. Parecia que o próprio homem as tinha colocado ali, para fingir que todo mundo estava contribuindo, mas ninguém tinha caído na dele.

Era um homem extremamente alto, com cabelo escuro que ia até os ombros, uma barba escura, longa e dividida emoldurando os olhos profundos e o nariz de tamanho considerável. Usava uma camiseta esfarrapada e uma calça jeans com manchas de óleo. Quando o grupo se aproximou, ele parou de tocar, limpou a saliva do bocal, recolocou a peça e entoou as primeiras notas de uma velha canção de Julie London, “Cry me a River”.

Now, you say you’re sorry...

Richard notou, com certa surpresa, que o sujeito conseguia vê-los — e que fazia o possível para fingir que não. O marquês parou na frente do músico. O lamento do saxofone foi se perdendo, virando um guincho nervoso. De Carabás abriu um breve e frio sorriso.

— Seu nome é Lear, certo?

O homem assentiu, tenso. Ele acariciava as teclas do saxofone.

— Estamos procurando Earl's Court: a Corte do Conde — continuou o marquês. — Por acaso o senhor teria em sua posse algo como uma grade de horários dos trens?

Richard estava começando a entender. Supôs que a Earl's Court em questão não fosse a estação de metrô — onde inúmeras vezes havia esperado o trem, lendo o jornal ou apenas perdido em devaneios. O homem chamado Lear umedeceu os lábios com a ponta da língua.

— Não é impossível. O que eu ganharia com isso, se tivesse?

O marquês enfiou as mãos bem fundo nos bolsos do casaco. E sorriu; sorriu como um gato recém-encarregado de tomar conta de uma casa cheia de canários agitados porém roliços.

— Dizem... — começou, em um tom desinteressado, como se estivesse apenas matando o tempo. — Dizem que Blaise, o mestre de Merlin, certa vez compôs uma canção tão encantadora que as moedas saíam como mágica dos bolsos de quem a ouvia.

Lear estreitou os olhos.

— Valeria muito mais que uma grade de horários. Se você realmente tivesse isso.

O marquês fez uma encenação perfeita de alguém que acabasse de perceber que *Ora veja, é bem verdade*.

— Bem, nesse caso, creio que você ficaria me devendo, não?

Lear assentiu, relutante, e mexeu no bolso traseiro da calça, de onde retirou um pedaço de papel dobrado várias vezes. Ele estendeu o mapa, mas, quando o marquês tentou pegar, afastou a mão.

— Primeiro quero ouvir a tal canção, seu velho charlatão. E é melhor que funcione.

O marquês ergueu a sobrancelha. Enfiou a mão em um dos bolsos internos do casaco; quando a puxou de volta, segurava uma flauta irlandesa e uma pequena bola de cristal. Ele olhou para a bola, fez um “hmm” que significava “ah, então foi aí que você se meteu” e a guardou. Então estalou os dedos, levou a flauta aos lábios e começou a tocar uma música estranha porém animada, com um ritmo saltitante, volteante e cantante. Richard se sentiu com treze anos outra vez, quando escutava o Top Vinte no radinho de pilha do melhor amigo durante o horário de almoço da escola, tempos em que a música pop era tão importante quanto só a juventude lhe permite ser: a canção do marquês era tudo que ele sempre quisera ouvir...

Um punhado de moedas pousou no casaco de Lear, jogadas por transeuntes que iam embora com um sorriso no rosto e um bamboleio no caminhar. O marquês baixou a flauta.

— Agora estou lhe devendo, seu pilantra — resmungou Lear.

— Sim. Está. — O marquês pegou o papel que Lear lhe passou. Leu e assentiu. — Mas deixo aqui um alerta: use com parcimônia. Devagar se vai ao longe.

Com isso, os quatro se afastaram, seguindo pelo longo corredor cujas paredes eram cobertas de pôsteres anunciando filmes e roupas íntimas e, vez ou outra, de avisos com visual austero alertando aos músicos que não podiam tocar na estação; tudo isso ouvindo ainda o saxofone e o ruído das moedas caindo no casaco.

O marquês os levou até a plataforma da linha Central. Richard foi até a beirada e olhou para baixo. Imaginou, como sempre, qual seria o trilho energizado, e concluiu por si próprio, como sempre, que era o mais distante da plataforma, com grandes isoladores de porcelana mantendo-o afastado do chão; e se pegou sorrindo, involuntariamente, ao notar um ratinho cinza-escuro com coragem suficiente para enfrentar os trilhos, poucos metros abaixo, em uma jornada ratinheira em busca de restos de sanduíches e biscoitos caídos.

Uma voz masculina soou pelos alto-falantes, formal e etérea, alertando: “Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma”, com a intenção de impedir passageiros desatentos de cair ali. Richard, como a maioria dos londrinos, já quase não escutava mais aquilo: era como ruído branco, mas, de repente, sentiu a mão de Hunter em seu braço.

— Cuidado com o vão — avisou ela, muito séria. — Fique ali atrás. Perto da parede.

— O quê?

— Eu *disse* para tomar cuidado com...

Foi quando, de repente, apareceu aquela coisa subindo pela plataforma. Era fantasmagórico, transparente, feito da matéria dos sonhos e da cor de fumaça negra, e fluía como seda debaixo d’água e se movia assustadoramente rápido, embora, ao mesmo tempo, parecesse flutuar em câmera lenta. A coisa agarrou firme o tornozelo de Richard. Picou a pele, mesmo por cima da calça jeans. E o puxou para a beirada da plataforma, fazendo-o cambalear.

Richard viu, como se de longe, que Hunter tinha sacado a lança e golpeava o tentáculo de fumaça com força, sem parar.

Um grito soou ao longe, frágil e primitivo, como uma criança mimada privada de seu brinquedo. O tentáculo de fumaça soltou o tornozelo de Richard e recuou deslizando pela beirada da plataforma até desaparecer. Hunter puxou Richard pelo pescoço e o arrastou até a parede. Ele se recostou. Tremia, e o mundo passou a parecer surreal. A cor do jeans tinha sido sugada nos pontos que a coisa tocara, como se ele tivesse tentado estilizar a calça com água sanitária e obtido um péssimo resultado. Ele ergueu a perna da calça, expondo a pele: pequenas marcas roxas começavam a surgir no tornozelo e na panturrilha. *O que...?*, tentou perguntar, mas nada saiu. Engoliu em seco e tentou outra vez:

— O que era aquilo?

Hunter o encarava sem emoção. Seu rosto mais parecia esculpido em madeira marrom.

— Acho que não tem nome. Essas criaturas vivem nos vãos. Eu avisei.
— Eu nunca... nunca tinha visto.
— Porque não fazia parte do Submundo — explicou a guarda-costas. — Espere perto da parede. É mais seguro.

O marquês segurava um grande relógio de bolso, querendo saber o horário. Então guardou o item de volta no colete, consultou o papel que pegara com Lear e assentiu, satisfeito.

— Estamos com sorte — anunciou. — O trem da Earl's Court deve passar em cerca de meia hora.

— A linha Central não passa pela estação Earl's Court — lembrou-lhe Richard.

O marquês o encarou, claramente maravilhado.

— Que mente agradável a sua, meu jovem. Não há nada mais fantástico que a mais completa ignorância, não é mesmo?

O vento quente começou a soprar. Um trem chegou à estação. Pessoas desembarcaram e outras embarcaram, seguindo com suas vidas. Richard as observava com inveja. *Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma*, entoou a gravação. *Mantenha as portas livres. Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma.* Door olhou para Richard. Aparentemente preocupada com o que viu, foi até ele e segurou sua mão. Richard estava muito pálido, e ofegava. *Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma*, repetiu a gravação, ribombante.

— Eu estou bem — mentiu Richard, com coragem, para ninguém especificamente.

O pátio central do hospital do sr. Croup e do sr. Vandemar era um lugar frio, úmido e sem graça. O mato crescia em meio a mesas, pneus e pedaços de móveis abandonados. A impressão geral da área era de que, cerca de uma década antes (talvez por puro tédio, talvez por frustração ou talvez para declarar certos princípios, ou ainda como alguma espécie de arte performática), um bando de gente despejara pela janela, lá do alto, tudo que havia em seus escritórios e deixara ali para apodrecer.

Havia também vidro quebrado, quantidades abundantes de vidro quebrado. E muitos colchões. Alguns dos colchões, inclusive, pareciam ter sido incendiados algum dia, por nenhum motivo facilmente explicável. Ninguém sabia por quê; ninguém se importava. O mato crescia por entre as molas. Todo um ecossistema se desenvolvera ao redor da fonte ornamental que havia no centro do pátio, embora já não fosse propriamente ornamental — ou mesmo fonte — fazia um bom tempo. Um cano quebrado ali perto tinha transformado a fonte, com ajuda da água da chuva, em criadouro para muitos sapinhos que chapinhavam alegremente, aproveitando a ausência de qualquer predador terrestre. Corvos, melros e até gaivotas, por outro lado,

vez ou outra visitavam o local como a uma delicatessen livre de gatos e especializada em sapos.

Lesmas se arrastavam languidamente por baixo das molas dos colchões queimados; caramujos deixavam trilhas de gosma pelos estilhaços de vidros. Besouros grandes e pretos andavam diligentemente de um lado para o outro, passando por cima de telefones de plástico cinza esmagados e Barbies misteriosamente mutiladas.

O sr. Croup e o sr. Vandemar tinham ido até ali para espairecer. Andavam devagar pelo perímetro do pátio central, o vidro quebrado estalando sob os pés. Em seus ternos pretos gastos, eles pareciam sombras. O sr. Croup sentia uma fúria gélida. Andava duas vezes mais rápido que o sr. Vandemar, dando voltas ao redor dele e quase sapateando de raiva. Volta e meia, como se por incapacidade de conter a fúria, lançava-se contra a parede do hospital, atacando-a com socos e chutes à guisa de uma vítima de verdade. O sr. Vandemar apenas caminhava. Um caminhar consistente demais, firme demais e inexorável demais para ser considerado um simples passeio: a Morte caminha como o sr. Vandemar. O sr. Vandemar, impassível, observou o sr. Croup chutar uma placa de vidro, que se estilhaçou com um estrondo gratificante.

— Eu, senhor Vandemar, estou quase chegando ao meu limite — anunciou o sr. Croup, observando os destroços. — Estou quase lá. Aquele dissimulado, insignificante, enrolador, procrastinador... aquele cara de sapo anêmico... Eu poderia arrancar os olhos dele com os polegares...

O sr. Vandemar balançou a cabeça.

— Ainda não. Ele é o chefe. Nesse serviço. Depois do pagamento, quem sabe a gente não tira um tempinho para se divertir?

O sr. Croup cuspiu no chão.

— É um inútil de um paspalho manipulador... Devíamos trucidá-la. Anular, cancelar, enterrar, amortizar aquela vadia.

Um telefone começou a tocar, um som alto. O sr. Croup e o sr. Vandemar olharam ao redor, intrigados. Depois de um tempo, o sr. Vandemar encontrou o aparelho, parcialmente enterrado sob uma pilha de escombros que cobriam uma torrente de fichas médicas manchadas de água. Fios partidos saíam da parte posterior do aparelho. O sr. Vandemar o pegou e o passou ao sr. Croup.

— É para você.

O sr. Vandemar não gostava de telefones.

— Senhor Croup falando. — Depois, em um tom subserviente: — Ah. É o senhor... — Uma pausa. — No presente momento, como o senhor solicitou, ela está livre, leve e solta por aí. Temo que a sua ideia do guarda-costas tenha saído pela culatra... Varney? Sim, mortinho.

Mais uma pausa.

— Senhor, estou começando a ter certas dúvidas conceituais quanto ao meu papel e ao de meu parceiro nessa tolice. — Houve uma terceira pausa, e o sr. Croup ficou com uma palidez ainda mais pálida. — Amadores? — indagou, em tom cordial. — Nós? — Ele cerrou o punho e socou, com muita força, uma parede, sem alterar, no entanto, o tom de voz. — Senhor. Permita-me lembrar-lhe, com todo o devido respeito, que o senhor Vandemar e eu arrasamos a fogo a cidade de Troia. Levamos a Peste Negra a Flandres. Assassinaamos dezenas de reis, cinco papas, cinquenta heróis e dois deuses legítimos. Nossa última empreitada antes desta foi a tortura e a eliminação de toda a população de um mosteiro na Toscana seiscentista. Somos *plenamente* profissionais.

O sr. Vandemar, que se entretinha pegando os sapinhos e vendo quantos conseguia enfiar na boca ao mesmo tempo antes de se ver forçado a mastigá-los, comentou, de boca cheia:

— Aquilo foi legal...

— Aonde quero chegar? — indagou o sr. Croup, tirando alguma poeira imaginária do terno preto puído, a despeito da poeira de verdade. — Quero lembrá-lo de que somos assassinos. Degoladores. Nós matamos. — Ele ouviu por alguns segundos. — Bem, e quanto ao cara lá de cima? Por que não podemos matá-lo?

O sr. Croup se contorceu, deu mais uma cusparada e mais um chute na parede, tudo isso ainda segurando o telefone quebrado e enferrujado.

— *Dar um susto nela?* Somos matadores, não espantalhos. — Uma pausa. Ele respirou fundo. — Sim, eu entendo, só não me agrada.

Mas a pessoa do outro lado da linha já tinha desligado. O sr. Croup encarou o telefone. Então, com uma das mãos, ergueu o aparelho e deu início ao processo de esmurrá-lo metodicamente na parede, transformando-o em pequenos fragmentos de plástico e metal.

O sr. Vandemar se aproximou. Tinha encontrado uma grande lesma preta com a barriga de um tom vívido de laranja, que mastigava como se fosse doce de alcaçuz. A lesma, com uma cor já não tão vívida, tentava escapar pelo queixo do sr. Vandemar.

— Quem era?

— Quem você acha que era?

O sr. Vandemar ficou mastigando, pensativo, e por fim sugou a lesma inteira para dentro da boca, como se fosse um espaguete grosso e pegajoso, preto e laranja.

— Um espantalho? — disse o sr. Vandemar.

— Nosso empregador.

— É o que eu ia dizer.

— Espantalhos... — resmungou o sr. Croup, indignado. Seu rosto ia do vermelho de raiva para um doentio cinza de infelicidade.

O sr. Vandemar terminou de engolir e limpou a boca na manga do paletó.

— Um bom espantalho é aquele que vai de fininho, aparece atrás do corvo, agarra aquele pescocinho e aperta até o bicho parar de se debater. Isso sim espanta qualquer um.

Dito isso, ele ficou em silêncio; e os dois ouviram, lá no alto, corvos voando e dando grasnados ferozes.

— Corvos. Da família *Corvidae*. E, quando os corvos surgem — entoou o sr. Croup, saboreando as palavras —, é porque tem cadáver à vista.

Richard esperou recostado na parede, ao lado de Door. Ela falava bem pouco; roía as unhas, passava as mãos pelo cabelo avermelhado até deixá-lo todo espetado, depois tentava rearrumá-lo. Era, com certeza, muito diferente de qualquer pessoa que Richard já conhecesse. Quando notou que era observada, ela se encolheu ainda mais sob as camadas de roupa, engolida pela jaqueta de couro, de onde observava o mundo. A expressão no rosto dela lembrava a Richard uma linda criança de rua que ele vira no inverno anterior, atrás do mercado de Covent Garden: não havia identificado se era menina ou menino. A mãe pedia esmolas, suplicando moedas aos transeuntes, para alimentar a criança e o bebê que carregava nos braços, mas a criança apenas encarava o mundo à sua volta, sem dizer uma palavra, embora provavelmente sentisse fome e frio. Só observava.

Hunter estava ao lado de Door, olhando de um lado para o outro. O marquês tinha dito onde esperar e desaparecera. Um bebê começou a chorar em algum lugar. O marquês surgiu por uma porta de saída de emergência e foi até eles. Chupava uma bala.

— Está se divertindo? — perguntou Richard.

Um trem se aproximava, sua chegada anunciada por um sopro de vento morno.

— Apenas resolvendo umas coisinhas — respondeu o marquês. Depois de consultar de novo o papel e o relógio, apontou, dizendo: — Deve ser este. Fiquem atrás de mim, vocês três.

Quando o trem (uma composição bem comum, de aspecto sem graça, até, para decepção de Richard) surgiu na estação com aquele rugido grave e metálico, o marquês se inclinou por cima de Richard para avisar a Door:

— Milady? Tem um detalhe que talvez eu devesse ter mencionado antes.

Door pousou nele os olhos de cores peculiares.

— O quê?

— Bem, o Conde não vai ficar *muito* feliz em me ver.

O trem diminuiu a velocidade até parar. O vagão diante de Richard estava bem vazio: luzes apagadas; o ambiente desolado, deserto e escuro.

Quando pegava o metrô, Richard volta e meia notava algum vagão como aquele, fechado e sombrio, e se perguntava qual seria o propósito. As portas dos outros carros se abriram com um sibilo, e os passageiros embarcaram e desembarcaram, enquanto as daquele vagão continuaram fechadas. O marquês deu soquinhos na porta, em um ritmo complexo. Nada aconteceu. Richard já começava a temer que o trem partisse sem eles quando a porta foi aberta por dentro, alguns poucos centímetros. Pela fresta, um rosto envelhecido e de óculos os encarou.

— Quem bate?

Pela abertura, Richard viu chamas, gente e fumaça lá dentro, mas através do vidro das portas continuava enxergando apenas um vagão escuro e vazio.

— Lady Door e seus acompanhantes — anunciou o marquês, com polidez melíflua.

Então a porta se abriu por completo, e eles entraram na Corte do Conde.

SETE

—

MONTINHOS DE PALHA se espalhavam pelo chão, sobre uma camada de junco. As lenhas da grande lareira queimavam e crepitavam. Algumas galinhas ciscavam e bicavam o chão. Havia cadeiras com almofadas bordadas à mão, além de tapeçarias cobrindo as janelas e portas.

Richard oscilou para a frente quando o trem, com uma guinada, deixou a estação. Ele estendeu os braços e se segurou na pessoa mais próxima para se equilibrar. A pessoa mais próxima, por acaso, era um velho soldado grisalho e baixinho que seria a personificação, julgou Richard, de um servidor público recém-aposentado, não fosse o capacete de metal, a sobreveste, a cota de malha mal trançada e a lança; graças a esses itens, ele personificava um servidor público recém-aposentado que fora mais ou menos obrigado a entrar para o grupo de teatro amador local e forçado a interpretar um soldado medieval.

Quando foi agarrado, o homenzinho grisalho estreitou seus olhos míopes para Richard.

— Perdão — disse o homem, em um tom sombrio.

— Eu é que devo desculpas — respondeu Richard.

— Eu sei.

Um enorme cão de caça irlandês veio trotando de leve pelo corredor do vagão e parou ao lado de um homem sentado no chão com um alaúde, em que dedilhava uma melodia alegre porém mal executada. O cão encarou Richard e bufou com desdém, depois se deitou e dormiu. No outro extremo do vagão, um falcoeiro idoso com um falcão encapuzado no punho trocava gentilezas com um reduzido grupo de damas em idade avançada. Alguns passageiros encararam os quatro viajantes sem cerimônia; outros, igualmente sem cerimônia, os ignoraram. Aos olhos de Richard, o lugar era como se alguém houvesse dado um jeito de instalar uma pequena corte medieval dentro de um vagão do metrô.

Um arauto levou a trombeta aos lábios e entoou uma nota desafinada quando um velho imenso usando pantufas e uma volumosa túnica de peles entrou cambaleando pela porta que conectava o vagão ao seguinte, o braço apoiado nos ombros de um bobo da corte em roupas maltrapilhas e multicoloridas. O sujeito era uma visão grandiosa em todos os sentidos:

usava um tapa-olho no lado esquerdo, o que o fazia parecer um pouco vulnerável e instável, como um falcão cego de um olho; restos de comida pontilhavam sua barba grisalha e ruiva; e, abaixo da túnica de peles esfarrapadas, via-se uma calça de pijama, ao que parecia.

Esse deve ser o Conde, pensou Richard, acertadamente.

O bobo da corte, um velho de lábios finos e sem sinal de riso, tinha o rosto pintado e parecia ter escapado de uma vida de performances variadas nos *music halls* da era vitoriana, um século antes. O sujeito conduziu o Conde até uma cadeira de madeira esculpida que mais parecia um trono. O velho de túnica se sentou, desequilibrando-se um pouco. Nisso, o cachorro acordou, atravessou o vagão e foi se posicionar aos pés empantufados do Conde.

Earl's Court, pensou Richard. *Mas é claro*. E se pôs a ponderar se haveria um barão na estação Barons Court, se haveria um corvo na Ravenscourt, se...

O soldado ancião e baixinho deu uma tossida asmática e começou:

— Muito bem, vocês aí. Declarem a que vieram.

Door deu um passo à frente, mantendo a cabeça erguida. De repente, parecia alta e confiante, como Richard jamais a vira.

— Desejamos uma audiência com Sua Graça, o Conde.

— O que a garotinha disse, Halvard? — perguntou o Conde, do fundo do vagão.

Talvez ele fosse surdo, pensou Richard.

Halvard, o soldado ancião, posicionou as mãos em concha ao redor da boca.

— Eles desejam uma audiência, Vossa Graça! — gritou, para ser ouvido apesar do ruído do trem.

O Conde baixou o capuz da grossa túnica de peles e coçou a cabeça, pensativo. Dava sinais de calvície.

— Ah, é? Uma audiência? Esplêndido. E quem são eles, Halvard?

O soldado voltou a atenção para o grupo recém-chegado.

— Ele quer saber quem são vocês. Mas sejam breves. Não se prolonguem.

— Eu sou lady Door. Filha de lorde Portico.

O Conde ficou animado ao ouvir aquilo. Ele se inclinou para a frente e espiou através da fumaça com o olho bom.

— Ela disse que é a filha mais velha de Portico? — perguntou ao bobo da corte.

— Correto, Vossa Graça.

O Conde chamou Door com um aceno.

— Venha aqui. Venha, venha. Quero dar uma olhada em você.

Door atravessou o vagão balançante, segurando-se às grossas cordas que pendiam do teto. Quando ficou diante da cadeira de madeira do Conde, fez uma medida. O homem coçou a barba, encarando-a.

— Ficamos todos devastados ao saber do infortúnio sofrido por seu pai...
— começou o Conde, mas se corrigiu: — Quer dizer, por toda a sua família. Foi uma... — continuou, mas optou por: — Sabe, eu tinha grande consideração por ele, fizemos negócios juntos... O bom e velho Portico... cheio de ideias...

Ele parou. Então deu um tapinha no ombro do bobo da corte e sussurrou, em um estrondo rabugento, tão alto que foi ouvido mesmo com o barulho do trem:

— Vá contar umas piadas para eles, Tooley. Faça valer seu ordenado.

O bobo da corte saiu cambaleando pelo corredor, um passo artrítico aqui e um reumático ali. Parou diante de Richard.

— E você, quem seria?

— Eu? Hã... Eu? Meu nome? É Richard. Richard Mayhew.

— *Eu?* — remedou o bobo da corte, como um velho, em uma imitação teatral do sotaque escocês de Richard. — *Eu? Hã... Eu?* Observai, senhores. O que vedes não é um homem, mas um asno.

Os membros da corte deram risadinhas arcaicas e empoeiradas.

— E eu tenho por hábito me apresentar como marquês De Carabás — anunciou o marquês ao bobo, com um sorriso ofuscante.

O bobo da corte parou um instante.

— De Carabás, o larápio? De Carabás, o ladrão de corpos? De Carabás, o traidor? — O bobo se virou para os cortesãos em volta. — Mas este não pode ser De Carabás. E por que não? Pois De Carabás foi há muito banido da presença do Conde. Talvez seja uma espécie nova e meio esquisita de *arminho*. Um espécime que cresceu mais do que devia.

Risos desconfortáveis entre os cortesãos. Um burburinho começou. O Conde não se pronunciou, mas estreitou bem os lábios e começou a tremer.

— E eu sou Hunter — anunciou a guarda-costas ao bobo.

Os cortesãos se calaram. O bobo abriu a boca, pronto para falar, mas a fechou depois de olhar para a mulher. Um esboço de sorriso brincou no canto da boca perfeita de Hunter.

— Vá em frente — disse ela. — Diga algo engraçado.

O bobo olhava para os próprios sapatos, mexendo os pés em desconforto.

— Preciso comprar óculos vermelhos para ver melhor — murmurou ele.

O Conde, que encarava o marquês como um pavio sendo queimado, os olhos esbugalhados e os lábios embranquecidos, incapaz de acreditar no que os próprios sentidos constatavam, levantou-se de supetão. Um vulcão de barba grisalha, um velho guerreiro viking. Sua cabeça roçava o teto do vagão. Ele apontou para De Carabás e gritou, distribuindo perdigotos:

— Não vou tolerar isso, não mesmo. Faça-o vir até mim.

Halvard brandiu uma lança embotada, obrigando o marquês a ir adiante. De Carabás foi sem pressa até a frente do vagão e se pôs ao lado de Door,

diante do trono do Conde. O cachorro deu um rosnado do fundo da garganta.

— Você! — exclamou o Conde, apunhalando o ar com um dedo gigantesco de juntas salientes. — Eu conheço você, De Carabás. Não esqueci. Posso ser velho, mas não esqueci.

O marquês fez uma medida.

— Permita-me lembrar Vossa Graça que tínhamos um acordo — disse ele, com muita polidez. — Eu negocieei o tratado de paz entre seu povo e a Corte do Corvo. E, em troca, o senhor concordou em me conceder um pequeno favor.

Então existe mesmo uma Corte do Corvo em Ravenscourt, pensou Richard. Ele ficou imaginando como seria.

— Um pequeno favor? — indagou o Conde, ficando mais roxo que uma beterraba. — É assim que você chama o que se passou? Perdi dez homens por conta da sua tolice durante a retirada de White City. Perdi um olho!

— E, se Vossa Graça me permite o comentário — interveio o marquês, com muita graça —, achei o tapa-olho deveras apropriado. Adorna perfeitamente seu rosto.

— Eu jurei... — esbravejou o Conde, a barba se eriçando. — Eu jurei... que se algum dia você voltasse a pôr os pés em meus domínios, eu... — Ele balançou a cabeça, confuso, aéreo. Continuou: — Daqui a pouco eu lembro. Não sou de esquecer as coisas.

— O Conde não vai ficar “muito feliz” em ver você? — sussurrou Door para De Carabás.

— E não ficou mesmo — murmurou ele em resposta.

Door avançou um passo novamente.

— Vossa Graça, De Carabás veio como meu convidado e acompanhante — declarou, em voz alta e clara. — Em nome das boas relações que sempre existiram entre sua família e a minha, em nome da amizade entre meu pai e...

— Ele abusou de minha hospitalidade! — esbravejou o Conde. — Jurei que... que se ele entrasse outra vez em meus domínios, seria estripado e esturricado como... como... como alguma coisa... hã... alguma coisa que foi estripada e... hã... esturricada...

— Porventura... poderia ser como um arenque defumado, milorde? — sugeriu o bobo da corte.

O Conde deu de ombros.

— Não importa. Guardas, prendam-no.

E os guardas assim fizeram. Embora todos já tivessem passado muito dos sessenta anos, cada um segurava uma besta devidamente apontada para o marquês De Carabás, e suas mãos não tremiam nem pela idade avançada nem por medo. Richard olhou para Hunter, que parecia não se incomodar,

acompanhando a cena até com certo prazer, como se assistisse a uma peça de teatro.

Door cruzou os braços e se empertigou, empinando o nariz e erguendo o queixo pontudo. Quase não parecia mais a fadinha maltrapilha das ruas, e sim alguém que só aceitava que as coisas fossem feitas do seu jeito. Os olhos de opala reluziram.

— Vossa Graça, o marquês está me acompanhando em minha jornada. Nossas famílias são amigas há muito tempo...

— Sim. Muito tempo — interrompeu o Conde, solicitamente. — Há séculos. Séculos e séculos. Conheci seu avô também. Velhinho engraçado. Meio perdido — confidenciou.

— Mas me vejo obrigada a declarar que considerarei um ato de violência contra meu acompanhante um ato de agressão contra mim e minha família.

Ela olhava para cima, encarando o Conde, que era muito mais alto. Os dois ficaram assim por alguns instantes, imóveis. Ele puxou a barba ruiva e grisalha, agitado, e fez bico com o lábio inferior, como uma criancinha.

— A presença dele não será tolerada — retrucou.

O marquês pegou do casaco o relógio de bolso de ouro que encontrara no escritório de Portico e o examinou despreocupadamente. Então se virou para Door.

— Milady, obviamente serei de mais utilidade fora deste trem do que a bordo — disse, como se nada tivesse acontecido. — E tenho outros caminhos a explorar.

— Não — retrucou ela. — Se você for, vamos todos.

— Ah, não. Hunter vai cuidar de você na Londres de Baixo. No próximo Mercado nos reencontramos. Até lá, não faça nada estúpido.

O trem se aproximava de uma estação.

Door voltou a encarar o Conde: aqueles olhos grandes cor de opala cravados no rosto claro em formato de coração continham algo mais antigo e mais poderoso que seus poucos anos de vida deixariam transparecer. Richard notou que o ambiente sempre a ouvia com atenção.

— Vai deixá-lo partir em paz, Vossa Graça?

O Conde passou as mãos no rosto, esfregando o olho bom e o tapa-olho, e voltou a atenção para a jovem.

— Só o faça dar o fora. — Ele olhou para o marquês. — Da próxima vez... — O Conde deslizou o dedo grosso pelo pescoço. — Já sabe: arenque defumado.

O marquês fez uma longa mesura.

— Já conheço o caminho — disse aos guardas, e cruzou a porta aberta.

Halvard ergueu a besta e mirou as costas do marquês. Hunter estendeu a mão e empurrou a ponta da besta de volta para o chão. O marquês pisou na plataforma, se virou e acenou, cheio de pompa e ironia. A porta se fechou atrás dele com um chiado.

O Conde voltou a se sentar na cadeira enorme no fim do vagão. Não disse nada. O trem se pôs em movimento ruidosamente pelo túnel escuro.

— Mas onde estão meus modos? — murmurou o Conde para si mesmo, e encarou o grupo com o olho bom. E repetiu, em um retumbar desesperado que Richard sentiu no fundo da barriga, como um ressoar de bumbo: — *Onde estão meus modos?* — Fez sinal para que um dos velhos guardas se aproximasse. — Eles devem estar famintos após a jornada que empreenderam, Dagvard. E com sede, é claro.

— Sim, Vossa Graça.

— Pare o trem! — ordenou o Conde.

As portas se abriram com o chiado, e Dagvard saiu para a plataforma apressadamente. Richard observava os passageiros lá fora. Ninguém entrou no vagão deles. Ninguém dava sinais de notar qualquer coisa inusitada.

Dagvard foi até uma máquina de vendas. Tirou o capacete. Então, esbofeteou a lateral da máquina com a luva de malha.

— Ordem do Conde: chocolates.

Um zumbido mecânico veio das entranhas da máquina, que começou a cuspir dezenas de barras de chocolates da Cadbury, uma atrás da outra. Dagvard posicionou o capacete na abertura para pegar todas. As portas começaram a se fechar, mas Halvard enfiou o cabo da lança entre elas, que se abriram outras vez, e começaram a abrir e fechar, abrir e fechar, batendo na lança. *Por favor, não impeça o fechamento das portas*, alertou o alto-falante. *O trem não pode partir com as portas abertas.*

O olho bom do Conde encarava Door de um jeito meio torto.

— Então. O que a traz até aqui?

Ela umedeceu os lábios.

— Bem, indiretamente, Vossa Graça, a morte de meu pai.

O Conde assentiu devagar.

— Sim. Você busca vingança. Justíssimo. — Ele pigarreou e começou a recitar, em *basso profundo*: — *Brava a baioneta de batalha, a reluzir resplandecentes raios, espada escarlate embainhada no... no... em alguma coisa. É.*

— Vingança? — Door pensou um pouco. — Sim. Foi o que meu pai disse. Mas eu só quero entender o que aconteceu e me proteger. Minha família não tinha inimigos.

Naquele momento, Dagvard voltou para o vagão com o capacete cheio de barras de chocolate e latinhas de Coca-Cola. As portas finalmente puderam se fechar, e o trem partiu.

O casaco de Lear, ainda no chão da passagem, estava coberto de moedas e notas, mas também apinhado de sapatos. Sapatos ainda nos pés, chutando as

moedas, destruindo as notas e rasgando também o tecido do casaco. Eles pisavam no dinheiro e nem pareciam notar. Lear tinha começado a chorar.

— Por favor... Por que não me deixam em paz? — suplicou ele.

Estava encurralado contra a parede da passagem; o sangue escorria pelo rosto e depositava gotas escarlates na barba. O saxofone pendia desajeitado do pescoço, arranhado e amassado.

Estava cercado por uma pequena multidão — mais de vinte, menos de cinquenta —, todos empurrando e acotovelando, uma turba irracional de olhos pétreos e fixos, homens e mulheres tentando desesperadamente abrir caminho a unhas e dentes para dar dinheiro a Lear. O saxofonista tinha batido a cabeça na parede de azulejos, que agora estava suja de sangue. Afastou uma senhora com a bolsa escancarada que tentava empurrar para ele um punhado de notas de cinco, chegando a arranhar o rosto do pobre homem, tamanho o ardor para lhe dar o dinheiro. O músico se contorceu para fugir das unhas da mulher e caiu no chão.

Alguém pisou em sua mão. Empurraram sua cabeça, enfiando seu rosto em um montinho de moedas. Ele começou a choramingar e a xingar.

— Eu avisei para não abusar — comentou uma voz elegante ali perto. — Teimoso.

— Me ajude — ofegou Lear.

— Olha, até *existe* um contrafeitiço — admitiu a voz, quase relutante.

A multidão estava fechando o cerco. Alguém jogou para Lear uma moeda de cinquenta *pence*, que lhe abriu um corte no rosto. Ele se encolheu em posição fetal, abraçando o próprio corpo, enterrando o rosto entre os joelhos.

— Toque, seu maldito — choramingou. — Eu lhe dou o que quiser... mas faça essa gente parar...

Uma flauta irlandesa começou a tocar baixinho, ecoando pela passagem. Uma linha melódica simples, repetida sem parar, cada vez um pouquinho diferente: as variações De Carabás. Os passos começavam a se afastar. Relutantes a princípio, depois mais rápidos: afastando-se. Lear abriu os olhos. O marquês De Carabás tocava a flautinha recostado na parede. Quando notou que o músico o encarava, baixou a flauta e a guardou em um bolso interno do casaco. Jogou para Lear um lenço de linho remendado, com bordas de renda, para que ele limpasse o sangue da testa e do rosto.

— Eles podiam ter me matado — queixou-se Lear, em tom de acusação.

— Eu *avisei*. Você teve sorte de eu estar passando por aqui. — O marquês ajudou Lear a se sentar. — Bem, acho que agora está me devendo mais um favor.

O saxofonista pegou do chão o casaco: rasgado, enlameado e cheio de marcas de muitos pés. De súbito, sentiu muito frio, e cobriu os ombros com a vestimenta em frangalhos. Moedas caíram e notas flutuaram no ar até chegarem ao chão. Ele nem pegou.

— Será mesmo que foi sorte? Ou será que você armou isso?
O marquês parecia quase ofendido.
— Não sei por que você sequer pensaria isso.
— Conheço sua fama. Por isso. O que quer que eu faça desta vez?
Roubo? Incêndio? — Lear soava conformado e um pouco triste. —
Assassinato?
De Carabás se abaixou para pegar de volta o lenço.
— Roubo. Acertou de primeira — respondeu, com um sorriso. —
Preciso com urgência de uma porcelana da dinastia T'ang.
Lear sentiu um calafrio. Então, lentamente, assentiu.

Richard recebeu uma barra de chocolate Cadbury (tamanho máquina de vendas, sabor frutas com nozes) e um grande cálice de prata com bordas ornamentadas por, ao que parecia, safiras. O cálice continha Coca-Cola. O bobo da corte, cujo nome supôs ser Tooley, pigarreou bem alto.

— Proponho um brinde a nossos convidados. Uma criança, uma valentona e um idiota. Que cada um alcance o que merece.

— Qual desses sou eu? — murmurou Richard para Hunter.

— O idiota, é claro.

— Nos velhos tempos, tínhamos vinho — comentou Halvard, desolado, após tomar um gole de Coca. — Prefiro vinho. Não é tão melado.

— Todas as máquinas são que nem aquela, saem dando coisas assim, sem mais nem menos? — indagou Richard.

— Ah, sim! — respondeu o velho. — Elas atendem ao Conde, sabe? Ele comanda o metrô. A parte dos trens. É o senhor das linhas Central, Circle, Jubilee, Victorious, Bakerloo... bem, de todas exceto a linha Submundo.

— Que linha é essa?

Halvard balançou a cabeça, fez uma expressão tensa. Hunter tocou de leve o ombro de Richard, com a ponta dos dedos.

— Lembra-se do que eu falei sobre os pastores de Shepherd's Bush?

— Você disse que eu devia rezar para nunca encontrar um deles e que havia coisas que era melhor nem saber que existiam.

— Isso mesmo — concordou ela. — Então, pode acrescentar a linha Submundo a essa lista.

Door se aproximou, vindo dos fundos do vagão. Ela sorria.

— O Conde concordou em nos ajudar — anunciou. — Venham. Ele vai nos receber na biblioteca.

Richard ficou quase orgulhoso por não ter perguntado “Que biblioteca?” nem mencionado que não dava para haver uma biblioteca dentro de um trem. Apenas acompanhou Door até o trono vazio do Conde, deu a volta, atravessou a porta que ligava os vagões e entrou na biblioteca. Era uma

enorme sala de pedra, com pé-direito alto e teto de madeira. As paredes eram cheias de prateleiras. E as prateleiras eram cheias de coisas: livros, sim. Mas também uma variedade de outros objetos, como raquetes de tênis, tacos de hóquei, guarda-chuvas, uma pá, um laptop, uma perna de madeira, várias canecas, dezenas de sapatos, alguns pares de binóculos, um pequeno tronco, seis fantoches, uma lâmpada de lava, vários CDs, discos (LPs, tanto de quarenta e cinco quanto de setenta e oito rotações), fitas cassete e cartuchos de oito pistas, dados, carrinhos de brinquedo, diversas dentaduras, relógios de pulso, lanternas, quatro anões de jardim de tamanhos diferentes (dois pescando, um mostrando a bunda e o último fumando um charuto), pilhas de jornais, revistas, grimórios, banquinhos de três pernas, uma caixa de charutos, um pastor alemão de plástico daqueles que balançam a cabeça, meias... Era um pequeno império de itens perdidos.

— Este é o verdadeiro reino dele — murmurou Hunter. — Objetos perdidos. Esquecidos.

A parede de pedra tinha janelas, que permitiam ver a escuridão tremeluzente e as luzes dos túneis do metrô passando depressa. O Conde estava sentado no chão, de pernas abertas, acariciando e coçando o queixo do cachorro. Quando os viu entrar, ele se levantou. Franziu a testa.

— Ah! Aí estão vocês. Bem, eu os chamei até aqui por um motivo, que já vou lembrar...

Ele ficou repuxando a barba ruiva e grisalha, um gesto pequeno para um homem tão grande.

— O anjo Islington, Vossa Graça — lembrou Door, educadamente.

— Ah, sim! Seu pai tinha muitas ideias, sabe? Ele pediu minha opinião, mas não confio em mudanças. Mandei que fosse falar com Islington. — Ele parou. Piscou o único olho. — Já lhe contei isso?

— Sim, Vossa Graça. E *como* podemos chegar até Islington?

O Conde assentiu como se Door tivesse dito algo profundo.

— O caminho rápido funciona apenas uma vez. Depois disso, é preciso seguir o caminho longo. Perigoso.

— E o caminho rápido é...? — perguntou Door, muito paciente.

— Não, não. É preciso ser um abridor de portas para usá-lo. Só funciona com a família de Portico. — Ele apoiou a mão enorme no ombro de Door. Então a subiu até o rosto dela. — Melhor você ficar aqui comigo. Que tal manter este velho aquecido durante a noite, hein?

Ele a encarou com malícia, tocando o cabelo emaranhado de Door com os dedos velhos. Hunter avançou um passo, mas Door ergueu a mão: *Não. Ainda não.*

Door ergueu o olhar para o Conde.

— Vossa Graça, eu *sou* a filha mais velha de Portico. Como faço para chegar até o anjo Islington?

Richard ficou impressionado com o autocontrole de Door diante da óbvia derrota do Conde na batalha contra os lapsos temporais.

O velho piscou o olho bom de um jeito solene: um falcão velho, a cabeça inclinada para o lado. Tirou a mão do cabelo dela.

— De fato. De fato. Filha de Portico. Como vai seu adorável pai? Bem, espero. Um bom homem. Um bom homem.

— Como fazemos para chegar até o anjo Islington? — repetiu Door, embora sua voz tremesse um pouco.

— Hã? Use o Ângelus, é claro.

Richard começou a imaginar o Conde sessenta, oitenta, quinhentos anos antes: um guerreiro poderoso, um estrategista astuto, um grande namorado, um bom amigo, um adversário terrível. Ainda havia a carcaça daquele homem em algum lugar lá dentro. Era o que o tornava tão assustador. E tão triste. O Conde vasculhou as prateleiras, afastando canetas, cachimbos, zarabatanas, miniaturas de gárgulas e folhas mortas. Então, como um gato velho trombando com um rato, pegou um pequeno pergaminho enrolado, que entregou a Door.

— Aqui, mocinha. Está tudo aqui. Acho melhor levar vocês aonde precisam ir.

— Você vai levar a gente a algum lugar? — perguntou Richard. — De trem?

O Conde olhou ao redor em busca da origem do som, concentrou-se em Richard e abriu um sorriso largo.

— Ah, não é incômodo algum — trovejou. — Qualquer coisa pela filha de Portico.

Door apertou o pergaminho com firmeza, triunfante.

O trem começou a reduzir a velocidade enquanto Richard, Door e Hunter eram conduzidos de volta ao vagão. Ele olhou para a plataforma enquanto desaceleravam.

— Com licença. Que estação é essa? — perguntou.

O trem havia parado diante de uma placa que dizia MUSEU BRITÂNICO. Por alguma razão, aquilo era demais para Richard. Ele podia aceitar aquela história do vão, a Corte do Conde, até mesmo a biblioteca esquisita, mas, ora essa, como todo morador de Londres que se preze, ele conhecia o mapa do metrô. Aquilo estava passando dos limites.

— Não existe uma estação Museu Britânico — anunciou, com firmeza.

— Ah, não? — disse o Conde, em sua voz retumbante. — Então, hm, é melhor tomar cuidado ao sair do trem. — E gargalhou alegremente, dando um tapa no ombro do bobo. — Ouviu essa, Tooley? Sou tão engraçado quanto você.

O bobo deu o sorriso mais amarelo já visto.

— Quase não consigo conter o riso, Vossa Graça. Meu peito dói, tantas as gargalhadas oprimidas.

As portas se abriram com um sibilo.

— Obrigada — disse Door, sorrindo para o Conde.

— Vão logo, vão logo — respondeu o velho grandalhão, fazendo sinal para Door, Richard e Hunter saírem do vagão quente e enfumaçado para a plataforma vazia.

Então as portas se fecharam e o trem partiu. Richard ficou olhando para uma placa que, por mais que ele piscasse (nem mesmo se olhasse para outro lado e virasse o rosto de repente, para tentar pegá-la de surpresa), insistia em informar, obstinadamente:

MUSEU BRITÂNICO

OITO



ERA FIM DE tarde, e o céu sem nuvens transmutava de um azul intenso para um forte tom de violeta, com uma camada borrada de laranja incandescente e verde-limão se estendendo sobre Paddington, seis quilômetros a oeste, onde, pelo que o Velho Bailey pudera ver, o sol havia acabado de se pôr.

Céus: nunca há dois iguais, pensou o Velho Bailey, com certa satisfação. *Seja dia ou noite*. Ele podia se considerar um bom conhecedor de céus, o Velho Bailey, e aquele era um dos bons. Armara sua tenda, para passar a noite, em um telhado em frente à Catedral de St. Paul, no coração de Londres.

Ele tinha grande afeição pela St. Paul, que pelo menos havia mudado pouco nos últimos trezentos anos. Fora construída em cimento Portland branco, mas, antes mesmo de concluída a obra, o material começou a ficar preto devido à fuligem e à sujeira do ar poluído de Londres. Após a limpeza realizada na década de 1970 na cidade, voltara a ficar mais ou menos branca, mas ainda era a St. Paul. O Velho Bailey não sabia ao certo se o mesmo poderia ser dito sobre o restante do centro: ele espiou ali do alto do telhado, desviando o olhar de seu querido céu, observando o asfalto iluminado pelas lâmpadas a vapor de sódio. Via câmeras de segurança fixadas em um muro, alguns carros e um funcionário (que ficara trabalhando até tarde) saindo, trancando uma porta e indo na direção do metrô. *Argh*. Só a ideia de se enfiar debaixo da terra o fazia tremer. Ele era um homem dos telhados e se orgulhava disso. Abandonara havia muito o mundo ao nível do solo...

Ainda se lembrava de quando as pessoas *moravam* no centro, e não apenas trabalhavam ali; viviam e desejavam e riam, construíam casebres grudados uns nos outros, todos cheios de gente barulhenta. Ah, o barulho, a bagunça, as canções e o fedor do beco do outro lado da rua (então conhecido, ao menos extraoficialmente, como Beco da Bosta) foram lendários na época, mas agora ninguém mais morava no centro. Era um lugar frio e triste, cheio de escritórios, de gente que trabalhava de dia e, à noite, voltava para casa, para algum lugar que não ali. Não era mais um lugar onde morar. Até do mau cheiro ele tinha saudade.

O último borrão alaranjado desapareceu no roxo noturno. Ele cobriu as gaiolas para que os pássaros pudessem ter seu sono da beleza. As aves resmungaram, mas dormiram. O Velho Bailey coçou o nariz; depois de fazer

isso, foi para sua tenda, onde pegou uma panela enegrecida, um pouco de água, cenouras e batatas, sal e dois estorninhos mortos e depenados. Saiu novamente para o telhado, acendeu um foguinho dentro de uma lata de café enegrecida pelo fogo e já estava colocando o guisado para cozinhar quando sentiu que alguém o observava das sombras formadas por um aglomerado de chaminés.

Pegou o espeto e o brandiu ameaçadoramente naquela direção.

— Quem está aí?

O marquês De Carabás saiu das sombras, fez uma reverência quase mecânica e abriu um sorriso glorioso. O Velho Bailey baixou o espeto.

— Ah, é você. O que quer? Informação? Ou pássaros?

O marquês foi até ele, pegou um pedaço de cenoura crua do ensopado e o enfiou na boca.

— Informação, na verdade — respondeu.

O Velho Bailey deu um risinho zombeteiro.

— *Rá!* Uma reviravolta histórica, hein? — Então, inclinou-se para mais perto do marquês. — O que me dá em troca?

— Do que está precisando?

— Eu devia fazer como você, talvez. Pedir um favor em troca. Um investimento para uma ocasião futura. — Ele abriu um sorriso malicioso.

— Sai muito caro, a longo prazo — retrucou o marquês, sem achar graça.

O Velho Bailey assentiu. A essa altura, o sol já desaparecera. Estava esfriando bem rápido.

— Sapatos, então. E uma balaclava. — Ele inspecionou as luvas sem dedos: tinham mais buracos que pano. — E luvas novas. Vai ser um inverno daqueles.

— Muito bem. Vou providenciar.

O marquês De Carabás enfiou a mão no bolso e retirou de lá, tal qual um mágico fazendo uma rosa surgir do nada, a pequena estatueta preta em forma de animal que pegara no escritório de Portico.

— Muito bem. O que pode me dizer sobre isto aqui?

O Velho Bailey botou os óculos. Pegou o objeto das mãos do marquês. Era frio. Ele se sentou em um exaustor e, enquanto examinava cuidadosamente a estátua de obsidiana preta, revirando-a na mão, anunciou:

— É a Grande Besta de Londres.

De Carabás não respondeu. Seu olhar ia do Velho Bailey para a estatueta, impaciente.

Saboreando o leve desconforto do marquês, ele manteve o próprio ritmo ao continuar:

— Bem, reza a lenda que, nos tempos do primeiro rei Charles... aquele aparvalhado que teve a cabeça cortada... antes do incêndio e da peste, aliás... Ora, um açougueiro que morava perto do rio Fleet estava engordando uma pobre criatura para o Natal. Há quem diga que era um leitão, já outros

dizem que não, e há ainda os que, como eu, nunca souberam ao certo. Certa noite de dezembro, a besta fugiu, foi correndo, entrou no rio e desapareceu pela entrada de esgoto. E foi se alimentando de sujeira, e crescendo, crescendo, e cada vez mais malévola, mais traiçoeira. De tempos em tempos, um grupo de caça era enviado atrás da Besta.

O marquês comprimiu os lábios.

— Deve ter morrido uns trezentos anos atrás.

— Criaturas malignas não morrem fácil. São velhas, grandes e malignas demais.

De Carabás suspirou.

— Achei que fosse linda. Como os jacarés nos esgotos de Nova York.

O Velho Bailey assentiu, com ar de sabedoria.

— Aquelas lagartixas albinas gigantes? Elas existem. Arrancaram a cabeça de um amigo meu.

Um momento de silêncio. O Velho Bailey devolveu a estatueta ao marquês. Então ergueu a mão e a fechou como a boca de um jacaré, rápido, bem diante do rosto do marquês.

— Mas tudo bem. Ele tinha outra — concluiu o Velho Bailey, com uma careta zombeteira que era a coisa mais tenebrosa de se ver.

O marquês fungou, sem saber com certeza se o Velho Bailey estava ou não zombando dele. Enfiou de volta a estatueta da Besta no bolso do casaco.

— Espere aí — pediu o Velho Bailey, e entrou na tenda marrom. Voltou trazendo a caixinha prateada que o marquês lhe dera no último encontro. Estendeu-a para ele. — E isso aqui? Já pode levar embora? Tenho calafrios de ter esse negócio comigo.

O marquês foi até a beirada do telhado e desceu os dois metros que o separavam do edifício ao lado.

— Vou pegá-la de volta quando isso tudo terminar. Vamos torcer para que você não precise usá-la.

O Velho Bailey se inclinou para a frente.

— E como eu vou saber se terei que usá-la?

— Você vai saber — respondeu, de longe, o marquês. — E os ratos vão lhe dizer o que fazer com ela.

E, com isso, desceu pela lateral, segurando-se nos canos e nos parapeitos.

— Espero é nunca descobrir, só isso que eu digo — murmurou o Velho Bailey para si mesmo. Então algo lhe ocorreu. — Ei! — gritou para a noite e a cidade. — Não esqueça os sapatos e as luvas!

As propagandas nas paredes ofereciam bebidas saudáveis e refrescantes de leite maltado, excursões de trem ao litoral por dois xelins, arenques defumados, cera de bigode e serviços de engraxate. Relíquias do fim da década de 1920

ou final da de 1930, escurecidas por fumaça. Richard as observava com descrença. Tudo parecia completamente abandonado: um lugar esquecido.

— Estação Museu Britânico. É real — admitiu. — Mas... nunca *existiu* uma estação Museu Britânico. Isso é muito louco.

— Foi desativada e fechada por volta de 1933 — explicou Door.

— Que bizarro — comentou Richard. Era como dar um passeio pela história. Ele ouvia ecos de trens por túneis próximos, sentia o sopro violento de ar quando passavam. — Existem muitas estações como esta?

— Umas cinquenta — respondeu Hunter. — Mas nem todas são acessíveis. Nem para nós.

Algo se moveu nas sombras, na beira da plataforma.

— Olá. Tudo bem? — cumprimentou Door, se agachando.

Um rato marrom avançou até a luz e cheirou a mão dela.

— Obrigada — disse a garota, alegremente. — Também fico feliz por *você* não estar morta.

Richard se aproximou.

— Hã, Door... você pode passar uma mensagem ao rato, por mim?

O rato virou a cabeça para ele.

— A senhorita Bigodinhos falou que, se você tiver algo a dizer a ela, pode se dirigir diretamente — disse Door.

— Bigodinhos?

Door deu de ombros.

— É uma tradução literal — explicou. — Soa melhor em ratês.

Disso Richard não tinha dúvidas.

— Hã... Olá... senhorita Bigodinhos... Então, eu conheci um dos seus arautos, uma jovem chamada Anaesthesia. Ela estava me levando ao Mercado. Estávamos cruzando uma ponte no escuro, e ela não conseguiu chegar ao outro lado.

A rata o interrompeu com um agudo *uiiii*. Door começou a falar, hesitante, fazendo as vias de tradutora simultânea:

— Ela está dizendo... que os ratos não o culpam pela perda. Sua guia foi... hã... levada pela noite... como tributo.

— Mas...

A rata guinchou outra vez.

— Às vezes, eles voltam... — continuou Door. — A senhorita Bigodinhos agradece... sua preocupação.

A rata assentiu para Richard e piscou os olhinhos negros. Em seguida, pulou para o chão e correu de volta para o escuro.

— Rata simpática — comentou Door, que parecia mais bem-disposta agora que tinha o pergaminho. — Por ali — indicou, apontando para uma passagem em arco totalmente bloqueada por uma porta de ferro.

Foram até lá. Richard empurrou, mas a porta estava trancada pelo outro lado.

— Parece que está impedida — comentou. — Vamos precisar de algumas ferramentas.

Door abriu um sorriso repentino; seu rosto pareceu se iluminar. Por um momento, seu rosto élfico ficou lindíssimo.

— Richard, minha família... Nós somos abridores de portas. É o nosso Talento. Veja só...

Ela esticou a mão encardida e tocou a porta. Por um bom tempo, nada aconteceu. Então ouviram o barulho alto de algo caindo do outro lado e um clangor do lado onde estavam. Door empurrou a porta, que se abriu com um rangido aflitivo causado pela ferrugem. Ela levantou o colarinho da jaqueta de couro e enfiou as mãos nos bolsos. Hunter virou a lanterna para a escuridão além da passagem: um lance de escadas na escuridão, levando a algum lugar acima.

— Hunter, pode cuidar da retaguarda? — pediu Door. — Eu vou na frente. Richard pode ficar no meio.

Ela subiu alguns degraus. Hunter ficou onde estava.

— Milady? — chamou a guarda-costas. — Está indo para a Londres de Cima?

— Isso mesmo — respondeu Door. — Vamos ao Museu Britânico.

Hunter mordeu o lábio inferior. Balançou a cabeça.

— Preciso ficar na Londres de Baixo — disse, com um tremor na voz.

Era a primeira vez, notou Richard, que a mulher demonstrava qualquer coisa que não competência nata ou, vez por outra, um divertimento reservado.

— Hunter, você é minha guarda-costas — alegou Door, perplexa.

Hunter parecia constrangida.

— Sou sua guarda-costas na Londres de Baixo. Não posso subir.

— Mas você tem que ir.

— Milady, não posso. Achei que tivesse compreendido isso. O marquês sabe de minha impossibilidade.

Hunter vai cuidar de você na Londres de Baixo, lembrou Richard. É verdade.

— Não, não compreendo — retrucou Door, o queixo pontudo projetado e erguido, estreitando os olhos de cores peculiares. — Qual é o problema? Uma maldição ou algo assim? — perguntou, com desdém.

Hunter hesitou, umedeceu os lábios, assentiu. Era como se precisasse admitir ser portadora de alguma doença socialmente constrangedora.

— Deixe de bobagem, Hunter — Richard ouviu a própria voz dizer.

Por um instante, achou que a mulher fosse bater nele (o que seria ruim) ou mesmo começar a chorar (o que seria pior, muito pior). Ela respirou fundo antes de responder, em tom moderado:

— Ficarei ao seu lado enquanto estiver na Londres de Baixo, milady, e protegerei seu corpo de qualquer perigo que possa ameaçá-la, mas não me peça para acompanhá-la até a Londres de Cima. Isso eu não posso fazer.

Hunter cruzou os braços sob o busto e afastou um pouco as pernas. Para qualquer um que passasse por ali, era a própria estátua da Mulher que Não Iria a Lugar Alguém, esculpida em latão, bronze e açúcar queimado.

— Muito bem. Venha, Richard — chamou Door, e começou a subir.

— Olha, por que não ficamos aqui embaixo? — indagou ele. — Podemos achar o marquês e seguirmos juntos...

Mas Door já desaparecia escuridão acima. Hunter manteve os pés fincados no chão diante da escadaria.

— Vou esperar aqui — disse ela. — Você pode ir ou ficar. A escolha é sua.

Richard saiu correndo atrás de Door, subindo os degraus o mais rápido que pôde no escuro. Não demorou a ver o brilho da lanterna, um pouco acima.

— Espere! — pediu, ofegante. — Por favor.

Door parou e o esperou. Quando Richard a alcançou, chegando a um patamar claustrofobicamente pequeno, ela aguardou para lhe permitir recuperar o fôlego.

— Você não pode sair correndo desse jeito — reclamou Richard.

Door ficou em silêncio e comprimiu mais os lábios; o queixo se ergueu um tiquinho.

— Ela é sua guarda-costas — acrescentou Richard.

Door começou a subir o próximo lance de escada. Ele fez o mesmo.

— Bem, a gente não deve demorar — disse Door. — Aí ela pode voltar a me proteger.

O ar estava abafado, parado e opressivo. *Como avaliar a qualidade do ar sem a ajuda de um canário?*, perguntou-se Richard, e se contentou em torcer para que aquele não fosse ruim.

— Acho que o marquês sabia. Sobre a maldição dela, ou seja lá o que for — comentou ele.

— Sim — respondeu Door. — Espero que sim.

— Ele... O marquês. Olha, para ser sincero, bem, ele me parece meio vigarista.

Door parou. A escadaria acabava em um muro.

— Sim. Ele é “meio” vigarista tanto quanto os ratos são “meio” roedores.

— Então por que pedir ajuda a ele? Não tinha mais ninguém que pudesse ajudá-la? Eu poderia ter ido procurar outra pessoa.

— Depois a gente fala sobre isso.

Ela abriu o pergaminho dado pelo Conde, olhou rapidamente o que estava escrito, em letra muito arcaica e rebuscada, e voltou a enrolá-lo.

— Vai dar tudo certo — declarou, decidida. — Está tudo aqui. Só precisamos entrar no museu, encontrar o Ângelus e sair. Simples assim. Nada de mais. Moleza. Feche os olhos, Richard.

Ele fechou, obediente.

— Nada de mais — repetiu ele. — Nos filmes, quando alguém diz isso, é porque está prestes a acontecer alguma coisa horrível.

Ele sentiu uma brisa acariciar o rosto. Algo se alterou na escuridão que se estendia além de suas pálpebras fechadas.

— O que quer dizer com isso? — indagou Door.

A acústica em volta também tinha mudado: eles estavam em um lugar maior.

— Já pode abrir.

Richard abriu os olhos. Estavam do outro lado do muro, supôs, em um lugar que devia ser um depósito de tralha. Mas não qualquer tralha: havia algo muito estranho e especial naquele monte de tralha. Era o tipo de inutilidade magnífica, rara, estranha e cara que só poderia ser encontrada em um...

— Estamos dentro do Museu Britânico?

Door franziu o cenho. Parecia estar pensando, ou prestando atenção em algum som.

— Não exatamente. Mas estamos perto disso. Aqui deve ser algum tipo de depósito.

Ela tocou o tecido de um terno muito antigo, exposto em um manequim de cera.

— Era melhor ter ficado com a guarda-costas — comentou Richard.

Door inclinou a cabeça e o encarou com um olhar pesado.

— E do que você precisa ser protegido, Richard Mayhew?

— De nada — admitiu ele.

Foi quando viraram em um corredor.

— Quer dizer... — reconsiderou Richard. — Talvez deles.

— Merda — exclamou Door, na mesma hora.

O “talvez deles” de Richard e o “merda” de Door se deveram ao seguinte motivo: o sr. Croup e o sr. Vandemar estavam sobre dois pedestais, um em cada lado do corredor por onde Richard e Door seguiam.

Os dois lembraram a Richard uma exposição de arte contemporânea horrorosa que Jessica o tinha obrigado a ir: um jovem artista promissor organizara uma mostra que prometia quebrar os Tabus da Arte e, para executar a façanha, embarcara em uma onda sistemática de saques a sepulturas, expondo, posteriormente, os trinta achados mais interessantes de sua depredação. A mostra foi encerrada depois que o artista vendeu o *Cadáver Roubado Número 25* para uma agência de propaganda em troca de uma pequena fortuna de seis dígitos, e os parentes do Cadáver Roubado Número 25, ao verem a foto da escultura no jornal *The Sun*, processaram ambas as partes, exigindo que lhes repassassem uma parcela do valor obtido com a venda e que renomeassem a obra para *Edgar Fospring, 1919-1987, marido, pai e tio amado. Descanse em paz, papai*. Richard se lembrava de, durante a exposição, observar horrorizado os corpos enclausurados em vidro,

os ternos manchados e danificados: odiara a si mesmo por ver aquilo, mas não conseguira desviar o olhar.

O sr. Croup sorriu como uma cobra com uma lua crescente enfiada na boca. Ao fazer isso, sua semelhança com os Cadáveres Roubados de números 1 a 30 aumentou consideravelmente.

— Ora, ora — começou o sorridente sr. Croup. — Nada do marquês Nossa Como Sou Esperto e Sei de Tudo? Nada da guarda-costas Ah Eu Não Mencionei Ops Não Posso Sair Daqui de Baixo? — Fez uma pausa dramática. Algo no sr. Croup lembrava a podridão da morte. — Devo estar sonhando! Mas veja se não são dois carneirinhos que encontramos aqui, perdidos e sozinhos, já bem depois da hora de dormir?

— Acho que estou tendo o mesmo sonho, senhor Croup — comentou o sr. Vandemar, muito prestativo.

O sr. Croup desceu do pedestal.

— Permitam-me sussurrar uma gentileza em suas orelhinhas de lã, meus carneirinhos.

Richard olhou ao redor. Tinha que haver um jeito de fugir dali. Ele pegou a mão de Door, que olhou em volta, desesperada.

— Oh, não, não, por favor. Fiquem onde estão — pediu o sr. Croup. — Gostamos dessa posição. E não queremos ser obrigados a machucá-los.

— Queremos, sim — corrigiu o sr. Vandemar.

— Bem, é verdade, senhor Vandemar, já que o senhor colocou dessa maneira. Queremos machucar vocês. Queremos machucar bastante, diga-se de passagem. Mas não é para isso que estamos aqui. Viemos deixar as coisas mais interessantes. Veja bem, quando a monotonia ameaça cair sobre nós, meu sócio e eu ficamos inquietos e, embora seja difícil de acreditar, perdemos nossa singeleza e jovialidade costumeiras.

O sr. Vandemar arreganhou os dentes, para demonstrar sua singeleza e jovialidade costumeiras. Foi, sem sombra de dúvidas, a visão mais horrível que Richard tivera na vida.

— Deixem a gente em paz — exigiu Door, com firmeza.

Richard apertou a mão dela. Se a garota conseguia ser valente, ele também conseguiria.

— Se quiserem machucar minha amiga, vão ter que me matar primeiro — declarou.

O sr. Vandemar pareceu genuinamente satisfeito com a declaração.

— Tudo bem — respondeu. — Obrigado.

— E vamos machucar você também — completou o sr. Croup.

— Mas não agora — interveio o sr. Vandemar.

— Veja bem, desta vez nosso objetivo é apenas deixá-los preocupados — explicou o sr. Croup, com voz de manteiga rançosa.

— Fazer vocês sofrerem — acrescentou o sr. Vandemar, a voz soando como o vento noturno soprando sobre um deserto de ossos. — Estragar o

dia de vocês.

O sr. Croup se sentou na base do pedestal em que estava o sr. Vandemar.

— Vocês estiveram na Corte do Conde hoje — comentou, em um tom que, segundo Richard suspeitava, o sujeito devia julgar muito tranquilo e casual.

— E o que é que tem? — indagou Door, que começava a recuar ligeiramente.

O sr. Croup sorriu.

— Como sabíamos disso? Como sabíamos onde encontrá-los agora?

— Podemos pegar vocês quando bem entendermos — disse o sr. Vandemar, quase em um sussurro.

— Você foi traída, minha queridinha — explicou o sr. Croup, dirigindo-se, dessa vez, apenas a Door. — Um traidor infiltrou-se em seu ninho. Um cuco.

— Vamos — disse a garota, e saiu correndo.

Richard correu junto. Cruzaram o salão cheio de tralhas até chegarem a uma porta, que se abriu ao toque de Door.

— Despeça-se deles, senhor Vandemar — ordenou a voz do sr. Croup, lá atrás.

— Tchau, tchau — disse o sr. Vandemar.

— Não, não é assim. *Au revoir*.

E o sr. Croup fez um barulhinho: o *cu-co*, *cu-co* que um relógio de pêndulo desse tipo faria se tivesse um metro e setenta de altura e tivesse um fraco por carne humana, enquanto o sr. Vandemar, fiel à sua natureza, jogou para trás a cabeça atarracada e uivou como um lobo, fantasmagórico e feroz e insano.

Estavam do lado de fora, a céu aberto, de noite, correndo pela calçada da Bloomsbury's Russell Street. Richard achou que seu coração fosse saltar do peito. Um grande carro preto passou por eles. O Museu Britânico ficava atrás de portões altos pintados de preto. Luzes discretamente posicionadas iluminavam o grande prédio branco vitoriano, as grandes colunas da fachada, os degraus que levavam à entrada. O museu era o repositório de muitos tesouros do mundo, saqueados ou encontrados ou recuperados ou doados ao longo de séculos.

Chegaram às grades de um dos portões de acesso. Door as segurou com ambas as mãos e empurrou. Nada aconteceu.

— Você não vai abrir isso? — perguntou Richard.

— O que acha que estou tentando fazer? — retrucou a garota, irritada, com um tom agressivo que lhe era pouco habitual.

A uns cem metros dali, no portão principal, formava-se uma fila de carros grandes, de onde saíam casais em roupas descoladas para percorrer a larga calçada até o museu.

— Por ali — indicou Richard. — O portão principal.

Door assentiu. Olhou para trás.

— Parece que aqueles dois não estão nos seguindo.

Eles correram para o portão.

— Você está bem? — perguntou Richard. — O que aconteceu lá no outro portão?

Ela se encolheu na jaqueta de couro. Exibia olheiras e uma palidez maior que o normal.

— Estou cansada — respondeu, sem rodeios. — Abri muitas portas hoje. É algo que exige muito de mim, cada vez que faço, então preciso de um tempo para me recuperar. É só eu comer alguma coisa que fico bem.

Um segurança no portão examinava minuciosamente os belos convites de cada um daqueles homens de barba bem-feita em ternos elegantes e cada mulher perfumada em vestido de gala, para então riscar da lista os nomes e deixá-los entrar. Ao lado do segurança, um policial fardado inspecionava os convidados com um olhar implacável. Richard e Door passaram pelo portão sem que ninguém lhes desse a menor atenção. Os dois foram para o fim da fila, juntando-se às pessoas que aguardavam nos degraus de pedra diante das portas do museu. Na mesma hora, um homem de cabelo branco acompanhado por uma mulher corajosamente vestida em um casaco de vison legítimo se colocou logo atrás deles, obedecendo à ordem da fila. Richard ficou surpreso.

— Essas pessoas podem nos ver? — perguntou.

Door se virou para o cavaleiro, erguendo o olhar para ele.

— Olá — cumprimentou ela.

O homem olhou em volta com uma expressão intrigada, como se não soubesse o que atraía sua atenção. Só então enxergou Door, parada à sua frente.

— Olá...? — respondeu ele, desconfiado.

— Eu me chamo Door. Este é Richard.

— Ah...

O homem então enfiou a mão no bolso interno do paletó, pegou uma cigarreira e os esqueceu por completo.

— Pronto. Entendeu? — disse Door a Richard.

— Acho que sim — respondeu ele.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, enquanto a fila avançava vagarosamente em direção à única porta de vidro que dava acesso ao prédio. Door releu o pergaminho, como se precisasse confirmar alguma informação.

— Um traidor? — comentou Richard.

— Eles só estavam nos provocando. Queriam nos deixar abalados.

— E conseguiram.

Os dois passaram pela porta aberta e entraram no Museu Britânico.

Eles voltaram pela Trafalgar Square, porque o sr. Vandemar estava faminto.

— Dar um susto nela — murmurou o sr. Croup, enojado. — *Um susto*. A que ponto chegamos?

O sr. Vandemar tinha encontrado metade de um sanduíche de camarão com alface em uma lata de lixo e agora tirava pedacinhos delicadamente, jogando-os na calçada de pedras à sua frente e atraindo, com isso, um pequeno bando de pombos notívagos.

— Devíamos ter seguido a minha ideia — comentou ele. — Susto bom era se eu tivesse arrancado a cabeça dele quando a garota olhasse para o lado, e aí eu enfiava a mão pela garganta dele que nem fantoche e ficava remexendo os dedos, isso sim. Sempre gritam na hora em que os olhos saltam.

E demonstrou com a mão direita, jogando os dedos para cima no ar e balançando-os.

O sr. Croup não se conformava.

— Por que ficar tão melindroso a essa altura? — refletiu ele.

— Não estou melindroso, senhor Croup. Eu gosto quando os olhos saltam — respondeu o sr. Vandemar.

Mais pombos cinzentos cuja hora de dormir passara havia muito se aproximaram para bicar os pedacinhos de pão e de camarão, ignorando a alface.

— Não estou falando de você — retrucou o sr. Croup. — Falo do patrão. Mate a garota, sequestre a garota, assuste a garota. Por que não se decide logo?

O sanduíche que o sr. Vandemar usava como isca acabou. Ele atacou o bando de pombos, que alçaram voo com muito alvoroço e algumas arrulhadas de resmungo.

— Bela captura, senhor Vandemar — elogiou o sr. Croup.

O sr. Vandemar segurava um pombo surpreso e chateado, que arrulhava e se debatia em suas mãos, bicando os dedos de seu algoz inutilmente.

O sr. Croup deu um suspiro dramático.

— Bem, não importa. Agora com certeza soltamos o lobo no galinheiro — comentou, satisfeito.

O sr. Vandemar ergueu o pombo junto ao rosto. Um ruído crocante se fez ouvir quando ele mordeu a cabeça da ave e começou a mastigar.

Os seguranças do museu guiavam os convidados para um corredor que parecia funcionar como sala de espera. Door os ignorou completamente e seguiu explorando o interior do museu, Richard em seu encalço. Passaram pela ala egípcia, subiram vários lances da escada de emergência até chegarem a uma sala batizada como PRIMÓRDIOS INGLESES.

— De acordo com esse negócio, o Ângelus está em algum lugar desta sala — explicou. Então leu outra vez o pergaminho e olhou ao redor, com mais atenção. Fez uma careta e um ruído de irritação e voltou para a escada, agora descendo. Richard teve um forte *déjà-vu*, até se dar conta de que, sim, claro que aquilo lhe era familiar: era daquele jeito que ele passava os fins de semana em sua vida com Jessica — o que já começava a parecer muito distante, como algo que acontecera a outra pessoa muito, muito tempo antes.

— Então o Ângelus não estava naquela sala? — perguntou ele.

— Não, não estava lá — respondeu a garota, com um pouco mais de agressividade do que Richard sentia que a pergunta merecera.

— Ah. Foi só uma pergunta.

Será que estavam começando a ter alucinações devido a uma overdose de açúcar iniciada na Corte do Conde ou por alguma privação sensorial?

— Estou ouvindo uma música — comentou ele.

Parecia um quarteto de cordas.

— É a festa — explicou Door.

Claro. As pessoas elegantes da fila. É, parecia que o Ângelus também não estava por ali. Door entrou na sala seguinte, Richard atrás. Desejava ser mais útil.

— Esse Ângelus... Como ele é?

Por um instante, achou que fosse levar bronca só por ter perguntado, mas a garota parou e esfregou a testa.

— Aqui só diz que tem uma imagem de um anjo nele. Mas não pode ser tão difícil de encontrar. — E acrescentou, esperançosa: — Afinal, quantas obras com anjos pode ter por aqui?

NOVE

—

JESSICA ESTAVA SOFREND0 certa pressão. Estava preocupada, nervosa e agitada. Tinha catalogado a coleção, negociado o espaço do Museu Britânico, organizado a Restauração da Peça em Destaque, ajudado na montagem e elaborado a lista de convidados para o Vernissage Fabuloso. Ainda bem que não tinha namorado, dizia aos amigos. Não teria tempo para ele. Mesmo assim, pensou, bem que seria legal arranjar um quando estivesse menos atribulada: alguém para acompanhá-la às galerias nos fins de semana. Alguém para...

Não. Não se permitiria entrar naquela espiral de pensamentos. Ficar pensando naquilo era o mesmo que tentar segurar água com as mãos, então voltou a se concentrar na exposição. Mesmo naquele momento, já prestes a inaugurar, havia muito o que podia dar errado. Inúmeros corredores já haviam tropeçado na linha de chegada. Diversos generais ultraconfiantes já tinham visto uma vitória garantida se transformar em derrota nos últimos minutos de batalha. Jessica apenas faria de tudo para garantir que nada desse errado. Ela usava um vestido de seda verde — um general de ombros à mostra guiando sua tropa, imperturbável, e fingindo que o sr. Stockton não estava meia hora atrasado.

A tropa consistia em um maître, uma dúzia de garçons, três assistentes de bufê, o quarteto de cordas e o assistente de Jessica, um jovem chamado Clarence. Jessica estava convencida de que Clarence só conseguira aquele emprego por ser a) gay assumido e b) negro igualmente assumido. Por conta disso, era motivo de constante irritação para ela que Clarence fosse, de longe, o assistente mais eficiente e mais competente que já tivera.

Ela observou a mesa de bebidas.

— Temos champanhe suficiente? Hein? — O maître apontou para um engradado debaixo da mesa. — E água gasosa? — Outro gesto. Outro engradado. Jessica comprimiu os lábios. — E quanto a água *sem* gás? Nem todos são fãs daquelas bolhinhas. — Tinham bastante água mineral sem gás. Ótimo.

O quarteto de cordas afinava os instrumentos, mas não tão alto a ponto de neutralizar a balbúrdia que vinha do corredor. Era o barulho de um grupo pequeno porém abastado: o resmungar de mulheres em casaco de pele e de

homens que, não fosse pelos avisos de PROIBIDO FUMAR — e talvez pela recomendação de seus médicos —, estariam com charutos; a tagarelice de jornalistas e celebridades que sentiam o cheiro dos canapés, *vol-au-vents*, petiscos diversos e champanhe de graça.

Clarence falava ao celular, uma engenhoca dobrável muito fina que fazia os comunicadores de *Jornada nas Estrelas* parecerem grandalhões e arcaicos. Ele desligou e guardou o aparelho sem nem fazer volume no bolso Armani do terno Armani. Abriu um sorriso tranquilizador.

— Jessica, o motorista do senhor Stockton telefonou, do carro. Estão ainda um pouquinho atrasados, mas nada com que se preocupar.

— Nada com que se preocupar — repetiu Jessica.

Arruinada. Estava *arruinada*. Seria um desastre total. Um desastre causado por *ela*. Jessica pegou uma taça de champanhe da mesa, virou-a de uma só vez e a devolveu, vazia, ao garçom.

Clarence inclinou a cabeça para o lado, atento ao burburinho que reverberava pelo corredor. Olhou para o relógio, depois olhou para Jessica com um ar contestador, um capitão questionando seu general. *Hora de marchar para o Vale da Morte, chefe?*

— O senhor Stockton está a caminho, Clarence — disse Jessica, muito calma. — Ele solicitou um tour particular antes do evento.

— Quer que eu vá ver como estão os convidados?

— Não — respondeu ela, decidida. Então, igualmente decidida, corrigiu-se: — Sim.

Com os comes e bebes sob controle, ela voltou sua atenção ao quarteto de cordas. Perguntou aos músicos, pela terceira vez naquela noite, qual exatamente era o repertório.

Clarence abriu as portas duplas. Era pior do que ele imaginava: devia haver mais de cem pessoas no corredor. E não eram simples pessoas. Eram Pessoas. Algumas eram até Personalidades.

— Com licença — chamou o diretor do Conselho de Artes. — O horário no convite consta como oito em ponto. Já são oito e vinte.

— Só mais alguns minutinhos — garantiu um charmoso Clarence. — Questões de segurança.

Uma mulher de chapéu o interpelou. Sua voz era alta, agressiva e decididamente parlamentar.

— Meu jovem, você sabe quem eu sou?

— Para falar a verdade, não — mentiu Clarence, que sabia exatamente quem eram todos ali. — Só um instante. Vou ver se alguém aqui dentro sabe. — E fechou a porta. — Jessica, eles vão começar um motim.

— Não exagere, Clarence.

Jessica andava pela sala como um furacão de seda verde, posicionando os garçons em cantos estratégicos do salão, com suas bandejas de canapés e de

bebidas, e conferindo o sistema de alto-falantes, o púlpito, a cortina e a corda para abri-la.

— Já estou vendo as manchetes — disse o assistente, abrindo um jornal imaginário. — VELHOTES BILIONÁRIOS PISOTEIAM DIVA DO MARKETING EM CORRE-CORRE ALUCINADO POR CANAPÉS.

Alguém bateu à porta. O barulho no corredor aumentava.

— Com licença. Ei. Com licença — chamava alguém, bem alto.

Mais uma pessoa informando ao mundo que aquilo era um desastre, pura e simplesmente um desastre, não havia outra palavra.

— Está decidido: vou deixar todo mundo entrar — disse Clarence, de repente.

— Não! — gritou Jessica. — Se você...

Tarde demais. As portas já haviam sido abertas, e a horda forçava caminho para dentro do salão. O rosto de Jessica se transfigurou, indo do horror a um gracioso deleite. Ela foi brilhando até a porta.

— Baronesa — cumprimentou Jessica, com um sorriso feliz. — Não tenho palavras para dizer como estamos felizes por ter conseguido comparecer à nossa pequena exposição de hoje. O senhor Stockton está enfrentando contratempos, mas vai chegar em instantes. Por favor, experimente um dos canapés...

De trás do ombro coberto de vison da baronesa, Clarence deu uma piscadela alegre para Jessica, que repassou mentalmente todos os palavrões de seu vocabulário. Assim que a baronesa se afastou, rumo aos *vol-au-vents*, Jessica foi até seu assistente e, ao sussurros mas ainda sorrindo, xingou-o de vários deles.

Richard congelou. Um segurança avançava bem na direção deles, a luz da lanterna indo de um lado a outro. Richard olhou em volta, procurando algum lugar onde se esconder.

Tarde demais. Outro segurança se aproximava, uma mulher, passando naquele momento pelas gigantescas estátuas de deuses gregos esquecidos, o facho da lanterna também ziguezagueando.

— Tudo certo? — perguntou o primeiro.

A mulher continuou se aproximando, até parar ao lado de Richard e Door.

— Parece que sim — respondeu. — Já tive que impedir dois bestalhões engomadinhos de gravar suas iniciais na Pedra de Roseta. Odeio esses eventos.

O primeiro guarda mirou a lanterna bem nos olhos de Richard, mas logo desviou a luz para as sombras.

— E o que eu sempre digo: a gente vive continuamente naquele conto “A máscara da Morte Rubra” — comentou, com o ar satisfeito de um profeta inquestionável. — Uma elite decadente faz a festa enquanto a civilização desmorona em volta.

Ele enfiou o dedo no nariz e o limpou na sola de couro da bota preta polida.

A mulher suspirou.

— Obrigada, Gerald. Muito bem, vamos voltar às rondas.

Os dois se afastaram juntos pelo corredor.

— Na última dessas farras, encontramos um sarcófago todo vomitado — comentou um deles, e a porta se fechou.

— Quando você faz parte da Londres de Baixo, as pessoas em geral nem notam a sua existência, a não ser que você pare e fale com elas — explicou Door, em um tom corriqueiro, enquanto avançavam lado a lado para a sala seguinte. — E, mesmo assim, esquecem rapidinho.

— Mas *eu* vi você — retrucou Richard.

O fato o incomodava havia um tempo.

— Eu sei — respondeu Door. — Estranho, né?

— Tudo é estranho — comentou Richard, honestamente.

A música do quarteto de cordas crescia em volume. Os picos de ansiedade eram ainda piores ali na chamada Londres de Cima, onde ele era forçado a reconciliar os dois universos. Lá embaixo, pelo menos podia fazer de conta que era tudo um simples sonho e ia colocando um pé na frente do outro como um sonâmbulo.

— O Ângelus está em algum lugar por ali — anunciou Door, interrompendo o devaneio dele e apontando para a direção de onde vinha a música.

— Como você sabe?

— Eu sei — respondeu ela, com absoluta certeza. — Venha.

Eles saíram da escuridão para um corredor iluminado, em que uma placa gigantesca anunciava:

ANJOS SOBRE A INGLATERRA
UMA EXPOSIÇÃO NO MUSEU BRITÂNICO
PATROCINADO PELA STOCKTONS LTDA.

Cruzaram o corredor e passaram por uma porta aberta, entrando em uma sala grande onde acontecia uma festa.

Um quarteto de cordas tocava enquanto garçons abasteciam de comida e bebida o salão cheio de gente bem-vestida. Um pequeno púlpito, ao lado de uma cortina bem alta, repousava em um pequeno palco no canto.

O lugar estava repleto de anjos.

Estátuas de anjos em pequenos pedestais. Quadros de anjos nas paredes. Afrescos de anjos. Anjos gigantescos e anjos minúsculos, anjos austeros e anjos amigáveis, anjos com asas e auréola e anjos sem acessórios, anjos belicosos e anjos pacíficos. Anjos modernos e anjos clássicos. Centenas e mais centenas de anjos, de todos os tamanhos e formatos. Anjos ocidentais, anjos do Oriente Médio, anjos orientais. Anjos de Michelangelo. Anjos de Joel-Peter Witkin, anjos de Picasso, anjos de Warhol. A coleção do sr. Stockton “era indiscriminatória na fronteira do vulgar, mas decerto fascinante por seu caráter eclético”, nas palavras da resenha publicada pela *Time Out*.

— Você me julgaria um chato se eu dissesse que tentar encontrar um objeto com desenho de anjo aqui é como tentar encontrar uma agulha em um ai meu Deus é a Jessica!

Richard sentiu o sangue se esvaír do rosto. Até então, achava que isso era uma força de expressão. Não sabia que dava para sentir acontecer na vida real.

— Alguém que você conhece? — perguntou Door.

Richard assentiu.

— Era minha, bem, nós íamos nos casar, ficamos juntos por alguns anos. A mulher que estava comigo quando encontrei você. Era ela na, sabe, foi quem deixou a mensagem, na secretária eletrônica.

Ele apontou para o outro lado do salão.

Jessica conversava animadamente com lorde Lloyd Webber, Sir Bob Geldof e um cavalheiro de óculos que ela tinha fortes suspeitas de que fosse membro da família Saatchi. Volta e meia ela olhava para o relógio e, depois, para a porta.

— Ela? — perguntou Door, lembrando-se da mulher. Então, obviamente se sentindo no dever de dizer algo positivo sobre alguém por quem Richard se importara em sua vida anterior, comentou: — Puxa, ela é muito... — fez uma pausa, pensou, completou: — ... limpa.

Richard tinha os olhos fixos do outro lado da sala.

— Será que ela vai... ficar chateada por estarmos aqui?

— Duvido muito — respondeu Door. — Para ser franca, ela nem vai notar sua presença, a não ser que você faça algo idiota como tentar conversar com ela. — Em seguida, com mais entusiasmo, exclamou: — Comida!

Door se lançou sobre os canapés como uma garotinha de nariz sujo, rosto de fada, cabelo ruivo e casacão de couro que não come direito há séculos. Enormes quantidades de comida foram enfiadas na boca de uma só vez, mastigadas e engolidas, ao mesmo tempo em que os sanduíches mais

volumosos eram embrulhados em guardanapos e armazenados nos bolsos. Então, munida de um pratinho descartável contendo uma pilha de coxas de frango, fatias de melão, *vol-au-vents* de cogumelos, folhados de caviar e pequenas linguças de veado, começou a circular pela sala encarando atentamente cada artefato angelical.

Richard foi atrás, levando um sanduíche de brie com funcho e um suco de laranja fresco.

Jessica estava completamente perplexa. Tinha avistado Richard e, por consequência, avistado também Door. Havia algo de familiar naqueles dois — uma coceira nas costas: impossível de examinar e absurdamente irritante.

A sensação lhe lembrou uma história que sua mãe lhe contara. Certa noite, em uma festa, ela havia encontrado uma mulher que conhecia desde tempos remotos (tinham estudado juntas, frequentado a mesma paróquia, ficado encarregadas da mesma barraquinha na quermesse) e, naquele momento, se descobrira incapaz de relembrar o nome dela, embora soubesse que a tal mulher tinha um marido chamado Eric e um labrador chamado Major. O encontro fora motivo de grande frustração para a mãe de Jessica.

Aquilo a estava deixando distraída.

— Quem são aqueles? — perguntou ela a Clarence.

— Aqueles? Bem, ele é o novo editor da *Vogue*, ela é editora de Artes do *New York Times*. E acho que a do meio é a Kate Moss...

— Não, não — retrucou Jessica. — *Aqueles*. Ali.

Clarence olhou para onde ela apontava.

— Oi? Ah. *Eles*. — O rapaz não entendeu como não os tinha notado. Era a idade, pensou; em breve, faria vinte e três anos. — Jornalistas? — sugeriu, sem muita convicção. — Parecem bem estilosos. *Grunge chic*? Ora, por favor. Sei que convidei o pessoal da *The Face*...

— Eu o conheço de *algum* lugar — comentou Jessica, frustrada.

Foi quando o motorista do sr. Stockton telefonou de Holborn para avisar que estava quase chegando. Com isso, a questão Richard escapou da cabeça dela como água escorrendo pelos dedos.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Richard.

Door balançou a cabeça e engoliu um pedaço de frango mastigado às pressas.

— É como agulha no palheiro — comentou. — Nada aqui *parece* o Ângelus. O pergaminho dizia que eu saberia quando o encontrasse. — Ela voltou a andar, observando anjos, afastando de seu caminho um CEO Milionário, o Líder da Oposição na Câmara e a Acompanhante Mais Bem-Paga do Sul da Inglaterra.

Richard se virou e deu de cara com Jessica. Ela estava com o cabelo preso no alto, os espiralados cachos castanhos emoldurando o rosto com perfeição. Estava linda. E sorria para ele. A culpa foi do sorriso.

— Olá, Jessica. Como vai?

— Olá. Você não vai acreditar, mas meu assistente esqueceu o nome do seu jornal, senhor Hããã.

— Jornal?

— Eu disse jornal? — Jessica deu uma risadinha cintilante, doce e autodepreciativa. — Revista... canal de TV. Você é da mídia, não?

— Você está muito bonita, Jessica.

— Por favor, vai me deixar sem graça — disse ela, com um sorriso travesso.

— Você é Jessica Bartram. Diretora de marketing da Stocktons. Vinte e seis anos. Faz aniversário em vinte e três de abril, e, em seus arroubos de paixão, tem o hábito de murmurar aquela música do The Monkees, “I’m a Believer”...

Jessica parou de sorrir.

— Isso é uma piada? — indagou, com frieza.

— Ah, e fomos noivos por dezoito meses — completou ele.

Jessica abriu um sorriso nervoso. Talvez fosse mesmo uma piada: do tipo que todo mundo entendia, menos ela.

— Acredito que eu saberia se tivesse sido noiva de alguém por dezoito meses, senhor Hããã.

— Mayhew — completou Richard, solícito. — Richard Mayhew. Você me deu um fora, e eu não existo mais.

Jessica acenou com urgência para nenhuma pessoa específica do outro lado do salão.

— Já estou indo — disse, desesperada, e começou a se afastar.

— *I’m a believer* — cantarolou Richard, alegremente — ... *I couldn’t leave her if I tried...*

Jessica arrancou uma taça de champanhe de uma bandeja que passava por ali e tomou tudo de um gole só. No ponto mais distante da sala estava o motorista do sr. Stockton, e onde quer que estivesse o motorista do sr. Stockton...

Ela se encaminhou para as portas.

— Então, quem era ele? — perguntou Clarence, aproximando-se.

— Quem?

— O seu homem misterioso.

— Não sei — admitiu ela. — Olha, talvez seja melhor chamar o segurança.

— Certo. Por quê?

— Porque... Chame o segurança.

Então o sr. Arnold Stockton entrou no salão, e todos os outros assuntos escaparam da mente de Jessica.

Exuberante, o sujeito — tanto no porte quanto na conta bancária. Era uma caricatura de um quadro de Hogarth, com cintura enorme, queixo triplo e barriga volumosa. Passara dos sessenta; o cabelo era de um grisalho quase prateado e muito comprido atrás, pois o sr. Stockton sabia que o estilo deixava as pessoas desconfortáveis, e ele gostava de deixar as pessoas desconfortáveis. Comparado a Arnold Stockton, Rupert Murdoch era um ambulante ordinário, e o falecido Robert Maxwell não passava de uma baleia enalhada. Arnold Stockton era um pit bull, e era justamente assim que muitos cartunistas o retratavam. A Stocktons era proprietária de um pouco de tudo: satélites, jornais, gravadoras, parques de diversão, livros, revistas, quadrinhos, canais de TV, estúdios de cinema.

— Vou fazer o discurso e dar o fora — anunciou o sr. Stockton a Jessica, sem nem cumprimentá-la antes. — Volto outra hora, quando esse bando de ensebados estiver bem longe daqui.

— Perfeito — respondeu ela. — Discurso. Agora. Claro.

Ela o guiou até o pequeno palco e subiu ao púlpito. Bateu com a unha em uma taça algumas vezes, pedindo silêncio. Ninguém ouviu, então ela se pronunciou do microfone.

— Boa noite. — A conversa cessou. — Senhoras e senhores, distintos convidados. Gostaria de dar as boas-vindas a todos e agradecer pela presença de vocês no Museu Britânico para prestigiar a exposição “Anjos sobre a Inglaterra”, patrocinada pela Stocktons. Recebam, por favor, nosso diretor executivo e presidente do conselho administrativo, o senhor Arnold Stockton.

Os convidados aplaudiram, pois todos sabiam muito bem quem reunira a coleção de anjos e quem, aliás, pagara pelo champanhe.

O sr. Stockton pigarreou.

— Pois bem — começou. — Serei breve. Quando eu era garoto, vinha ao Museu Britânico todo sábado, porque era de graça e não tínhamos muito dinheiro. Eu subia aqueles degraus enormes e vinha até esta sala dos fundos para ver um determinado anjo. Era como se ele soubesse o que eu estava pensando.

Naquele mesmo momento, Clarence voltou ao salão acompanhado por dois seguranças e apontou para Richard, que estava parado ouvindo o discurso do sr. Stockton. Door ainda observava as obras da coleção.

— Não, *ele* — dizia Clarence aos guardas, bem baixinho, e teve que repetir algumas vezes. — Não, olha, bem ali. Viram? *Ele*.

— Pois então. Como tudo que é abandonado — continuou o sr. Stockton —, esse anjo se deteriorou, caiu vítima do estresse e da pressão do mundo moderno. Apodreceu. Azedou. Bem, a restauração custou uma porrada de dinheiro — fez uma pausa, para todos absorverem o que estava dizendo: se ele, Arnold Stockton, achava que era uma porrada de dinheiro, então era uma porrada de dinheiro, ah, se era — e muitas horas de trabalho de vários artesãos e restauradores. Daqui, esta exibição segue para os Estados Unidos e depois vai rodar o mundo, para que possa inspirar outros moleques a começar o próprio império de comunicações mesmo sem um tostão.

O sr. Stockton olhou ao redor. Virou-se para Jessica e murmurou um “O que eu faço agora?”. Ela apontou para a corda ao lado da cortina. Ele puxou a corda. A cortina ondulou e se abriu, revelando uma porta velha.

Mais uma vez, houve certa movimentação no canto da sala de Clarence.

— Não. *Ele*. Pelo amor de Deus, vocês são cegos?

Parecia a antiga porta de uma catedral. Tinha a altura de dois homens e largura suficiente para que um pônei a atravessasse. A madeira tinha um anjo extraordinário esculpido, pintado de vermelho, branco e dourado, que encarava o mundo com olhos medievais inexpressivos. Os convidados reagiram com uma onda de murmúrios impressionados e começaram a aplaudir.

— O *Ángelus* — disse Door, puxando a manga do casaco de Richard. — É isso! Richard, vamos!

E foi correndo até o palco.

— Com licença, senhor.

Era um segurança.

— Podemos ver seu convite? — disse outro, segurando o braço de Richard discretamente, porém com força. — E o senhor tem algum documento?

— Não — respondeu Richard.

Door já estava no palco. Ele tentou se desvencilhar dos seguranças para ir até ela, torcendo para que o esquecessem. Não esqueceram: agora que haviam notado sua presença, passariam a tratá-lo como tratavam todo penetra sujo, maltrapilho e com a barba por fazer. O segurança o pegou com ainda mais força.

— Nem pense nisso — murmurou.

No palco, Door tentava pensar como fazer os seguranças o soltarem. Então, fez a única coisa que lhe ocorreu: foi até o microfone, se ergueu bem na pontinha dos pés e gritou o mais alto que pôde, sua voz ampliada pelos alto-falantes. Foi um grito formidável: mesmo sem o auxílio tecnológico, seria capaz de atravessar cabeças como uma furadeira novinha em folha equipada com uma serra no lugar da broca. Amplificada, então... era simplesmente de outro mundo.

Uma garçonete derrubou a bandeja de bebidas. Cabeças se viraram na direção do palco. Mãos cobriram orelhas. Todas as conversas pararam. As pessoas encaravam Door com perplexidade e horror. E Richard aproveitou a oportunidade para escapar.

— Desculpe. Londres errada — disse ele ao segurança atordoado, antes de puxar o braço e sair correndo.

Ele chegou ao palco, aceitou a mão estendida de Door. Com a outra mão, ela tocou o Ângelus, a enorme porta de catedral. Tocou e *abriu*.

Dessa vez, ninguém derrubou bebidas. Todos ficaram paralisados, o olhar arregalado em puro espanto — e momentaneamente cegos. Ao ser aberto o Ângelus, a luz do outro lado da porta inundou de esplendor o salão. Pessoas cobriram os olhos para logo depois, hesitantes, voltarem a abri-los em contemplação. Era como se fogos de artifício tivessem sido disparados dentro da sala. Não aqueles fogos caseiros ou as serpentinas que fagulham e deixam um cheiro horrível; nem mesmo aqueles de soltar no quintal; eram dos de grande porte, que subiam bem alto e colocavam as rotas aéreas em risco, como os que encerram o dia na Disney ou os que deixavam a polícia doida nos shows do Pink Floyd. Foi um momento de pura magia.

O público admirava, em um transe extático. O único barulho que se ouvia eram os leves mas quase guturais suspiros de arrebatamento que costuma acompanhar espetáculos de pirotecnia: o som do encanto. Um homem imundo e uma garota de rosto sujo usando uma enorme jaqueta de couro passaram pela porta e desapareceram na luz. A porta se fechou atrás deles. O show acabou.

E tudo voltou ao normal. Convidados, seguranças e garçons piscaram, sacudiram as respectivas cabeças e, tendo presenciado algo inteiramente além de sua compreensão, de alguma forma concordaram, sem trocar uma só palavra, em que aquilo simplesmente não acontecera. O quarteto de cordas começou a tocar.

O sr. Stockton se encaminhava à porta da sala, distribuindo, no caminho, acenos bruscos para vários conhecidos. Jessica foi até Clarence.

— O que esses seguranças estão fazendo aqui? — perguntou baixinho.

Os seguranças em questão estavam entre os convidados, olhando para os lados como se eles mesmos não soubessem o motivo de se encontrarem ali. Clarence começou a explicar a presença daqueles dois ali, mas foi impedido pela percepção de que não fazia a menor ideia.

— Deixa comigo — disse o eficiente Clarence.

Jessica assentiu. Ela olhou em volta, observando sua festa, e abriu um sorriso sereno. A noite estava indo muito bem.

Richard e Door entraram na luz. E tudo ficou escuro e frio. Richard piscou repetidamente para se livrar das manchas residuais na retina, que o deixavam quase cego: manchas fantasmagóricas alaranjadas e esverdeadas que iam desaparecendo aos poucos, à medida que seus olhos se acostumavam à escuridão.

Estavam em um amplo salão aberto na rocha. Pilares de ferro preto enferrujado sustentavam o teto, elevando-se na escuridão distante, talvez por quilômetros. De algum lugar vinha o som baixinho de água: um chafariz, talvez, ou uma fonte. Door ainda segurava a mão dele com força. Uma pequena chama ganhou vida mais adiante. Então outra, e mais outra: uma miríade de velas sendo acesa, percebeu Richard. E, vindo na direção deles por entre as velas, uma figura alta, em um robe branco e simples.

Embora parecesse se mover devagar, a figura devia estar andando bem rápido, pois em apenas alguns segundos os alcançara. Tinha cabelo dourado e rosto muito claro. Não era muito mais alto que Richard, mas mesmo assim o fazia se sentir uma criancinha. Não era um homem, não era uma mulher. Era um ser lindíssimo.

— Lady Door, não é mesmo? — disse com sua voz serena.

— Sim — respondeu ela.

Um sorriso brando. A figura a cumprimentou com um aceno de cabeça quase humilde.

— É uma honra finalmente conhecer você e seu acompanhante. Sou o anjo Islington.

Os olhos eram grandes e límpidos. A roupa, que a princípio parecera branca, era, na verdade, tecida em *luz*.

Richard não acreditava em anjos. Nunca acreditara. Não começaria a acreditar naquele momento, ah, mas não ia mesmo. No entanto, é muito mais fácil não acreditar em alguma coisa quando essa coisa não está bem na sua frente olhando para você e dizendo seu nome.

— Richard Mayhew. Você também é bem-vindo à minha morada. — Islington se virou. — Por favor, me acompanhem.

Os dois o seguiram caverna adentro. As velas se apagavam sozinhas à passagem deles.

O marquês De Carabás caminhava pelo hospital vazio, quebrando vidros e seringas velhas sob as pesadas botas pretas de motoqueiro. Passou por uma porta dupla que levava a uma escadaria nos fundos. Desceu até o porão.

Cruzou as salas do subsolo, desviando meticulosamente das pilhas de entulho embolorado. Passou pelos vestiários e banheiros, desceu a velha escadaria de metal e atravessou uma área bem úmida, quase pantanosa; em seguida, abriu uma porta de madeira parcialmente podre e entrou. Olhou em

volta, observando a sala onde se encontrava; inspecionou, com desdém magnífico, o gato comido pela metade e a pilha de lâminas de barbear. Finalmente, limpou o assento de uma cadeira e se sentou, confortável e exuberante, imerso na umidade do porão, e fechou os olhos.

Passado um tempo, a porta se abriu.

O marquês De Carabás abriu os olhos e bocejou. Então, abriu um sorriso reluzente para o sr. Croup e o sr. Vandemar.

— Olá, rapazes — cumprimentou. — Achei que já era hora de eu descer aqui para conversarmos pessoalmente.

DEZ

—

— VOCÊS TOMAM VINHO? — perguntou o anjo.

Richard assentiu.

— Tomei um pouco, uma vez — respondeu Door, insegura. — Meu pai. No jantar. Ele deixava a gente experimentar.

O anjo Islington ergueu a garrafa: parecia um decantador. Richard se perguntou se seria mesmo de vidro, já que refletia e refratava a luz das velas de uma forma muito estranha. Talvez fosse algum tipo de cristal ou de diamante gigante. O vinho ali dentro até parecia brilhar, como se fosse feito de luz.

O anjo retirou a tampa e despejou um centímetro de líquido dentro de uma taça. Era vinho branco, mas de um tipo diferente de todos os que Richard já vira. Emanava luz pelas cavernas, como a luz do sol refrata em uma piscina.

Door e Richard estavam sentados a uma mesa de madeira enegrecida pelo tempo, em cadeiras gigantes, ambos em silêncio.

— Esta é a última garrafa deste vinho, a última da espécie — comentou Islington. — Ganhei dezenas de garrafas de um dos seus antepassados.

Ele entregou uma taça a Door e começou a despejar mais um centímetro do vinho em outra taça. Fazia aquilo com uma reverência quase apaixonada, como um sacerdote realizando um ritual.

— Foi um presente de boas-vindas. Aconteceu uns trinta ou quarenta mil anos atrás. Há muito tempo, não importa quanto exatamente — completou, estendendo a outra taça para Richard. — Vocês poderiam me acusar de desperdiçar algo que deveria ser preservado, mas é que é raro eu receber visitas. E o caminho até aqui é bem árduo.

— O Ângelus... — murmurou Door.

— Vocês chegaram pelo Ângelus, sim, mas aquela passagem só funciona uma vez para cada viajante. — Islington ergueu a taça bem alto, observando a luz. — Bebam com parcimônia, é deveras potente — alertou, sentando-se à mesa entre Richard e Door. — Ao tomar este vinho, gosto de imaginar que estou saboreando a luz de eras passadas — completou, melancólico. Ergueu a taça. — Um brinde às glórias do passado.

— Às glórias do passado — repetiram Richard e Door, em uníssono.

Então, embora estivessem um pouco receosos, provaram a bebida, em goles pequenos.

— É maravilhoso — comentou Door.

— Realmente — concordou Richard. — Achei que vinhos antigos virassem vinagre quando fossem expostos ao ar.

— Não este — respondeu o anjo. — Tudo depende do tipo de uva e do local de cultivo. Esse tipo de uva, infelizmente, foi extinto quando o vinhedo desapareceu sob as ondas.

— É mágico — comentou Door, tomando mais um pequeno gole do líquido luminoso. — Nunca provei nada parecido.

— E nunca mais vai provar — retrucou Islington. — Não restaram mais vinhos de Atlântida.

Em algum lugar dentro de Richard, uma voz diminuta e racional comentou que nunca existira uma Atlântida. Encorajada, pôs-se a afirmar que não existiam seres como anjos e que, inclusive, a maioria das experiências que ele vivera nos últimos dias era impossível. Richard ignorou a voz. Estava aprendendo, ainda que aos tropeços, a confiar nos próprios instintos e a aceitar que as explicações a ele oferecidas para tudo aquilo eram as mais simples e plausíveis — por mais improváveis que parecessem. Ele abriu a boca e provou o vinho outra vez. A bebida o fazia se sentir *feliz*; propenso a pensar sobre céus maiores e mais azuis do que já vira, um sol dourado e gigantesco no céu; tudo mais simples, tudo mais *jovem* do que o mundo que ele conhecia.

Havia uma cascata à esquerda deles; a água cristalina escorria pelas rochas e se acumulava em uma piscina de pedras. À direita, havia uma porta entre dois pilares de ferro: toda em sílex polido, e o metal, quase preto.

— Então você alega ser um anjo de verdade? — perguntou Richard. — Quer dizer, conheceu Deus e tudo mais?

Islington abriu um sorriso tolerante.

— Eu não alego nada, Richard. Eu sou um anjo.

— É uma honra para nós — interveio Door.

— Não. Eu é que me sinto honrado por sua presença. Seu pai era um bom homem, Door, e um amigo. A morte dele me trouxe profundo pesar.

— Ele disse... no diário... meu pai me aconselhou a procurá-lo. Disse que posso confiar em você.

— Só espero poder ser digno de tal confiança. — O anjo tomou um gole do vinho. — Londres de Baixo é a segunda cidade com que já me importei. A primeira afundou sob as ondas, e não havia algo que eu pudesse fazer para impedir. Sei o que é a dor, a perda. Você tem minha compaixão. O que gostaria de saber?

Door hesitou.

— Minha família... eles foram mortos por Croup e Vandemar. Mas... por ordens de quem? Eu queria... queria saber *por quê*.

O anjo assentiu.

— Muitos segredos chegam a mim. Muitos rumores, ecos e meias verdades. — Ele se virou para Richard. — E você? O que deseja, Richard Mayhew?

Ele deu de ombros.

— Quero minha vida de volta. E minha casa. Meu trabalho.

— Isso pode ser feito.

— Aham. Sei — disse Richard, sem emoção.

— Você duvida de mim, Richard Mayhew? — perguntou o anjo Islington.

Richard olhou bem nos olhos do anjo. Eram de um cinza luminoso, olhos tão antigos quanto o próprio universo, olhos que viram galáxias se solidificando a partir da poeira estelar, dez milhões de anos atrás. Richard balançou a cabeça em negativa. Islington abriu um sorriso gentil.

— Não será fácil, e você e seus companheiros enfrentarão algumas grandes provas, tanto para completar a tarefa quanto para retornar. Mas talvez exista uma resposta para nossas questões, uma chave para nossos problemas.

O anjo se levantou e foi até uma pequena prateleira de pedras, onde pegou uma estatueta entre tantas. Era negra, de vidro vulcânico, e representava algum animal. O anjo a entregou a Door.

— Isto vai garantir seu retorno em segurança no último estágio da jornada de volta até mim — explicou. — O restante é por sua conta.

— O que quer que a gente faça? — indagou Richard.

— Os Monges Negros são guardiões de uma chave. Traga-a para mim.

— E você pode usar essa chave para descobrir quem matou minha família? — perguntou Door.

— Espero que sim.

Richard terminou de tomar o vinho. Sentiu a bebida esquentando o corpo, percorrendo-o. Teve a estranha sensação de que, se olhasse para as pontas dos dedos, veria o vinho brilhando dentro de si. Como se fosse, ele próprio, feito de luz...

— Boa sorte — sussurrou o anjo Islington.

Ouviram um farfalhar, como o vento varrendo uma floresta perdida ou o bater de asas vigorosas.

Richard e Door estavam sentados no chão de uma das salas do Museu Britânico, olhando para cima, para um anjo entalhado e pintado em uma porta de catedral. A sala estava escura e vazia. A festa acabara havia muito. O céu começava a clarear. Richard se levantou e ajudou Door a se levantar.

— Monges Negros? Como na ponte Blackfriar's? — perguntou.

Door assentiu.

Richard já atravessara várias vezes aquela ponte no centro de Londres, assim como já passara pela estação de metrô com o mesmo nome, mas, àquela altura, estava começando a aprender que não podia fazer deduções.

— É um lugar ou são pessoas?

— Pessoas.

Richard foi até o Ângelus e passou o dedo pela túnica pintada.

— Você acha que é verdade? Que ele pode devolver minha vida?

— Nunca ouvi falar de uma coisa dessas. Mas acho que Islington não mentiria para nós. Ele é um anjo. — Ela abriu a mão e observou a estatueta da Besta. — Meu pai tinha uma dessas — comentou, tristonha, e enfiou o objeto em um dos bolsos da jaqueta de couro marrom.

— Bem, não vamos encontrar essa chave se ficarmos aqui de pernas para o ar, não é? — disse Richard.

Os dois seguiram pelos corredores vazios do museu.

— Então, o que você sabe sobre essa chave? — perguntou ele.

— Nada. — Chegaram à porta principal do museu. — Já ouvi falar dos Monges Negros, mas nunca tive contato com nada que fosse relacionado a eles.

Ela tocou a porta de vidro muito bem trancada, que se abriu sob seus dedos.

— Um bando de monges... — disse Richard, pensativo. — Aposto que se dissermos que é para um anjo, um anjo de verdade, eles vão entregar essa chave sagrada e... e ainda vamos ganhar um abridor de latas mágico e um saca-rolhas maravilhoso de bônus.

Ele começou a rir. Talvez ainda estivesse sob efeito do vinho.

— Você está de bom humor, hein — observou Door.

Ele assentiu vigorosamente.

— Eu vou para casa. Tudo vai voltar ao normal. A chatice de sempre. Vai ser maravilhoso.

Ao olhar para os degraus de pedra da entrada, ele concluiu que eram perfeitos para Fred Astaire e Ginger Rogers descerem dançando. Como nenhum dos dois estava disponível para a tarefa, Richard começou ele mesmo a fazer a performance, no que julgava ser uma imitação fantástica de Fred Astaire, cantarolando algo que seria, aproximadamente, uma mistura de “Puttin’ on the Ritz” com “Top Hat, White Tie, and Tails”.

— Ta-ra-ra-ta-ta-ra-ra-ta — cantava ele, descendo e subindo enquanto executava um sapateado.

No alto da escada, Door assistia à cena horrorizada. Então começou a rir, descontroladamente. Richard olhou para ela lá de baixo e tirou a cartola imaginária de seda branca, que jogou para o alto para logo pegá-la no ar e colocá-la de volta na cabeça.

— Bobão — comentou Door, sorrindo para ele.

Em resposta, Richard tomou sua mão e continuou a dançar pelos degraus. Ela hesitou, mas então entrou na brincadeira também. Dançava muito melhor que Richard, aliás. Ao chegarem ao pé da escada, os dois tropeçaram, exaustos, sem fôlego e rindo, e caíram abraçados.

Richard sentiu o mundo girar.

Sentiu no próprio peito o coração dela batendo forte. O momento começou a se transmutar. Será que deveria fazer alguma coisa? Beijá-la, talvez? Ele se perguntou se queria, e concluiu que não sabia a resposta. Olhou bem no fundo daqueles olhos cor de opala. Door virou a cabeça para o lado, se soltou do abraço; ergueu a gola da jaqueta de couro marrom: armadura e proteção.

— Vamos encontrar nossa guarda-costas — chamou ela.

E os dois se foram, caminhando em direção à estação Museu Britânico, cambaleando só um pouquinho, de vez em quando.

— O que você quer? — perguntou o sr. Croup.

— O que todos querem? — retrucou o marquês De Carabás, em uma pergunta um tanto quanto retórica.

— Criaturas mortas — arriscou o sr. Vandemar. — Mais dentes.

— Pensei em fazermos um acordo — sugeriu o marquês.

O sr. Croup começou a rir. O som de seu riso era como um quadro-negro sendo arrastado sobre as unhas de uma parede feita de dedos decepados.

— Ah, *messire* marquês. Acredito que posso afirmar seguramente, sem risco de ser contrariado por qualquer uma das partes presentes, que você renunciou a todo o bom senso que supostamente possuía. Se me permite a expressão vulgar, você perdeu a cabeça.

— É só mandar que arranco a dele em dois tempos — interveio o sr. Vandemar, que tinha se colocado atrás da cadeira do marquês.

De Carabás bafejou nas unhas e as poliu com força no casaco.

— Sempre fui da opinião de que a violência é o último recurso dos incompetentes e de que ameaças vazias são o santuário final dos ineptos.

O sr. Croup o encarou com raiva.

— O que veio fazer aqui? — sibilou.

O marquês De Carabás se espreguiçou como um felino de grande porte: um lince, talvez, ou uma pantera negra. Quando terminou o movimento, estava de pé, as mãos enfiadas nos bolsos do magnífico casaco.

— Pelo que sei, senhor Croup, o senhor é um colecionador de peças da dinastia T'ang — disse ele, em tom indolente e casual.

— Como sabe disso?

— As pessoas me contam coisas. Sou acessível.

O sorriso do marquês era puro, tranquilo, honesto: o sorriso de um homem que tenta lhe vender uma Bíblia usada.

— Mesmo que eu fosse... — começou o sr. Croup.

— Se fosse, talvez viesse a se interessar por *isto* — comentou o marquês.

Ele tirou a mão do bolso e exibiu o item ao sr. Croup. Até o início daquela noite, o objeto repousava em um cofre de um dos principais bancos de Londres. O item era listado em certos catálogos como *Espírito do Outono* (*Estatueta Funerária*). Tinha aproximadamente vinte centímetros de altura: uma peça de cerâmica esmaltada que fora moldada, pintada e cozida durante a Idade das Trevas na Europa, seiscentos anos antes da primeira viagem de Colombo.

O sr. Croup soltou um sibilo involuntário e tentou pegar o item, mas o marquês o tirou de alcance, aninhando-o junto ao peito.

— Não, não, não. Não tão fácil.

— Ah, não? — indagou o sr. Croup. — E o que nos impede de pegá-la e fazer você em pedacinhos, para espalharmos por todos os cantos do Submundo? Nunca desmembramos um marquês.

— Já, sim — corrigiu o sr. Vandemar. — York. Século XIV. Na chuva.

— Ele não era um marquês — redarguiu o sr. Croup. — Era conde de Exeter.

— E marquês de Westmorland — insistiu o sr. Vandemar, parecendo muito feliz consigo mesmo.

O sr. Croup fungou. Reformulou a pergunta:

— O que nos impede de retalhar você do mesmo jeito que retalhamos o marquês de Westmorland?

De Carabás tirou a outra mão do bolso, revelando um martelo pequeno. Jogou o martelo para cima, como um barman demonstrando em vídeo como preparar um coquetel, e o pegou pelo cabo, deixando a ferramenta pairando acima da pequena peça de porcelana.

— Ora, faça-me o favor. Chega de ameaças vazias. Acho que eu me sentiria mais confortável se os dois estivessem na minha frente.

O sr. Vandemar olhou para o sr. Croup, que assentiu, quase imperceptivelmente. O ar tremulou, e o sr. Vandemar apareceu de pé ao lado do sr. Croup, que sorriu feito uma caveira descarnada.

— De fato, eu sou famoso por ter comprado uma ou outra peça da dinastia T'ang — admitiu. — Esta se encontra à venda?

— Ninguém se dá ao trabalho de comprar e vender aqui no Submundo, senhor Croup. Escambo, troca: é o que procuramos. Mas, sim, de fato, esta pequena peça de grande interesse está disponível.

O sr. Croup cerrou os lábios. Cruzou os braços, descruzou. Passou a mão pelo cabelo oleoso.

— Diga seu preço — pediu, por fim.

O marquês respirou fundo, aliviado, dando um suspiro quase audível. No fim das contas, parecia que conseguiria dar cabo a todo o seu grandioso esquema.

— Primeiro, quero três respostas para três perguntas.

Croup assentiu.

— Não sejamos parciais. Também queremos três respostas.

— Justo — concordou o marquês. — Segundo, terei salvo-conduto para sair daqui. E vocês me dão, no mínimo, uma hora de dianteira.

Croup assentiu com vigor.

— De acordo. Faça sua primeira pergunta — disse, os olhos fixos na estatueta.

— Primeira: para quem estão trabalhando?

— Ah, essa é fácil — retrucou o sr. Croup. — A resposta é simples. Trabalhamos para nosso empregador, que deseja manter o nome em sigilo.

— Hmpf. Por que mataram a família de Door?

— Por ordens de nosso empregador — respondeu o sr. Croup, o sorriso cada vez mais raposino.

— Por que não mataram Door quando tiveram a chance?

Antes que o sr. Croup pudesse responder, o sr. Vandemar se pronunciou:

— A garota fica viva. É a única que pode abrir a porta.

O sr. Croup olhou feio para o parceiro.

— Parabéns. Por que não conta logo todo o resto, hein?

— Eu queria responder uma — murmurou o sr. Vandemar.

— Certo — retrucou o sr. Croup. — Bem, você teve suas três respostas, sabe-se lá que utilidade terão. Minha primeira pergunta: por que a está protegendo?

— O pai dela salvou minha vida — respondeu o marquês, com honestidade. — Nunca paguei a dívida. E prefiro que as dívidas sejam a meu favor.

— Eu tenho uma pergunta — declarou o sr. Vandemar.

— Assim como eu, senhor Vandemar. O homem da superfície, Richard Mayhew: por que está viajando com ela? Por que ela permite?

— Sentimentalismo — justificou o marquês De Carabás.

Mas mesmo enquanto respondia, ele se perguntou se seria só isso. E começou a considerar se talvez não houvesse algo mais envolvendo o forasteiro.

— Minha vez — disse o sr. Vandemar. — Em que número estou pensando?

— Como assim?

— Em que número estou pensando? — repetiu o sr. Vandemar. — Maior que um e menor que um milhão — acrescentou, para ajudar.

— Sete.

O sr. Vandemar assentiu, impressionado.

— Onde está o... — começou o sr. Croup.

Mas o marquês balançou a cabeça.

— Alto lá. Não caiam na cobiça.

Houve um momento de silêncio total no porão abafado. Então a água voltou a pingar, e os vermes, a se arrastarem.

— Uma hora de dianteira, não esqueçam.

— Claro — respondeu o sr. Croup.

O marquês De Carabás jogou a estátua para o sr. Croup, que a pegou com voracidade, como um viciado agarrando um papelote cheio de pó branco de qualidade duvidosa. Então, sem nem olhar para trás, o marquês deixou o porão.

O sr. Croup examinou a estatueta atentamente, virando-a para todos os lados, como um personagem de Dickens que fosse curador do Museu dos Amaldiçoados e contemplasse a peça mais valiosa da exposição. Sua língua volta e meia surgia por entre os lábios, como uma serpente. As faces pálidas ficaram perceptivelmente coradas.

— Ah, excelente, excelente — sussurrou. — Genuíno da dinastia T'ang. Mil e duzentos anos, as melhores estatuetas de cerâmica já moldadas no planeta. Esta foi criada por Kai Lung, o melhor dos ceramistas: não há igual em todo o mundo. Repare na cor do esmalte, na sensação de proporção, na vida... — Ele sorria feito um bebê; um sorriso inocente que parecia perdido e confuso no terreno nebuloso do rosto do sr. Croup. — Traz um pouco mais de beleza e maravilha ao mundo.

Então abriu um sorriso, um sorriso muitíssimo largo, e baixou o rosto até a estatueta. E esmagou a cabeça da peça entre os dentes, mordendo e mastigando com ferocidade, engolindo em grandes porções. A porcelana moída em sua boca virou um pó fino, que se espalhou pela parte inferior do seu rosto.

O sr. Croup exultava naquele momento de destruição, lançando-se à tarefa com a loucura estranha e a sede de sangue descontrolada de uma raposa no galinheiro. Por fim, quando a estatueta não passava de poeira, virou-se para o sr. Vandemar. Parecia estranhamente relaxado, quase languido.

— Quanto tempo prometemos a ele?

— Uma hora.

— Hm. E quanto já passou?

— Seis minutos.

O sr. Croup baixou a cabeça. Passou a mão pelo queixo e lambeu o pó de argila da ponta do dedo.

— Vá você atrás dele, senhor Vandemar. Preciso de mais um tempo para saborear a ocasião.

Hunter os ouvia descendo os degraus. Estava parada nas sombras, os braços cruzados, na mesma posição de quando a deixaram. Richard cantarolava alto. Door dava risadinhas, sem conseguir se conter; volta e meia parava e mandava o companheiro ficar quieto, mas logo começava a rir outra vez. Passaram por Hunter sem sequer notá-la.

A guarda-costas emergiu da escuridão.

— Vocês ficaram fora por oito horas. — Foi uma afirmação sem tom de repreensão nem de curiosidade.

Door ficou surpresa.

— Não *pareceu* tanto tempo.

Hunter não respondeu.

Richard olhou para a mulher, ainda se recuperando de tanto rir.

— Não quer saber o que aconteceu? Fomos emboscados pelo senhor Croup e pelo senhor Vandemar. Infelizmente, não tínhamos guarda-costas por perto, mas eu dei um jeito neles.

Hunter ergueu a sobancelha perfeita.

— Fico espantada com seus talentos pugilísticos — comentou ela, com frieza.

Door deu mais risadinhas.

— É brincadeira. Na verdade... os dois nos mataram.

— Como especialista na interrupção de funções vitais, devo discordar — disse Hunter. — Vocês não estão mortos. Se tivesse que apostar, diria que estão ambos muito bêbados.

Door deu a língua para a mulher.

— Bobagem. Só tomei um gole. Só *isso* aqui. — Ela mostrou dois dedos, para deixar claro como era pouco o “só isso”.

— Acabei de sair de uma festa — disse Richard. — Vi Jessica. Vi também um anjo de verdade e ganhei um bonequinho preto e aí voltei para cá.

— Só um golinho — repetiu Door, enfática. — Uma bebida beeeem velha. Só um golinhozinho. Bem pequeno. Quase nada. — Ela começou a soluçar. Deu mais uma risadinha. Um soluço a interrompeu, e, de repente, ela se sentou no piso da plataforma. — Talvez a gente esteja meio alto — comentou, mais sóbria.

Então fechou os olhos e começou a roncar solenemente.

O marquês De Carabás corria pelos esgotos como se todos os cães do inferno tivessem farejado seu cheiro e o estivessem perseguindo. Espirrava a água cinzenta do Tyburn, o rio do carrasco, guardado na escuridão de um túnel com paredes em tijolos que corria abaixo da Park Lane, na direção do Palácio de Buckingham. Fazia dezessete minutos que estava correndo.

A uns dez metros do Marble Arch, ele parou. Ali, o túnel se dividia em dois. O marquês seguiu pelo da esquerda.

Minutos depois, o sr. Vandemar passava tranquilamente pelo local. Quando chegou à junção, também ele, por sua vez, parou por alguns instantes, farejando o ar. E então também ele, por sua vez, pegou o túnel da esquerda.

Com um grunhido, Hunter jogou o corpo inconsciente de Richard Mayhew em um monte de palha. Ele rolou para o lado, disse algo que soou como “Abanthil brug morli canhadas” e voltou a dormir. Em seguida, com mais gentileza, Hunter deitou Door na palha ao lado dele. E ficou de pé ao lado dela, nos estábulos escuros abaixo da superfície, em guarda.

O marquês De Carabás estava exausto. Recostou-se na parede do túnel e encarou os degraus à frente. Pegou o relógio de bolso e olhou a hora. Trinta e cinco minutos tinham se passado desde que ele deixara o porão do hospital.

— Já deu uma hora? — perguntou o sr. Vandemar, que limpava as unhas com uma faca, sentado nos degraus à frente do marquês.

— Falta muito — respondeu o marquês, ofegante.

— Devo ter me enganado — concluiu o sr. Vandemar, prestativo.

Um calafrio percorreu o mundo, e o sr. Croup surgiu de pé atrás do marquês, o queixo ainda sujo de pó. De Carabás o encarou. Virou-se para encarar o sr. Vandemar. Então, involuntariamente, começou a rir. O sr. Croup sorriu.

— Acha que somos engraçados, é, *messire* marquês? Proporcionamos diversão, hã? Com nossas roupas bonitas e nossa rebuscada verborragia...

— Eu não tenho isso de verborra... — resmungou o sr. Vandemar.

— ... e com nossos modos e trejeitos peculiares. Talvez sejamos mesmo engraçados. — O sr. Croup ergueu um dedo e o apontou acusadoramente para o marquês. — Mas não se pode nunca assumir, *messire* marquês, que só porque algo é engraçado, não vá ser perigoso também.

E o sr. Vandemar arremessou uma faca, com força e precisão. O cabo o atingiu na têmpora. Ele revirou os olhos e caiu de joelhos.

— Verborragia — explicou o sr. Croup ao sr. Vandemar — é o hábito de se prolongar ao se expressar. Digressão. Palavras em excesso.

O sr. Vandemar ergueu o marquês De Carabás pelo cinto e o arrastou escada acima, a cabeça inerte batendo-batendo-batendo em cada degrau, e assentiu.

— Imaginei — respondeu o sr. Vandemar.

Guardando, agora, os sonhos dos dois enquanto dormem.

Hunter dorme de pé.

Em seu sonho, ela está na cidade subterrânea de Bangcoc. O lugar é um misto de labirinto e floresta, uma vez que a natureza selvagem da Tailândia recuou para as profundezas do subsolo — embaixo do aeroporto, dos hotéis e das ruas. O mundo cheira a temperos e manga desidratada, e cheira também a sexo, não de um jeito ruim. O clima é úmido, e ela transpira. Está escuro, exceto por trechos fosforescentes nas paredes, a bioluminescência de fungos verde-acinzentados que geram luz suficiente para enganar a vista, o suficiente para guiar os passos.

No sonho, Hunter transita pelos túneis molhados em um silêncio de fantasma, abrindo caminho pela vegetação. Leva uma lança pesada na mão direita. Um escudo de couro cobre o braço esquerdo.

No sonho, sente o cheiro, um odor pungente e animal. Ela para ao lado de uma parede de tijolos desgastados e espera, fundida às sombras, unida à escuridão. Hunter acredita que, tal como a vida, caçar consiste primariamente em esperar. No sonho, porém, ela não espera. Assim que Hunter chega, a criatura avança pelo mato baixo, um borrão marrom e branco, ondulando de leve, como uma cobra, olhos vermelhos brilhando, perfurando a escuridão, dentes afiados feito agulhas, um animal carnívoro e destruidor. A criatura foi extinta no mundo acima: apresenta semelhança com a marta e o furão na mesma medida em que um lobo se parece com um yorkshire terrier. Pesa quase cento e cinquenta quilos e mede aproximadamente cinco metros de comprimento, da ponta do focinho até a extremidade da cauda.

Ao passar por Hunter, ela sibila como uma cobra e, por um momento, os velhos instintos entrando em ação, fica paralisada. Então, munida apenas de ódio e dentes afiados, lança-se contra a mulher. É quando Hunter lembra, no sonho, que tudo isso já aconteceu antes e que, quando aconteceu, ela enfiou na boca da criatura o braço protegido pelo escudo de couro e esmagou-lhe o crânio com a lança de chumbo, tomando cuidado para não danificar a pele. Hunter lembra que presenteou a pele do Grande Furão a uma garota que lhe atraiu a atenção e que a moça agradeceu de maneira apropriada.

Mas agora, no sonho, isso não acontece. O furão estende a pata dianteira para ela, que derruba a lança e aceita a oferta. E bem ali, na cidade subterrânea de Bangcoc, os dois dançam juntos, uma eterna e complexa dança: e Hunter assiste à cena de fora do próprio corpo, e admira os movimentos elaborados dos dois em evoluções, cauda e pernas e braços e dedos e olhos e pelos girando e se inclinando com força e estranheza pelas profundezas, a cruzar a eternidade.

Hunter ouve um ruído mínimo no mundo desperto, um lamento adormecido da pequena Door, e transita do sono para a vigília fluidamente, instantaneamente — está outra vez alerta, de prontidão. Ela esquece o sonho ao acordar.

Door sonha com o pai.

No sonho, ele a ensina a abrir coisas. Pega uma laranja e faz um gesto: com um movimento fluido, a fruta é virada do avesso e se contorce: a polpa fica por fora e a casca vai para o meio. *É preciso sempre manter a paridade*, explica o pai, tirando um gomo da laranja ao avesso para a filha. *Paridade, simetria, topologia: estas serão suas matérias de estudo nos próximos meses*, Door. *Porém, o mais importante a entender é o seguinte: todas as coisas querem ser abertas. Você precisa sentir a demanda e tirar proveito dela.* O pai tem cabelo castanho e basto, uma vez que a conversa aconteceu uma década antes de sua morte, e tem um sorriso tranquilo, do qual Door ainda se lembra, mas que o tempo reduziu com o passar dos anos.

No sonho, o pai lhe entrega um cadeado. Ela o aceita. Suas mãos têm o mesmo tamanho e formato que têm hoje, embora ela saiba que, na verdade, a cena se passou quando ela era uma criança, que está selecionando momentos, conversas e lições que aconteceram ao longo de mais de doze anos e condensando tudo em uma única lição. *Abra*, instrui o pai.

Door segura o cadeado, sentindo o metal gelado, o peso do objeto. Algo a incomoda. Há alguma coisa que ela precisa saber. Door aprendeu a abrir tão logo aprendeu a andar. Ela se lembra da mãe segurando sua mão com firmeza, abrindo uma porta que levava do quarto da menina para o quarto de brinquedos, lembra-se de ver o irmão, Arch, separando anéis de uma corrente de prata e os unindo de novo.

Ela tenta abrir o cadeado. Manipula o fecho com os dedos e com a mente. Nada acontece. Door joga o cadeado no chão e chora. O pai se abaixa, pega o cadeado e o coloca de volta na mão da filha. Limpa uma lágrima da bochecha dela com o dedo comprido.

Lembre-se, diz ele, o cadeado quer se abrir. Basta deixá-lo fazer o que quer.

O cadeado está nas mãos dela, gelado, inerte e pesado. Então, de súbito, Door entende e, em algum lugar em seu coração, deixa que o objeto seja o que deseja ser. Ouve-se um estalido alto e o cadeado se abre. O pai está sorrindo.

Pronto, diz Door.

Boa menina, diz o pai. É só isso o que precisamos saber. Tudo o mais é só uma questão de prática.

Ela entende o que a está incomodando. *Pai, o seu diário: quem o escondeu? Quem pode ter feito isso?* Mas o pai vai se afastando, e ela já começa a esquecer.

Door o chama, mas ele não consegue ouvi-la, e, embora a garota ainda ouça a voz dele ao longe, não há como compreender o que ele diz.

No mundo desperto, Door solta um leve gemido. Então rola para o lado, aconchega o rosto no braço, ronca uma, duas vezes e volta a dormir, um sono sem sonhos.

Richard sabe o que espera por eles. A sensação de urgência e a pressão aumentam a cada túnel, a cada curva, a cada ramificação do esgoto. Ele sabe que está lá, esperando, e a cada passo cresce a sensação de catástrofe iminente. Sabe que deveria se sentir aliviado ao virar a última curva e vê-la parada ali, enquadrada pelas paredes do túnel, esperando por ele, mas sente apenas pavor. No sonho, a criatura tem o tamanho do planeta: não existe outra coisa no mundo inteiro, apenas a Besta, os flancos em alvoroço, lanças quebradas e pedaços de armas antigas presas no couro. Os chifres e as presas estão sujos de sangue seco. É uma criatura repulsiva, vasta e maligna.

Ela avança.

Richard ergue a mão (mas não é sua mão) e arremessa a lança.

Ele vê os olhos da fera, vermelhos e cruéis e cheios de satisfação maligna, se aproximarem, tudo em uma fração de segundo que se torna uma breve eternidade. E a criatura o alcança...

A água gelada atingiu seu rosto como uma bofetada. Seus olhos se abriram de repente, e ele arfou. Hunter estava de pé olhando para ele, um grande balde de madeira na mão. Vazio. Richard ergueu o braço, sentiu o cabelo encharcado e o rosto molhado. Limpou a água dos olhos, teve um tremor de frio.

— Não precisava fazer isso — reclamou ele. O gosto que sentia era como se sua boca tivesse sido usada como mictório por vários animais de pequeno porte e depois se liquefeito em uma crosta vagamente verde. Tentou se levantar, mas se deixou desabar de volta. — Opaaa — explicou.

— Como está a cabeça? — perguntou Hunter, em tom profissional.

— Já esteve melhor.

Hunter pegou outro balde de madeira, só que cheio d'água, e o arrastou pelo chão do estábulo.

— Não sei o que vocês beberam, mas deve ter sido bem forte — comentou.

Hunter mergulhou a mão no balde e espirrou algumas gotas no rosto de Door. A garota piscou, abriu os olhos.

— Não foi à toa que Atlântida afundou — resmungou Richard. — Se as ressacas eram assim, deve ter sido um alívio para eles. Onde estamos?

A guarda-costas espirrou mais um pouco de água no rosto de Door.

— Nos estábulos de uma amiga.

Richard olhou ao redor. O lugar não parecia um estábulo. Será que era mesmo para cavalos? Que tipo de cavalo viveria abaixo da superfície? Na parede havia um símbolo pintado: a letra S (ou era uma cobra? Ele não sabia) dentro de um círculo formado por sete estrelas.

Door levou a mão à cabeça, hesitante, e a tocou com receio, como se não soubesse o que encontraria.

— Urgh — resmungou, quase em um sussurro. — Pelo Templo e pelo Arco. Eu morri?

— Não — respondeu Hunter.

— Que pena.

A guarda-costas a ajudou a se levantar.

— Ele bem que nos avisou que era forte — comentou Door, sonolenta.

Então se levantou de uma vez e, em um movimento rápido e decidido, agarrou Richard pelos ombros e apontou para a pintura na parede, o S serpentino com estrelas em volta. Soltou uma exclamação de surpresa e olhou para todos os lados como um ratinho se dando conta de que foi parar em uma colônia de férias para gatos.

— Serpentine — disse ela a Richard e Hunter. — É o emblema de Serpentine. Richard, levante-se! Precisamos fugir... antes que ela descubra que estamos aqui...

— E você acha que poderia entrar na casa de Serpentine sem que Serpentine soubesse, criança? — indagou uma voz seca, da porta.

Door apoiou as costas na parede de madeira do estábulo. Ela tremia. Richard notou, mesmo com a cabeça latejando, que nunca vira Door tão obviamente apavorada.

Serpentine estava parada na entrada. Usava um espartilho de couro branco, botas de couro branco de cano alto e trapos que um dia deviam ter sido um vestido de casamento em renda e seda, todo manchado e aos farrapos. A mulher era bem mais alta que os três: o cabelo grisalho e armado quase tocava o batente da porta. Ela tinha olhos argutos e uma boca que era um corte cruel na base de um rosto imperioso. A mulher olhava para Door como se aceitasse pavor como pagamento; como se tivesse se tornado tão habituada ao medo que já esperava por aquilo ou até gostava da reação.

— Calma — pediu Hunter.

— Mas é Serpentine — gemeu Door. — Das Sete Irmãs.

A mulher inclinou a cabeça cordialmente. Então entrou e foi até eles. Atrás dela vinha outra mulher, de rosto sério e longos cabelos pretos, com um vestido preto extremamente justo na cintura. A segunda mulher nada falou. Serpentine se aproximou de Hunter.

— Hunter trabalhou para mim há muito tempo — explicou ela, estendendo um dedo branco e acariciando o rosto bronzeado de Hunter, um gesto que indicava afeto e demarcava posse. — Você manteve sua aparência

melhor do que mantive a minha, Hunter. — A guarda-costas baixou os olhos. — Os amigos dela são meus amigos, criança. Você é Door?

— Sim — respondeu a garota, com a boca seca.

Serpentine se virou para Richard.

— E você? É o quê? — indagou, indiferente.

— Richard — respondeu Richard.

— Eu sou Serpentine — apresentou-se a mulher, graciosamente.

— Reparei — retrucou Richard.

— Tem comida esperando por vocês, se quiserem quebrar o jejum.

— Céus, não — choramingou ele, educadamente.

Door não respondeu. Continuava com as costas coladas à parede, ainda tremendo um pouco, como uma folha ao sabor de uma brisa de outono. O fato de Hunter claramente tê-los levado até ali por ser um local seguro não aplacava o medo da garota.

— O que tem para comer? — perguntou a guarda-costas.

Serpentine olhou para a mulher de cintura finíssima à porta.

— E então?

A mulher deu o sorriso mais frio que Richard já vira em um rosto humano.

— Ovos fritos ovos cozidos ovos em conserva veado ao curry cebolas em conserva arenque em conserva arenque defumado arenque salteado cozido de cogumelo bacon salteado repolho recheado ensopado de carneiro geleia de mocotó...

Ele chegou a abrir a boca para pedir à mulher que parasse, mas era tarde demais. Vomitou repentinamente, violentamente, terrivelmente.

Queria que alguém o abraçasse e lhe dissesse que ficaria tudo bem, que logo voltaria a se sentir bem; que alguém lhe desse uma aspirina e um copo d'água e o levasse de volta para a cama. Mas ninguém fez isso; e sua cama estava a uma vida de distância. Ele lavou o vômito do rosto e das mãos com a água do balde. Enxaguou a boca. E, ainda meio tonto, foi com as quatro mulheres para o local do café da manhã.

— Passe a geleia de mocotó — pediu Hunter, de boca cheia.

A sala de jantar de Serpentine ficava no que parecia ser a menor estação de metrô que Richard já vira. Tinha cerca de três metros de comprimento, do qual grande parte era tomada por uma mesa de jantar. Uma toalha de damasco branco cobria a superfície e um jogo completo de prataria tinha sido colocado em uso. Uma infinidade de comidas variadas, todas com um cheiro horrível, se amontoava sobre a mesa. Para Richard, o pior cheiro vinha dos ovos de codorna em conserva.

Ele sentia a pele desagradavelmente úmida e gelada, e os olhos pareciam ter sido reinseridos nas órbitas na posição errada, enquanto o crânio devia ter sido trocado por outro duas ou três vezes menor enquanto ele dormia. Um trem do metrô passou a poucos metros deles, o vento soprando a mesa. O barulho dos vagões passando atravessou a cabeça de Richard como uma faca quente penetrando um cérebro. Richard gemeu.

— Vejo que seu herói é meio fraco para bebida — comentou Serpentine, sem expressão.

— Ele não é meu herói — retrucou Door.

— Temo que seja. A gente aprende a reconhecer o tipo. Tem algo nos olhos deles, acho. — Ela se virou para a mulher de preto, que parecia uma espécie de governanta. — Traga um tônico revigorante para o cavalheiro.

A mulher deu um leve sorriso e se retirou discretamente.

Door beliscava os cogumelos do prato.

— Somos muito gratos por tudo isso, lady Serpentine.

— Pode me chamar pelo nome, criança. Não tenho tempo para honrarias tolas e títulos imaginários. Então: você é a filha mais velha de Portico.

— Sim.

A mulher mergulhou o dedo no molho salgado que continha pequenas enguias, lambeu o dedo e assentiu em aprovação.

— Eu não tinha muita paciência para seu pai. Toda aquela bobagem de unificar o Submundo. Uma inutilidade. Homem tolo, só procurava encrenca. Da última vez que o vi, disse que o transformaria em uma cobra-cega se ele aparecesse aqui outra vez. — Ela se voltou para Door. — Falando nisso, como vai ele?

— Morreu.

Serpentine parecia mais do que satisfeita.

— Viu só? Exatamente.

Door não respondeu. Serpentine pegou alguma coisa que se movia em seu cabelo grisalho, examinou-a com atenção, esmagou-a entre o indicador e o polegar e a jogou na plataforma. Então se virou para Hunter, que estava ocupada em demolir uma pequena colina de arenques em conserva.

— Está caçando a Besta, é? — perguntou Serpentine.

Hunter apenas assentiu, de boca cheia.

— Vai precisar da lança, é claro.

A mulher de cintura minúscula surgiu ao lado de Richard com uma bandeja pequena. Ela trazia um copinho que continha um líquido de um tom agressivamente esmeralda. Ele olhou para o copo, depois olhou para Door.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Nada que vá fazer mal — respondeu Serpentine, com um sorriso gélido. — Vocês são meus convidados.

Richard tomou o líquido verde de uma vez. Tinha gosto de tomilho, hortelã e manhãs de inverno. Sentiu a bebida descer pela garganta e se preparou para impedi-la de subir de volta. Mas não precisou: apenas respirou fundo e percebeu, com certa surpresa, que a cabeça não doía mais e que estava morrendo de fome.

O Velho Bailey não era, intrinsecamente, uma daquelas pessoas nascidas para contar piadas. Mesmo com essa deficiência, no entanto, ele insistia em contá-las. Suas piadas em geral eram ladainhas entediadas que sempre terminavam em lamentáveis trocadilhos, embora na maior parte das vezes ele esquecesse o final. A única plateia para as piadas do Velho Bailey era um pequeno grupo fiel de pássaros que, em especial as gralhas-calvas, ouviam as anedotas como se fossem parábolas profundas e filosóficas, cheias de revelações transformadoras sobre a natureza do ser humano, e eram também eles que, de vez em quando, pediam a ele que contasse mais uma de suas divertidas histórias.

— Tudo bem, tudo bem — dizia o Velho Bailey. — Vocês me avisem se já tiverem ouvido essa. Um homem entra num bar. Não, um homem não. Essa é a piada. Desculpem. É um cavalo. Um cavalo... Não, um barbante. Três barbantes. Isso. Três barbantes entram num bar.

Uma gralha velha e grandalhona grasnou uma pergunta. O Velho Bailey coçou o queixo e deu de ombros.

— Eles simplesmente entraram. É uma piada. Nessa piada os barbantes andam. Um deles vai até o balcão e pede bebidas para ele mesmo e os amigos. O barman responde: “Não atendemos barbantes.” Eles diz isso ao barbante. Então. Esse barbante vai até os amigos e explica que “não atendem barbantes naquele bar”. Como é uma piada, o segundo barbante também vai. São três, veja você, e o segundo vai lá e pede bebidas, é. Quando chega a vez do último, ele dá um nó em si próprio, na cintura, e puxa a parte de cima para cima do rosto de barbante, escondendo o rosto. Aí ele vai até o balcão Tateando, fingindo fechar os olhos. E pede uma bebida.

A gralha grasnou outra vez, sabiamente.

— Três bebidas. Isso. E o barman pergunta: “Ei, você não é um daqueles barbantes?” Aí o barbante responde: “Não, eu sou um nó cego.” “Nó cego”, entendeu? Rá! Um “nó cego”. Muito engraçado.

Os estorninhos emitiram grasnidos educados. As gralhas assentiram em aprovação, inclinaram a cabeça. A mais velha delas grasniou para o Velho Bailey.

— Outra? Até meu estoque tem limites. Deixa eu ver...

Nessa hora, ouviram um barulho vindo de dentro da barraca, um som grave e pulsante como um coração batendo ao longe. O Velho Bailey correu

até lá. O barulho vinha de um velho baú de madeira onde ele guardava suas posses mais estimadas. Quando o abriu, o barulho pulsante ficou muito mais alto. A caixinha de prata estava em cima de todos os tesouros do Velho Bailey. Ele a pegou. Uma luz vermelha pulsava e brilhava ritmicamente lá dentro, como o pulsar de um coração, e a luz vazava pelas frestas da prata entalhada.

— Ele está em perigo — comentou o Velho Bailey.

A mais velha das gralhas grasnou uma pergunta.

— Não, não é uma piada. É o marquês — explicou o velho. — Ele está muito enrascado.

Richard estava na metade do segundo prato quando Serpentine se levantou.

— Acho que cumpro minha cota de hospitalidade. Minha criança e meu jovem, tenham um bom dia. Hunter... — A mulher fez uma pausa. Então, passou um dedo em garra pelo contorno do maxilar da guarda-costas. — Hunter, você é sempre bem-vinda aqui.

Ela cumprimentou a todos com um aceno de cabeça imperioso e se afastou, seguida pela governanta de cinturinha esmagada.

— Precisamos ir — anunciou Hunter, levantando-se.

Door e Richard (ele um pouco mais relutante) fizeram o mesmo.

Seguiram por um corredor tão estreito que só passava uma pessoa por vez. Subiram alguns degraus de pedra. Cruzaram uma ponte de ferro na escuridão, enquanto trens do metrô ecoavam abaixo. Entraram no que parecia uma rede infinita de cofres subterrâneos que cheiravam a umidade e decomposição, a tijolos e pedras e tempo.

— Sua ex-chefe, é? Ela parece legal — comentou Richard.

Hunter não respondeu.

— Aqui no Submundo, quando querem que as crianças se comportem, as pessoas dizem: “Comporte-se, ou Serpentine vai pegar você” — contou Door, um pouco abatida.

— Ah. E você trabalhou para ela, Hunter? — perguntou Richard.

— Trabalhei para todas as Sete Irmãs.

— Achei que elas não se falassem há, sei lá, uns trinta anos, no mínimo — comentou Door.

— É bem provável. Mas ainda se falavam na época.

— Quantos anos você tem? — perguntou Door.

Richard ficou feliz por ela ter perguntado, pois ele próprio nunca teria coragem de fazê-lo.

— Sou tão velha quanto minha língua — respondeu a guarda-costas, em um tom calculado. — E um pouco mais velha que meus dentes.

— Enfim — interveio Richard, no tom despreocupado de quem acabou de sair de uma ressaca e ciente de que, em algum lugar bem acima, alguém curtia um belo dia. — Foi bacana. A comida estava boa. E ninguém tentou nos matar.

— Tenho certeza de que isso vai mudar ao longo do dia — retrucou Hunter, muito acertadamente. — Que caminho tomaremos até Black Friars, milady?

Door parou e se concentrou.

— Vamos seguir o rio. Por aqui.

— Ele já acordou? — perguntou o sr. Croup.

O sr. Vandemar cutucou o corpo inerte com um dedo comprido. A respiração estava fraca.

— Ainda não, senhor Croup. Acho que quebrei o marquês.

— Você precisa ter mais cuidado com seus brinquedos, senhor Vandemar — ralhou o sr. Croup.

ONZE

—

— MAS ENTÃO, o que você está buscando? — perguntou Richard a Hunter.

Os três andavam com extrema cautela pela margem de um rio subterrâneo. O lugar era escorregadio, um caminho estreito sobre rochas escuras e bem lapidadas. Richard observava com ar respeitoso a água cinzenta que corria e borbulhava muito perto. Não era o tipo de rio do qual a pessoa conseguiria sair se caísse ali; era do outro tipo.

— Buscando?

— Bem, eu, por exemplo, estou tentando voltar para a Londres de verdade e para minha vida antiga. Door quer descobrir quem matou a família dela. E você? Está buscando o quê?

Espremiam-se pela margem, um passo por vez, Hunter à frente. Ela não respondeu. O rio foi perdendo velocidade até desembocar em um pequeno lago subterrâneo. Acompanharam o curso d'água, a luz dos lampiões se refletindo na superfície negra, os próprios reflexos borrados pela névoa das águas.

— Então, o que é? — insistiu Richard. Não esperava resposta.

— Nos esgotos de Nova York, eu enfrentei o enorme e cego rei-jacaré, dos jacarés brancos — começou Hunter, em voz baixa e intensa. Ela não parou de andar enquanto respondia. — Tinha nove metros e meio de comprimento. Era gordo de tanto esgoto que comia. E feroz. Mas eu me saí melhor e o matei. Os olhos dele eram como pérolas gigantescas na escuridão.

O sotaque estranho de Hunter ecoava pelo subsolo, fundia-se na névoa, na noite abaixo da terra.

— Enfrentei o urso que assolava a cidade abaixo de Berlim. Ele já tinha matado mil homens e suas garras estavam manchadas de marrom e preto pelo sangue seco de um século de matança, mas caiu diante de mim. Sussurrou palavras em uma das línguas dos homens enquanto morria.

A névoa d'água pairava baixa sobre o lago. Richard fingia ver as criaturas das quais Hunter falava como formas brancas desenhadas no vapor.

— Havia um tigre negro na cidade abaixo de Calcutá. Devorador de homens, brilhante e amargo, do tamanho de um elefante pequeno. O tigre é um adversário digno. Acabei com ele apenas com as mãos. — Richard olhou para Door. A garota escutava com atenção: tudo aquilo era novidade para ela

também. — E hei de eliminar a Besta de Londres. Dizem que sua pele está cravejada das muitas espadas, lanças e facas dos que tentaram e falharam. As presas são lâminas, e as patas, trovões. Vou matá-la ou morrerei tentando.

Os olhos de Hunter brilharam quando ela falou em sua presa. O borrito do rio se transformara em um nevoeiro denso e amarelo.

Um sino tocou, um pouco à frente, três vezes, e o som foi carregado pela água. O mundo começou a clarear. Richard pensou ter visto os traços achatados de construções em volta. O nevoeiro amarelo-esverdeado ficou mais denso: tinha gosto de cinzas, fuligem e poluição urbana de mil anos. Grudava nos lampiões, abafando a luz.

— O que é isso? — perguntou Richard.

— A névoa de Londres — explicou Hunter.

— Mas isso não acabou há anos? Com a implementação da Lei do Ar Puro de 1956, e tal? — Richard começou a se lembrar dos livros de Sherlock Holmes que lera na infância. — Como é que chamaram o fenômeno?

— O Grande Nevoeiro de 1952 — respondeu Door. — Fumaça negra. Densos rios de névoa amarela misturada com fumaça de carvão e toda porcaria que foi despejada no ar nos últimos cinco séculos. Não acontece no Mundo Superior há, sei lá, quarenta anos, mas aqui embaixo ainda temos os espectros daquilo. Hmm... espectros não. “Ecos” faz mais sentido.

Richard respirou dentro de uma nuvem de névoa amarela-esverdeada e começou a tossir.

— Essa tosse não me soa muito saudável — comentou Door.

— Entrou na minha garganta.

O solo estava cada vez mais pegajoso e lamacento: sugava os pés de Richard enquanto ele andava.

— Bom, ninguém nunca morreu com um pouquinho de poluição — disse ele, tentando se reconfortar.

Door o encarou com aqueles seus olhos grandes de fada.

— O Nevoeiro de 1952 somou quatro mil mortos.

— Gente daqui? — indagou Richard. — Da Londres Inferior?

— Sua gente — respondeu Hunter.

Richard não duvidava. Pensou em prender a respiração, mas o nevoeiro estava cada vez mais denso e o solo, mais pegajoso.

— Não entendo uma coisa: como é que tem nevoeiros tóxicos aqui embaixo se esse troço não existe mais lá em cima?

Door coçou o nariz.

— Existem pequenas bolhas de tempos antigos em Londres, onde coisas e lugares permanecem iguais, como momentos presos no âmbar — explicou ela. — Tem um monte de tempo em Londres, e ele precisa ir para algum lugar... O tempo não é usado todo de uma vez.

— Acho que ainda estou de ressaca. — Richard suspirou. — Isso quase fez sentido.

O abade sabia que aquele dia traria peregrinos. A presciência era parte de seus sonhos; cercava-o, como a escuridão. O dia, portanto, foi marcado pela espera, que era, como bem sabia, um pecado: momentos deveriam ser vivenciados; esperar era um pecado tanto contra o tempo ainda por vir quanto contra os momentos que eram ignorados. No entanto, ele aguardava. Durante as cerimônias do dia, durante as refeições parcas, o abade se manteve atento aos sons, à espera do soar do sino, à espera de saber quem e quantos seriam.

Pegou-se na esperança de uma morte rápida. O último peregrino havia durado quase um ano, uma criaturinha que só fazia gritar e balbuciar. O abade não considerava a própria cegueira como benção nem maldição: simplesmente *era*; contudo, sentia-se grato por nunca ter visto o rosto do pobre homem. O irmão Jet, que havia cuidado da criatura, ainda acordava no meio da noite, gritando, vendo diante de si aquele rosto contorcido.

O sino tocou no fim da tarde, três vezes. O abade estava no santuário, de joelhos, contemplando o fardo do qual se encarregavam. Levantou-se e foi até o corredor, onde aguardou.

— Padre? — Era a voz do irmão Fuliginoso.

— Quem guarda a ponte? — perguntou o abade. Sua voz era surpreendentemente grave e melódica para um homem tão idoso.

— Zibelina — veio a resposta, da escuridão.

O abade se apoiou no ombro do jovem e foi caminhando vagarosamente ao lado dele, pelos corredores da abadia.

Não havia solo firme; não havia lago. Os pés deles afundavam e espirravam água por uma espécie de pântano, envolto pela névoa amarela.

— Isso é nojento — declarou Richard.

A substância penetrava pelos sapatos dele, invadia as meias e forçava uma intimidade com os dedos que não o agradava muito.

Diante deles havia uma ponte, erguendo-se do pântano. Uma figura de preto aguardava logo no início da ponte. Usava o hábito preto de um monge dominicano. Tinha pele em tom marrom-escuro como mogno envelhecido. Era um homem alto, e segurava uma lança tão alta quanto ele.

— Parem — comandou. — Digam seus nomes e classificações.

— Sou lady Door — respondeu Door. — Filha de Portico, da Casa do Arco.

— Sou Hunter. Guarda-costas.

— Sou Richard Mayhew. Encharcado.

— E desejam passar?

Richard deu um passo à frente.

— Para falar a verdade, sim. Viemos atrás de uma chave.

O monge não respondeu. Ergueu a lança e a usou para empurrar Richard de leve. Ele sentiu os pés escorregarem e caiu na água lamacenta; ou melhor, para ser ligeiramente mais preciso, na lama aquosa. O monge aguardou alguns momentos, para ver se Richard se levantaria e começaria a lutar. Ele nem tentou.

Mas Hunter sim.

Richard se levantou da lama e, boquiaberto, assistiu pela primeira vez na vida a uma luta de bastões. O monge era bom. Era maior e — suspeitava Richard — mais forte que Hunter. Por outro lado, ela era mais rápida. As lanças de madeira colidiam e ressoavam sob o nevoeiro.

De repente, o monge atingiu Hunter na boca do estômago, derrubando-a na lama. Ele avançou — até demais, pois descobriu que Hunter tinha fingido a queda. Ela o atingiu, com força e precisão, atrás dos joelhos, e as pernas do monge se viram incapazes de sustentar o corpo. Ele caiu na lama úmida. Hunter encostou a ponta da lança na nuca do sujeito.

— Chega — disse uma voz que parecia vir da ponte.

Hunter recuou um passo e parou outra vez ao lado de Richard e Door. Nem suava. O monge grandalhão se levantou da lama. Seu lábio sangrava. Ele fez uma grande reverência a Hunter e se encaminhou ao pé da ponte.

— Quem são eles, irmão Zibelina? — inquiriu a voz.

— Lady Door, filha de lorde Portico, da Casa do Arco; acompanhada de Hunter, sua guarda-costas; e Richard Mayhew Encharcado — anunciou o irmão Zibelina, com os lábios inchados. — Ela me superou em uma luta justa, irmão Fuliginoso.

— Deixe que passem — comandou a voz.

Hunter liderou o grupo pela ponte. No ponto mais alto, outro monge aguardava por eles: o irmão Fuliginoso. Era mais novo e menor que o primeiro monge, mas se vestia da mesma maneira. Sua pele era de um castanho intenso. Havia outras figuras de preto, nos limites da área visível, sob o nevoeiro amarelado. Então aqueles eram os Monges Negros, concluiu Richard. O segundo monge encarou o trio por um segundo e recitou:

— *Eu viro a cabeça e você vai aonde quiser.*

Viro outra vez, e você fica onde está.

Rosto não tenho, mas meus dentes tortos

São a razão para que eu viva ou morra.

Quem sou eu?

Door deu um passo à frente. Umedeceu os lábios e estreitou os olhos.

— Eu viro a cabeça... — repetiu, pensando consigo mesma. — Dentes tortos... vai aonde... — Um sorriso surgiu em seu rosto. Ela ergueu os olhos para o irmão Fuliginoso. — Uma chave. Você é uma chave.

— Uma sábia — reconheceu o irmão Fuliginoso. — Avançaram o segundo passo. Resta um.

Um homem muito velho emergiu do nevoeiro amarelado e foi andando até eles com cautela, segurando-se na mureta de pedra da ponte com a mão nodosa. Ele parou ao alcançar o irmão Fuliginoso. Seus olhos tinham o azulado leitoso do glaucoma e da catarata. Richard gostou dele imediatamente.

— Quantos são? — perguntou o velho ao mais jovem, em uma voz grave e tranquilizadora.

— Três, abade.

— E um deles venceu o primeiro guardião?

— Sim, abade.

— E um deles respondeu corretamente ao segundo guardião?

— Sim, abade.

Havia pesar na voz do velho.

— Então, resta um para enfrentar a Provação da Chave. Aproxime-se.

— Ah, não... — murmurou Door.

— Eu assumo o lugar dele — disse Hunter. — Enfrentarei a provação.

O irmão Fuliginoso balançou a cabeça.

— Não podemos permitir isso.

Quando criança, Richard visitara um castelo em uma excursão escolar. Junto com a turma, ele escalara os muitos degraus até o ponto mais alto do castelo, uma torre em ruínas. As crianças se aglomeraram no alto da torre enquanto a professora mostrava a vista, do campo que se estendia lá embaixo. Já naquela idade, Richard não lidava muito bem com altura. Ele ficou agarrado ao corrimão de segurança, de olhos bem fechados, tentando não olhar para baixo. A professora tinha dito que era uma queda de cem metros da antiga torre até o pé da colina que se via dali do alto, e completara explicando que se jogassem uma moeda lá de cima, a moeda alcançaria o chão a tamanha velocidade que poderia penetrar o crânio de um homem, rachando-o com a potência de uma bala de pistola. Naquela noite, ao se deitar, Richard não conseguira dormir, imaginando uma moeda caindo com a força de um raio. Ainda seria uma moeda, mas uma moeda assassina, no momento da queda...

Uma provação.

Então, a ficha caiu. E despencou com a força de um raio, tal qual uma moeda lançada do alto da torre.

— Peraí. Como assim... hã... provação? Alguém vai passar por uma provação. Alguém que não ficou de briguinha na lama e que não adivinhou aquele negócio lá da chave e tal...

Richard estava tagarelando sem pensar. Ouvia a si mesmo falando incoerências, mas não dava a mínima.

— Essa sua provação... — continuou Richard, dirigindo-se ao abade. — Seria uma *provação* ou só uma provaçãozinha? Uma provação do tipo visitar uma tia velha e maluca ou do tipo enfiar o braço na água fervente para ver quanto tempo leva para a pele se dissolver?

— Por aqui — disse o abade.

— Não é ele que você quer — interveio Door. — Leve uma de nós.

— Três vieram até nós. Três testes fazemos. Um teste para cada um de vocês: é justo — retrucou o abade. — Se passar pela provação, ele retornará.

Uma brisa leve dispersou o nevoeiro. As outras figuras negras portavam bestas. Cada besta estava apontada para Richard, Hunter ou Door. Os monges se aproximaram, separando Richard do restante do grupo.

— Viemos em busca de uma chave — comentou Richard, baixinho, para o abade.

— Sim — respondeu o abade, plácido.

— É para um anjo — explicou Richard.

— Sim — concordou o abade, e enganchou o braço no do irmão Fuliginoso.

Richard continuou, falando ainda mais baixo:

— Olha, não se pode dizer não a um anjo, ainda mais um homem da batina feito você... Por que a gente não esquece esse negócio de provação? Você me dá logo a chave e eu digo a eles que fizemos a provação e tudo mais.

O abade começou a descer a ponte. Havia uma porta aberta no outro lado. Richard o seguiu. Às vezes, não há o que fazer.

— A chave nos foi confiada quando da fundação de nossa ordem — contou o abade. — É uma das relíquias mais sagradas e poderosas de todas as relíquias sagradas. É nossa missão entregá-la apenas àquele que passar pela provação e se provar merecedor.

Avançaram por corredores tortuosos e estreitos. Richard deixava uma trilha de lama.

— Se eu falhar na provação, não pegaremos a chave, não é?

— Não, meu filho.

Richard pensou um pouco sobre o assunto.

— Posso tentar de novo numa outra ocasião?

O irmão Fuliginoso tossiu.

— Para falar a verdade, não, meu filho — respondeu o abade. — Se isso acontecer, você provavelmente — ele fez uma pausa — estará em uma situação irremediável. Mas nada tema. Talvez você seja aquele que receberá a chave, hein? — Havia a vaga sugestão de um tom tranquilizador na voz dele, o que era mais aterrorizante do que seria qualquer tentativa de amedrontá-lo.

— Vocês me matariam?

O abade encarou o caminho à frente com seus olhos azuis leitosos.

— Somos homens santos — respondeu ele, em um leve tom de reprovação. — Não: é a provação que mata.

Desceram um lance de escadas até uma sala baixa que parecia uma cripta, com paredes decoradas peculiarmente.

— Muito bem. Sorria! — ordenou o abade.

Richard ouviu o zumbido elétrico de um flash, que o deixou momentaneamente cego. Quando recobrou a visão, o irmão Fuliginoso tinha nas mãos uma velha Polaroid desgastada e fazia força para puxar a fotografia. O monge esperou a imagem se revelar e prendeu o instantâneo na parede.

— Este é o mural dos que falharam — explicou o abade, com um suspiro. — Para que nenhum deles seja esquecido. É também nosso fardo: a memória.

Richard observou os rostos. Poucas polaroides; vinte ou trinta fotografias de outros tipos, algumas em sépia e alguns daguerreótipos; havia, ainda, retratos a lápis, aquarelas e pinturas muito pequenas. Ocupavam uma parede inteira. Os monges cumpriam aquela função havia muito tempo.

Door sentiu um calafrio.

— Como eu sou idiota — resmungou. — Devia ter imaginado. Éramos três. Eu não devia ter vindo direto para cá.

Hunter mexia a cabeça de um lado para o outro. Tinha observado a posição de cada monge e de cada uma das bestas. Primeiro, calculara as chances de levar Door até o outro lado da ponte mantendo-a intacta; depois, com apenas ferimentos leves; por último, ela própria com ferimentos sérios e Door apenas com ferimentos leves. Estava recalculando novamente.

— E o que você teria feito de diferente se soubesse? — perguntou Hunter.

— Em primeiro lugar, não teria trazido *Richard*. Teria procurado o marquês.

Hunter inclinou a cabeça para o lado.

— Você confia nele? — perguntou, sem rodeios, e Door sabia que ela falava do marquês, não de Richard.

— Sim. Meio que confio.

Fazia apenas dois dias que Door completara cinco anos. O Mercado daquele dia era no Gardens, em Kew, e o pai a tinha levado como presente de aniversário. Era sua primeira vez ali. Estavam na casa das borboletas, cercados de asas em cores vibrantes, coisas iridescentes e sem peso que a encantavam e a fascinavam, quando o pai se agachou ao lado dela.

— Door, dê a volta devagar e olhe ali, perto da porta.

Ela se virou e olhou. Junto à porta estava um homem de pele negra e cabelo preto amarrado em um longo rabo de cavalo, conversando com um casal de gêmeos de pele dourada. A menina chorava daquele jeito dos adultos, contendo as lágrimas o máximo possível e odiando as que escapavam, o que as deixava feias e estranhas ao olhar. Door voltou a atenção às borboletas.

— *Você viu aquele homem?* — *perguntou o pai. Ela assentiu. — Ele se apresenta como marquês De Carabás. É um enganador, uma fraude, talvez até uma espécie de monstro. Procure por ele se alguma vez você se vir em perigo. Ele vai protegê-la, querida. Ele tem essa obrigação.*

Door olhou novamente. O homem tinha pousado cada uma das mãos sobre o ombro de um dos gêmeos e os conduzia para fora da sala, mas olhou para trás enquanto saía — olhou para Door, sorriu um sorriso enorme; e deu uma piscadela.

Os monges que as cercavam eram fantasmas escuros na névoa. Door ergueu a voz.

— Com licença, irmão — chamou ela, dirigindo-se a Zibelina. — Nosso amigo que foi buscar a chave... Se ele falhar na provação, o que acontece com a gente?

O monge deu um passo na direção delas, hesitante.

— Escoltamos as duas para fora daqui e as deixamos partir.

— E quanto a Richard?

Door viu o monge balançando a cabeça por baixo do capuz, de um jeito triste e desesperançoso.

— Eu devia ter trazido o marquês — repetiu, se perguntando onde ele estaria e o que estaria fazendo.

O marquês De Carabás estava sendo crucificado em uma estrutura enorme em formato de X que, ao que parecia, o sr. Vandemar montara com tábuas velhas, pedaços de uma cadeira, um portão de madeira e um carrinho de mão. Usara também quase todos os pregos enferrujados que encontrara em uma caixa enorme. O sr. Croup tinha supervisionado a construção, fazendo algumas sugestões úteis, além de vasculhar o hospital em busca de apetrechos proveitosos ao projeto. Naquele momento, o sr. Vandemar se encontrava no topo de uma escada movendo a estrutura, com marquês e tudo.

— Um pouco mais para cima — instruiu o sr. Croup, no pé da escada. — Mais para a esquerda. Isso. Agora, sim. Perfeito.

Fazia um bom tempo desde a última vez que haviam crucificado alguém.

Com os braços e as pernas esticados, o corpo do marquês formava um X largo. Pregos fixavam suas mãos e seus pés, e uma corda prendia sua cintura. Estava, para todos os efeitos, inconsciente. A estrutura balançava no ar, suspensa por várias cordas, em uma sala que já fora o refeitório dos funcionários. No chão, o sr. Croup reunira uma vasta seleção de objetos

cortantes, de lâminas de barbear a facas de cozinha, bisturis e escalpelos, além de várias outras ferramentas interessantes que o sr. Vandemar encontrara na antiga ala odontológica. Havia até mesmo um espalhador de brasa, achado na sala das caldeiras.

— Que tal você conferir como ele está, senhor Vandemar? — sugeriu o sr. Croup.

O sr. Vandemar cutucou o marquês de leve com um martelo.

O marquês De Carabás não era um homem bom e conhecia a si mesmo com clareza suficiente para saber que tampouco era corajoso. Havia muito se convencera de que o mundo, tanto o Superior quanto o Inferior, era um lugar que desejava ser enganado. Portanto, tirara o próprio nome de uma mentira de um conto de fadas e assim se reinventara — vestimentas, gestos, porte — como uma grande piada.

Sentia uma dor entorpecente nos pulsos e nos pés e estava cada vez mais difícil de respirar. De nada lhe valeria continuar se passando por desmaiado, então ergueu a cabeça como pôde e cuspiu uma bola de sangue escarlate na cara do sr. Vandemar.

Foi um ato bastante corajoso, concluiu. E estúpido. Talvez lhe proporcionassem uma morte tranquila se não o tivesse feito. Agora, sem dúvida, o machucariam ainda mais.

E talvez a morte chegasse mais rápido.

A água fervia intensamente na chaleira destampada. Richard observava o borbulhar e o vapor denso, imaginando o que fariam com aquilo. Sua imaginação lhe ofereceu diversas explicações possíveis, a maioria absurdamente dolorosa, nenhuma correta.

A água fervente foi despejada em um bule, em que o irmão Fuliginoso colocou três colheres de folhas secas aos pedaços. O líquido resultante passou por um coador de chá e foi servido em três xícaras de porcelana. O abade ergueu a cabeça cega, farejou o ar e sorriu.

— A primeira parte da Provação da Chave é uma boa xícara de chá — explicou. — Açúcar?

— Não, obrigado — respondeu Richard, desconfiado.

O irmão Fuliginoso colocou um pouco de leite no chá e passou a xícara e o pires para Richard.

— Está envenenado?

— Pelo amor de Deus, claro que não — respondeu o abade, parecendo quase ofendido.

Richard tomou um gole. O gosto era basicamente de chá.

— Mas isso é parte da provação?

O irmão Fuliginoso tomou as mãos do abade e depositou nelas uma xícara de chá.

— De certa forma, sim — respondeu o abade. — Gostamos de dar uma xícara de chá aos que buscam, antes de começar. É parte da nossa provação. Não da sua. — O velho bebeu um pouco e um sorriso beatífico se abriu em seu rosto ancião. — Até que é um chá bem gostoso.

Richard baixou a xícara, a bebida quase intocada.

— Se não for um incômodo, será que podemos começar logo?

— Claro, claro.

O abade se levantou, e os três foram até uma porta do outro lado da sala.

— Vocês podem... — Richard hesitou, tentando definir o que perguntar.

— Vocês podem me adiantar alguma coisa sobre essa tal provação?

O abade balançou a cabeça. Não havia muito a dizer: ele apenas conduzia os buscantes até a porta. E aguardava uma ou duas horas, no corredor de acesso. Depois, voltava, removia do santuário os restos mortais do sujeito e o sepultava nas catacumbas. Às vezes, infelizmente, não os encontrava mortos, embora o que restava dificilmente pudesse ser chamado de *vivo*. E os Monges Negros cuidavam como podiam daqueles pobres coitados.

— Então tá. — Richard abriu um sorriso sem convicção. — Bem, para o alto e adiante!

O irmão Fuliginoso puxou os ferrolhos de metal da porta, que se abriram com um estrondo como dois tiros gêmeos. Richard entrou. O irmão Fuliginoso fechou a porta depois que ele passou e fechou os ferrolhos. Guiou o abade de volta até a cadeira e lhe devolveu a xícara de chá. O abade tomou um gole em silêncio. Então comentou, com arrependimento sincero na voz:

— O certo é “para o alto e avante”. Mas não tive coragem de corrigir. Parecia um bom rapaz.

DOZE

—

RICHARD MAYHEW CAMINHAVA pela plataforma do metrô. Era uma estação da linha District: a placa dizia BLACKFRIARS. Estava tudo deserto. Em algum lugar ao longe, um trem rugia e chacoalhava, provocando uma lufada de ar fantasmagórica que soprava pela plataforma, espalhando até os trilhos as páginas de um exemplar do tabloide *The Sun*, com seios estampados em quatro cores e insultos em preto e branco.

Ao final da plataforma, ele se sentou em um banco e esperou.

Nada aconteceu.

Esfregou a cabeça e se sentiu meio enjoado.

Ouviu passos se aproximando: uma menina toda arrumadinha passou por ele de mãos dadas com uma mulher que parecia uma versão maior e mais velha da menina. As duas o olharam de soslaio e logo desviaram o olhar, sem o menor constrangimento.

— Não fique muito perto dele, Melanie — aconselhou a mulher, em um sussurro bastante audível.

A menina o encarou daquele jeito típico das crianças, sem pudor nem consciência. Então olhou de volta para a mãe.

— Por que existe esse tipo de gente? — perguntou, curiosa.

— Eles não têm coragem de dar fim ao próprio sofrimento — explicou a mulher.

A menina arriscou outra olhada breve para Richard.

— Patético — murmurou ela.

Os pés das duas se afastaram pela plataforma e logo desapareceram. Será que aquilo tinha sido imaginação sua? Richard tentou lembrar o que estava fazendo ali naquela plataforma. Esperando o metrô? Para ir aonde? Ele sabia que a resposta estava em algum lugar de sua mente, um lugar fácil de encontrar, mas não conseguia encontrá-la, não conseguia recuperá-la dos lugares perdidos. Continuou ali sentado, sozinho e pensativo. Seria um sonho? Tateou o banco de plástico duro e vermelho, pisou firme na plataforma com os pés sujos de lama (de onde tinha vindo aquela lama?), tocou o próprio rosto... Não. Não era um sonho. Onde quer que estivesse, aquilo era real. Sentiu-se estranho: distante, deprimido e terrivelmente,

estranhamente entristecido. Alguém se sentou ao lado dele. Richard não ergueu os olhos nem virou a cabeça.

— E aí? — cumprimentou uma voz familiar. — Como vai, Dick? Tudo bem?

Ele ergueu os olhos. Sentiu o rosto começando a formar um sorriso, a esperança o atingindo em cheio como um soco no peito.

— Garry? — disse, assustado. — Você consegue me ver?

O homem abriu um sorriso.

— Você sempre foi um piadista. Um cara muito, muito engraçado.

Garry estava de terno e gravata, a barba feita e sem um fio de cabelo fora do lugar. Richard imaginou a si mesmo: enlameado, com barba por fazer, amarfanhado...

— Garry, eu... Olha, sei que estou com uma aparência horrível. Mas posso explicar. — Pensou por um momento. — Quer dizer... não. Não posso.

— Tudo bem — respondeu ele, em um tom tranquilizador e calmo. — Preciso lhe contar uma coisa, mas não sei como. É meio esquisito. — Garry procurou as palavras. — Então. Na verdade, eu não estou aqui.

— Está, sim — retrucou Richard.

Garry balançou a cabeça, compreensivo.

— Não, não estou. Eu sou você. Você está falando sozinho.

Richard considerou, vagamente, a possibilidade de aquilo ser mais uma das piadas do colega.

— Talvez isto ajude — disse Garry, e levou as mãos ao rosto, apertou, girou e remodelou. Seu rosto escorria como massinha molhada. — Melhor assim? — perguntou a pessoa que tinha sido Garry, em uma voz perturbadoramente familiar.

Richard conhecia o novo rosto: barbeara aquela pele quase todos os dias desde que terminara o colégio; escovara aqueles dentes, espremera as espinhas e vez ou outra torcera para que fosse mais parecido com o de Tom Cruise ou com o de John Lennon, ou com o de qualquer outra pessoa, para ser sincero. Era seu próprio rosto, é claro.

— Você está sentado na estação Blackfriars na hora do rush — disse o outro Richard, muito descontraído. — Falando sozinho. E você sabe o que dizem sobre quem fala sozinho. O fato é que você está começando a esbarrar de volta na sanidade.

O Richard molhado e enlameado encarou o Richard limpo e bem-vestido.

— Não sei quem é você ou o que está tentando fazer, mas não está sendo muito convincente. Nem se parece comigo. — Era mentira, e ele sabia disso.

O outro Richard abriu um sorriso encorajador e balançou a cabeça.

— Eu sou você, Richard. Sou o pouco que restou da sua sanidade mental...

Não era como o eco vergonhoso da própria voz em secretárias eletrônicas ou vídeos caseiros, aquela paródia horrível de uma voz que se passava pela dele. Não; aquele homem falava com a verdadeira voz de Richard, a voz que ele ouvia quando falava, ressonante e real.

— Concentre-se! — gritou o homem com o rosto dele. — Olhe para este lugar, tente enxergar as pessoas, tente enxergar a verdade... Você já está mais perto da realidade do que esteve a semana inteira...

— Isso é ridículo — retrucou Richard, sem emoção, mas cheio de desespero.

Ele balançou a cabeça, negando tudo que seu outro eu dizia, mas mesmo assim olhou para a plataforma, perguntando-se o que deveria estar vendo. Então alguma coisa tremulou em sua visão periférica. Ele virou a cabeça, mas, fosse o que fosse, já desaparecera.

— Olhe — sussurrou o clone. — Veja.

O barulho e a luz o acertaram como uma garrafada no meio da cara: estava de pé no meio da estação Blackfriars, em plena hora do rush. Pessoas esbarravam nele ao passar: um pandemônio de barulho, luz, empurrões, humanidade em movimento. Um trem esperava na plataforma. Richard viu o próprio reflexo em uma das janelas. Parecia um doido: barba de uma semana; restos de comida em volta da boca e na barba; um olho roxo; e uma espinha enorme, um horrível abscesso vermelho começava a se formar na lateral do nariz. Estava imundo, coberto de uma camada preta de terra endurecida que obstruía os poros e se instalara debaixo das unhas; os olhos estavam injetados e embaçados, o cabelo desgrenhado e grudento. Era um desses sem-teto doidos, e estava na plataforma de uma estação de metrô lotada no horário mais movimentado do dia.

Richard escondeu o rosto nas mãos.

Quando ergueu os olhos, todos haviam desaparecido. A plataforma estava escura de novo, e ele estava sozinho. Sentou-se no banco e fechou os olhos. Uma mão encontrou a dele, segurou-a por alguns momentos e a apertou. Era a mão de uma mulher: ele sentiu o perfume familiar.

O outro Richard estava sentado à esquerda dele, e Jessica surgira à direita, segurando sua mão e encarando-o com compaixão. Richard nunca vira aquela expressão no rosto dela.

— Jess?

Ela balançou a cabeça em negativa. Soltoou a mão dele.

— Infelizmente, não — respondeu. — Continuo sendo você. Mas você precisa me ouvir, querido. Está mais próximo da realidade do que...

— Vocês não param de falar sobre estar próximo da realidade, próximo da sanidade, próximo de não sei o quê... — Richard hesitou. Lembrou-se de algo. Olhou para a outra versão de si mesmo, depois para a mulher que amara. — Isso faz parte da provação?

— Provação? — repetiu Jessica.

Ela trocou um olhar preocupado com o Outro Richard Que Não Era Ele.

— Sim. Provação. Com os Monges Negros que vivem sob Londres — explicou Richard. Enquanto falava, aquilo se tornava mais verdadeiro. — Preciso levar uma certa chave para um anjo chamado Islington. Se eu lhe entregar essa chave, ele vai dar um jeito de eu voltar para casa...

Richard sentiu a boca seca. Não conseguiu continuar.

— Ouça o que você está dizendo — falou o outro Richard, todo gentil. — Não vê que é ridículo?

Jessica parecia tentar conter o choro. Seus olhos reluziam.

— Não existe provação nenhuma, Richard. Você... você teve um esgotamento nervoso. Algumas semanas atrás. Acho que você só surtou. Eu terminei o nosso noivado... Você estava agindo de um jeito muito estranho, parecia outra pessoa, e eu... eu não aguentei... E aí você sumiu...

As lágrimas começaram a descer pelo rosto de Jessica. Ela fez uma pausa para assoar o nariz com um lençinho de papel.

— Vaguei, só e louco, pelas ruas de Londres — disse o outro Richard —, dormindo debaixo de pontes, pegando restos de comida do lixo. Tremendo, perdido e solitário. Falando sozinho ou com gente que não existia...

— Eu sinto muito, Richard — disse Jessica.

Ela chorava, o rosto contorcido e feio. O rímel começou a borrar e o nariz estava vermelho. Richard, que nunca a vira chorando, só desejava tirá-la daquele sofrimento. Tentou tocá-la, abraçá-la, confortá-la e tranquilizá-la, mas o mundo fugiu de seu alcance, se distorcendo e se transformando...

Alguém tropeçou nele, xingou e continuou andando. Richard estava caído de bruços na plataforma, durante o pico da hora do rush. A lateral de seu rosto estava grudenta e gelada. Ergueu a cabeça: estava caído em uma poça do próprio vômito. Quer dizer, esperava que fosse seu. Pessoas o encaravam com repulsa, ou, depois do mais breve olhar, o ignoravam.

Ele limpou o rosto com as mãos e tentou se levantar, mas não sabia mais como. Começou a choramingar. Fechou bem os olhos e os manteve fechados. Quando os abriu — trinta segundos, ou uma hora, ou um dia inteiro depois —, a plataforma se encontrava em semiescuridão. Levantou-se. Havia apenas uma pessoa ali.

— Ei! — chamou. — Me ajude. Por favor.

Era Garry, sentado no banco, observando-o.

— Que foi? Ainda precisa que alguém lhe diga o que fazer? — Garry se levantou e foi até ele. — Richard, eu sou você — afirmou, com urgência. — O único conselho que tenho a oferecer é exatamente a mesma coisa que você tem dito a si mesmo. Só que talvez você tenha medo de ouvir.

— Você não sou eu — retrucou Richard, mas já não acreditava mais nisso.

— Encoste em mim.

Richard obedeceu: sua mão entrou no rosto de Garry, amassando-a e distorcendo-o como se estivesse mergulhando em um creme denso. Richard não sentia nada na mão. Baixou o braço.

— Viu só? Eu não estou aqui. É só você, andando de lá para cá pela plataforma, falando sozinho e tentando tomar coragem para...

Richard não tinha intenção de falar, mas sua boca se mexeu e ele ouviu a própria voz perguntar:

— Tentando tomar coragem para o quê?

Uma voz grave soou pelos alto-falantes e ecoou distorcida pela plataforma:

— *O Metrô de Londres lamenta o atraso. Houve um incidente na estação Blackfriars.*

— Para fazer isso — respondeu Garry, inclinando a cabeça. — Para se tornar um incidente na estação Blackfriars. Para dar um fim a tudo. Sua vida é uma farsa vazia, sem alegria e sem amor. Você não tem amigos...

— Eu tenho você... — murmurou Richard.

Garry lhe lançou um olhar sincero.

— Eu acho você um idiota — declarou, honestamente. — Uma piada.

— Eu tenho Door, Hunter e Anaesthesia.

Garry abriu um sorriso. Um sorriso cheio de piedade sincera, que doeu em Richard muito mais do que ódio ou inimizade doeriam.

— Mais amigos imaginários? O pessoal do escritório tirava onda da sua cara por causa daqueles trolls. Ficavam na sua mesa, lembra?

Garry riu. Richard também começou a rir. Era tudo terrível demais: não havia mais nada a fazer. Depois de um tempo, pararam de rir. Garry enfiou a mão no bolso e pegou um pequeno troll de plástico, com cabelo lilás eriçado. Era o que, antigamente, ficava em cima do monitor de Richard.

— Toma — disse Garry, jogando o brinquedo.

Richard tentou pegá-lo, as mãos estendidas, mas o boneco as atravessou como se não estivessem ali. Richard caiu de joelhos, procurando o troll no chão, aquele único fragmento que restava de sua vida real: sentia que, se conseguisse pegá-lo, talvez recuperasse tudo...

Flash.

Hora do rush outra vez. Um trem regurgitava centenas de pessoas na plataforma enquanto outras centenas tentavam embarcar. Richard estava de quatro no piso. Os passageiros o chutavam e esbarravam nele. Alguém pisou em seus dedos, com força. Ele deu um grito agudo e enfiou os dedos na boca instintivamente, como uma criança que acabasse de se queimar. Um gosto horrível, mas ele não ligou: via o troll na borda da plataforma, a menos de três metros dali, e foi engatinhando devagar pela multidão, cruzando a plataforma. As pessoas o xingavam, cortavam seu caminho, esbarravam nele. Richard nunca tinha imaginado que três metros fosse uma distância tão longa a ser percorrida.

Ouviu uma voz esganiçada dando risadinhas. Ficou se perguntando quem poderia ser. Era uma risadinha perturbadora, desagradável e estranha. Ficou imaginando que tipo de maluco ria daquele jeito. Engoliu em seco; a risadinha parou. Então, ele soube.

Estava quase na borda da plataforma. Uma senhora idosa entrou no trem, chutando sem querer o troll de cabelo lilás para a escuridão do vão entre o trem e a plataforma.

— Não! — exclamou Richard.

Ele ainda ria, uma risada desajeitada e chiada, mas lágrimas faziam seus olhos arderem, desciam pelo seu rosto. Esfregou os olhos, mas só conseguiu fazê-los arder ainda mais.

Flash.

Plataforma deserta e escura outra vez. Ele conseguiu se levantar e se aproximou, cambaleante, da beirada da plataforma. Lá estava, perto do terceiro trilho: uma manchinha lilás, seu troll. Olhou para a frente, para os cartazes enormes colados na parede do outro lado dos trilhos. Anúncios de cartões de crédito, marcas de tênis e pacotes de viagem para o Chipre. As palavras dos cartazes se retorceram e transmutaram diante de seu olhar.

Novas mensagens se formaram:

ACABE COM TUDO

era uma delas.

DÊ UM FIM AO SEU SOFRIMENTO!

SEJA HOMEM: DESISTA.

SOFRA UM ACIDENTE FATAL HOJE MESMO!

Richard assentiu para si mesmo. É, estava falando sozinho. Aqueles cartazes não estavam dizendo aquilo. Sim, estava falando sozinho, e era hora de se dar ouvidos. Um trem chacoalhava não muito longe dali, chegando à estação. Richard cerrou os dentes e se balançou para a frente e para trás, como se ainda estivesse sendo empurrado pelo movimento dos passageiros. No entanto, ele estava sozinho na plataforma.

O trem se aproximava, a luz dos faróis se projetando de dentro do túnel como os olhos de um dragão monstruoso em um pesadelo de criança. Naquele instante, Richard entendeu como seria fácil fazer a dor parar — pegar toda a dor que já sentira e toda a dor que viria a sentir e fazer tudo desaparecer para todo o sempre. Enfiou as mãos nos bolsos e respirou fundo. Seria tão fácil... Apenas um momento de dor, e depois mais nada...

Sentiu algo no bolso. Apalpou o objeto com os dedos. Era macio, duro e mais ou menos esférico. Ele o pegou e o examinou: uma missanga de quartzo. Então se lembrou do momento em que o guardara no bolso, do outro lado da Ponte da Noite. Era parte do colar de Anaesthesia.

De algum lugar, dentro ou fora de sua cabeça, ele pensou ouvir a menina-rata:

— Aguenta firme, Richard.

Não sabia se alguém o estava ajudando naquele momento. Suspeitava de que estivesse de fato falando consigo mesmo, de que finalmente estava dando ouvidos a seu verdadeiro eu.

Richard assentiu e guardou a missanga de volta no bolso. Continuou ali na plataforma, esperando. O trem chegou e reduziu a velocidade até parar de vez.

As portas se abriram com um sibilar. O vagão estava cheio de pessoas de todos os tipos e cores, todas, sem sombra de dúvida, mortas. Cadáveres recentes, com um rasgo na garganta ou buracos de bala nas têmporas; cadáveres antigos, já ressequidos; cadáveres pendendo de cordas, cobertos de teias de aranha; repulsivos cadáveres cancerosos, largados nos bancos. Pelo que podia notar, todos os defuntos tinham sido mortos pelas próprias mãos. Havia homens, havia mulheres. Richard pensou ter visto alguns daqueles rostos pendurados em algum mural extenso, mas não conseguia lembrar onde nem quando. O vagão cheirava como um necrotério sem ar-condicionado ao fim de um longo verão.

Richard não fazia mais ideia de quem era. Não fazia ideia do que era ou não era real, se ele próprio era valente ou covarde, louco ou são. Mas sabia o que precisava fazer. Entrou no vagão, e todas as luzes se apagaram.

Os ferrolhos foram abertos. Duas batidas altas ecoaram pela sala. A porta para o pequeno santuário foi aberta, permitindo a entrada da luz das lâmpadas que iluminavam o saguão externo.

Era uma salinha com pé-direito alto e teto arqueado. Uma chave prateada estava pendurada por um fio preso ao ponto mais alto. O vento que soprou quando a porta foi aberta fez a chave balançar para a frente e para trás e rodopiar lentamente, primeiro para um lado, depois para o outro. O abade segurava o braço do irmão Fuliginoso. Os dois entraram no santuário lado a lado.

— Pegue o corpo, irmão Fuliginoso — ordenou o abade, soltando o braço do outro.

— Mas... mas, abade...

— O que foi?

O irmão Fuliginoso se abaixou, apoiando-se em um dos joelhos. O abade ouviu dedos tocarem tecido e pele.

— Ele não está morto.

O abade suspirou. Era horrível pensar aquilo, ele sabia, mas, para ser honesto, achava que uma morte rápida seria mais misericordiosa. Sobreviver era muito pior.

— É um daqueles, hein? Bem, vamos cuidar do pobre coitado até que ele termine a jornada rumo à recompensa final. Leve-o até a enfermaria.

E uma voz fraca mas firme respondeu:

— Não sou um pobre coitado.

O abade ouviu alguém se levantar. Ouviu o irmão Fuliginoso respirar fundo.

— Acho... acho que passei no teste — disse a voz de Richard Mayhew, repentinamente insegura. — A não ser que isso seja mais uma parte da provação.

— Não, meu filho — respondeu o abade, e algo em sua voz parecia admiração, mas também pesar.

Fez-se silêncio.

— Bem... acho que agora aceito aquele chá, se não for incômodo.

— Claro. Por aqui — respondeu o abade.

Richard encarou o velho abade, cujos olhos cegos contemplavam o mais absoluto nada. Parecia satisfeito por Richard estar vivo, mas...

— Com licença, senhor — chamou o irmão Fuliginoso, em tom de reverência, interrompendo os pensamentos de Richard. — Não esqueça a chave.

— Ah. É. Obrigado.

Tinha até esquecido. Ele esticou o braço e agarrou a chave prateada que girava lentamente no cordão. Com um puxão, a linha se rompeu sem dificuldade.

Richard abriu a mão. A chave o encarava.

— Meus dentes tortos... — repetiu Richard, lembrando. — Quem sou eu?

Guardou a chave no bolso, junto da pequena miçanga de quartzo, e, juntos, os três deixaram aquele lugar.

O nevoeiro começava a se dissipar, Hunter ficou satisfeita em notar. Agora estava confiante de que, caso fosse necessário, conseguiria fazer lady Door escapar ilesa dos monges e sair, ela própria, apenas com ferimentos leves.

Então notaram movimento do outro lado da ponte.

— Tem alguma coisa acontecendo — comentou Hunter com Door, bem baixinho. — Prepare-se para correr.

Os monges começaram a recuar. Richard Mayhew, o habitante da Superfície, cruzava o nevoeiro, caminhando ao lado do abade. Parecia diferente. Hunter o observou atentamente, tentando identificar o que havia mudado. O ponto de equilíbrio de Richard estava mais baixo, ele estava mais centrado. Não... não era só isso. Parecia menos um garoto. Parecia que começara a amadurecer.

— Está vivo, hein? — comentou Hunter.

Richard assentiu e enfiou a mão no bolso, pegando a chave prateada e a jogando para Door. Ela a segurou e se jogou nos braços de Richard, abraçando-o com força.

Então o soltou e correu até o abade.

— Nem sei como dizer o quanto isso significa para nós — disse ela.

O homem deu um sorriso fraco, mas gracioso.

— Que o Templo e o Arco os protejam na jornada pelo Submundo — respondeu ele.

Door fez uma medida e, apertando bem a chave na mão, voltou para junto de Richard e Hunter. Os três viajantes atravessaram a ponte e se foram. Os monges permaneceram ali até os perderem de vista, ocultos no velho nevoeiro do mundo abaixo do mundo.

— Perdemos a chave — murmurou o abade, para si mesmo e para todos os outros. — Que Deus tenha piedade de nós.

TREZE

O ANJO ISLINGTON sonhava um sonho sombrio e agitado.

Ondas gigantes se elevavam e arrebatavam sobre a cidade; forquilhas de raios brancos tomavam o céu noturno de uma ponta a outra do horizonte; a chuva caía como lençóis, a cidade estremecia; focos de incêndio surgiam perto do grande anfiteatro e se alastravam pela cidade, rapidamente, desafiando a tempestade. Islington via tudo aquilo bem de cima, pairando no ar daquela forma que as pessoas pairam nos sonhos, da forma que ele próprio flutuara nos tempos longínquos. Aquela cidade tinha prédios enormes, com centenas de metros de altura, mas pareciam mínimos diante das ondas verde-acinzentadas. Então o anjo ouviu os gritos. Quatro milhões de pessoas viviam em Atlântida, e, no sonho, Islington ouvia claramente cada uma daquelas vozes, uma a uma, gritando, engasgando, queimando, se afogando, morrendo. As ondas engoliram a cidade, até, enfim, a tempestade se acalmar.

Quando amanheceu, não havia indício algum de que houvera uma cidade por ali, muito menos uma ilha duas vezes maior que a Grécia. Nada restara de Atlântida além dos corpos inchados de crianças, mulheres e homens boiando ao sabor das ondas frias da manhã — corpos que as gaivotas, cinzentas e brancas, já cutucavam com seus bicos cruéis.

E Islington acordou. Estava em um octógono de pilares de ferro, ao lado de uma enorme porta preta feita de prata enegrecida e sílex. Tocou a superfície lisa da pedra, a frieza do metal. Tateou a mesa. Passou os dedos de leve pelas paredes. Andou pelas câmaras de sua morada, uma após a outra, tocando todos os elementos como se precisasse se convencer da existência de cada um deles, se convencer de que estavam lá. Seguia os mesmos caminhos de sempre, percorrendo as trilhas de chão suave que seus pés descalços haviam criado na rocha ao longo dos séculos. Parou quando chegou à piscina de rochas, ajoelhando-se e deixando os dedos tocarem a água gelada.

Seus dedos criaram ondulações na água, que foram se espalhando até tocarem as bordas da piscina. Os reflexos no espelho d'água, tanto do anjo quanto das velas que o iluminavam, tremaram e se transformaram. Agora davam vista para um porão. Concentrando-se, o anjo ouviu um telefone tocar em algum lugar ao longe.

O sr. Croup foi até o aparelho e atendeu. Parecia deveras satisfeito.

— Croup e Vandemar — esbravejou. — Removemos olhos, torcemos narizes, perfuramos línguas, partimos queixos e trespassamos gargantas.

— Senhor Croup, eles conseguiram a chave — começou o anjo. — Quero que vocês protejam a garota chamada Door ao longo da jornada de volta a mim.

— Proteger — repetiu o sr. Croup, indiferente. — Certo. Vamos fazer isso. Que ideia esplêndida... bastante original. Fantástica. A maioria dos clientes procura assassinos para encomendar execuções, mortes sigilosas e até crimes hediondos. Só o senhor contrataria dois dos melhores matadores do espaço-tempo para zelarem pela segurança de uma garotinha.

— Atenda meu pedido, senhor Croup. A garota deve ser protegida de qualquer perigo. Se permitir que ela sofra algum mal pelo caminho, você me deixará profundamente infeliz. Compreende?

— Sim — respondeu o sr. Croup, com certo desconforto.

— Algo mais? — perguntou Islington.

— Sim, senhor. — Croup abafou uma tosse com a mão. — Lembra-se do marquês De Carabás?

— Claro.

— Imagino que não haja restrições similares quanto a estripar o marquês...

— Não mais — respondeu o anjo. — Apenas proteja a garota.

O anjo tirou a mão da água. O reflexo voltou a mostrar apenas velas e um anjo de beleza magnífica e andrógina. Levantou-se e fez o caminho de volta para as câmaras internas, onde aguardaria os visitantes.

— O que ele disse? — perguntou o sr. Vandemar.

— Ele disse, senhor Vandemar, que podemos fazer o que bem entendermos com o marquês.

Vandemar assentiu.

— Isso inclui matá-lo de forma dolorosa? — indagou, um pouco afetado.

— Sim. Eu diria, refletindo sobre o que foi tratado, que sim.

— Ótimo, senhor Croup. Eu odiaria ser repreendido outra vez. — Ele olhou para a criatura sangrenta pendurada na cruz. — Melhor nos livrarmos do corpo, então.

Uma das rodinhas dianteiras do carrinho de supermercado rangia e apresentava a forte tendência de puxar para a esquerda. O sr. Vandemar o encontrara abandonado perto do hospital, em uma rotatória já tomada pela grama. Logo que o viu, achou que tinha o tamanho perfeito para transportar

um corpo. Ele mesmo poderia ter carregado, é claro, mas ficaria coberto de sangue e de outros fluidos. E só tinha aquele terno. Então lá ia ele agora, empurrando o carrinho com o corpo do marquês pelo túnel de escoamento fluvial, a roda fazendo *nhec-nhec* e puxando para a esquerda. Bem que o sr. Croup podia empurrar um pouco, para variar. Mas o sr. Croup estava falando.

— Sabe, senhor Vandemar, estou deveras feliz e satisfeito, para não dizer total e ilimitadamente em êxtase, por não precisarmos mais lamentar, resmungar ou reclamar... e por, finalmente, termos permissão para fazer o que fazemos melhor...

O sr. Vandemar se demorou em uma curva complicada.

— Matar?

O sr. Croup abriu um sorriso enorme.

— De fato, me refiro a matar, senhor Vandemar, meu bravo companheiro, de alma luzidia. O senhor, contudo, já deve ter sentido a essa altura que há um “porém” à espreita sob meu exterior jubiloso e falastrão. Um aborrecimento diminuto, como um pedacinho irritante de fígado grudado dentro da bota. O senhor já deve estar dizendo a si mesmo: “Algo aflige o peito do senhor Croup. Devo convencê-lo a se abrir comigo quanto ao que o perturba.”

O sr. Vandemar ponderou sobre aquilo enquanto arrombava uma porta de ferro redonda que separava o escoamento fluvial e o esgoto. Passou por ali com dificuldade. Ele ergueu o carrinho de arame com o corpo do marquês De Carabás e o atravessou pela passagem. Então, mais ou menos certo de não ter pensado absolutamente nada daquele tipo, respondeu:

— Não.

O sr. Croup ignorou o comentário.

— Em resposta às suas súplicas, fosse eu explicar o que me atormenta, confessaria que minha alma se indispõe ante a necessidade de nos ocultarmos. Deveríamos estar exibindo os deprimentes restos mortais do ex-marquês na forca mais alta da Londres de Baixo, em vez de descartá-lo como um... — Ele hesitou, procurando a analogia perfeita.

— Rato? — sugeriu o sr. Vandemar. — Periquito? Baço?

Nheec-nheec, faziam as rodas do carrinho.

O sr. Croup não se satisfiz com nenhuma das sugestões.

— Ah, não importa.

À frente deles havia um canal de profundas águas marrons. Ilhas de espuma encardida, camisinhas usadas e fragmentos de papel higiênico flutuavam na superfície. O sr. Vandemar parou o carrinho. O sr. Croup se abaixou, puxou a cabeça do marquês pelo cabelo e sussurrou em sua orelha morta:

— Quanto mais cedo terminarmos este trabalho, mais feliz ficarei. Outros lugares e outros tempos apreciariam mais adequadamente os serviços de um

par de mãos especializadas no garrote e na faca de desossar. — Ele se levantou. — Boa noite, meu bom marquês. Mande notícias.

O sr. Vandemar virou o carrinho. O corpo do marquês saiu rolando até cair nas águas marrons. Em seguida, o sr. Vandemar jogou no esgoto também o carrinho, que passara a odiar com intensidade, e ficou observando a correnteza levá-lo para longe.

O sr. Croup ergueu a lamparina bem alto e examinou o lugar onde estavam.

— É triste pensar que há pessoas andando nas ruas lá em cima que nunca conhecerão a beleza destes esgotos, senhor Vandemar. As catedrais de tijolos vermelhos abaixo dos seus pés.

— Excelente obra — concordou o sr. Vandemar.

Os dois deram as costas para a água marrom e voltaram para os túneis.

— Assim como acontece com as pessoas, senhor Vandemar, o estado das cidades depende muito das condições dos intestinos.

Door prendeu a chave ao redor do pescoço com um pedaço de barbante que encontrou no bolso da jaqueta.

— Não parece muito bem preso — comentou Richard. Ela fez uma careta. — Ué, mas não parece mesmo.

Ela deu de ombros.

— Tá. Vou arranjar uma corrente no Mercado — respondeu.

Andavam por um labirinto de cavernas e túneis profundos escavados em calcário que Richard acreditava ser quase pré-histórico. Ele riu sozinho.

— Qual é a graça? — perguntou Door.

Ele sorriu.

— Eu só estava pensando na cara do marquês quando souber que conseguimos pegar a chave dos monges sem a ajuda dele.

— Com certeza ele vai fazer um comentário sarcástico — disse Door. — Bem, temos que voltar até o anjo. Pelo “caminho longo e perigoso”. Seja lá qual for.

Richard estava prestes a dizer que devia ser um caminho longo e perigoso, mas se conteve. Apenas admirou as pinturas nas paredes das cavernas. Traços rudimentares em vermelho, ocre e marrom-avermelhado delineavam javalis avançando, gazelas em disparada, mastodontes peludos e preguiças gigantes: imaginou que as pinturas tivessem milhares de anos, mas, ao virar uma curva, notou outras no mesmo estilo retratando caminhões, gatos, carros e — menos detalhados que as outras imagens, como se fossem vistos com pouquíssima frequência e de bem longe — aviões.

Nenhuma das pinturas estava muito acima do solo. Richard se pegou imaginando se os autores seriam uma raça de pigmeus neandertais

subterrâneos. Era tão provável quanto todo o restante daquele mundo estranho.

— Então, onde vai ser o próximo Mercado? — perguntou ele.

— Não faço a menor ideia — respondeu Door. — Hunter?

— Não sei — respondeu a guarda-costas, emergindo das sombras.

Uma figura diminuta passou correndo por eles na direção contrária, pelo caminho de onde tinham vindo. Instantes depois, outros seres pequeninos surgiram em perseguição ao primeiro. Hunter estendeu a mão e agarrou um garotinho pela orelha.

— Ai! — reclamou o menino, daquele jeito típico de garotos. — Me solta! Ela roubou meu pincel!

— Isso mesmo! — concordou uma voz esganiçada mais à frente. — Ela roubou!

— Não roubei, não! — respondeu uma voz ainda mais esganiçada e ainda mais adiante.

Hunter apontou para as pinturas na parede.

— Foram vocês que fizeram isso? — perguntou.

O garoto tinha aquela arrogância vista apenas nos grandes artistas e em todos os meninos de nove anos.

— É — respondeu, com truculência. — Alguns.

— Nada mau — comentou Hunter.

O garoto olhou feio para ela.

— Onde vai ser o próximo Mercado Flutuante? — perguntou Door.

— Belfast. Hoje.

— Obrigada — respondeu Door. — Espero que consiga seu pincel de volta. Solte o menino, Hunter.

Ela obedeceu. Mas o menino não se mexeu. Encarou Hunter de cima a baixo e fez uma careta para deixar claro que não estava nem um pouco impressionado.

— *Você* é a Hunter? — perguntou ele.

Ela deu um sorriso humilde. O garoto fungou.

— *Você* é a melhor guarda-costas do Submundo? — insistiu ele.

— É o que dizem.

O menino arqueou a mão para trás e a lançou à frente em um movimento suave. Então parou, perplexo, abriu a mão e ergueu um olhar confuso para Hunter. Ela também abriu a mão, revelando um pequeno canivete com uma lâmina curva, e o ergueu fora do alcance do menino, que torceu o nariz.

— Como você fez isso?

— Cai fora — ordenou a guarda-costas.

Ela fechou o canivete e o jogou de volta para o garoto, que saiu correndo pelo túnel sem olhar para trás, retomando a busca pelo pincel.

O corpo do marquês De Carabás vagava pelos esgotos, o rosto para baixo, sendo levado pela água.

Os esgotos de Londres iniciaram sua existência como rios e córregos que iam do norte ao sul (e, na área ao sul do Tâmis, do sul ao norte) carregando lixo, carcaças de animais e o conteúdo dos penicos da cidade e depositando tudo no Tâmis, que, quando se sentia disposto, levava todo aquele material desagradável para o mar. Esse sistema pouco elaborado funcionou mais ou menos bem por muitos anos, até que, no ano de 1858, o volume enorme de dejetos produzidos pela população e pelas indústrias de Londres, combinado com um verão muito quente, produziu um fenômeno conhecido como o Grande Fedor: o rio Tâmis virou um esgoto a céu aberto. Quem pôde, foi embora de Londres; os que ficaram tiveram que enrolar no rosto um pano encharcado em algum composto neutralizador de aroma e tentar não respirar pelo nariz. O Parlamento foi forçado a adiantar o recesso e, no ano seguinte, deu início ao programa de instalação de esgotos. Os milhares de quilômetros de tubos à época foram construídos com uma sutil elevação no sentido oeste-leste. Em determinado ponto depois de Greenwich, o esgoto era bombeado para o estuário do Tâmis e os detritos desembocavam no Mar do Norte. Era esse o percurso que o corpo do marquês De Carabás fazia naquele momento, viajando do oeste para o leste, rumo ao pôr do sol e às estações de tratamento.

Alguns ratos, que estavam ocupados fazendo o que os ratos fazem quando não tem ninguém olhando, viram o corpo passar. O maior deles, um macho preto bem grande, guinchou. Uma fêmea, marrom e menor, guinchou em resposta, saltou para as costas do marquês e navegou o corpo correnteza abaixo por uma curta distância; farejou o cabelo e o casaco, provou o sangue e, com certa dificuldade, inclinou-se para observar o pouco que podia ver do rosto.

Então, saltou da cabeça morta para a água imunda e nadou incansavelmente até a margem, onde escalou os tijolos escorregadios. Acelerou o passo, percorrendo a viga de sustentação, e reencontrou seus companheiros.

— Belfast? — indagou Richard.

Door deu um sorriso maroto.

— Você vai ver — respondeu, quando ele insistiu.

Richard mudou de assunto.

— Como você sabe que aquele moleque estava falando a verdade sobre o Mercado?

— Ninguém aqui embaixo mente sobre isso. Eu acho... acho que nem conseguimos mentir quando o assunto é o Mercado. — Door hesitou. — O

Mercado é especial.

— E como o moleque sabia onde vai ser?

— Alguém contou a ele — respondeu Hunter.

Richard pensou um pouco.

— E como esse alguém soube? — insistiu.

— Ouviu de outra pessoa.

— Mas...

Ele se perguntou quem é que escolhia o local e como a informação se espalhava. Tentava compor uma pergunta que não soasse idiota quando uma grave voz feminina chamou da escuridão:

— Ei. Têm ideia de onde vai ser o próximo Mercado?

A mulher avançou para a luz. Usava joias prateadas e o cabelo preto perfeitamente penteado. Era muito pálida e usava um vestido de veludo preto. Richard soube na hora que já a tinha visto em algum lugar, mas demorou para lembrar onde. Ah, sim: no primeiro Mercado Flutuante, na Harrods. A mulher tinha sorrido para ele.

— Hoje à noite — respondeu Hunter. — Belfast.

— Obrigada. — A mulher tinha olhos incríveis, notou Richard. Eram púrpura. — Vejo vocês lá — completou, encarando Richard. Então desviou o olhar, um pouco tímida, e voltou a desaparecer na escuridão.

— Quem era essa? — perguntou ele.

— Elas se chamam de Aveludadas — explicou Door. — Dormem aqui embaixo durante o dia e vagam pelo Mundo Superior à noite.

— São perigosas?

— Todo mundo é perigoso — respondeu Hunter.

— Então, voltando ao Mercado: quem decide onde e quando vai ser? E como as primeiras pessoas descobrem o local?

Hunter deu de ombros.

— Door? — tentou Richard.

— Nunca pensei nisso. — Eles viraram uma curva. Door ergueu a lanterna e comentou: — Nada mau.

— E foi rápido — completou a guarda-costas.

Ela tocou de leve a pintura na parede de pedra. A tinta ainda estava molhada. Era um retrato de Hunter, Door e Richard. Bem pouco elogioso.

O rato preto entrou na toca dos Dourados com deferência, de cabeça baixa e orelhas para trás. Avançou guinchando.

A toca dos Dourados ficava em uma pilha de ossos que pertenceram a um mamute dos tempos gelados, na época em que as grandes bestas peludas marchavam pela tundra nevada do sul da Inglaterra como se, na opinião dos

Dourados, fossem donas do pedaço. Aquele mamute específico, pelo menos, fora convencido do contrário pelos Dourados, total e definitivamente.

O rato negro fez suas reverências na base da pilha de ossos e se deitou de costas, deixando a garganta exposta. Ali, fechou os olhos e esperou, até que um guinchado lá em cima anunciou que ele podia voltar à posição normal.

Um dos Dourados saiu do crânio do mamute, no topo do monte de ossos, e foi se arrastando pela velha presa de marfim: um rato do tamanho de um gato bem grande, de pelo dourado e olhos cor de cobre.

O rato negro se pronunciou. O Dourado pensou por um instante e guinchou uma ordem. O rato negro rolou de costas novamente, expondo a garganta por um breve momento, depois se revirou, girou o corpo e partiu.

O Povo do Esgoto já existia antes do Grande Fedor, é claro. Eles viviam nos dutos elisabetanos, depois nos túneis da Restauração, depois nos da Regência, à medida que mais e mais vias fluviais de Londres eram confinadas a canos e passagens cobertas e a população em expansão produzia mais lixo, mais porcarias, mais dejetos. No entanto, foi só depois do Grande Fedor, após o grande programa de construção dos esgotos vitorianos, que eles se estabeleceram em um determinado lugar. Era possível encontrá-los ao longo de toda a extensão dos esgotos, mas se instalaram de forma permanente em espaços semelhantes a igrejas, de tijolinhos vermelhos, ao leste, onde convergiam muitos rios de águas espumantes. Lá, sentavam-se ao lado de varas, redes e ganchos improvisados e observavam a superfície da água suja.

Usavam roupas marrons e verdes cobertas por uma grossa camada do que poderia ser tanto mofo quanto detritos petroquímicos, mas que provavelmente era coisa bem pior. Tinham cabelo comprido e embaraçado. Cheiravam mais ou menos como se poderia imaginar. Lampiões velhos ficavam pendurados ao longo dos túneis. Ninguém sabia o que o Povo do Esgoto usava como combustível, mas os lampiões queimavam com chamas em insalubres tons de azuis e verdes.

Não se sabia ao certo como o Povo do Esgoto se comunicava entre si. Nas poucas vezes que interagiam com o mundo exterior, usavam uma espécie de linguagem de sinais. Aqueles homens, mulheres e crianças silenciosas viviam em um mundo de goteiras e gorgolejos.

Dunnikin avistou algo na água. Era o chefe do Povo do Esgoto, o mais sábio e mais velho. Conhecia os esgotos melhor até que os primeiros construtores. Dunnikin pegou uma rede de camarões bem longa e, com um movimento habitual, pescou um celular imundo. Foi até uma pequena pilha de porcarias no canto e deixou o aparelho junto com o restante da pescaria do dia. Até aquela hora, o trabalho tinha rendido duas luvas de pares diferentes, um sapato, um crânio de gato, um exemplar de guia turístico, um

maço de cigarros encharcado, uma perna artificial, um cocker spaniel morto, uma galhada de cervo (na devida moldura de parede) e a base de um carrinho de bebê.

Não fora um dia produtivo. E a noite seria de Mercado a céu aberto. Então, Dunnikin manteve os olhos na água. Nunca se sabe o que vai aparecer.

O Velho Bailey estava pendurando a roupa lavada. Cobertores e lençóis se agitavam ao vento no alto do Centre Point, o arranha-céu horrendo e típico dos anos 1960 que demarca o extremo ocidental da Oxford Street, próximo à estação Tottenham Court Road. O Velho Bailey não dava muita bola para o Centre Point em si, mas, como sempre dizia aos pássaros, a vista de lá de cima era incomparável. Além disso, aquele era um dos poucos lugares no West End de Londres onde não havia o risco de pousar o olhar no Centre Point.

O vento arrancou algumas penas do casaco do Velho Bailey e as soprou para longe, lançando-as sobre a cidade de Londres. Ele não se importou. Como, mais uma vez, dizia aos pássaros, havia mais penas de onde aquelas tinham vindo.

Um rato enorme passou pela grade arrebitada do duto de ar, olhou ao redor e foi até a tenda abarrotada de pássaros. O rato subiu pela lateral da tenda e pelo varal. Então, guinchou para o Velho Bailey com urgência.

— Devagar, devagar — pediu o velho.

O rato repetiu a mensagem, mais baixo, porém com a mesma urgência.

— Meu Deus! — exclamou Bailey.

Ele correu para dentro da tenda e voltou com armas: o espeto de churrasco e uma pá de carvão. Em seguida, correu novamente lá para dentro e voltou com algumas ferramentas de barganha. E voltou uma terceira vez, quando abriu o baú de madeira e pegou a caixinha prateada, guardando-a no bolso.

— Eu realmente não tenho tempo para essas tolices — comentou com o rato ao sair da tenda pela última vez. — Sou um homem muito ocupado. Ninguém vai pegar pássaros por mim, sabe?

O rato guinchou para ele. O Velho Bailey soltava um rolo de corda enrolado na cintura.

— Bem, outra pessoa poderia ir pegar o corpo — respondeu. — Já não sou mais tão jovem. Não gosto de lugares subterrâneos. Sou um homem dos telhados, sou sim, nascido e criado aqui.

O rato soltou um guincho rude.

— Devagar se vai longe — retrucou o velho. — Estou indo, juvenzinho insolente. Conheci seu tataravô, ratinho, então não me venha com essa

atitude... Mas, então, onde vai ser o Mercado?

O rato informou onde seria. O Velho Bailey enfiou a criaturinha no bolso e desceu pela lateral do edifício.

Sentado no parapeito ao lado do esgoto em sua cadeira de plástico, Dunnikin foi tomado por um pressentimento de riqueza e prosperidade. A sensação veio do leste, na direção deles.

Bateu as mãos bem alto. Outros homens, mulheres e crianças correram na direção dele, pegando ganchos, redes e linhas enquanto respondiam ao chamado. Reuniram-se no parapeito escorregadio do esgoto sob a luz intermitente dos lampiões esverdeados. Dunnikin apontou, e eles esperaram em silêncio, como esperava o Povo do Esgoto.

O corpo do marquês De Carabás veio flutuando com a cabeça submersa, carregado pela corrente lenta e constante que fazia as vezes de barça funerária. As pessoas o puxaram com os ganchos e redes, ainda em silêncio, e em pouco tempo tinham colocado o corpo no parapeito. Tiraram o casaco, as botas, o relógio de ouro e tudo o mais que estava nos bolsos do casaco, mas deixaram o restante das roupas.

Dunnikin sorria de orelha a orelha observando a pilhagem. Bateu palmas outra vez, e o Povo do Esgoto começou a se preparar para o Mercado. Agora tinham algo de valor para vender.

— Tem certeza de que vamos encontrar o marquês no Mercado? — perguntou Richard a Door.

O caminho começava, aos poucos, a ficar íngreme.

— Ele não vai nos deixar na mão — respondeu ela, no tom mais confiante que conseguiu. — Tenho certeza de que vai estar lá.

CATORZE

—

O HMS *BELFAST* é um navio canhoneiro da Marinha britânica de onze toneladas que foi posto em serviço em 1939 e utilizado durante a Segunda Guerra Mundial. Desde então, encontra-se ancorado na margem sul do Tâmisa, no paraíso dos pontos turísticos, entre a Tower Bridge e a Ponte de Londres, em frente à Torre de Londres. Do alto do convés, é possível ver a Catedral de St. Paul e o topo dourado do monumento semelhante a uma coluna que foi erigido em memória ao Grande Incêndio de Londres, construído, assim como a maior parte de Londres, por Christopher Wren. O navio abriga um museu flutuante e faz as vias de memorial e campo de treinamento.

As pessoas atravessavam a rampa que liga o navio a terra firme, em pares e trios e grupos numerosos. Os vendedores tinham armado suas tendas o quanto antes — todas as tribos da Londres de Baixo unidas pela Trégua do Mercado e pelo desejo de instalar suas tendas o mais longe possível das do Povo do Esgoto.

Mais de um século antes, fora acordado que o Povo do Esgoto só poderia armar suas tendas em Mercados ao ar livre. Dunnikin e sua tribo despejaram as riquezas postas à venda em uma pilha alta sobre um tapete de borracha abaixo de uma torre de artilharia. Ninguém ia visitar o estande do Povo do Esgoto logo no começo, mas, quando o fim do evento se aproximasse, eles dariam uma passada por lá: aqueles em busca de pechinchas, os curiosos e os poucos que tinham a sorte de um olfato não muito apurado.

Richard, Hunter e Door abriam caminho pela multidão que tomava o convés. Ele percebeu que, sabe-se lá como, perdera o ímpeto de parar e ficar olhando fixamente para o que havia nos arredores. As pessoas ali não eram menos estranhas do que as do Mercado anterior, mas Richard achou que ele próprio devia parecer igualmente estranho a elas. Olhou ao redor enquanto avançavam, examinando os rostos, caçando o sorriso irônico do marquês.

— Não estou vendo o marquês por aqui — comentou.

Aproximavam-se da barraca do ferreiro, onde um homem que poderia muito bem ser confundido com uma pequena montanha, bastando apenas ignorar a barba marrom e malcuidada, jogava um lingote de metal vermelho

derretido do braseiro para a bigorna. Richard nunca vira uma bigorna. Sentia o calor do metal derretido e do braseiro a metros de distância.

— Continue procurando. Ele vai aparecer — disse Door, olhando para trás. — Quem é vivo sempre aparece. — E, antes que Richard pudesse responder, gritou: — Hammersmith!

A montanha barbuda ergueu os olhos e parou de açoitar o metal maleável.

— Pelo Tempo e pelo Arco! Lady Door! — vociferou a montanha, e a levantou como se ela não pesasse mais que um ratinho.

— Olá, Hammersmith — cumprimentou Door. — Estava torcendo para encontrar você.

— Eu nunca perco um Mercado, milady — trovejou o ferreiro, contente. Então confidenciou, como uma explosão contando um segredo: — É aqui que os negócios acontecem, sabe? Opa... — Ele pareceu se lembrar do metal que esfriava sobre a bigorna. — Espere só um pouquinho.

O sujeito depositou Door sobre a bancada onde trabalhava, três metros acima do convés.

Ele martelou o lingote de metal, torcendo o material com instrumentos que Richard julgou, corretamente, serem tenazes. Sob as batidas do martelo, o metal deixou de ser uma bolha laranja para virar uma linda flor negra. Era um trabalho maravilhosamente delicado, cada pétala perfeita e distinta. Por fim, Hammersmith mergulhou a flor em um balde de água gelada ao lado da bigorna. Emitindo um chiado, o metal fez a água evaporar. Então, o ferreiro tirou seu trabalho do balde, enxugou o metal e entregou a peça a um homem gordo usando uma cota de malha, que aguardava pacientemente. O gordo se declarou muito satisfeito e, em retribuição, deu a Hammersmith uma sacola de plástico verde da Marks and Spencer cheia de diversos tipos de queijo.

— Hammersmith — chamou Door, de seu poleiro —, estes são meus amigos.

O ferreiro cobriu a mão de Richard com a sua, que era muito maior. Foi um cumprimento entusiástico mas gentil, dando a impressão de que ele já havia provocado muitos acidentes em ocasiões daquele tipo e passara a praticar um modo mais suave de aperto de mão.

— Encantado — ribombou o sujeito.

— Eu sou Richard — disse Richard.

Hammersmith recebeu a informação com uma expressão de deleite.

— Richard! Belo nome! Já tive um cavalo chamado Richard. — Ele soltou a mão de Richard e se virou para Hunter. — E você é... Hunter? Hunter! Pelas barbas enormes do profeta! É você!

Corando feito um garotinho, o ferreiro cuspiu na palma da mão e tentou ajeitar o cabelo. Em seguida, estendeu a mão, mas logo se lembrou do cuspe e teve que limpá-la no avental. Parecia constrangido, sem saber como agir.

— Hammersmith — cumprimentou Hunter, com um perfeito sorriso cor de caramelo.

— Hammersmith? — chamou Door. — Pode me ajudar a descer?

O sujeito pareceu envergonhado.

— Mil perdões, milady — disse ele, ajudando-a a descer.

Richard percebeu que Hammersmith conhecia Door desde que ela era criança, e sentiu uma inveja absurda daquele homenzarrão.

— Bem, como posso ajudar? — perguntou o ferreiro.

— Preciso de algumas coisas. Antes de mais nada... — Door se virou para Richard. — Richard, tenho um trabalho para você.

Hunter ergueu a sobancelha.

— Para ele?

Door assentiu.

— Para vocês dois. Podem buscar comida? Por favor?

Richard sentiu um orgulho esquisito. Tinha provado seu valor durante a provação. Era Um Deles. Agora partiria para a missão de Buscar Comida. Ele estufou o peito.

— Sou sua guarda-costas. Vou ficar ao seu lado — argumentou Hunter.

Door abriu um sorriso. Seus olhos cor de opala faiscaram.

— No Mercado? Está tudo bem, Hunter. A Trégua prevalece. Ninguém vai me machucar aqui. E Richard precisa de mais proteção do que eu.

Richard murchou, mas não tinha ninguém olhando para reparar.

— E se alguém violar a Trégua? — perguntou a guarda-costas.

Hammersmith sentiu um calafrio, apesar do calor do braseiro.

— Violar a Trégua? Cruzes!

— Isso não vai acontecer. Podem ir. Curry, por favor. E paparis. Com pimenta.

Hunter passou a mão pelo cabelo, deu meia-volta e sumiu na multidão, com Richard em seu encalço.

— O que aconteceria se alguém violasse a Trégua do Mercado? — perguntou Richard enquanto abriam caminho pelo mundaréu de gente.

Hunter pensou um pouco antes de responder:

— A última vez que isso aconteceu foi cerca de trezentos anos atrás. Dois amigos começaram a discutir por uma mulher bem no meio do Mercado. Alguém puxou uma faca, e um deles morreu. O outro fugiu.

— O que aconteceu com ele? Foi morto?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Pelo contrário. E ainda deve desejar ter sido o que morreu.

— Ele ainda está vivo?

Hunter comprimiu os lábios.

— Errr... Mais ou menos — respondeu a mulher, depois de um tempo.

Instantes depois, Richard exclamou:

— Eca! — Sentiu que iria vomitar. — O que é esse... esse fedor?

— O Povo do Esgoto.

Richard virou a cabeça para o outro lado e tentou não respirar pelo nariz até que se vissem bem longe da barraca do Povo do Esgoto.

— Algum sinal do marquês? — perguntou.

Hunter balançou a cabeça. Os dois subiram uma rampa na direção das tendas de comida, de aromas mais convidativos.

O Velho Bailey não precisou procurar muito pelo Povo do Esgoto, foi só seguir o próprio nariz.

Ele sabia o que precisava fazer, e lhe dava certo prazer transformar a tarefa em um pequeno espetáculo, examinando minuciosamente o cocker spaniel morto, a prótese de perna, o telefone encharcado, balançando a cabeça com um ar de angústia para cada um dos objetos. Então, encenou surpresa ao notar o corpo do marquês. Coçou o nariz. Botou os óculos e observou o cadáver. Assentiu, taciturno, tentando aparentar vagamente ser um homem em busca de um corpo mas desapontado pela seleção disponível e notando que precisaria se virar com aquilo mesmo. Chamou Dunnikin com um aceno e apontou.

Dunnikin abriu as mãos e estendeu os braços, deu um sorriso beatífico e ergueu o olhar para os céus, demonstrando a benção representada pela entrada do corpo do marquês em sua vida. Levou a mão à testa e a abaixou, devastado, para representar a tragédia que seria perder um corpo tão distinto.

O Velho Bailey enfiou a mão no bolso, pegou um desodorante em barra usado até a metade e o entregou a Dunnikin. O sujeito o manuseou, lambeu e devolveu, sem interesse. O Velho Bailey o guardou. Olhou para o corpo do marquês, seminu, descalço e ainda inchado depois de percorrer os esgotos. Estava acinzentado, já que o sangue fora drenado pelos muitos cortes, tanto pequenos quanto grandes, a pele enrugada por conta de tanto tempo dentro d'água.

Ele sacou uma garrafa com um líquido amarelo e a entregou a Dunnikin. O sujeito olhou com suspeita. O Povo do Esgoto reconheceu o frasco de Chanel No. 5 e se reuniu ao lado do líder, encarando o objeto. Com muito cuidado, dando importância a cada movimento, o homem desenroscou a tampa e pingou uma gotinha minúscula no pulso. Então, com uma seriedade de fazer inveja ao melhor *parfumeur* de Paris, inalou o aroma. Assentiu com entusiasmo e se aproximou do Velho Bailey para abraçá-lo e concluir a negociação. Bailey virou o rosto e prendeu a respiração até o abraço acabar.

O Velho Bailey ergueu um dedo e tentou demonstrar, o melhor possível, que não era mais tão jovem e que, morto ou não, o marquês era pesado demais. Dunnikin enfiou o dedo no nariz, diligente, e, com um gesto, indicou que possuía uma generosidade não apenas magnânima, mas também

tola, algo que obviamente o levaria à miséria, assim como a seu povo. Então, fez um dos jovens do Povo do Esgoto amarrar o corpo na base do carrinho de bebê.

O velho dos telhados cobriu o corpo com um pano e saiu empurrando-o pelo convés lotado, para longe do Povo do Esgoto.

— Uma porção de curry vegetariano, por favor — pediu Richard à mulher da barraquinha. — E, hm, eu estava aqui pensando... O de carne... que tipo de carne é? — A mulher respondeu. — Ah. Entendi. Bem, melhor eu levar do vegetariano para todo mundo.

— Olá de novo — disse uma voz grave atrás dele. Era a mulher pálida que tinham encontrado nas cavernas, de vestido preto e olhos cor de púrpura.

— Oi — respondeu Richard, com um sorriso. E, voltando-se para a vendedora: — Ah, quero também paparis, por favor... — E novamente para a mulher: — E aí? Hã... veio comprar curry?

A Aveludada fixou os olhos violeta nele e respondeu, imitando Bela Lugosi:

— Eu não como... curry.

Ela riu; uma risada divertida e sedutora. Naquele momento, Richard percebeu que já fazia muito tempo que não ria de uma piada com uma mulher.

— Ah! Hm! Sou Richard Mayhew. — Ele estendeu a mão.

A mulher o tocou com um gesto semelhante a um pequeno aperto de mão. Tinha os dedos muito gelados, mas tudo é muito gelado quando você se encontra no alto de um navio no Tâmis, tarde da noite, no fim do outono.

— Sou Lamia. Uma Aveludada.

— Ah. Certo. E existem muitas de vocês?

— Algumas.

Richard pegou os potes de curry.

— E o que vocês fazem? — perguntou.

— Quando não estou atrás de comida, sirvo de guia — respondeu a mulher, com um sorriso. — Conheço cada centímetro do Submundo.

Richard podia jurar que Hunter estava do outro lado da venda, mas a guarda-costas surgiu de repente ao lado de Lamia.

— Ele não é seu — declarou.

Lamia abriu um sorriso doce.

— Quem decide isso sou eu.

— Hunter, esta é Lamia. Ela é uma... Avariada?

— A-ve-lu-da-da — corrigiu Lamia, com doçura.

— Uma guia.

— Levo vocês aonde quiserem ir.

Hunter pegou a sacola com comida das mãos de Richard.

— Hora de voltar — declarou.

— Bem, se vamos para você sabe onde, talvez ela possa ajudar.

Hunter não respondeu, apenas o encarou. Se a guarda-costas tivesse olhado daquela maneira para ele no dia anterior, Richard teria deixado o assunto de lado. Mas as coisas mudaram.

— Vamos ver o que Door acha — sugeriu. — Algum sinal do marquês?

— Ainda não.

Com a ajuda do carrinho, o Velho Bailey arrastara o corpo rampa abaixo como um Guy Fawkes, um daqueles bonecos que, até não muito tempo atrás, as crianças de Londres levavam para cima e para baixo no começo de novembro, exibindo-os para os transeuntes antes de dar um fim a eles nas chamas das fogueiras do Cinco de Novembro, a Noite das Fogueiras. Ele puxou o corpo pela Tower Bridge e o arrastou ladeira acima, resmungando e reclamando. Passando pela Torre de Londres, seguiu na direção da estação Tower Hill e parou pouco antes da estação em si, junto a um pedaço largo de muro cinza. Não era um telhado, pensou, mas serviria.

Aquele era um dos últimos resquícios da Muralha de Londres. Conta-se que a Muralha foi construída por ordem do imperador romano Constantino, o Grande, no século III a.C., a pedido da mãe dele, Helena, que era de Londres e estava cansada de potentados e líderes de todas as partes do Império se gabando, muito casualmente, das muralhas das cidades de onde vinham, para então perguntarem como eram as da terra natal dela. Quando a construção foi concluída, todo o centro da cidade se viu cercado; tinha dez metros de altura, três de comprimento e era, inegavelmente, a Muralha de Londres.

Não tinha mais dez metros de altura, pois o chão se elevara desde os tempos da mãe de Constantino (hoje em dia, grande parte da Muralha original fica cinco metros abaixo do solo) e não cercava mais toda a cidade. Ainda assim, era um pedaço de muro impressionante. O Velho Bailey assentiu com vigor para si mesmo. Amarrou uma corda na base do carrinho e escalou o muro como pôde. Então, resmungando e murmurando infinitos carambas, içou o corpo do marquês até o alto da muralha. Desamarrou o cadáver das rodas do carrinho e o depositou ali com delicadeza, deixando os braços para os lados. Alguns ferimentos ainda escorriam. Ele estava bem morto.

— Seu panaca — sussurrou o velho, tristonho. — Por que foi inventar de morrer, hein?

A lua estava brilhante e pequena no alto do frio céu noturno, e as constelações de outono pontuavam o céu negro-azulado como pó de diamantes. Um rouxinol voou até a muralha, examinou o corpo do marquês e deu um trinado suave.

— Não é para o seu bico — retrucou o Velho Bailey, com grosseria. — E vocês, pássaros, também não cheiram muito bem.

A ave chilreou um indecoro melódico dos rouxinóis e saiu voando noite adentro.

O Velho Bailey pegou do bolso o rato preto, que dormia. O animal o encarou preguiçosamente e bocejou, exibindo a comprida língua malhada de rato.

— Eu, pessoalmente, ficaria feliz se nunca mais sentisse cheiro nenhum — comentou o Velho Bailey.

Ele depositou o rato de pé nas pedras da Muralha, e o animal guinchou em resposta, gesticulando com as patas dianteiras. O velho bufou. Com muito cuidado, pegou a caixa prateada do bolso e, de um bolso interno, o espeto.

Ele colocou a caixinha prateada sobre o peito do marquês e, com certo nervosismo, usou o espeto para abrir a tampa. Dentro, em um berço de veludo vermelho, jazia um enorme ovo de pata reluzindo azul e verde ao luar. O Velho Bailey ergueu o espeto, cerrou os olhos e esmagou o ovo.

Ouviu-se um *gulp* quando o ovo implodiu.

Tudo ficou muito parado por alguns segundos. Então, o vento começou. Sem direção, como se viesse de todos os lados; um súbito rodamoinho. Folhas de árvores, páginas de jornal e toda a sujeira da cidade foi erguida do chão e levada pelo ar. O vento tocou a superfície do Tâmbisa e carregou até o céu uma nuvem de gotículas geladas. Era um vento alucinado, um vento perigoso e insano. Os vendedores no convés do *Belfast* soltaram palavrões e agarraram suas posses para evitar que fossem levadas.

Por fim, quando a intensidade do vento parecia capaz de erguer o mundo, espantar as estrelas e lançar gente pelo ar como folhas ressecadas de outono...

Bem naquele instante...

... tudo cessou. E as folhas, os jornais e as sacolas de plástico caíram no chão, nas ruas, na água.

No alto do que restava da Muralha de Londres, o silêncio que se seguiu ao vento foi, à sua própria maneira, tão intenso quanto a ventania. Foi quebrado por uma tosse, uma tosse horrível e encharcada. Em seguida, veio o som de alguém rolando para o lado meio sem jeito e, por fim, o arquejar de quem está prestes a vomitar terrível e obscenamente.

O marquês De Carabás se debruçou na beirada da Muralha e expeliu a água do esgoto, lançando uma imundície marrom pelas pedras cinzentas. Levou um bom tempo para expurgar a água do corpo. Quando se pronunciou, sua voz saiu áspera, pouco mais que um suspiro rouco:

— Acho que cortaram minha garganta. Você tem alguma coisa que eu possa usar para dar um jeito nisso?

O Velho Bailey vasculhou os bolsos e encontrou um farrapo sujo, que entregou ao marquês. Ele deu algumas voltas com o pano no pescoço, bem apertado. Aquilo trouxe ao Velho Bailey a lembrança incongruente dos colarinhos exagerados e vistosos, ao estilo Beau Brummel, dos tempos vaidosos da Regência.

— Alguma coisa para beber? — pediu o marquês, em um fiapo de voz.

O Velho Bailey pegou uma garrafa de bolso, desenroscou a tampa e a entregou ao marquês, que entornou um senhor gole, estremeceu de dor e deu uma tossida fraca. O rato preto, que assistira a tudo com grande interesse, desceu o resquício de muralha e sumiu de vista. Ia contar aos Dourados: todos os favores tinham sido pagos, todas as dívidas estavam quitadas.

O marquês devolveu a garrafinha ao Velho Bailey, que a guardou no bolso.

— Como se sente?

— Já estive melhor.

O marquês se sentou, tremendo. Ele fungava e piscava sem parar: encarava o mundo como se nunca o tivesse visto.

— Por que você foi cismar de sair por aí para ser morto, afinal? É só o que eu quero saber.

— Informação — respondeu o marquês, num sussurro. — As pessoas contam muitas coisas a quem está prestes a morrer. E ainda mais depois que ela morreu.

— Então você descobriu o que queria saber?

O marquês cutucou os ferimentos nos braços e pernas.

— Ah, sim. Uma boa parte. Agora tenho uma boa ideia do que está por trás dessa história toda.

Ele fechou os olhos de novo, abraçou o próprio corpo e ficou se balançando para a frente e para trás, bem devagar.

— E como é? — perguntou o Velho Bailey. — Como é estar morto?

O marquês suspirou, contraiu os lábios em um sorriso torto e, com um lampejo do bom e velho marquês, respondeu:

— Viva muito, Bailey, e descobrirá por si mesmo.

O velho pareceu desapontado.

— Desgraçado. Depois de tudo que fiz para salvar você desse caminho sem volta. Quer dizer, geralmente sem volta.

O marquês ergueu o olhar para ele. O luar destacava o branco de seus olhos. Ele suspirou.

— Como é estar morto? É muito frio, meu amigo. Muito escuro e muito frio.

Door segurou a corrente. A chave de prata refletia o vermelho e o laranja do braseiro.

— Bom trabalho, Hammersmith — disse ela, sorrindo.

— Obrigado, milady.

Ela colocou a corrente de volta no pescoço e escondeu a chave nas camadas de roupas.

— O que posso lhe oferecer em troca?

O ferreiro pareceu constrangido.

— Não quero abusar de sua bondade... — murmurou ele, evasivo.

Door fez sua melhor cara de “desembucha”. O sujeito se agachou e pegou uma caixa preta de sob uma pilha de ferramentas. Era toda em madeira escura entalhada com marfim e madrepérola e do tamanho de um dicionário. Ele a revirou para todos os lados.

— É uma caixa-segreto — explicou. — Recebi como pagamento por um trabalho que fiz alguns anos atrás. Não consigo abrir, já tentei de tudo.

Door pegou a caixa e percorreu os dedos pela superfície lisa.

— Não fico surpresa que você não tenha conseguido. O mecanismo está todo emperrado.

Hammersmith ficou desolado.

— Então nunca vou saber o que tem dentro.

Door pareceu achar graça. Com os dedos, ela explorou a superfície da caixa. Uma haste cilíndrica deslizou pela lateral. Ela empurrou metade da haste de volta e girou a caixa. Ouviu-se um barulho vindo bem lá de dentro, e uma portinhola lateral se abriu.

— Pronto.

— Milady... — falou Hammersmith.

Ele pegou a caixa e abriu a portinhola. Havia uma gaveta lá dentro. De dentro da gaveta, um sapinho coaxou e olhou para os lados com olhinhos de cobre, indiferente. O ferreiro pareceu desapontado.

— Esperava pérolas e diamantes — comentou.

Door acariciou a cabeça do sapo.

— Ele tem olhos bonitos — comentou. — Cuide do sapinho, Hammersmith. Vai lhe trazer sorte. E, mais uma vez, obrigada. Sei que posso contar com seu sigilo.

— É claro, milady — respondeu o ferreiro, muito sério.

Os dois ficaram sentados ali no alto da Muralha de Londres, sem conversar. O Velho Bailey desceu o carrinho até o chão, bem devagar.

— Onde está sendo o Mercado? — perguntou o marquês.

— Ali — respondeu o Velho Bailey, apontando para o *Belfast*.

— Door e os outros... devem estar esperando por mim.

— Você não está em condição de ir a lugar algum.

O marquês deu uma tosse dolorida. Pelo som, o Velho Bailey achou que ainda tinha esgoto demais nos pulmões dele.

— Minha jornada de hoje já foi bem longa — sussurrou o marquês. — Ir um pouquinho mais longe não vai me matar.

Ele examinou as próprias mãos, mexeu os dedos devagar, conferindo se fariam o que ele desejava. Então, se revirou e começou, bem desengonçado, a descer da muralha. Mas antes disso, declarou, com uma voz rouca e talvez um pouco tristonha:

— Velho Bailey, acho que lhe devo um favor.

Quando Richard voltou com a comida, Door correu até ele e o abraçou. O abraço foi bem apertado, e a garota até lhe deu um tapinha no bumbum antes de pegar o saco de papel de suas mãos e abri-lo com entusiasmo. Ela pegou um dos potes com curry de legumes e começou a comer animadamente.

— Obrigada — disse, de boca cheia. — Algum sinal do marquês?

— Nada — respondeu Hunter.

— E Croup e Vandemar?

— Também não.

— Gostoso, esse curry. Bom demais.

— Tudo certo com a corrente? — perguntou Richard.

Door puxou a corrente um pouquinho, só para mostrar que estava lá, e logo a soltou, deixando o peso da chave puxá-la para baixo.

— Door, esta é Lamia — apresentou Richard. — Ela é uma guia. E diz que pode nos levar a qualquer lugar do Submundo.

— Qualquer lugar? — perguntou a garota, mastigando um papari.

— Qualquer lugar — confirmou Lamia.

Door inclinou a cabeça.

— Você sabe chegar ao anjo Islington?

Lamia piscou devagar, deixando os longos cílios cobrirem os olhos cor de púrpura.

— Islington? — repetiu ela. — Vocês não podem ir lá...

— Sabe ou não sabe?

— Down Street. No fim da rua. Mas é perigoso.

— Não precisamos de guia — disse Hunter, que até então acompanhava a conversa de braços cruzados e ar indiferente.

— Pois eu acho que precisamos, sim — insistiu Richard. — O marquês não está por aqui. Sabemos que é uma jornada perigosa. Temos que levar

a... aquele negócio que eu peguei... para o anjo. E aí ele vai explicar a Door o que aconteceu com a família dela e me dizer como voltar para casa.

Lamia olhou para Hunter com grande prazer.

— E ele pode dar um cérebro para você, além de um coração para mim — comentou, alegremente.

Door passou os dedos no pote para pegar o último vestígio de curry e lambeu os dedos.

— Vamos ficar bem só nós três, Richard. Não podemos arcar com os custos de uma guia.

Lamia se empertigou.

— Quem vai me pagar é ele, não vocês.

— E que tipo de pagamento vocês costumam exigir? — inquiriu Hunter.

— Isso cabe a mim saber e a ele imaginar — respondeu Lamia, com um sorriso meigo.

— De jeito nenhum — disse Door.

Richard bufou.

— Vocês só não gostam de eu estar resolvendo as coisas, para variar, em vez de apenas seguir as duas cegamente, cumprindo ordens.

— Não é nada disso.

Richard se virou para Hunter.

— Bem, e você sabe como chegar até Islington?

A guarda-costas balançou a cabeça.

Door deu um suspiro.

— É melhor irmos. Down Street, não é?

Lamia abriu os lábios cor de ameixa em um sorriso.

— Sim, milady.

Quando o marquês chegou ao Mercado, eles já tinham partido.

QUINZE

—

SAÍRAM DO NAVIO pela rampa comprida. Chegando à margem, desceram alguns degraus, percorreram uma extensa passagem subterrânea mal iluminada e subiram de novo. Lamia ia à frente do grupo, a passos resolutos. Ela os conduziu a uma viela de paralelepípedos. Lâmpadas a gás bruxuleavam nas paredes.

— Terceira porta — anunciou ela.

Pararam em frente à porta, em que uma placa de bronze anunciava:

SOCIEDADE REAL
DE PREVENÇÃO À CRUELDADE
CONTRA AS CASAS.

E abaixo, em letras menores:

DOWN STREET. BATA ANTES DE ENTRAR.

— Para chegar à rua é preciso atravessar a casa? — perguntou Richard.

— Não — respondeu Lamia. — A rua fica dentro da casa.

Richard assim fez. Nada aconteceu. Esperaram, tremendo no frio da madrugada. Ele bateu outra vez. Finalmente, tocou a campainha. A porta foi aberta por um soldado sonolento, que usava uma peruca torta e empoeirada e uma farda escarlate. O soldado olhou para eles com cara de quem se arrependeu de ter saído da cama para ver aquela ralé.

— Posso ajudar?

Richard já fora mandado à merda com mais empolgação e bom humor.

— Down Street — respondeu Lamia, imperiosa.

— Por aqui — disse o soldado, com um suspiro. — Limpem os pés.

Entraram em um saguão impressionante. Esperaram enquanto o soldado acendia, uma a uma, as velas de um candelabro do tipo que costuma ser visto em capas de livros de edição barata, tradicionalmente sendo segurado por

uma jovem de camisola esvoaçante fugindo de uma mansão cuja única luz acesa sai da janela do sótão.

Desceram por uma escadaria estonteante, revestida por um carpete luxuoso. Depois, desceram por uma segunda escadaria, menos impressionante e revestida por um carpete menos luxuoso. Desceram por uma terceira escadaria, esta totalmente ordinária, revestida com um carpete marrom gasto e velho. Por fim, desceram por uma escadaria de madeira sem carpete.

Ao pé do último lance de escada havia um elevador de carga muito antigo, com uma placa que dizia:

FORA DE SERVIÇO

O soldado ignorou a placa e abriu a grade que fazia as vias de porta exterior, produzindo um baque metálico. Lamia agradeceu educadamente e entrou no elevador, seguida pelos outros. O soldado deu as costas para o grupo. Richard ficou olhando através da grade o sujeito segurando o candelabro, subindo a escada de madeira.

Lamia apertou o primeiro de uma pequena fileira de botões pretos na parede do elevador, e a porta de metal se fechou com estardalhaço. O motor entrou em ação, e o elevador começou a descer bem devagar, rangendo. Os quatro ficaram apertados lá dentro. Richard notou que sentia o cheiro de cada uma das mulheres: Door cheirava basicamente a curry; Hunter, a suor, mas não de um jeito desagradável, e sim de um modo que lembrava felinos presos em zoológicos; já Lamia tinha um cheiro intoxicante de madressilva, lírio e almíscar.

O elevador continuava a descer. Richard suava, um suor frio e úmido cobrindo seu corpo, e mantinha os punhos cerrados, cravando as unhas nas palmas das mãos.

— Seria péssimo se alguém descobrisse agora que é claustrofóbico, né? — comentou ele, no tom mais casual que conseguiu.

— Pois é — respondeu Door.

— Então não vou pensar nisso.

Desceram ainda mais.

Finalmente, sentiram um solavanco, as engrenagens rangeram e o elevador parou. Hunter abriu a porta, olhou em volta e só então pulou para um patamar estreito de madeira.

Richard olhou para fora. Estavam no alto de uma estrutura parecida com um quadro que ele vira certa vez, representando a Torre de Babel — ou melhor, como seria o quadro se a Torre tivesse sido pintada ao contrário: era uma longa descida em espiral na rocha, ao redor de um poço central, muito ornamentada. Luzes fracas bruxuleavam aqui e acolá nas paredes e pequenas

fogueiras queimavam lá embaixo. O elevador estava equilibrado sobre o poço central, mais de meio quilômetro acima do solo. E balançava ligeiramente.

Ele respirou fundo e, assim como as mulheres, saiu para o patamar. Mesmo sabendo que era uma péssima ideia, olhou para baixo: apenas a placa de madeira o separava do chão de rocha, muito distante. Uma longa prancha se estendia entre o patamar, onde estavam, e o caminho nas rochas, cinco metros à frente.

— E também acredito que não seja uma boa hora para anunciar que morro de medo de altura — comentou ele, em um tom muito menos despreocupado do que imaginava.

— É seguro — disse Lamia. — Pelo menos era, da última vez que vim aqui. Veja.

Ela percorreu a prancha, um farfalhar de veludo preto. Poderia estar equilibrando uma dezena de livros na cabeça que não derrubaria um sequer. Quando chegou ao caminho aberto na pedra, ela parou e se virou para eles com um sorriso encorajador. Hunter foi a seguinte. Ao alcançar Lamia, se virou e ficou esperando ao lado dela.

— Viu? — disse Door, e deu um aperto reconfortante no braço de Richard. — Está tudo bem.

Richard assentiu e engoliu em seco. *Tudo bem.*

Door atravessou a prancha. Não parecia estar gostando muito daquilo, mas a cruzou mesmo assim. Agora, as três esperavam por Richard, que continuava lá parado. Depois de um tempo, ele notou que, apesar dos comandos de “Ánde!” que enviava às pernas, não conseguia sair do lugar.

Lá no alto, alguém apertou um botão: Richard ouviu o solavanco e o ruído distante de um motor muito velho. A porta do elevador se fechou atrás dele, deixando-o equilibrado precariamente em uma plataforma de madeira não mais larga que a prancha em si.

— Richard! — gritou Door. — Venha!

O elevador começou a subir. Richard deu um passo, saindo da plataforma trêmula para a prancha de madeira. Foi quando suas pernas viraram geleia e ele se viu de quatro, agarrando-se à prancha desesperadamente. Uma pequena parte racional de sua mente se perguntava quem tinha chamado o elevador e por quê, mas todo o restante de seu cérebro se concentrava em ordenar às extremidades do corpo que se agarrassem à prancha com firmeza e em gritar, nos mais altos brados de sua voz mental: “Eu não quero morrer!” Ele fechou os olhos com força, certo de que, se os abrisse e visse as rochas lá embaixo, simplesmente se soltaria e cairia, cairia, cairia...

Não estou com medo de cair, disse a si mesmo. *Eu tenho medo é da parte em que paro de cair e começo a morrer.* Mas sabia que era mentira. Era a queda que o assustava: tropeçar e sair girando indefinidamente no ar até o chão, sabendo que nada seria capaz de salvá-lo, nem mesmo um milagre...

Aos poucos, tomou consciência de que alguém falava com ele.

— E só se arrastar pela prancha, Richard — dizia esse alguém.
— Eu... não... consigo — sussurrou ele em resposta.
— Você passou por coisa pior para pegar a chave, Richard — insistiu a pessoa. Era Door.

— Eu realmente não me dou bem com alturas — disse ele, obstinado, o rosto colado na madeira, batendo os dentes. — Quero ir para casa.

Sentia a madeira em contato com o rosto. A prancha começou a tremer.

— Não sei quanto peso a placa vai aguentar. — Era a voz de Hunter. — Vocês duas, apoiem-se ali.

A prancha vibrava como se alguém estivesse andando sobre ela. Richard se agarrou com mais força ainda, os olhos sempre fechados. Então ouviu a voz de Hunter, calma e confiante, próxima de seu ouvido:

— Richard?

— O quê?

— É só se arrastar para a frente. Um pouquinho de cada vez. Vamos lá...
— Seus dedos cor de caramelo acariciaram a mão dele, que já estava com os nós dos dedos brancos de tanta força com que agarrava a prancha. — Vamos lá.

Ele respirou fundo e avançou um centímetro. Congelou outra vez.

— Isso. Muito bem. Vamos lá — incentivou Hunter.

E, arrastando-se centímetro por centímetro, Richard foi guiado por Hunter ao longo da prancha. No fim, ela simplesmente o ergueu, pegando-o por baixo dos braços, e o depositou em terra firme.

— Obrigado. — Não lhe ocorreu o que mais poderia dizer. Nada seria capaz de exprimir o que a guarda-costas acabara de fazer por ele. Então repetiu: — Obrigado. — E se dirigiu às três: — Me desculpem.

— Não tem problema — disse Door. — Está tudo bem agora.

Richard olhou para o caminho sinuoso que descia em espiral naquele espaço abaixo do mundo, descendo e descendo e descendo. Então olhou para Hunter, Door e Lamia e riu até chorar.

— Qual é a graça? — inquiriu Door, quando ele enfim parou de rir.

— “Tudo bem” — disse apenas. Door o encarou e também sorriu. — Então, para onde vamos?

— Para baixo — respondeu Lamia.

E começaram a descer a Down Street. Hunter ia na frente, com Door ao lado. Richard ia ao lado de Lamia, inspirando o aroma de lírios e madressilva e aproveitando a companhia dela.

— Agradeço muito por ter vindo conosco — disse ele. — Por ser nossa guia. Espero que não lhe dê azar nem nada.

Ela fixou os olhos púrpura na direção dele.

— Por que me daria azar?

— Você conhece os arautos dos ratos?

— Claro.

— Uma garota chamada Anaesthesia, dos arautos, ela... Bem, chegamos a ficar um pouco amigos, e ela estava me guiando até um lugar. Mas ela foi roubada. Na Ponte da Noite. Não consigo parar de pensar no que deve ter acontecido com ela.

A mulher abriu um sorriso compreensivo.

— Meu povo conta histórias sobre esse lugar. Algumas delas talvez sejam até verdadeiras.

— Então me conte.

Estava frio. A respiração de Richard se condensava no ar.

— Um dia, quem sabe — disse a mulher, e seu hálito não se condensava.

— Foi muito gentil da parte de vocês terem me trazido.

— Era o mínimo que podíamos fazer.

Door e Hunter viraram uma curva à frente e sumiram de vista.

— Sabe, aquelas duas estão começando a ficar muito à frente — comentou Richard. — É melhor a gente apertar o passo.

— Não tem problema — disse Lamia, baixinho. — Depois a gente as alcança.

Aquilo, estranhamente, pareceu a Richard como ir ao cinema com uma garota durante a adolescência. Ou melhor, como voltar para casa a pé depois do filme: parando em pontos de ônibus e em muros para roubar um beijo, o toque apressado da pele e as línguas entrelaçadas, depois correr para alcançar os amigos...

Lamia passou um dedo gelado pelo rosto dele.

— Você é tão quentinho — comentou, admirada. — Deve ser maravilhoso ter tanto calor no corpo.

Richard tentou transmitir modéstia.

— Na verdade, nunca pensei sobre isso — admitiu.

Lá no alto soou o ruído metálico da porta do elevador sendo batida.

Lamia o encarou com doçura e carência.

— Você me daria um pouco do seu calor, Richard? — perguntou. — Estou com tanto frio...

Richard ponderou se deveria beijá-la.

— O quê? Eu...

— Não gosta de mim? — perguntou ela, parecendo desapontada.

Ele torcia para que não tivesse falado nada ofensivo.

— Claro que gosto. — Ele ouviu a própria voz responder. — Você é ótima.

— E você não está usando todo esse calor, está? — indagou a mulher, com certa razão.

— Acho que não...

— E você disse que me pagaria pelo serviço de guia. É isso o que eu quero como pagamento. Calor. Posso pegar um pouco?

Qualquer coisa que ela quisesse. Qualquer coisa. Os aromas de madressilva e lírio o envolveram, e os olhos dele só viam a pele clara, os lábios escuros cor de ameixa e o cabelo preto. Ele assentiu. Um grito soava dentro dele, mas, fosse o que fosse, podia esperar. Lamia segurou o rosto de Richard, puxou-o para si delicadamente e o beijou, um beijo lânguido e demorado. Após o choque inicial ao sentir a boca e a língua geladas da mulher, ele sucumbiu por completo.

Depois de um tempo, ela se afastou.

Richard sentia o gelo nos próprios lábios. Cambaleou para trás, apoiando-se na parede. Tentou piscar, mas sentia como se os olhos tivessem congelado. Lamia sorriu para ele em deleite; sua pele estava agora corada, os lábios escarlate, e sua respiração se condensava no ar. Ela umedeceu os lábios vermelhos com uma língua quente e carmesim. O mundo começou a escurecer. Richard pensou ter visto um vulto pelo canto de olho.

— Mais — declarou ela.

E o puxou novamente.

Ele viu a Aveludada puxar Richard para o primeiro beijo, viu quando o branco gélido se espalhou pela pele dele. Viu quando a mulher se afastou, feliz. Então se aproximou por trás dela e, quando ela avançou para terminar o que havia começado, ele a segurou com força pelo pescoço, erguendo-a no ar.

— Devolva — ordenou ele, no ouvido dela. — Devolva a vida dele.

A Aveludada reagiu como um gatinho sendo jogado na banheira: chiando, cuspidando, arranhando e se sacudindo. Nada funcionou: a mão em sua garganta não soltaria.

— Você não pode me forçar — disse ela, em um tom decididamente nada musical.

Ele apertou ainda mais.

— Devolva a vida dele — repetiu, em um tom áspero e franco. — Ou quebre seu pescoço.

Lamia estremeceu. Ele a empurrou na direção de Richard, que estava congelado e encolhido contra a parede de rocha.

A mulher pegou a mão de Richard e soltou o ar diante do nariz e da boca dele. O vapor saiu de sua boca e penetrou na de Richard. O gelo que cobria a pele e o cabelo dele começou a derreter.

Ele apertou o pescoço de Lamia mais uma vez.

— Tudo, Lamia.

A mulher chiou e abriu a boca de novo, com extrema má vontade. Uma baforada final de vapor se transferiu de sua boca para a de Richard e

desapareceu lá dentro. Richard piscou. O gelo em seus olhos se derreteu em lágrimas, que escorreram por suas faces.

— O que você fez comigo? — perguntou.

— Ela estava bebendo a sua vida — explicou o marquês De Carabás, com um sussurro áspero. — Tomando o seu calor. Transformando você em um ser gelado como ela.

A mulher fazia careta, como uma criancinha privada de seu brinquedo preferido. Seus olhos púrpura brilharam.

— Eu preciso da vida mais do que ele — reclamou ela.

— Achei que você gostasse de mim — comentou Richard, ainda sem entender.

O marquês ergueu Lamia com uma das mãos e aproximou seu rosto do da mulher.

— Se chegar perto dele outra vez, você ou qualquer um das suas Crianças Aveludadas, vou aparecer na sua caverna durante o dia, enquanto vocês estiverem dormindo, e colocar fogo em tudo. Entendeu?

Ela assentiu. O marquês a soltou, fazendo-a cair no chão. A mulher se levantou e se empertigou — embora não tenha parecido muito mais alta —, ergueu a cabeça e cuspiu com vontade no rosto do marquês. Então, agarrou a frente do vestido de veludo preto e começou a subir pelo sinuoso caminho na rocha, seus passos ecoando pela Down Street enquanto a saliva gelada escorria pela bochecha do marquês. Ele limpou o rosto com as costas da mão.

— Ela ia me matar — balbuciou Richard.

— Não imediatamente — explicou o marquês, indiferente. — Mas você iria morrer, quando ela terminasse de consumir sua vida.

Richard encarou o marquês: a pele estava imunda e ele parecia meio cinza por baixo da cobertura negra. O casaco desaparecera. De Carabás usava agora um cobertor velho enrolado nos ombros como um poncho, com algo volumoso — Richard não identificou o quê — amarrado por baixo. Estava descalço e usava um pano meio descolorido no pescoço, o que Richard concluiu ser algum adereço esquisito.

— Estávamos procurando você — comentou Richard.

— E agora me encontraram — respondeu o marquês, de forma seca e com a voz ainda fraca.

— Pensamos que o encontraríamos no Mercado.

— Pois é. Então. Algumas pessoas pensaram que eu estava morto. Foi necessário que eu ficasse um tempo fora do radar.

— Por que... por que essas pessoas acharam que você estava morto?

O marquês o encarou com aqueles olhos que haviam testemunhado mais do que deveriam.

— Porque elas me mataram. Agora vamos, aquelas duas não podem estar muito longe.

Richard olhou para o caminho e viu Door e Hunter do outro lado do fosso, um nível abaixo. Estavam procurando alguma coisa — provavelmente, ele. Richard as chamou, gritando e sacudindo os braços, mas o som não se propagava. O marquês tocou o braço dele.

— Olhe — disse, apontando para o nível abaixo de Door e Hunter.

Algo se moveu. Richard estreitou os olhos: distinguiu duas pessoas esperando nas sombras.

— Croup e Vandemar — explicou o marquês. — É uma armadilha.

— O que devemos fazer?

— Correr! — respondeu o marquês. — Vá avisá-las. Ainda não consigo correr... Vá logo!

Richard correu. Correu o mais rápido possível, o mais intensamente possível, descendo o caminho rochoso abaixo do mundo. Sentiu uma dor forte no peito: uma pontada. Mas se obrigou a continuar, a não parar.

Ao virar uma curva, viu todos eles.

— Hunter! Door! — gritou, ofegante. — Parem! Cuidado!

No mesmo momento em que Door se virou, o sr. Croup e o sr. Vandemar saíram de trás de um pilar. Em um único movimento, o sr. Vandemar puxou as mãos de Door e as amarrou às costas. O sr. Croup segurava algo comprido e fino coberto por uma capa marrom que lembrava as que o pai de Richard usava para carregar as varas de pesca. Hunter ficou parada, boquiaberta.

— Hunter! Rápido! — gritou Richard.

Ela assentiu e, em um movimento fluido, girou e deu um chute, quase como se executando um passo de balé.

O pé foi certo na barriga de Richard, que caiu no chão a alguns metros dela, sem fôlego e dolorido.

— Hunter? — disse ele, quase sem voz.

— Sim — respondeu a mulher, e deu as costas.

Richard se sentia enjoado e triste. A traição doera tanto quanto o chute.

O sr. Croup e o sr. Vandemar ignoraram Richard e Hunter. O sr. Vandemar amarrava os braços de Door, enquanto o sr. Croup apenas observava.

— Não pense em nós como assassinos cortadores de garganta, moça — dizia o sr. Croup, casualmente. — Digamos que somos um serviço de acompanhantes.

— Mas sem peitos — acrescentou o sr. Vandemar, levemente encabulado.

O sr. Croup virou-se para o sr. Vandemar.

— *Acompanhante* no sentido de escolta, senhor Vandemar. De garantir que esta nobre moça chegue a salvo aonde precisa chegar. Não estou comparando o senhor com uma mulher da noite, tampouco com uma prostituta de rua.

— O senhor disse que éramos um serviço de acompanhantes — resmungou o sr. Vandemar. — Sei bem o que é isso.

— Retire a menção dos autos, senhor Vandemar. Cometi uma gafe. Daqui em diante, seremos chamados de guias. Guardas. Agentes de escolta.

O sr. Vandemar coçou o nariz com o anel de crânio de corvo.

— Está bem — concordou.

Hunter permaneceu junto à parede de rocha, evitando olhar para qualquer um deles, e Richard permaneceu no chão, se revirando de dor e tentando dar um jeito de enfiar ar nos pulmões outra vez. O sr. Croup voltou a atenção para Door e sorriu, mostrando dentes demais.

— Veja bem, lady Door, vamos garantir sua chegada em segurança ao seu destino final.

Ela o ignorou.

— Hunter, o que está acontecendo? — perguntou.

Hunter não se mexeu, tampouco respondeu.

O sr. Croup abriu um enorme sorriso de orgulho.

— Antes de aceitar trabalhar para você, Hunter aceitou trabalhar para nosso empregador. Cuidando de você.

— Nós avisamos — vangloriou-se o sr. Vandemar. — Avisamos que um de vocês era traidor. — Ele jogou a cabeça para trás e uivou como um lobo.

— Achei que estivessem falando do marquês — disse Door.

O sr. Croup coçou teatralmente a cabeleira alaranjada.

— Falando no marquês, onde estará ele, eu me pergunto? Ouvimos agora há pouco o barulho das *botas* dele, não foi, senhor Vandemar?

— De fato, senhor Croup, as *botas*. Um barulho alto, como se fossem batidas.

O sr. Croup deu uma tossidela performática enquanto continuava o gracejo.

— Então podemos concluir que o marquês De Carabás tenha batido as botas, não? Temo que ele esteja um tantinho assim...

— ... morto — concluiu o sr. Vandemar.

Richard finalmente conseguiu puxar ar o suficiente para balbuciar:

— Traidora maldita.

Hunter baixou os olhos.

— Sem ressentimentos — sussurrou ela.

— A chave que vocês pegaram com os Monges Negros: quem está com ela? — perguntou o sr. Croup a Door.

— Está comigo — disse Richard, ofegante. — Pode me revistar, se quiser. Aqui.

Ele vasculhou os bolsos. Sentiu algo duro e desconhecido no bolso de trás, mas não tinha tempo para descobrir o que era, apenas pegou a chave de casa. Conseguiu se levantar, com muito esforço, e foi cambaleando até o sr. Croup e o sr. Vandemar.

— Aqui está.

O sr. Croup pegou a chave.

— Mas que coisa fantástica — comentou, sem nem olhar direito para a chave. — Estou profundamente comovido com a engenhosidade deste rapaz, senhor Vandemar.

Ele passou a chave para o sr. Vandemar, que a segurou entre o dedão e o indicador e a esmagou como se fosse feita de papel-alumínio.

— Fomos enganados mais uma vez, senhor Croup.

— Machuque-o, senhor Vandemar.

— Com prazer, senhor Croup — respondeu o sr. Vandemar, e deu um chute na rótula do joelho de Richard.

Ele caiu no chão, em agonia, mas ainda ouvia a voz do sr. Vandemar, como se viesse de muito longe, explicando alguma coisa com ar professoral:

— As pessoas acham que a força do chute é o que faz doer, mas não: é a parte do corpo. Por exemplo, este chute é bem fraquinho...

Algo atingiu Richard no ombro esquerdo. O braço ficou dormente, e uma flor de dor púrpura e branca desabrochou no local. Ele sentia como se o braço inteiro estivesse ao mesmo tempo em chamas e congelando, como se alguém tivesse enfiado um eletrodo por baixo da pele e acionasse a corrente na intensidade máxima. Ele choramingou. E o sr. Vandemar dizia:

— ... mas machuca tanto quanto *este*, que é muito mais forte...

A bota o acertou na lateral do corpo como uma bala de canhão. Richard ouviu a si mesmo gritar e soluçar, sem saber como fazer aquilo parar.

— A chave está comigo — ele ouviu Door dizer.

— Pena que você não tem um canivete suíço — comentou o prestativo sr. Vandemar, dirigindo-se a Richard. — Se tivesse, eu poderia mostrar o que faço com cada ferramenta. Até o abridor de garrafas e aquela coisa para tirar pedras das ferraduras dos cavalos são úteis.

— Deixe o rapaz, senhor Vandemar. Haverá bastante tempo para canivetes suíços. Ela está com o amuleto?

O sr. Croup vasculhou os bolsos de Door e encontrou a estatueta esculpida em obsidiana: a pequena Besta que o anjo lhe dera.

— E quanto a mim? Cadê meu pagamento? — perguntou Hunter, a voz baixa e ressonante.

Com uma fungada de desdém, o sr. Croup jogou para ela a capa para vara de pesca. Hunter a pegou com uma das mãos.

— Boa caçada — desejou o sr. Croup.

Com isso, ele e o sr. Vandemar se viraram e começaram a descer a sinuosa Down Street, com Door entre os dois. Richard permaneceu deitado no chão, vendo-os partir. Uma terrível sensação de desespero se projetava de seu peito.

Hunter se ajoelhou e começou a desamarrar as tiras da capa de couro. Seus olhos brilhavam, arregalados. Richard sentia dor.

— O que é isso? — perguntou ele. — Trinta moedas de prata?

Hunter tirou o objeto da capa e o acariciou, sentindo-o, amando-o.

— Uma lança — respondeu ela, lacônica.

Era de um metal cor de bronze; a lâmina era comprida e curva como uma *kris*, um gume afiado e o outro serrilhado; havia rostos esculpidos em ambos os lados da haste, que era de um verde oxidado, com ornamentos estranhos e arabescos inusitados. O comprimento da arma era de mais ou menos um metro e meio de comprimento, desde a ponta da lâmina até a base do cabo. Hunter a tocou, quase temerosa, como se fosse a coisa mais bonita que já vira.

— Você vendeu Door por uma lança — acusou Richard.

Ela não respondeu. Molhou a ponta do dedo na língua rosada e o passou pela lateral da cabeça da lança, suavemente, testando a lâmina. Então abriu um sorriso, como se satisfeita com o que sentira.

— Vai me matar? — perguntou Richard, e ficou surpreso por não ter mais medo da morte, ou, pelo menos, não daquela morte.

Hunter virou a cabeça para encará-lo. Parecia mais viva do que nunca: mais bela e mais perigosa.

— E qual seria o desafio em caçar você, Richard Mayhew? — disse ela, com um sorriso vívido. — Há presas maiores à minha espera.

— Essa é a tal lança para caçar a Grande Besta de Londres, não é?

Ela olhou para a lança como mulher alguma olhara para Richard.

— Dizem que nada resiste a ela.

— Mas Door confiou em você. *Eu* confiei em você.

Ela não sorria mais.

— Chega.

A dor ia diminuindo aos poucos, reduzindo-se a um incômodo fraco, ainda que permanente, no ombro e na lateral do joelho.

— E para quem você está trabalhando? Para onde vão levá-la? Quem está por trás disso?

— Conte a ele, Hunter — disse o marquês De Carabás.

Ele segurava uma besta, apontada para a mulher. Seus pés descalços estavam firmes no chão, o rosto implacável.

— Fiquei me perguntando se você estava mesmo morto, como Croup e Vandemar sugeriram — comentou Hunter, praticamente sem nem virar a cabeça. — Você se provou um homem difícil de matar.

Ele inclinou a cabeça em uma reverência irônica, mas seu olhar se manteve fixo e as mãos, firmes.

— Você me passa a mesma impressão, mocinha, mas um disparo na garganta e uma queda de muitos metros pode mudar isso, não é mesmo? Abaixе essa lança e dê um passo para trás.

Hunter colocou a lança no chão, com muito cuidado e delicadeza, então se levantou e deu um passo para trás.

— E melhor responder à pergunta dele, Hunter — insistiu o marquês. — Eu já sei. Descobri do jeito mais difícil. Conte a ele quem está por trás disso tudo.

— Islington — respondeu ela.

Richard balançou a cabeça, como se tentasse espantar uma mosca.

— Não pode ser. Eu conheci Islington. Ele é um anjo. — E completou, em um tom quase de desespero: — Por quê?

O marquês não desgrudou os olhos de Hunter e a mira da besta também não vacilou.

— Eu bem que gostaria de saber. Mas Islington está no fim da Down Street e de toda essa sucessão de tramas. E entre Islington e nós há o labirinto e a Besta. Richard, pegue a lança. Hunter, vá na minha frente, por favor.

Richard pegou a lança e, meio sem jeito, usando a arma como apoio, conseguiu se levantar.

— Ela vai com a gente? — perguntou, perplexo.

— Prefere que ela vá atrás? — retrucou o marquês, seco.

— Por que não matá-la?

— É o que vou fazer, se não houver alternativa, mas muito me desagrada descartar uma opção se não for estritamente necessário. Além disso, a morte é algo muito definitivo.

— É? — questionou Richard.

— Às vezes — respondeu o marquês.

Eles desceram.

DEZESSEIS

—

ANDARAM EM SILÊNCIO por horas, descendo o caminho sinuoso de pedra. Richard ainda sentia dor; mancava e sofria estranhas agitações mentais e físicas: a sensação de derrota e traição se revirava dentro dele, o que, somado ao fato de quase ter perdido a vida para Lamia, aos danos infligidos pelo sr. Vandemar e à tortura que tinha sido atravessar a prancha, o deixara em frangalhos. Para piorar, tinha certeza de que os últimos eventos em sua vida eram meras banalidades se comparados a tudo que o marquês vivenciara, então se manteve em silêncio.

De Carabás também não falava nada, pois a garganta doía a cada palavra que pronunciava. Parecia resignado a deixar que cicatrizasse sozinha, preferindo se concentrar em Hunter. Ele sabia que, se desviasse a atenção por uma fração de segundo que fosse, ela aproveitaria para fugir ou se voltar contra eles. Então, se manteve em silêncio.

Hunter andava um pouco à frente. Ela também se manteve em silêncio.

Chegaram ao fim da Down Street depois de algumas horas. A rua terminava em um portal colossal feito de blocos enormes de pedra. *Construído por gigantes*, pensou Richard, lembrando vagamente lendas de reis da Londres mítica mortos havia muito, histórias do rei Bran, o Abençoado, e dos gigantes Gog e Magog, que tinham mãos do tamanho de carvalhos e cujas cabeças decapitadas eram grandes como colinas. Desde então, o portal foi tomado por ferrugem e decadência. Havia fragmentos na lama em que pisavam e pendendo inúteis de uma dobradiça enferrujada na lateral do portão, que era mais alta que Richard.

O marquês fez um gesto para que Hunter parasse.

— Este portão marca o fim da Down Street e o começo do labirinto — explicou, após umedecer os lábios. — O anjo Islington nos espera depois do labirinto. E, dentro do labirinto, a Besta.

— Ainda não entendi — disse Richard. — Islington. Eu o conheci. Ele é um anjo. Um anjo de verdade.

O marquês abriu um sorriso amargo.

— Quando anjos ficam maus, Richard, são piores que os seres comuns. Lembre-se: Lúcifer era um anjo.

Hunter observava Richard com seus olhos castanhos.

— O lugar que você visitou se chama Fortaleza de Islington. Uma fortaleza que é também uma prisão — explicou ela. Fazia horas que não falava nada. — Islington não pode sair.

— Imagino que o labirinto e a Besta estejam lá para desencorajar os visitantes — disse o marquês, dirigindo-se a ela.

Hunter inclinou a cabeça.

— Imagino o mesmo.

Richard se virou para o marquês, soltando de uma vez toda a raiva, a impotência e a frustração contidas:

— Por que ainda está falando com ela? Por que ela está nos acompanhando? É uma traidora... que tentou nos induzir a pensar que o traidor era você.

— E eu salvei sua vida, Richard Mayhew. Muitas vezes. Na ponte, no vão do metrô, na prancha lá em cima — interveio Hunter, contida, encarando-o.

Foi Richard quem desviou o olhar.

Então algo ecoou pelos túneis: um urro, talvez um rugido. Richard sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Vinha de muito longe, o que era o único aspecto da situação que servia de consolo. Richard conhecia aquele som: escutara em seus sonhos, mas não soava mais como um touro ou um javali. Soava como um leão; soava como um dragão.

— O labirinto é um dos lugares mais antigos da Londres de Baixo — comentou o marquês. — Antes de o rei Lud fundar a vila nos pântanos do Tâmisa, havia um labirinto aqui.

— Mas sem a Besta — disse Richard.

— Não naquele tempo.

Richard hesitou. O rugido distante recomeçou.

— Acho... acho que tive alguns sonhos com a Besta.

O marquês ergueu uma sobrancelha.

— Que tipo de sonhos?

— Do tipo ruim.

O marquês pensou um pouco, os olhos agitados.

— Escute, Richard, eu vou levar Hunter, mas se você quiser esperar aqui... bem, ninguém pode acusá-lo de covardia.

Mas Richard balançou a cabeça em negativa: às vezes, não há nada que se possa fazer.

— Não vou voltar. Não agora. Eles estão com Door.

— Certo — concordou o marquês. — Muito bem. Podemos prosseguir?

A boca perfeita de Hunter, cor de caramelo, se contorceu em um sorriso de escárnio.

— Você é doido de entrar aí. Sem o amuleto do anjo, nunca vai encontrar o caminho. Não vai nem conseguir passar pela Besta.

O marquês enfiou a mão no poncho e pegou a estatueta de obsidiana que roubara do escritório do pai de Door.

— Está falando disto aqui?

Naquele momento, o marquês sentiu que todo o sofrimento da última semana foi recompensado pela expressão no rosto de Hunter. Eles atravessaram o portão e entraram no labirinto.

Door caminhava com os braços amarrados às costas, o sr. Vandemar ao lado, apoiando a mão pesada e cheia de anéis no ombro dela, empurrando-a pelo caminho. O sr. Croup ia à frente, erguendo bem alto o talismã de obsidiana que tomara dela, olhando para todos os lados como uma doninha pretensiosa prestes a saquear o galinheiro.

O labirinto era um lugar de pura insanidade. Fora construído a partir de fragmentos perdidos da Londres de Cima: vielas, ruas, corredores e esgotos que haviam escorregado pelas margens ao longo dos milênios, caindo no mundo das coisas perdidas e esquecidas. Dois homens e uma garota percorriam a trilha de pedras, de lama, de vários tipos de dejetos e de tábuas de madeira apodrecida. Caminharam durante o dia e durante a noite, cruzando ruas iluminadas por lâmpadas elétricas, ruas iluminadas por lâmpadas a gás, ruas iluminadas por velas e bastões incandescentes. Era um lugar em constante transformação: e cada caminho se ramificava e dava voltas e acabava em si mesmo.

O sr. Croup sentiu o puxão do talismã e se deixou guiar. Tomaram uma via apertada em que, no passado, havia um bordel vitoriano (um cortiço que consistia em partes iguais de roubo e bebida barata, com o dobro de miséria e sexo pela metade do preço) e ouviram fungadas e bufadas nos arredores. Então a criatura soltou um rugido profundo e sombrio. O sr. Croup hesitou, depois avançou depressa, subindo alguns degraus de madeira, e parou no fim da ruela, estreitando os olhos e observando em volta para então guiar o grupo por mais alguns degraus até um longo túnel de pedra que já fora um caminho pelos pântanos de Fleet, na época dos Templários.

— Você está com medo — disse Door.

O sr. Croup olhou feio para ela.

— Segure sua língua.

Ela abriu um sorriso, mesmo sem a menor vontade.

— Você tem medo de que esse símbolo de salvo-conduto não nos ajude a passar pela Besta. O que pretende fazer? Sequestrar Islington? Vender a mim e a ele para quem oferecer mais?

— Quieta — mandou o sr. Vandemar.

O sr. Croup simplesmente riu. E, naquele momento, Door soube que o anjo Islington não estava do lado dela.

Ela começou a gritar.

— Ei! Besta! Estamos aqui! Eeee! Dona Besta!

O sr. Vandemar acertou um tabefe na cabeça dela e a empurrou contra a parede.

— Mande ficar quieta — disse ele, muito calmo.

Door sentiu gosto de sangue na boca e cuspiu o líquido escarlate na lama. Então abriu a boca e recomeçou a gritaria. Já prevendo aquilo, o sr. Vandemar tinha pegado um lenço do bolso, que enfiou na boca da garota. Ela tentou morder o dedo dele, mas não obteve resultados significantes.

— Agora você vai ficar quieta.

O sr. Vandemar tinha muito orgulho daquele lenço borrado de verde, marrom e preto que pertencera originalmente a um mercador de rapé bastante rotundo, nos idos de 1820. O sujeito morrera de apoplexia e fora enterrado com esse lenço no bolso. Volta e meia o sr. Vandemar encontrava no tecido fragmentos do mercador de rapé, mas, afora isso, sabia que se tratava de um lenço de qualidade.

Eles continuaram o caminho em silêncio.

No salão de rochas ao fim do labirinto, que era tanto prisão quanto fortaleza, o anjo Islington estava fazendo algo que não fazia havia milhares de anos: cantar. Sua voz era bela, doce e melódica. E, como a de todos os anjos, perfeitamente afinada. Islington cantava uma música de Irving Berlin. E dançava graciosamente, em movimentos suaves e perfeitos, no salão cheio de velas.

*Heaven, I'm in Heaven,
and my heart beats so that I can hardly speak...*

Parou de dançar quando chegou à porta negra da câmara, que era de sílex e prata escurecida. Islington percorreu com os dedos, lentamente, a superfície da porta e apoiou a bochecha no material gelado. E continuou a cantar, agora um pouco mais contido:

*Heaven...
I'm in Heaven...
I'm in Heaven...
I'm in Heaven...*

Abriu um sorriso doce e ameno, e o sorriso do anjo Islington era algo monstruoso de se contemplar. O anjo enunciava as palavras para si mesmo,

repetindo-as sem parar, cada sílaba flutuando desolada no ar, envolta pela escuridão pontuada pelas luzes das velas.

— Estou no Paraíso... — murmurou.

Richard escrevia mais uma vez em seu diário mental. *Querido diário, hoje sobrevivi ao andar na prancha, ao beijo da morte e a uma aula sobre chutes. No momento, estou andando por um labirinto na companhia de um doido varrido que voltou dos mortos e uma guarda-costas que se mostrou ser... o oposto de uma guarda-costas, seja lá qual for o termo para isso. Me sinto imerso em algo tão surreal que...* Nesse ponto, faltou uma boa metáfora. Havia muito que deixara para trás o mundo das metáforas e comparações, passando para o lugar das coisas que são, e isso o estava transformando.

Passavam a vau por uma trilha estreita de terreno pantanoso, entre paredes de rocha escura. O marquês segurava a estatueta e a besta, tomando o cuidado de se manter sempre três metros atrás de Hunter. Richard ia na frente, levando a lança da Besta, que Hunter recebera como pagamento, e um sinalizador amarelo que o marquês trouxera debaixo do cobertor e que iluminava as paredes e a lama. Richard estava bem à frente da guarda-costas. O pântano fedia, e os enormes pernilongos começavam a pousar em seus braços, suas pernas e seu rosto, dando picadas dolorosas que inchavam e coçavam muito. Nem Hunter nem o marquês tinham sequer mencionado os pernilongos.

Richard começava a suspeitar de que estavam completamente perdidos. E, só para piorar seu estado de espírito, havia um grande número de gente morta pelo pântano: corpos preservados sob pele coriácea, esqueletos descorados, defuntos pálidos e inchados de água. Ele se perguntava quanto tempo teriam os cadáveres e se haviam sido mortos pela Besta ou pelos mosquitos. Não fez comentários pelos cinco minutos e onze picadas seguintes, até que, enfim, quebrou o silêncio.

— Acho que estamos perdidos. Já passamos por aqui.

O marquês ergueu o amuleto.

— Não. É o caminho certo. O amuleto está nos guiando. É uma coisinha bem útil.

— Sei — disse Richard, cético. — Uma maravilha.

Foi quando o marquês, descalço, pisou sem querer na caixa torácica despedaçada de um cadáver parcialmente enterrado. O osso perfurou seu calcanhar, fazendo-o tropeçar, e a estatueta negra saiu voando de sua mão, indo mergulhar no pântano escuro com um *ploft* digno de um peixe voltando à água após saltar. O marquês se levantou e voltou a apontar a besta para as costas de Hunter. Sentia um latejar e uma dor aguda no calcanhar direito.

Torceu para que o corte não tivesse sido muito profundo; não tinha sangue o suficiente para se dar ao luxo de perder mais.

— Richard! — chamou. — Eu derrubei a estatueta. Você pode vir até aqui?

Richard foi até ele, erguendo o sinalizador bem no alto e atento a algum reflexo da chama na obsidiana, mas viu apenas lama.

— Abaix-se na lama para procurar — mandou o marquês.

Richard deu um gemido de má vontade.

— Você sonhou com a Besta, Richard — disse De Carabás. — Quer mesmo vê-la frente a frente?

Após ponderar por um breve momento, ele fincou a haste da lança de bronze no pântano, prendeu nela o sinalizador, iluminando a superfície com a luz âmbar vacilante, e se pôs de quatro para procurar a estatueta. Passou as mãos pela superfície do charco, torcendo para não encontrar rostos ou mãos de gente morta.

— É inútil. Pode ter caído em qualquer parte.

— Continue procurando — insistiu o marquês.

Richard tentou lembrar como fazia para encontrar coisas. Primeiro, esvaziou a mente, e, em seguida, deixou os olhos vagarem pela superfície do brejo, a esmo, sem pressa. Algo brilhou na água pantanosa à sua esquerda, a menos de dois metros dele. Era a estatueta da Besta.

— Está ali!

Foi chafurdando na lama até lá. A pequena besta reluzente estava de cabeça para baixo em uma poça de água escura. Talvez a lama tenha sido perturbada por seus passos; ou, o que era mais provável, e era a opção da qual Richard se convenceu para sempre: foi simplesmente obra da perversidade do mundo material. Independentemente da causa, o fato é que ele estava quase lá quando o pântano fez um barulho que soou como o ronco de um estômago gigante, e uma bolha de gás bem grande subiu à superfície e estourou, espalhando um fedor nojento e obsceno ao lado da estatueta, que desapareceu debaixo d'água.

Quando chegou ao ponto em que avistara a estatueta, ele enfiou os braços na lama, procurando em desespero, sem se importar com o que mais seus dedos poderiam tocar. Não adiantou. A estatueta se fora.

— E agora, o que faremos? — indagou Richard.

— Volte aqui — respondeu o marquês, com um suspiro. — Vamos pensar em alguma coisa.

— Tarde demais — murmurou Richard.

Ela se aproximava tão devagar e a passos tão pesados que, por uma fração de segundo, Richard a supôs velha e doente, talvez até próxima da morte. Foi sua primeira impressão. Só então se deu conta da grande distância que cobria a cada galope, da grande quantidade de lama e água suja que as patas espirravam. Tinha se enganado em julgá-la lenta. A uns dez metros deles, a

Besta reduziu a velocidade e parou, com um ronco. Os flancos da criatura fumegavam. Ela urrou, em triunfo e desafio. Lanças quebradas, espadas partidas e facas enferrujadas jaziam fincadas nas laterais e na traseira do seu corpo. A luz amarelada do sinalizador reluzia nos olhos vermelhos, nas presas e nas patas.

A criatura baixou a cabeça gigantesca. Richard achou que fosse algum tipo de javali, mas não fazia sentido: não havia javalis tão grandes. Era do tamanho de um boi, de um elefante, de uma vida inteira. A criatura os encarou, em uma pausa que durou cem anos.

Em um único movimento fluido, Hunter se ajoelhou e arrancou a lança do pântano.

— Até que enfim — disse ela, sua voz exalando contentamento.

Hunter esqueceu todos em volta: Richard mergulhado na lama, o marquês com sua besta inútil, o mundo. Em deleite, ela se transportara para um lugar perfeito, para o mundo que sempre buscara. Em seu universo, havia apenas ela própria e a Besta. E a Besta sabia disso. Era o embate perfeito: caça e caçadora. E só o tempo revelaria quem era quem, qual papel lhes cabia; o tempo e a dança.

A Besta avançou.

Hunter esperou até a criatura estar próxima o suficiente para que ela enxergasse a espuma branca da saliva a pingar de sua boca e só então fez o golpe, no momento em que a fera abaixou a cabeça. Mas, quando tentou afundar a lâmina no flanco, percebeu que se movera uma fração de segundo mais tarde do que deveria: a lança saiu voando de suas mãos dormientes e uma presa mais afiada que a lâmina mais afiada rasgou a lateral de seu corpo. Enquanto caía sob o peso monstruoso, Hunter sentiu as patas descendo com fúria sobre seu braço, sua costela e sua cintura. E, por fim, ela se foi, mergulhando novamente na escuridão, pois a dança acabara.

O sr. Croup jamais admitiria como estava aliviado por ter conseguido atravessar o labirinto. Finalmente tinham chegado ao fim do caminho, ele e o sr. Vandemar ilesos, assim como a presa que conduziam. Um paredão de rocha se erguia à frente do grupo, com uma porta dupla de carvalho nele embutida, um espelho oval na face direita.

O sr. Croup tocou o espelho com a mão suja. A superfície ficou nebulosa, tremeluziu brevemente, borbulhando e se revolvendo como um barril de mercúrio efervescente, e por fim voltou à quietude inicial. Do outro lado, o anjo Islington olhou para eles. O sr. Croup pigarreou.

— Bom dia, senhor. Somos nós, com a jovem senhorita que fomos incumbidos de trazer à sua presença.

— E a chave?

A voz suave do anjo parecia vir de todos os lados.

— No pescocinho de cisne da moça — respondeu o sr. Croup, transparecendo um pouco mais de tensão do que gostaria.

— Então, entrem.

As portas de carvalho se abriram ante as palavras, e os três entraram.

Aconteceu tudo muito rápido. A Besta surgiu da escuridão. Hunter pegou a lança. A fera atacou e sumiu outra vez na escuridão.

Richard se concentrou, tentando identificar ruídos da Besta, mas ouviu apenas o lento gotejar de água ali perto e o zumbido lamentoso dos pernilongos, alto e enlouquecedor. A mulher estava caída de costas na lama, um dos braços torcido em um ângulo peculiar. Richard foi rastejando pelo charco até ela.

— Hunter? — sussurrou. — Está me ouvindo?

Silêncio. Então ouviu um murmúrio, tão baixo que a princípio pensou ter imaginado:

— Sim.

O marquês ainda estava a alguns metros dali, completamente imóvel contra a parede.

— Richard... fique onde está — aconselhou ele. — A criatura só está ganhando tempo. Ela vai voltar.

Richard o ignorou.

— Você vai... — Ele hesitou. Parecia uma pergunta muito idiota, mas perguntou mesmo assim: — Você vai ficar bem?

Hunter riu, os lábios ensanguentados, e balançou a cabeça em negativa.

— Tem algum médico aqui embaixo? — perguntou Richard ao marquês.

— Não o tipo de médico que você tem em mente. Temos curandeiros, trepanadores e especialistas em sanguessugas...

Hunter tossiu e se encolheu de dor. Escorria sangue arterial, vermelho e brilhante, pelo canto da boca. O marquês se aproximou ligeiramente.

— Você guarda sua vida em algum lugar, Hunter? — perguntou.

— Sou uma caçadora — sussurrou a mulher, com desdém. — Não fazemos esse tipo de coisa. — Com esforço, ela sugou ar para os pulmões e exalou, como se o simples ato de inspirar estivesse se tornando difícil. — Richard, você já usou uma lança?

— Não.

— Pegue esta.

— Mas...

— Pegue — repetiu ela, em voz baixa mas urgente. — Pegue-a. Segure pela extremidade que não tem lâmina.

Richard obedeceu.

— Essa parte eu sabia — resmungou.

A sombra de um sorriso passou pelo rosto de Hunter.

— Eu sei.

— Olha — começou Richard, sentindo-se, não pela primeira vez, como a única pessoa sã dentro de um manicômio —, que tal a gente ficar bem parado e quietinho? Talvez esse bicho vá embora. E aí podemos buscar ajuda para você.

E, não pela primeira vez, a pessoa a quem ele se dirigia o ignorou completamente.

— Eu cometi um erro, Richard Mayhew — sussurrou a mulher, entristecida. — Cometi um grande erro. Porque eu queria ser aquela que mataria a Besta. Porque eu precisava da lança.

Então, embora impossível, ela começou a se levantar. Richard ainda não tinha notado a seriedade dos ferimentos de Hunter, tampouco podia imaginar a dor que ela estaria sentindo: viu o braço direito pendendo inutilmente, um fragmento de osso branco despontando da pele de um jeito horrível. Um corte na lateral de seu corpo sangrava. A caixa torácica parecia *esquisita*.

— Pare — disse Richard, inutilmente. — Sente-se.

Com a mão esquerda, Hunter pegou uma faca do cinto e a colocou na direita, fechando os dedos sem nervos ao redor do cabo.

— Eu cometi um erro — repetiu. — E agora vou consertá-lo.

Ela começou a cantarolar. Cantarolou em uma mistura de tons graves e agudos, até chegar a uma nota que fazia as paredes, os canos e a ala reverberarem. E prosseguiu até todo o labirinto ecoar o canto. Então, puxando ar para dentro da caixa torácica estraçalhada, gritou:

— Ei! Ei, monstrengo! Cadê você?

Não houve resposta. Nenhum som além do gotejar de água. Até os pernilongos estavam quietos.

— Talvez ela tenha ido embora — sugeriu Richard, segurando a lança com tanta força que as mãos começaram a doer.

— Duvido muito — murmurou o marquês.

— Vamos lá, sua maldita! — gritou Hunter. — Está com medo?

Um rugido muito grave soou em algum lugar à frente, e a Besta ressurgiu da escuridão e partiu de novo para cima deles. Dessa vez, não havia margem para erros. *A dança*, pensou Hunter. *A dança ainda não acabou*.

A Besta baixou os chifres enquanto avançava na direção dela.

— Agora! — gritou Hunter. — Richard! Ataque! De baixo para cima! *Agora!*

E foi quando a Besta a acertou, transformando suas palavras em um grito sem sentido.

Richard viu a criatura adentrar o halo de luz do sinalizador. Tudo aconteceu muito devagar. Era como em um sonho. Como todos os sonhos

que ele tivera. A Besta estava tão perto que dava para sentir o fedor de excrementos e sangue, tão perto que dava para sentir seu calor. Ele arremeteu o mais rápido que pôde, cravando a lança bem fundo em um dos flancos, deixando a lâmina penetrar a carne.

Um rugido se seguiu, um urro de agonia, de ódio, de dor. E, então, silêncio.

Ele ouvia o próprio coração pulsando nas têmporas, ouvia a água gotejando. Os pernilongos recommçaram a zumbir. Richard notou que ainda segurava firme a haste da lança, embora a lâmina estivesse enterrada no corpo da criatura imóvel. Ele soltou o cabo e contornou a fera, cambaleante, à procura de Hunter. Encontrou-a presa sob o corpo da Besta. Teve medo de matá-la se tentasse movê-la, tirá-la dali, então optou por tentar empurrar a Besta pelos flancos mornos. Era como tentar mover um tanque Sherman, mas por fim, meio sem jeito, conseguiu quase emborcar a criatura.

A mulher estava caída de costas, encarando a escuridão, os olhos abertos e desfocados. De algum modo, Richard soube que ela não estava enxergando.

— Hunter? — chamou.

— Ainda estou aqui, Richard Mayhew. — A voz dela soava quase separada do corpo. Nem tentou olhar para ele, nem tentou focar a visão. — Morreu?

— Acho que sim. Parou de se mexer.

E ela riu: uma risada estranha, como se tivesse acabado de ouvir a melhor piada que alguém já contara a algum caçador. Então, entre os espasmos de riso e os acessos de tosse molhada e sufocante que os interrompiam, compartilhou a piada com Richard:

— Você matou a Besta. Agora, você é o maior caçador da Londres de Baixo. O Guerreiro... — Ela parou de rir. — Não sinto mais as mãos. Pegue minha mão direita.

Richard vasculhou por baixo do corpo da Besta e envolveu os dedos gélidos de Hunter com a própria mão. Pareciam tão pequenos.

— A faca ainda está aí? — sussurrou a mulher.

— Sim.

Sentia o metal, frio e grudento.

— Pegue-a. É sua.

— Não quero a sua...

— *Pegue.*

Ele arrancou a faca dos dedos dela.

— Agora é sua — murmurou Hunter. Apenas seus lábios se mexiam. Os olhos começavam a ficar turvos. — Ela sempre me protegeu. Limpe meu sangue da lâmina... não a deixe enferrujar... um caçador sempre cuida de suas armas. — Ela engoliu em seco. — Agora... passe o sangue da Besta... nos olhos e na língua...

Richard não sabia se tinha ouvido direito ou mesmo se acreditara no que ouvira.

— O quê?

Ele não tinha notado o marquês se aproximando, mas o ouviu falar ao seu ouvido, com firmeza:

— Faça o que ela diz. Isso vai guiá-lo pelo labirinto. Vamos.

Richard apoiou uma das mãos na lança e percorreu a haste até chegar ao couro da Besta, com o grude morno do sangue. Embora se sentisse meio tolo, levou a mão à língua, provando o sal do sangue da criatura: para sua surpresa, o gosto não foi asqueroso. Era deveras natural, como provar o oceano. Levou os dedos ensanguentados aos olhos, onde o sangue pinicou como suor.

— Pronto — anunciou.

— Muito bem — sussurrou Hunter.

E não disse mais nada.

O marquês estendeu a mão e fechou os olhos dela. Richard limpou a faca de Hunter na camisa, como ela mandou. Evitava ter que pensar no que fazer.

— É melhor continuarmos — comentou o marquês, levantando-se.

— Não podemos simplesmente deixá-la aqui.

— Podemos sim. Podemos voltar para buscar o corpo depois.

Richard poliu a lâmina com força na camisa. Estava chorando, mas ainda não tinha notado.

— E se não houver depois?

— Então vamos torcer para que alguém cuide dos nossos corpos. Incluindo o de Door. E ela deve estar cansada de esperar.

Richard baixou os olhos. Limpou o restinho do sangue de Hunter da faca e a enfiou no cinto. Então assentiu.

— Vá na frente — mandou o marquês. — Vou seguir o mais rápido que puder.

Richard hesitou, então correu o mais depressa que pôde.

Talvez tenha sido por conta do sangue da Besta. Não tinha outra explicação. Fosse qual fosse a razão, avançou certo pelo labirinto, que não guardava mais nenhum mistério. Sentia que conhecia cada curva, cada caminho, cada viela, rua e túnel. Correu, tropeçando e caindo, mas continuou correndo, exausto, percorrendo o labirinto com o sangue pulsando nas têmporas. Um versinho invadiu seu cérebro enquanto ele corria, batendo e ecoando no ritmo de seus pés. Era um verso que ouvira quando criança.

Esta noite, esta noite

Todas as noites em eterno,
Brasas e velas aquecerão teu lar,
E Cristo receberá tua alma.

As palavras não paravam de se repetir em sua cabeça, soando como um hino fúnebre. *Brasas e velas aquecerão teu lar...*

No fim do labirinto, encontrou um paredão de granito, e na rocha fora cravada uma porta dupla de madeira, bem alta. Um espelho oval estava pendurado em uma das portas. Fechadas. Ele encostou na madeira, e a porta se abriu silenciosamente.

Entrou.

DEZESSETE

RICHARD PERCORREU O caminho cercado de velas incandescentes que seguia pelas catacumbas até o salão. Reconheceu os arredores: fora onde bebera o vinho de Islington. Um octógono de pilares de ferro servia de suporte para o teto de pedra, e o lugar também abrigava a enorme porta de pedra e metal pretos, uma velha mesa de madeira e as velas.

Door estava acorrentada, estirada entre dois pilares ao lado da porta de prata e sílex. A garota o encarou quando ele entrou, arregalando, assustada, os olhos de fada com cores inusitadas. O anjo, que estava ao lado dela, virou-se e sorriu para Richard. Era a parte mais incômoda da situação: a compaixão e a doçura daquele sorriso.

— Entre, Richard Mayhew. Entre — chamou o anjo. — Meu Deus, você está um caco. — A preocupação na voz era genuína. Richard hesitou. — Por favor. — O anjo flexionou o indicador branco, chamando-o mais para perto. — Acho que todos nos conhecemos. Você conhece lady Door, é claro, assim como meus associados, o senhor Croup e o senhor Vandemar. — Richard se virou. Croup e Vandemar estavam de pé ao lado dele. O sr. Vandemar sorriu. O sr. Croup, não. — Estava torcendo para que você aparecesse — continuou o anjo. Ele inclinou a cabeça e perguntou: — Aproveitando o ensejo, onde está Hunter?

— Morreu — respondeu Richard. Ouviu Door ofegar.

— Ah. Pobre coitada — comentou Islington.

Ele balançou a cabeça, tristonho, obviamente lamentando a perda sem sentido de uma vida humana, a fragilidade de todos os mortais, nascidos para sofrer e morrer.

— Bem — comentou o sr. Croup, contente —, não dá para fazer omelete sem matar umas pessoas.

Richard fez o possível para ignorá-los.

— Door? Tudo bem? — perguntou ele.

— Mais ou menos, Richard. Por enquanto. Obrigada.

Os lábios inferiores da garota estavam inchados, e havia um hematoma em sua bochecha.

— Temo dizer que lady Door tem se mostrado um tanto intransigente — explicou o anjo. — Agora mesmo, eu estava me perguntando se deveria

pedir ao senhor Croup e ao senhor Vandemar que... — Ele hesitou. Era óbvio que considerava algumas coisas terríveis demais para serem ditas.

— ... a torturassem — sugeriu o sr. Vandemar, prestativo.

— Afinal de contas — interveio o sr. Croup —, toda a criação conhece a fama de nossas habilidades nas artes excruciantes.

— Somos bons em machucar pessoas — explicou o sr. Vandemar.

O anjo continuou falando, o olhar intenso fixo em Richard, como se não tivesse ouvido nenhum dos dois.

— No entanto, lady Door não parece ser o tipo de pessoa que muda de opinião assim tão fácil.

— Só precisamos de tempo — alegou o sr. Croup. — Podemos quebrar essa resistência dela.

— Em vários pedacinhos — acrescentou o sr. Vandemar.

Islington balançou a cabeça e abriu um sorriso cheio de clemência diante da demonstração de entusiasmo.

— Não temos tempo — explicou ao recém-chegado. — Não temos tempo. Entretanto, ela parece ser o tipo de pessoa que tomaria alguma atitude para prevenir a dor e o sofrimento de um amigo, um companheiro mortal como você, Richard...

Foi então que o sr. Croup atingiu Richard no estômago: um chute rápido e certo. Ele se curvou. Sentiu os dedos do sr. Vandemar em sua nuca, puxando-o para trás, para que ficasse de pé.

— Mas isso é errado — retrucou Door.

Islington parecia pensativo.

— Errado? — indagou, perplexo e entretido.

O sr. Croup puxou a cabeça de Richard para perto da sua e deu seu sorriso de cemitério.

— Esse aí já está tão distante de conceitos como certo e errado que não conseguiria distingui-los nem com um telescópio em uma noite sem nuvens — confidenciou. — Bem, senhor Vandemar, pode fazer as honras?

O sr. Vandemar pegou a mão esquerda de Richard. Ele agarrou o mindinho com os dedos enormes e o entortou até quebrar. Richard gritou.

O anjo se virou bem devagar. Parecia distraído. Piscou os olhos de pérola cinzenta.

— Tem mais alguém lá fora. Senhor Croup?

Um vulto negro tremulou onde o sr. Croup estivera, e ele sumiu de lá.

O marquês De Carabás estava encolhido contra a lateral do paredão de granito vermelho, observando as portas de carvalho que levavam à morada de Islington.

Planos e estratégias passavam depressa por sua mente, mas cada esquema provava-se inútil logo que era concebido. Seria melhor se já soubesse o que fazer àquela altura e estava descobrindo, para seu desgosto, que não fazia a menor ideia. Não tinha mais favores para cobrar, alavancas para empurrar ou botões para apertar, então analisou as portas e se perguntou se eram protegidas e se o anjo saberia se fossem abertas. Tinha que haver alguma solução óbvia que passara despercebida, precisava pensar com mais afinco: talvez algo viesse à sua mente. Animou-se um pouco em pensar que pelo menos tinha o elemento surpresa.

Mas pensou nisso só até sentir a ponta gelada de uma faca afiada contra sua garganta e ouvir a voz escorregadia do sr. Croup sussurrando em seu ouvido:

— Eu já matei você uma vez hoje. Tem gente que não aprende.

Richard estava algemado e acorrentado entre dois pilares de ferro quando o sr. Croup voltou, cutucando o marquês De Carabás com a faca. O anjo olhou cheio de desapontamento para o marquês e balançou de leve a cabeça lindíssima.

— Você me disse que ele estava morto — comentou.

— E está — retrucou o sr. Vandemar.

— Estava — corrigiu o sr. Croup.

A voz do anjo soou um pouco menos gentil e caridosa:

— Não gosto que mintam para mim.

— Nós nunca mentimos — retrucou o sr. Croup, contrariado.

— Mentimos, sim — corrigiu o sr. Vandemar.

O sr. Croup passou a mão encardida pelo cabelo ruivo imundo. Estava exasperado.

— É verdade. Mas não mentimos dessa vez.

A dor na mão de Richard não dava sinais de que diminuiria.

— Como você pode se comportar assim? — indagou, irritado. — Você é um anjo.

— Você se lembra do que eu falei, Richard? — perguntou o marquês, secamente.

Richard pensou por um momento.

— Você disse que Lúcifer era um anjo.

Islington deu um sorriso arrogante.

— Lúcifer? — indagou. — Lúcifer era um idiota. Acabou como senhor e mestre de absolutamente nada.

O marquês sorriu.

— E você acabou como senhor e mestre de dois capangas e uma sala cheia de velas?

O anjo umedeceu os lábios.

— Disseram que era minha punição por Atlântida. Eu disse a eles que eu não tinha mais o que fazer. Foi... — ele hesitou, como se buscasse a palavra certa — ... um infortúnio — completou, com certo remorso.

— Mas milhões de pessoas morreram — argumentou Door.

Islington uniu as mãos ao peito, como se estivesse posando para uma foto.

— Acontece — explicou, cheio de razão.

— Ah, claro que acontece — retrucou o marquês, com a voz contida, deixando a ironia implícita nas palavras, não no tom. — Cidades afundam todos os dias. E você não teve nada a ver com isso?

Era como se De Carabás tivesse removido a tampa de um recipiente repleto de coisas sombrias e distorcidas: um lugar de loucura, fúria e maldade extrema. Naquele momento de descobertas assustadoras, era a coisa mais apavorante que Richard já vira. A beleza serena do anjo caiu por terra, seus olhos brilharam, e ele gritou, descontrolado, alucinado, sem a menor sombra de dúvida na voz:

— *Eles mereceram.*

Houve um momento de silêncio. Em seguida, o anjo baixou a cabeça, soltou um suspiro e a ergueu outra vez. Então completou, em uma voz baixa e cheia de arrependimento:

— Acontece. — Ele apontou para o marquês. — Prendam-no com as correntes.

Croup e Vandemar apertaram os grilhões nos pulsos do marquês e os acorrentaram aos pilares ao lado de Richard. O anjo voltou a atenção para Door. Ele foi até a garota, esticou a mão e a pousou sobre o queixo protuberante, erguendo a cabeça de fada e a olhando nos olhos.

— Sua família — falou, baixinho. — Você vem de uma família muito inusitada. E bem impressionante.

— Então por que matou todos eles?

— Nem todos — retrucou o anjo. Richard achou que ele estivesse falando de Door, mas Islington completou: — Existia a possibilidade de você não... não se sair tão bem assim. — Ele soltou o queixo da garota e acariciou seu rosto com os dedos brancos e compridos. — Sua família consegue abrir portas. Vocês criam portas onde as portas não existem. Vocês podem abrir portas fechadas. Abrir portas que nunca deveriam ter sido abertas. — Ele percorreu os dedos delicadamente pelo pescoço de Door, como se a acariciasse, então agarrou a chave. — Quando fui sentenciado a este lugar, me deram acesso à porta da minha prisão. E tiraram a chave, mas também a esconderam em algum lugar aqui embaixo. Uma forma peculiar de tortura.

Islington puxou a corrente com delicadeza, retirando-a de sob as camadas de seda, algodão e renda, revelando a chave prateada. Acariciou o objeto, como se explorasse seus lugares secretos.

Foi aí que Richard soube:

— Os Monges Negros estavam mantendo a chave a salvo de você.

Islington soltou a chave. Door estava acorrentada ao lado da porta de sílex negra e prata escurecida. O anjo foi até ela e colocou a mão na porta, o branco de sua pele em contraste com o negrume.

— Sim, de mim — concordou Islington. — Uma chave. Uma porta. Uma abridora de portas. Note que é preciso ter os três: uma piada refinada. A ideia era que, quando decidissem que eu merecia o perdão e a liberdade, enviariam uma abridora de portas e me dariam a chave. Eu só decidi resolver as coisas por conta própria e sair um pouco mais cedo.

O anjo se virou para Door. Acariciou a chave mais uma vez. Então agarrou o objeto e puxou com força. A corrente se partiu. Door estremeceu.

— Eu falei com seu pai primeiro, Door — continuou. — Ele estava muito preocupado com o Submundo. Queria unir a Londres de Baixo, unir os feudos e os baronatos... quem sabe até forjar alguma ligação com a Londres de Cima. Eu disse a ele que o ajudaria se ele me ajudasse. Quando contei o tipo de ajuda de que precisava, ele riu de mim. — Islington recontava a história como se ainda não conseguisse acreditar. — Ele riu. De mim.

Door balançou a cabeça.

— Você matou meu pai porque ele recusou sua oferta?

— Eu não matei seu pai — corrigiu Islington, com gentileza. — Mandei matá-lo.

— Mas ele disse que eu podia confiar em você. Disse que era para eu vir até aqui. No diário.

O sr. Croup começou a rir baixinho.

— Não disse, não — revelou. — Ele nunca disse isso. Fomos nós. O que foi que ele disse, senhor Vandemar?

— Door, minha filha, não confie em Islington — declarou o sr. Vandemar, imitando com perfeição a voz do pai dela. — Islington deve estar por trás disso tudo. Ele é perigoso, Door... fique longe dele...

Islington acariciou a bochecha da garota com a chave.

— Achei que minha versão a traria mais rápido até aqui.

— Nós pegamos o diário — explicou o sr. Croup —, alteramos a entrada e o devolvemos.

— Para onde aquela porta leva? — indagou Richard.

— Para casa — respondeu o anjo.

— Para o Paraíso?

Islington não respondeu, mas sorriu como um gato que não devorou só o leite e o canário, mas também a galinha que estava guardada para o jantar e o *crème brûlée* da sobremesa.

— E você acha que não vão notar seu retorno? — zombou o marquês. — Vão só dizer: “Olha, outro anjo! Aqui, pegue esta harpa e vamos continuar

com os hosanas”?

Os olhos cinzentos de Islington brilhavam.

— As agonias da adulação, hinos, auréolas e preces de autoconhecimento não são para mim — retrucou. — Eu tenho... meus próprios planos.

— E agora você tem a chave — declarou Door.

— E também tenho você — completou o anjo. — Você é a abridora. Sem você, a chave é inútil. Abra a porta para mim.

— Você matou a família dela — interveio Richard. — E a caçou pela Londres de Baixo. Agora quer que ela abra uma porta para que você possa invadir o Paraíso? Você não é muito bom em lidar com pessoas, hein? Ela nunca fará isso.

O anjo o encarou, e seus olhos eram mais antigos que a Via Láctea.

— Que lástima — comentou, dando as costas, como se não fosse capaz de testemunhar as coisas desagradáveis que estavam prestes a ocorrer.

— Machuque-o mais um pouco, senhor Vandemar — pediu o sr. Croup. — Arranque a orelha dele.

O sr. Vandemar ergueu a mão. Estava vazia. Ele sacudiu o braço em um movimento quase imperceptível, e uma faca surgiu entre seus dedos.

— Eu avisei que um dia você descobriria o gosto do próprio fígado — lembrou a Richard. — Hoje é seu dia de sorte.

O sr. Vandemar deslizou a faca sem pressa por baixo do lóbulo auricular de Richard. Ele não sentiu dor — talvez, pensou, tivesse esgotado a cota de dor daquele dia, ou talvez a lâmina fosse afiada demais para incomodar. Mas sentiu o sangue morno pingar da orelha e escorrer pelo pescoço. Door o encarava, e aquele rosto élfico com olhos enormes cor de opala preenchiam seu campo de visão. Richard tentou enviar mensagens mentais para ela. *Agente firme. Não deixe que a forcem a fazer isso. Vai ficar tudo bem.* Então, o sr. Vandemar aplicou um pouco mais de pressão na faca, e Richard começou a gritar.

— Mande eles pararem — pediu Door. — Vou abrir essa sua porta.

Islington fez um gesto brusco, e o sr. Vandemar soltou um suspiro de lamento e baixou a faca. O sangue morno escorria pelo pescoço de Richard, fazendo uma poça no côncavo da clavícula. O sr. Croup foi até Door e abriu os grilhões da mão direita dela. A garota massageou o punho, emoldurada pelos pilares. Ainda estava acorrentada à coluna da esquerda, mas tinha alguma liberdade de movimento. Ela esticou a mão para pegar a chave.

— Lembre-se de que estou com seus amigos — declarou Islington.

Door o encarou com desprezo absoluto, a imagem cuspida e escarrada de lorde Portico.

— Me dê a chave — mandou.

O anjo entregou a chave prateada para ela.

— Não faça isso — disse Richard. — Não o liberte. Nós não somos importantes.

— Na verdade — interveio o marquês —, eu sou muito importante. Mas devo concordar: não faça isso.

O olhar dela foi de Richard para o marquês, demorando-se um pouco mais nas mãos algemadas e nas pesadas correntes que os prendiam às pilastras de ferro negro. Door parecia tão vulnerável. Ela deu as costas aos dois e avançou até onde permitia a corrente, ficando frente a frente com a porta negra de sílex e prata escurecida. Não havia fechadura. Ela apoiou a palma da mão direita sobre a porta e fechou os olhos, deixando que a porta lhe dissesse onde ficava a abertura e o que poderia fazer, encontrando as partes dentro dela que tinham relação com a porta. Quando afastou a mão, revelou uma fechadura que não existia antes. Uma luz branca emanava do outro lado da fechadura, brilhante e intensa como um raio laser na escuridão do salão iluminado apenas por velas.

Door inseriu a chave prateada na fechadura. Ela fez uma pausa e virou a chave. Ouviram um *clique*, seguido do badalar de sinos e, de repente, a porta foi emoldurada por luz.

— Quando eu for embora — anunciou o anjo, dirigindo ao sr. Croup e ao sr. Vandemar com muita calma, charme, compaixão e bondade —, mate todos eles da maneira que desejarem.

Islington se virou para a porta que Door abria; o processo era lento, como se a porta fizesse uma enorme resistência. Ela suava.

— Bem, seu empregador está partindo — comentou o marquês com o sr. Croup. — Espero que os dois tenham sido pagos integralmente.

Croup olhou para o marquês e perguntou:

— Hã?

— Vocês realmente acham que vão ver esse anjo outra vez? — interveio Richard, ainda sem entender o que o marquês estava fazendo, mas entrando no jogo.

O sr. Vandemar piscou devagar, como uma câmera antiga, e indagou:

— Hã?

O sr. Croup coçou o queixo.

— Os futuros defuntos têm razão — disse ao sr. Vandemar. Ele foi até o anjo, que aguardava de braços cruzados em frente à porta. — Senhor? Seria sábio de sua parte acertar o pagamento antes de começar o próximo estágio de suas viagens.

O anjo se virou e o olhou de cima, como se o sujeito fosse menos importante que o menor dos grãos de pó. Então se virou para o outro lado. Richard se perguntou o que Islington estaria pensando.

— Isso não importa agora — retrucou o anjo. — Em breve vocês terão todas as recompensas que puderem conceber com suas pequeninas mentes tenebrosas. Quando eu tomar meu trono.

— Antes tarde do que nunca, né? — comentou Richard.

— Não gosto de gente que chega tarde — declarou o sr. Vandemar. — Fico entediado esperando.

O sr. Croup agitou o dedo na direção do sr. Vandemar.

— Ele está querendo nos dar um calote. Ninguém dá calote no senhor Croup e no senhor Vandemar, meu caro. Nós recebemos tudo o que é devido.

O sr. Vandemar foi até o sr. Croup.

— E no valor integral — completou.

— Com juros — acrescentou o sr. Croup.

— Não pode esquecer a correção monetária — completou o sr. Vandemar.

— E o pagamento vai vir do Paraíso? — indagou Richard, atrás deles.

O sr. Croup e o sr. Vandemar foram até o anjo, que estava perdido em pensamentos.

— Ei! — chamou o sr. Croup.

A porta se abriu: apenas uma fresta, mas estava aberta. A luz transbordava pela abertura. O anjo deu um passo à frente. Parecia sonhar acordado. A luz da fenda banhava seu rosto, e ele a sorvia como vinho.

— Não temam. Quando toda a criação for minha e se reunirem ao redor do meu trono para cantar hosanas em meu nome, recompensarei os dignos e punirei os que considerar abomináveis.

Então murmurou outra coisa, bem baixinho. Richard nunca soube ao certo o quê, embora, ao se lembrar mais tarde, achasse que soava bastante como:

— O maldito do Gabriel, por exemplo.

Com esforço, Door abriu a porta inteira. Do outro lado havia uma paisagem tão intensa que cegava: um redemoinho de cores e luzes. Richard estreitou os olhos e virou a cabeça para longe do clarão, com tons de laranja lancinantes e roxos aflitivos. *O céu é assim? Parece mais o inferno.*

Então sentiu o vento.

Uma vela passou voando por cima de sua cabeça e desapareceu porta adentro. Mais uma. O ar ficou repleto de velas, todas girando e se chocando, avançando em direção à luz. Era como se toda a sala estivesse sendo sugada pela porta. Mas era mais que vento. Richard sabia disso. Seus pulsos começaram a doer onde as algemas o prendiam... era como se, de repente, ele tivesse o dobro do peso. Então sua perspectiva mudou. A porta estava inclinada para baixo: não era só o vento puxando tudo para ela. Era a gravidade. O vento era só o ar do salão sendo sugado pelo lugar do outro lado da porta. Richard ponderou sobre o que haveria do outro lado — quem sabe a superfície de uma estrela, um buraco negro em formação, ou alguma outra coisa que ele não conseguia nem imaginar.

Islington agarrou o pilar ao lado da porta e o segurou em desespero.

— Isto não é o Paraíso! — gritou, os olhos cinzentos reluzindo, os lábios perfeitos espumando. — Sua bruxa louca! O que você fez?

Door agarrava-se com tanta força às correntes que a prendiam ao pilar preto que os nós de seus dedos ficaram brancos. Havia um brilho de triunfo em seus olhos. O sr. Vandemar se agarrara ao pé de uma mesa, e o sr. Croup se agarrara ao sr. Vandemar.

— Não era a chave verdadeira — declarou a garota, triunfante, sobre o rugido do vento. — Era só uma cópia que pedi para Hammersmith fazer, no Mercado.

— Mas ela abriu a porta! — gritou o anjo.

— Não — retrucou a garota com olhos de opala, com frieza. — Eu abri uma porta. Abri uma porta para o lugar mais longe e horrível que consegui imaginar.

Todos os traços de bondade e compaixão haviam desaparecido do semblante do anjo: restava apenas o ódio mais puro, sincero e gélido.

— Vou matar você — declarou.

— Como fez com a minha família? Acho que você não vai matar mais ninguém.

O anjo estava pendurado no pilar com os dedos brancos pelo esforço, mas seu corpo estava num ângulo de noventa graus em relação ao chão, e boa parte já atravessara a porta. Era ao mesmo tempo cômico e terrível. Ele umedeceu os lábios.

— Pare! — suplicou. — Feche a porta! Posso contar onde está a sua irmã... ela ainda está viva...

Door hesitou.

E Islington foi sugado para o outro lado da porta, uma figura minúscula, desabando, encolhendo cada vez mais enquanto era puxado pelo abismo luminoso além da realidade. A pressão ficava maior. Richard rezou para que as correntes e os grilhões o segurassem: sentia seu corpo sendo sugado na direção da abertura e, de esguelha, viu o marquês pendurado pelas correntes como uma marionete sendo puxada por um aspirador de pó.

A mesa, cuja perna o sr. Vandemar segurava firme, saiu voando e ficou entalada na porta. O sr. Croup e o sr. Vandemar estavam pendurados para fora do portal. O sr. Croup, literalmente agarrado à barra do terno do sr. Vandemar, respirou fundo e começou a escalar as costas do companheiro aos poucos, botando uma mão à frente da outra. A mesa rachou. O sr. Croup olhou para Door e sorriu como uma raposa que acabara de tomar um coquetel de drogas pesadas.

— *Eu* matei sua família — declarou. — Não ele. E, agora, vou finalmente terminar o que...

Foi naquele momento que o tecido do terno escuro do sr. Vandemar se rasgou. O sr. Croup cambaleou para o vácuo, aos gritos, agarrando-se a um longo pedaço de tecido preto. O sr. Vandemar olhou para a figura do sr.

Croup, agitando-se em desespero enquanto caía para longe. Também olhou para Door, mas não havia o menor ar de ameaça em seu semblante. Ele deu de ombros, pelo menos o quanto alguém pode dar de ombros quando está agarrado a um pé de mesa para salvar a própria vida, e declarou, tranquilamente:

— Tchau, tchau.

E soltou o pé da mesa.

O sr. Vandemar mergulhou no portal em silêncio, avançando na direção da luz, sua figura diminuindo à medida que caía e se aproximava da figura diminuta do sr. Croup. Logo as duas formas viraram um único ponto minúsculo de escuridão em um mar de roxo intenso e luz laranja e branca. Então o ponto negro desapareceu. Richard achou que sua decisão de pular até que fez sentido: afinal, eram uma equipe.

Ficava cada vez mais difícil de respirar. Richard ficou tonto e desnortado. A mesa se estilhaçou e foi sugada porta adentro. Um dos grilhões se abriu, e o braço direito de Richard se soltou. Ele agarrou a corrente que prendia a mão esquerda, segurando o mais forte que podia; felizmente o dedo quebrado estava na mão ainda presa. Mesmo assim, clarões de dor vermelhos e azuis emanavam do braço esquerdo. Ouviu a si mesmo gritando de dor, ao longe.

Não conseguia respirar. Borrões de luz branca explodiam por trás de seus olhos. Sentia a corrente começar a ceder...

O som da porta negra se fechando envolveu toda a sua realidade. Ele bateu as costas com força no pilar de ferro gelado e desabou no chão. O salão no subsolo ficou imerso em silêncio — silêncio e escuridão total. Richard fechou os olhos: a escuridão era tanta que não fez a menor diferença, então abriu os olhos de novo.

O silêncio foi quebrado pela voz do marquês, que perguntou, sem rodeios:

— Então, para onde você os mandou?

Richard ouviu uma voz de garota respondendo. Sabia que deveria ser Door, mas ela soava tão jovem, como uma criancinha prestes a pegar no sono depois de um dia longo e exaustivo.

— Eu não sei... muito, muito longe... estou tão cansada. Eu...

— Door, acorde — disse o marquês.

Richard achou bom ele ter dito aquilo, afinal, alguém precisava falar, coisa que ele não lembrava mais como fazer. Ouviu um clique na escuridão: o som de um grilhão se abrindo, seguindo pelo barulho de correntes batendo no pilar de metal. E o som de um fósforo sendo riscado. Uma vela foi acesa: a chama era fraca e bruxuleante no ar rarefeito. *Brasas e velas aquecerão teu lar*, pensou Richard, sem conseguir lembrar por quê.

Segurando a vela, Door cambaleou até o marquês. Estendeu a mão, tocou as correntes, e os grilhões se abriram. De Carabás massageou os pulsos. Em

seguida, ela foi até Richard e tocou o grilhão restante, que despencou, aberto. Door suspirou e se sentou ao lado de Richard. Ele esticou o braço bom e apoiou a cabeça dela, puxando-a para bem perto. Ninou-a para a frente e para trás, bem devagar, cantarolando uma cantiga de ninar. Estava muito frio no salão vazio do anjo, mas o calor do sono logo envolveu os dois.

O marquês De Carabás observou as crianças adormecidas. A ideia de dormir, de retornar — mesmo que por um breve momento — a um estado tão assustadoramente próximo da morte o apavorava mais do que conseguia acreditar. Mas, por fim, ele também apoiou a cabeça no braço e fechou os olhos.

E não havia mais ninguém.

DEZOITO

—

LADY SERPENTINE, QUE era, à parte sua irmã Olympia, a mais velha das Sete Irmãs, avançou pelo labirinto depois da Down Street, mantendo a cabeça erguida enquanto as botas de couro branco chapinhavam na lama escura. Era, afinal, o mais longe que estivera de casa nos últimos cem anos. A governanta de cinturinha fina, vestida de couro preto dos pés à cabeça, ia na frente carregando um lampião de carruagem. Outras duas mulheres do séquito de Serpentine, vestidas de forma similar, a seguiam a uma distância respeitosa.

A cauda de renda do vestido de Serpentine arrastava-se no brejo atrás dela, mas a mulher não parecia ligar. Notou um reflexo do lampião em um ponto à sua frente, ao lado de uma forma escura e volumosa.

— Ali.

As duas mulheres que iam atrás adiantaram-se, fazendo a água do pântano respingar para todos os lados enquanto corriam; quando a governanta se aproximou, trazendo com ela um círculo oscilante de luz quente, as formas tornaram-se objetos definidos. A luz refletia em uma longa lança de bronze. O corpo de Hunter, contorcido, ensanguentado e em estado deplorável, estava jogado de costas, meio enterrado na lama, em uma poça enorme de gosma escarlate, as pernas presas debaixo do corpo da criatura gigantesca que parecia um javali. Seus olhos estavam fechados.

As ajudantes de Serpentine retiraram o corpo de debaixo da Besta e o deitaram na lama. Serpentine ajoelhou-se no brejo úmido e passou o dedo pelo rosto frio de Hunter, até chegar aos lábios manchados de sangue negro, onde se demorou por alguns instantes. Então, Serpentine se levantou.

— Tragam a lança — mandou.

Uma das aias pegou o corpo de Hunter enquanto a outra tirava a lança da carcaça da Besta e a apoiava no ombro. As quatro figuras deram meia-volta e seguiram pelo caminho de onde tinham vindo, uma procissão silenciosa nas profundezas do mundo. A luz do lampião bruxuleava, iluminando o rosto devastado de Serpentine, mas que não revelava emoção alguma, nem alegria nem tristeza.

DEZENOVE

ASSIM QUE ACORDOU, ficou um instante sem ter a menor ideia de quem era. A sensação era extremamente libertadora, estava livre para ser quem quisesse. Poderia ser qualquer um — podia experimentar qualquer identidade, ser homem ou mulher, rato ou pássaro, monstro ou deus. Então ouviu um farfalhar e terminou de acordar, descobrindo no processo que era Richard Mayhew, quem quer que fosse essa pessoa, e que não sabia onde estava.

Uma faixa de tecido rígido pressionava seu rosto. Tudo doía; alguns lugares — como, por exemplo, o dedo mindinho na mão esquerda —, mais que os outros.

Tinha alguém ali perto. Richard ouviu uma respiração e os ruídos hesitantes e suaves da pessoa que tentava ser discreta naquele mesmo cômodo. Ele ergueu a cabeça, o que o fez descobrir que mais lugares doíam. E alguns doíam demais. Pessoas cantavam ao longe, a muitos aposentos de distância. A música era tão distante e baixa que Richard sabia que pararia de ouvir se abrisse os olhos: um cântico profundo e melódico...

Abriu os olhos. Era um aposento pequeno e parcamente iluminado. Estava deitado em uma cama baixa, e o som suave que ouvira fora feito por uma figura encolhida dentro de um roupão preto, de costas para Richard. Outra figura negra espanava a sala com um espanador tão brilhante e colorido que chegava a ser incongruente.

— Onde estou? — perguntou Richard.

A figura negra quase derrubou o espanador, então se virou para ele, ansiosa, revelando um rosto marrom-escuro.

— Gostaria de um pouco de água? — indagou o Monge Negro, daquele jeito que uma pessoa perguntaria se tivesse sido instruída a oferecer água ao paciente caso ele acordasse, e passado os últimos quarenta minutos repetindo a ordem, para garantir que não esqueceria.

— Eu... — Richard notou que estava morto de sede. Sentou-se na cama.
— Sim, adoraria. Muito obrigado.

O monge despejou um pouco de água de uma garrafa velha de metal em um copo velho de metal e entregou o copo para o paciente. Richard bebericou a água bem devagar, resistindo ao impulso de virar tudo de uma vez. Era fria e cristalina e tinha gosto de diamantes e gelo.

Richard examinou o próprio corpo. Suas roupas tinham sumido. Usava um roupão comprido, exatamente como o hábito dos Monges Negros, mas cinza. O dedo quebrado estava preso em uma tala e enfaixado com cuidado. Levou um dedo à orelha: estava coberta por um gesso grudento e parecia haver pontos abaixo do curativo.

— Você é um dos Monges Negros — declarou Richard.

— Sim, senhor.

— Como cheguei aqui? Onde estão meus amigos?

O monge apontou para o corredor, ansioso, sem soltar uma só palavra. Richard saiu da cama. Olhou por baixo do roupão cinza: estava nu. O torso e as pernas estavam cobertas por diversos hematomas escuros, azuis e roxos, e pareciam ter sido besuntados com algum tipo de pomada: cheirava a xarope para tosse e torrada amanteigada. O joelho direito estava enfaixado. Perguntou-se onde estariam suas roupas. Havia um par de sandálias ao lado da cama, e ele as calçou antes de sair para o corredor. O abade vinha andando em sua direção, apoiado no braço do irmão Fuliginoso, os olhos cegos cor de pérola despontando na escuridão abaixo do capuz.

— Ah, Richard Mayhew, você despertou — comentou. — Como se sente?

Richard fez careta.

— Minha mão...

— Arrumamos o dedo. Estava quebrado. Cuidamos de seus cortes e ferimentos. E você precisava de descanso, coisa que proporcionamos.

— Onde está Door? E o marquês? Como chegamos aqui?

— Mande trazê-los até aqui — explicou o abade.

Os dois monges continuaram a andar pelo corredor, e Richard foi junto.

— Hunter — lembrou. — Vocês trouxeram o corpo dela?

O abade sacudiu a cabeça.

— Não havia corpo. Apenas a Besta.

— Ah, bem. Minhas roupas...

Chegaram à porta de uma cela muito parecida com a que Richard deixara ao acordar. Door estava sentada na beirada da cama, lendo uma cópia de *Mansfield Park* que Richard tinha certeza que os monges sequer sabiam que possuíam. A garota também usava um manto cinzento de monge, que era muito maior do que ela e causava um efeito quase cômico. Ela ergueu os olhos quando os três entraram.

— Olá — cumprimentou a garota. — Estou acordada há um tempão. Como se sente?

— Bem, acho. E você?

Door sorriu. Não foi um sorriso muito convincente.

— Um pouco abatida — admitiu.

Um barulho alto veio do corredor. Richard se virou e deu de cara com De Carabás sendo empurrado em uma cadeira de rodas antiquíssima e um

tanto frágil. Quem empurrava era um Monge Negro grandalhão. Richard se perguntou como o marquês conseguira fazer com que ser empurrado por aí parecesse nobre e valente. O marquês saudou os presentes com um enorme sorriso.

— Boa tarde, camaradas.

— Bem, agora que estamos todos aqui, precisamos conversar — disse o abade.

Ele os levou a uma sala grande aquecida por uma fogueira crepitante. Acomodaram-se ao redor de uma mesa. O abade gesticulou para que todos se sentassem. Ele tateou até encontrar uma cadeira e se sentou. Então mandou o irmão Fuliginoso e o irmão Tenebrae (que empurrava a cadeira do marquês) saírem da sala.

— Bem, vamos aos negócios — declarou o abade. — Onde está Islington?

Door deu de ombros.

— Eu o mandei para o mais longe que pude. No meio do caminho para os confins do espaço e do tempo.

— Entendi. Que bom.

— Por que você não nos alertou sobre ele? — indagou Richard.

— Não era nossa responsabilidade.

Richard bufou.

— E o que vai acontecer agora? — perguntou ele, dirigindo-se a todos.

O abade não respondeu.

— O que vai acontecer? Em que sentido? — indagou Door.

— Bem, você queria vingar sua família. E conseguiu. Enviou todos os envolvidos para algum lugar no meio do nada. Então, ninguém mais vai tentar matá-la, não é mesmo?

— Por enquanto, não — respondeu Door, séria.

— E você? — perguntou Richard ao marquês De Carabás. — Conseguiu o que queria?

O marquês assentiu.

— Acredito que sim. Paguei integralmente minha dívida com lorde Portico e lady Door me deve um favor bem grande.

Richard olhou para Door. Ela assentiu.

— E eu? — indagou.

— Bem, não teríamos conseguido sem você — declarou Door.

— Não foi isso que eu quis dizer. E aquela história de me mandar de volta para casa?

O marquês ergueu a sobrancelha.

— Quem você pensa que ela é, o mágico de Oz? Não temos como mandar você para casa. Sua casa é aqui.

— Eu tentei explicar isso a você — alegou Door.

— Tem que ter um jeito — retrucou Richard, batendo a mão esquerda na mesa com força e ênfase. Então soltou um gemido de dor, porque usar a mão com um dedo quebrado para bater na mesa não é a coisa mais sábia a se fazer. Mas o gemido saiu baixinho: afinal, já passara por coisa pior.

— Onde está a chave? — perguntou o abade.

Richard inclinou a cabeça.

— Com Door.

A garota balançou a cabeça de fada.

— Não está comigo — revelou. — Eu a enfiei de volta no seu bolso quando estávamos no Mercado. Quando você trouxe o curry.

Richard abriu a boca e a fechou. Então a abriu de novo e disse:

— Quer dizer que, quando eu disse a Croup e Vandemar que estava com a chave e que os dois podiam me revistar... estava mesmo comigo?

Door assentiu. Richard se lembrou do objeto duro que encontrara no bolso de trás, ainda na Down Street. Lembrou-se de como Door o abraçara no navio...

— Nossa — murmurou.

O abade estendeu o braço. Seus dedos marrons e enrugados agarraram um pequeno sino que estava no tampo da mesa, e ele o tocou para convocar o irmão Fuliginoso.

— Traga-me a calça do Guerreiro — mandou.

Fuliginoso assentiu e saiu da sala.

— Não sou um guerreiro — interveio Richard.

O abade abriu um sorriso simpático.

— Você matou a Besta — explicou, quase com pesar. — É o Guerreiro.

Richard cruzou os braços, exasperado.

— Então, depois de tudo isso, continuo sem poder voltar para casa, mas, como prêmio de consolação, entrei em alguma lista honorária arcaica aqui do Submundo?

O marquês parecia indiferente.

— Você não pode voltar para a Londres de Cima. Alguns indivíduos conseguem ter uma espécie de vida intermediária... você conheceu Iliaster e Lear. Mas isso é o máximo que dá para conseguir, e não é uma vida boa.

Door estendeu a mão e tocou o braço de Richard.

— Sinto muito — declarou. — Mas pense em tudo o que fez de bom. Você pegou a chave para nós.

— É, e serviu para quê? Você foi lá e forjou uma chave nova...

O irmão Fuliginoso reapareceu, trazendo a calça de Richard. Estava rasgada, coberta de lama, salpicada de sangue seco e fedida. O monge a entregou para o abade, que começou a vasculhar os bolsos. Door abriu um sorriso doce.

— Hammersmith não teria conseguido fazer uma cópia sem a original — explicou ela.

O abade pigarreou.

— Vocês são todos muito idiotas e não sabem de absolutamente nada — comentou, com delicadeza. Ele ergueu a chave prateada. O objeto brilhava à luz da fogueira. — Richard passou pela Provação da Chave. Ele é seu mestre, até que a devolva para nossa proteção. A chave tem poder.

— É uma chave para o Paraíso... — começou Richard, sem entender onde o abade queria chegar, o que ele estava tentando dizer.

A voz do velho soava profunda e melódica:

— Esta é a chave para toda a realidade. Se Richard quiser voltar para a Londres de Cima, a chave vai levá-lo para a Londres de Cima.

— Simples assim? — indagou Richard.

O velho assentiu com a cabeça cega escondida sob as sombras do capuz.

— Então podemos fazer isso? — pediu.

— Assim que você estiver pronto — respondeu o abade.

Os monges devolveram suas roupas, todas limpas e consertadas. O irmão Fuliginoso o guiou pela abadia, subindo uma série de escadas e degraus vertiginosos até a torre do sino. Havia um pesado alçapão de madeira no topo da torre. O irmão Fuliginoso o destrancou, e os dois empurraram a porta, entrando em um túnel estreito cheio de teias de aranhas, com degraus de metal em uma das paredes. Escalaram os degraus e subiram pelo que pareceram trezentos metros, saindo na plataforma empoeirada de uma estação do metrô.

NIGHTINGALE LANE

anunciavam as velhas placas nas paredes. O irmão Fuliginoso desejou boa sorte a Richard e disse a ele que esperasse ali, pois viriam buscá-lo, então desceu pela escada na parede e desapareceu de vista.

Richard ficou esperando sentado na plataforma por vinte minutos, se perguntando que tipo de estação seria aquela: não parecia nem abandonada como a do Museu Britânico, nem de verdade, como a Blackfriars — parecia uma estação fantasma, um lugar imaginário, esquecido e estranho. Perguntou-se por que o marquês não tinha se despedido. Richard perguntou a Door, ela respondeu que não sabia, mas que talvez despedidas fossem mais uma das coisas nas quais o marquês não era muito bom, como confortar pessoas. Então alegou que um cisco caíra em seu olho, entregou a Richard um papel com instruções e foi embora.

Algo tremulou na escuridão do túnel: era branco. Era um lenço preso a uma vara.

— Olá? — chamou Richard.

A figura rotunda e envolta em penas do Velho Bailey saiu do escuro, parecendo constrangida e indisposta. Ele agitava o lenço que Richard lhe dera, suando em bicas.

— É a minha bandeirinha — explicou, apontando para o lenço.

— Fico feliz que seja útil.

O Velho Bailey abriu um sorriso inseguro.

— Certo. Só queria dizer uma coisa. Trouxe um negócio para você. Aqui está.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma pena preta e comprida, com reflexos azuis, roxos e verdes. Havia um fio vermelho enrolado na ponta.

— Ah. Bem, obrigado — respondeu Richard, sem saber ao certo o que fazer com aquilo.

— É uma pena — explicou o velho. — E das boas. Uma lembrancinha. De souvenir. Para você guardar. E é de graça. Um presente. Uma forma de agradecimento.

— Ah. Sim. Bem, muita gentileza sua.

Richard guardou a pena no bolso. Um vento morno soprou pelo túnel: um trem se aproximava.

— Deve ser o seu trem — comentou o Velho Bailey. — Eu não pego trens. Prefiro mil vezes um bom telhado.

Ele apertou a mão de Richard e foi embora.

O trem chegou à estação, os faróis apagados e a cabine de controle vazia. A embarcação da vez: todos os vagões estavam escuros, e nenhuma porta se abriu. Richard bateu na porta à sua frente, torcendo para ser a certa. A porta se arreganhou, inundando a estação imaginária com uma luz amarelada e quente. Dois velhinhos baixinhos, carregando duas trombetas cor de cobre, desceram do trem e pisaram na plataforma. Richard os reconheceu: Dagvard e Halvard, da Corte do Conde. Só não conseguia lembrar, se é que algum dia soube, quem era quem. Os dois levaram as trombetas às bocas e tocaram uma fanfarra mal executada, mas de coração. Richard embarcou no trem, e eles entraram atrás.

O Conde estava sentado no fundo do vagão, acariciando um gigantesco wolfhound irlandês. O bobo da corte — *acho que o nome dele é Toley*, pensou Richard — estava de pé ao lado do trono. Sem contar eles e os dois soldados, o vagão estava deserto.

— Quem é? — perguntou o Conde.

— É ele, meu senhor — respondeu o bobo. — Richard Mayhew. O homem que matou a Besta.

— O Guerreiro? — O Conde coçou a barba ruiva e grisalha, pensativo.

— Traga-o até aqui.

Richard foi até a cadeira do Conde, que o encarou de cima a baixo com pesar, e não demonstrou qualquer indicação de que sequer se lembrava de tê-lo conhecido antes.

— Achei que você seria mais alto — comentou, depois de um tempo.

— Peço desculpas.

— Bem, é melhor acabarmos logo com isso. — O velho se levantou e anunciou para o vagão vazio: — Boa noite. Estamos aqui para honrar o jovem Mayflower. O que foi mesmo que o bardo disse? — Então recitou, em um ribombar rítmico e cheio de aliterações: — *Eis os cortes escarlates na carcaça/ Iminente é a queda do inimigo/ Diante do destemido defensor/ Grande é entre os garotos...* Mas ele não é bem um garoto, é, Tooley?

— Não muito, Vossa Graça.

O Conde estendeu a mão.

— Me dê sua espada, garoto.

Richard levou a mão ao cinto e puxou a faca que Hunter lhe dera.

— Serve isso?

— Sim, sim — respondeu o velho, tomando a faca de suas mãos.

— Ajoelhe-se — mandou Tooley, em um sussurro alto, apontando para o piso do trem.

Richard se abaixou, apoiando-se em um joelho. O Conde tocou gentilmente com a faca em cada um de seus ombros.

— Levante-se, Sir Richard de Maybury. Com esta faca, concedo a você a liberdade do Submundo. Que você possa andar livre, sem obstáculos ou impedimentos... etc e tal... blá-blá-blá... essas coisas... — Sua voz foi minguando, levada pelo esquecimento.

— Obrigado — disse Richard. — E, para falar a verdade, é Mayhew.

Mas o trem havia parado.

— É aqui que você desce — instruiu o Conde.

Ele devolveu a faca a Richard — a faca de Hunter —, deu um tapinha em seu ombro e apontou para a porta.

O lugar onde Richard saltou não era uma estação de metrô. Ficava na superfície, e lembrava um pouco a estação St. Pancras — havia algo de grandioso e um tanto gótico na arquitetura. Mas também havia aquela característica meio errada que marcava o lugar como parte da Londres de Baixo. A luz tinha aquele tom de cinza escorrido e estranho que só aparece pouco antes do amanhecer ou momentos depois do pôr do sol, quando o mundo mergulha em um estado sombrio e fica impossível discernir a cor e a distância.

Havia um homem sentado em um banco de madeira, observando-o. Richard se aproximou com cautela, incapaz de discernir quem era na

penumbra ou de ver se era alguém que já conhecia. Ainda segurava a faca de Hunter — a sua faca —, e redobrou o aperto no cabo, buscando conforto. O homem ergueu os olhos enquanto Richard se aproximava e se levantou depressa. Ajeitou o topete, coisa que Richard só vira acontecer em adaptações de romances clássicos para a televisão. Parecia tanto cômico quanto desagradável. Richard o reconheceu; era o lorde Arauto dos Ratos.

— Ora, ora. Ah, sim — comentou o sujeito, agitado, se embolando para falar. — Só vim dizer... a garota Anaesthesia. Sem ressentimentos. Os ratos continuam seus amigos. Quanto aos arautos dos ratos... se vier até nós... vamos tratá-lo bem.

— Obrigado — respondeu Richard.

Anaesthesia vai levá-lo, pensou. Ela é descartável.

O lorde Arauto dos Ratos mexeu em alguma coisa no banco e presenteou Richard com uma mochila preta de vinil. Era muito familiar.

— Está tudo aí dentro. Tudo. Pode olhar.

Richard abriu a mochila. Todos os seus pertences estavam lá, incluindo a carteira, em cima de uma calça dobrada com cuidado. Ele fechou o zíper, jogou a mochila por cima do ombro e foi para longe do homem, sem agradecer ou olhar para trás.

Richard saiu da estação e desceu alguns degraus de pedra cinzenta.

Tudo estava quieto. Tudo estava vazio. Folhas mortas de outono voavam pela praça em uma lufada amarela, ocre e marrom, uma rajada repentina de cores opacas reluzindo sob a luz fraca. Richard atravessou a praça e desceu alguns degraus até a passagem subterrânea. Algo se moveu na semiobscuridade, e ele se virou para olhar, preocupado. Havia dez delas no corredor atrás dele, que foram deslizando em sua direção quase sem fazer barulho, produzindo apenas um farfalhar de veludo escuro e, aqui e ali, o cintilar de joias de prata. As folhas ao vento faziam muito mais barulho do que as mulheres pálidas. Elas o observavam com olhos famintos.

Ele ficou com medo. Tinha uma faca, claro, mas conseguiria lutar com ela tão bem quanto conseguiria atravessar o Tâmis com um só pulo. Torceu para que conseguisse afugentá-las com a arma, caso o atacassem. Sentiu o cheiro de lírio, madressilva e almíscar.

Lamia foi abrindo caminho até chegar à frente do grupo de Aveludadas e deu um passo à frente. Richard ergueu a faca, nervoso, lembrando-se da paixão refrescante do abraço da mulher, de como ela era agradável e fria. Lamia sorriu para ele e inclinou a cabeça com doçura. Beijou a ponta dos dedos e soprou o beijo para Richard.

Ele sentiu um calafrio. Algo estremeceu na escuridão da passagem subterrânea e, quando ele voltou a prestar atenção, não havia mais ninguém entre as sombras.

Depois da passagem subterrânea, Richard subiu alguns degraus e chegou ao topo de uma pequena colina esverdeada. Estava começando a amanhecer, e seus olhos mal distinguiam os detalhes da região ao redor: carvalhos, freixos e faias quase sem folhas, fáceis de identificar pela forma dos seus troncos. Um rio largo de águas limpas e tranquilas cortava a paisagem interiorana. Enquanto olhava ao redor, percebeu que estava em uma espécie de ilha — dois rios menores juntavam-se em um maior, separando a pequena colina do restante da campina. Então soube com toda a certeza, mesmo sem saber como, que ainda estava em Londres, mas era a Londres que existe há mais ou menos três mil anos, quem sabe até antes de a primeira pedra que compôs a primeira habitação humana ser colocada sobre outra.

Abriu o zíper da bolsa e guardou a faca ao lado da carteira. Fechou o zíper de novo. O céu começava a clarear, mas a luz era esquisita. Talvez fosse mais nova que a luz do sol com que estava acostumado — mais pura, quem sabe. Um sol vermelho-alaranjado nasceu no leste, onde um dia ficariam as docas, e Richard ficou vendo o amanhecer cair sobre as florestas e os pântanos que remetiam a Greenwich, Kent e o mar.

— Olá — cumprimentou Door.

Richard não a viu se aproximar. Ela usava roupas diferentes sob a velha jaqueta de couro: ainda remendadas, esgarçadas e organizadas em camadas, mas eram feitas de tafetá, renda e brocado. O cabelo curto e ruivo brilhava à luz do amanhecer como cobre polido.

— Olá — respondeu ele.

A garota ficou parada ao seu lado e entrelaçou os dedinhos na mão direita dele, a mão que segurava a mochila.

— Onde estamos? — perguntou Richard.

— Na maravilhosa e terrível ilha de Westminster.

Parecia que ela citava alguma passagem, mas ele achava que nunca tinha nem ouvido a frase. Puseram-se a caminhar juntos pela grama alta, úmida e esbranquiçada pela geada que se derretia. Suas pegadas deixaram um rastro verde-escuro, indicando de onde tinham vindo.

— Veja — disse Door. — Agora que o anjo se foi, tem muitas coisas para resolver na Londres de Baixo. E ficou tudo nas minhas mãos. Meu pai queria unir a Londres de Baixo... Acho que vou tentar terminar o que ele começou. — Andavam rumo ao norte de mãos dadas, para longe do Tâmis. Gaivotas brancas guinchavam, chamando do céu acima. — Richard, você ouviu o que Islington falou sobre ter mantido minha irmã viva por precaução. Posso não ser a última remanescente da minha família. E você salvou minha vida. Mais de uma vez.

Door hesitou, então desabafou de repente:

— Você foi um ótimo amigo, Richard. Eu meio que gostei bastante de tê-lo por perto. Por favor, não vá embora.

Richard apertou a mão dela de leve.

— Bem, eu também meio que gostei bastante de ter você por perto. Mas não pertenço a este mundo. Na minha Londres... bem, o máximo de preocupação que tenho são táxis apressados ou o medo de chegar atrasado ao trabalho. Eu também gosto de você. Gosto muito. Mas preciso voltar para casa.

Door o encarou com aqueles olhos de cores inusitadas, verde, azul e incandescente.

— Então nunca mais nos veremos — comentou.

— Acho que não.

— Obrigada por tudo — declarou, séria.

Então o abraçou, tão forte que os hematomas e ferimentos nas costelas doeram. Ele a abraçou de volta com a mesma intensidade, fazendo todos os machucados protestarem bem alto, mas simplesmente não se importava.

— Bem — disse Richard, depois de um tempo —, foi muito bom conhecer você.

Door piscava sem parar. Richard se perguntou se ela ia alegar que outro cisco caíra nos olhos. Mas não:

— Pronto?

Ele assentiu.

— Trouxe a chave?

Richard baixou a mochila, vasculhou o bolso de trás com a mão boa, pegou a chave e a entregou a Door. A garota a estendeu à frente do corpo, como se a inserisse em uma porta imaginária.

— Ok — disse. — É só sair andando. Não olhe para trás.

Ele começou a descer a pequena colina, afastando-se das águas azuis do Tâmisa. Uma gaivota cinzenta passou voando perto dele. Quando chegou no sopé da colina, olhou para trás. Door estava lá no alto, a silhueta emoldurada pelo sol nascente. Suas bochechas brilhavam. A luz do sol laranja reluzia na chave.

Door virou a chave com um movimento decisivo.

O mundo foi tomado pela escuridão, e um rugido grave invadiu a mente de Richard, o rosnado insano de milhares de bestas enraivecidas.

VINTE

—

O MUNDO FOI tomado pela escuridão, e um rugido grave invadiu a mente de Richard, o rosnado insano de milhares de bestas enraivecidas. Ele piscou no escuro e segurou a mochila bem firme. Pensou se teria sido tolice guardar a faca. Algumas pessoas esbarraram nele em meio à escuridão. Richard tentou ficar longe de todos. Havia degraus à sua frente, e ele começou a subir e, enquanto subia, o mundo foi se redefinindo, ganhando forma e nitidez.

O rugido era o caos do tráfego, e Richard estava saindo da passagem subterrânea da Trafalgar Square. O céu era de um azul perfeito e incólume, como uma tela de TV sintonizada em um canal sem sinal.

Era o meio da manhã de um dia quente de outubro, e ele ficou parado ali na praça, segurando a mochila e piscando contra o sol. Táxis pretos, ônibus vermelhos e carros multicoloridos rugiam e passavam depressa ao redor da praça, enquanto turistas jogavam punhados de ração para as legiões de pombos rechonchudos e tiravam fotos da Coluna de Nelson e dos leões de bronze esculpidos por Edwin Landseer. Richard andou pela praça, se perguntando se aquilo era mesmo real. Os turistas japoneses o ignoraram. Tentou falar com uma garota loira e bonita, que riu, balançou a cabeça e respondeu em um idioma que Richard pensou ser italiano, mas, na verdade, era finlandês.

Uma criancinha de sexo indeterminado encarava os pombos enquanto demolia uma barra de chocolate com a boca. Richard se ajoelhou ao lado dela.

— Hã... oi, criancinha.

A criança chupava a barra de chocolate com muita determinação e não deu a menor indicação de que reconhecia Richard como outro ser humano.

— Olá — repetiu Richard, um traço de desespero surgindo na voz. — Consegue me ver? Criancinha? Oi?

Os dois olhinhos se desviaram do chocolate e o encararam. Então, o lábio inferior da criança começou a tremer, e ela saiu correndo, agarrando-se às pernas da adulta mais próxima e gritando:

— Ma-nhê! Esse homem está me incomodando. Ele está me incomodando, mãe.

A mãe da criança se virou para Richard com uma careta magnífica.

— Por que você está incomodando Leslie? — inquiriu. — Existem lugares feitos especialmente para gente como você.

Richard começou a sorrir. Era um sorriso grande e feliz. E não iria embora nem que alguém acertasse um tijolo em sua cabeça.

— Sinto muito, muitíssimo mesmo — respondeu, sorrindo como o Gato de Cheshire.

Então, segurando a mochila, atravessou a Trafalgar Square correndo, acompanhado pelos pombos em revoada, subindo aos céus com medo.

Tirou o cartão de débito da carteira e o inseriu no caixa eletrônico. A máquina reconheceu a senha de quatro dígitos, aconselhou-o a manter o número em segredo e a não revelá-lo para ninguém e perguntou que serviço ele gostaria de utilizar. Richard selecionou o saque, e o caixa lhe deu dinheiro em abundância. Ele socou o ar com alegria. Logo depois, envergonhado, fez de conta que chamava um táxi.

O táxi parou para ele — parou mesmo! Para ele! — e Richard embarcou, sentando-se no banco com um sorriso enorme. Pediu ao taxista que o levasse até o escritório. E, quando o taxista comentou que seria mais rápido ir andando, o sorriso de Richard aumentou ainda mais e ele respondeu que não se importava. No caminho, ele pediu — praticamente suplicou — para que o motorista o bombardeasse com opiniões sobre os problemas do tráfego no centro de Londres, estabelecesse maneiras de lidar com o crime e discorresse acerca das picuinhas políticas do momento. O taxista o acusou de estar “tirando onda com a cara dele” e ficou emburrado durante toda a jornada de cinco minutos até o Strand. Richard não se importou. Deu uma gorjeta ridiculamente grande para o sujeito, apesar de tudo. Então andou até o escritório.

Quando entrou no edifício, sentiu o sorriso desaparecer do rosto. Cada degrau que subia o deixava mais ansioso, mais inseguro. E se continuasse desempregado? Que diferença fazia que criancinhas cobertas de chocolate e taxistas pudessem vê-lo, se, por algum azar da existência, continuasse invisível para os colegas de trabalho?

O sr. Figgis, segurança do prédio, ergueu os olhos da cópia de *Ninfetas safadinhas* que escondera dentro de um exemplar do *The Sun* e bufou.

— Bom dia, senhor Mayhew.

Não foi um bom-dia muito acolhedor. Era o tipo de cumprimento que indicava a total indiferença do emissor, que pouco se importava se o receptor estava vivo ou morto — ou até mesmo se era ou não dia.

— Figgis! — exclamou Richard, em deleite. — Olá para você também, senhor Figgis, segurança excepcional!

Ninguém nunca dissera qualquer coisa remotamente parecida com aquilo para o sr. Figgis, nem mesmo as mulheres nuas em seus devaneios. O sujeito encarou Richard com suspeita até ele entrar no elevador e sumir de vista, então voltou a atenção para as *Ninfetas safadinhas* — nenhuma das quais, começava a suspeitar, tinha menos de vinte e nove anos, com ou sem pirulito nas mãos.

Richard saiu do elevador e foi andando meio hesitante pelo corredor. *Tudo vai ficar bem*, disse a si mesmo, *contanto que minha mesa esteja lá. Se minha mesa estiver lá, vai ficar tudo bem*. Ele entrou no escritório grande e sem salas fechadas onde trabalhara durante os últimos três anos. Pessoas se ocupavam diante de suas mesas, falando ao telefone, vasculhando gabinetes de arquivos, tomando chá ruim e café pior ainda. Era mesmo seu escritório.

E lá estava o cubículo perto da janela, onde antes ficava sua mesa, mas que naquele momento era ocupado por um conjunto de arquivos cinza e um pé de mandioca envasado. Richard estava prestes a dar as costas e sair correndo quando alguém lhe entregou um pouco de chá em um copo de isopor.

— O retorno do filho pródigo, hein? — indagou Garry. — Toma.

— Olá, Garry — respondeu Richard. — Onde está minha mesa?

— Logo ali — respondeu o colega. — Como foi lá em Maiorca?

— Maiorca?

— Não é para lá que você sempre vai? — indagou Garry.

Estavam subindo as escadas que levavam ao quarto andar.

— Não dessa vez — respondeu Richard.

— E eu ia mesmo dizer que senti falta do bronzado.

— Pois é. Bem, você sabe... eu precisava de novos ares.

Garry assentiu. Apontou para a porta que, pelo que Richard lembrava, guardava os arquivos executivos e os suprimentos de escritório.

— Novos ares? Bem, você com certeza vai ter isso. Posso ser o primeiro a lhe dar os parabéns?

A placa na porta dizia:

R. O. MAYHEW
SÓCIO JÚNIOR

— Seu filho da mãe sortudo — comentou Garry, afetuosamente.

Ele se afastou, e Richard atravessou a porta, embasbacado. A sala não continha mais suprimentos e arquivos: tudo fora retirado, as paredes tinham sido pintadas de cinza, preto e branco, havia um carpete novo e, no centro do escritório, uma mesa grande. Ele a examinou: sem sombra de dúvidas, era sua mesa. Os trolls estavam devidamente guardados em uma das gavetas, e ele retirou todos e os organizou pelo escritório. Tinha a própria janela, com uma bela vista para o rio sujo e marrom e, ao fundo, a margem sul do

Tâmisa. Uma grande planta verde jazia em um vaso, com folhas grandes e enceradas — do tipo que parece artificial, mas não é. O computador cor de creme, velho e empoeirado fora substituído por um terminal preto muito mais moderno e estiloso, que ocupava bem menos espaço na mesa.

Richard foi até a janela e bebericou o chá, encarando o rio sujo e marrom.

— Então, tudo nos conformes?

Ele ergueu os olhos. Sylvia, a AP do DG, ágil e eficiente, estava parada na porta. Ela sorriu ao vê-lo.

— Ah, sim. Olha, preciso resolver umas coisas em casa... tem problema se eu tirar o resto do dia de folga e...

— Como preferir. Era para você só voltar amanhã mesmo.

— Sêrio? — indagou Richard. — Sei.

Sylvia franziu a testa.

— O que aconteceu com o seu dedo?

— Quebrei.

A mulher olhou para a mão dele com certa preocupação.

— Andou brigando, é?

— Eu?

Ela sorriu.

— Brincadeirinha. Aposto que prendeu em uma porta. Foi assim que minha irmã quebrou o dela.

— Não, eu entrei numa bri... — começou a admitir Richard. Sylvia ergueu uma sobrancelha. — Foi uma porta — corrigiu, com certa vergonha.

Pegou um táxi até o prédio onde morava. Ainda não tinha certeza se andar de metrô seria uma boa ideia. Ainda não. Como não tinha chave, bateu à porta e ficou mais do que desapontado quando foi aberta pela mulher que conhecera (ou melhor, não conhecera) no banheiro. Ele se apresentou como o ocupante anterior e logo esclareceu que a) ele, Richard, não morava mais lá e b) ela, a sra. Buchanan, não tinha a menor ideia do que acontecera com seus pertences. Richard fez algumas anotações, despediu-se com gentileza e pegou outro táxi para encontrar o homem do casaco de pelo de camelo.

O homem simpático de casaco de pelo de camelo não estava usando o casaco de pelo de camelo e, na verdade, pareceu bem menos simpático do que da última vez que Richard o vira. Estavam sentados no escritório do sujeito, que escutou a lista de reclamações de Richard com a expressão de alguém que acabara de engolir uma aranha viva sem querer e estava começando a senti-la se mover dentro de si.

— Bem, sim — admitiu o sujeito, depois de consultar os arquivos. — Parece que tem mesmo um problema, agora que você mencionou. Não sei como isso pode ter acontecido.

— Acho que não importa “como” — retrucou Richard, soando racional.
— O fato é que, enquanto fiquei fora por algumas semanas, você alugou meu apartamento para — ele consultou as anotações — George e Adele Buchanan. Que não têm a menor intenção de deixar o local.

O homem fechou o arquivo.

— Bem, erros acontecem. Falha humana. Infelizmente, não há nada que eu possa fazer.

O velho Richard, o homem que vivera no lar que agora pertencia aos Buchanan, teria entrado em desespero, pedido desculpas pelo incômodo e ido embora. Mas Richard falou:

— Sêrio? Não há nada que você possa fazer? Você alugou para outra pessoa uma propriedade que eu estava alugando legalmente com a sua empresa e, no processo, perdeu todos os meus móveis e pertences, e não há nada que possa fazer? Ora, eu acho, ou melhor, eu tenho certeza de que meu advogado vai concordar que há muita coisa que você possa fazer.

O homem sem o casaco de pelo de camelo fez cara de quem sentia a aranha começar a se arrastar pela garganta.

— Mas não temos nenhum outro apartamento como o seu vago naquele prédio — explicou. — Só a cobertura.

— O que vai me servir muito bem — retrucou Richard, com frieza.

O homem pareceu relaxar.

— Agora vamos tratar da compensação pela perda dos meus pertences.

O novo apartamento era muito melhor que o anterior. Tinha mais janelas, uma sacada, uma sala espaçosa e um quarto extra de verdade. Richard andou de um lado para o outro, insatisfeito. O homem sem casaco de pelo de camelo, muito a contragosto, concordara em mobiliar o apartamento com uma cama, um sofá, várias cadeiras e um aparelho de televisão.

Richard colocou a faca de Hunter na cornija da lareira.

Comprou curry para viagem no restaurante indiano do outro lado da rua, sentou-se no chão acarpetado do novo apartamento e comeu, ponderando se teria de fato comido curry tarde da noite em um mercado de rua no convés de uma canhoneira ancorada perto da Tower Bridge. Não parecia muito provável, se parasse para pensar.

A campainha tocou. Richard se levantou e atendeu a porta.

— Encontramos muitas das suas coisas, sr. Mayhew — anunciou o homem que usava outra vez o casaco de pelo de camelo. — Acabou indo parar no armazém. Certo, pessoal, levem as coisas para dentro.

Dois homenzarrões carregaram várias caixas de madeira atulhadas com as coisas de Richard e as depositaram no carpete, bem no meio da sala de estar.

— Obrigado — disse Richard.

Ele abriu a primeira caixa e desembulhou um objeto enrolado em papel: era um porta-retratos com a foto de Jessica. Encarou-a por alguns momentos, então o guardou de volta na caixa. Encontrou a caixa que continha suas roupas, tirou-as de lá e guardou-as no quarto, mas deixou as outras caixas no meio da sala de estar, intocadas. Conforme os dias passavam, sentia-se cada vez mais culpado por não desempacotá-las. Mas não o fez.

Estava no escritório, sentado à sua mesa, olhando pela janela, quando o intercomunicador tocou.

— Richard — chamou Sylvia. — O DG quer fazer uma reunião no escritório dele em vinte minutos para discutir o Relatório da Wandsworth.

— Beleza — respondeu.

Então, como não tinha nada melhor para fazer durante os próximos dez minutos, pegou um troll laranja e o usou para ameaçar um troll de cabelo verde ligeiramente menor.

— Eu sou o maior guerreiro da Londres de Baixo. Prepare-se para morrer! — exclamou, com uma voz perigosa e parecida com a de um troll, balançando o troll laranja.

Então pegou o troll de cabelo verde e respondeu, com uma voz igualmente monstruosa, mas diminuta:

— Arrá! Mas, primeiro, você deve tomar uma bela xícara de chá...

Alguém bateu à porta e, sentindo-se meio culpado, ele guardou os trolls.

— Pode entrar — gritou.

A porta se abriu, e Jessica entrou e ficou parada sob o batente. Parecia nervosa. Ele se esquecera de como ela era linda.

— Oi, Richard.

— Oi, Jess — respondeu ele, mas logo se corrigiu: — Desculpa... Jessica. Ela sorriu e balançou o cabelo.

— Ah, pode ser Jess — respondeu, parecendo bem sincera. — Jessica... Jess. Ninguém me chama assim há muito tempo. Até senti falta.

— Então, o que traz... a que devo a honra... você, hã...

— Eu só queria ver você.

Richard não sabia o que dizer.

— Que bom.

Ela fechou a porta do escritório e avançou alguns passos na direção dele.

— Richard. Sabe o que é mais estranho? Eu me lembro de ter ligado e terminado o noivado, mas não consigo lembrar muito bem por que brigamos.

— Não?

— Mas não importa, não é? — Jessica olhou para o escritório. — Você foi promovido?

— Sim.

— Fico feliz por você. — A mulher enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma caixinha marrom. Colocou-a na mesa de Richard. Ele abriu a caixa, mesmo sabendo o que havia lá dentro. — É a nossa aliança de noivado. Achei que deveria devolver, e, se as coisas derem certo, quem sabe um dia você possa me dar de novo.

A aliança reluzia ao sol: a maior fortuna que ele já gastara de uma vez só.

Richard fechou a caixa e a devolveu.

— Pode ficar, Jessica. Sinto muito.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Você conheceu alguém?

Richard hesitou. Pensou em Lamia, em Hunter, em Anaesthesia e até mesmo em Door, mas nenhuma delas era alguém no sentido que Jessica estava perguntando.

— Não. Ninguém. — E, percebendo que dizia a verdade, completou: — Eu só mudei, foi isso.

O intercomunicador zuniu.

— Richard? Estamos esperando.

Ele apertou o botão.

— Já estou descendo, Sylvia.

Richard olhou para Jessica. Ela não disse nada. Talvez temesse dizer alguma coisa. Por fim, ela saiu da sala e fechou a porta.

Richard pegou os papéis que precisaria com uma das mãos. Com a outra, esfregou o rosto como se o limpasse da mágoa, das lágrimas, ou, talvez, de Jessica.

Voltou a andar de metrô para ir e voltar do trabalho, mas logo notou que deixara de comprar jornais para ler nas jornadas matutinas e vespertinas — em vez de ler, observava os rostos das outras pessoas nos vagões, rostos de todos os tipos e cores, e se perguntava se eram mesmo todas da Londres de Cima, imaginando o que se passava por trás de seus olhos.

Alguns dias após o encontro com Jessica, durante a hora do rush da tarde, pensou ter visto Lamia no outro vagão, de costas para ele, com o cabelo escuro preso bem alto e o longo vestido negro. Seu coração começou a bater forte, e ele abriu caminho até ela pelo vagão lotado. Enquanto se aproximava, o trem parou em uma estação, as portas se abriram com um sibilo, e ela desceu. Mas não era Lamia. Só outra gótica londrina saindo para a noite, percebeu, desapontado.

Em uma tarde de sábado, viu um enorme rato marrom parado no topo das latas de lixo nos fundos da Newton Mansions, limpando os bigodes como se fosse o dono do mundo. Quando Richard se aproximou, o animal saltou para o chão e ficou esperando nas sombras das latas de lixo, encarando-o com os olhos negros e preocupados que lembravam missangas.

Richard se agachou.

— Olá — cumprimentou, com gentileza. — A gente se conhece? — O rato não pareceu emitir qualquer resposta, pelo que Richard foi capaz de notar, mas também não fugiu. — Meu nome é Richard Mayhew — continuou, em voz baixa. — Na verdade, não sou um arauto dos ratos, mas... hã, conheço alguns ratos e... bem, conheci alguns e estava pensando se você conhece lady Door...

Ouviu um sapato se arrastar no pavimento atrás dele e virou-se, vendo que os Buchanan o encaravam, perplexos.

— Você... perdeu alguma coisa? — perguntou a sra. Buchanan.

Richard ouviu, mas ignorou, quando o marido resmungou em resposta:

— Só a noção.

— Não — respondeu Richard, honestamente. — Estava só cumprimentando um...

O rato saiu em disparada.

— Aquilo era um rato? — indagou George Buchanan. — Vou reclamar com o condomínio. Que desgraça. Mas assim é a nossa Londres, não é mesmo?

Sim, concordou Richard. Era. Era mesmo.

Seus pertences continuavam intocados nas caixas de madeira no meio da sala de estar.

Ainda não ligara a televisão. Voltava para casa de noite e jantava, então ficava de pé na janela, observando Londres, os carros, os telhados e as luzes enquanto o crepúsculo do outono se transformava em noite e as luzes pontilhavam toda a cidade. Ficava olhando até as luzes começarem a ser apagadas, sozinho no apartamento escuro. Eventualmente, depois de muito relutar, tirava a roupa, deitava na cama e dormia.

Sylvia foi até seu escritório na tarde de sexta-feira. Richard estava abrindo envelopes com sua faca — a faca de Hunter.

— Richard? Eu estava aqui pensando... Você não tem saído muito ultimamente, não é? — Ele balançou a cabeça. — Então, o pessoal vai sair hoje à noite. Quer ir com a gente?

— Hã... Claro. Sim. Seria ótimo.

Seria um saco.

Eram oito pessoas: Sylvia e o namorado mais novo, que trabalhava com carros retrô; Garry, da contabilidade, que acabara de terminar com a namorada por algo que ele insistia em descrever como leve desentendimento (Garry achava que ela não fora tão compreensiva quanto esperava ao descobrir que ele tinha dormido com a melhor amiga dela); várias pessoas perfeitamente legais e os amigos dessas pessoas legais; além da menina nova da informática.

Primeiro viram um filme no Odeon, na Leicester Square. O mocinho ganhou, e havia muitas explosões e objetos voando para todos os lados. Sylvia decidiu que Richard deveria se sentar ao lado da garota da informática, pois, como explicou, ela acabara de chegar na empresa e não conhecia muita gente.

Andaram até a Old Compton Street, na fronteira do Soho, onde o cafona e o chique ficavam lado a lado, em um acordo de mútuo benefício, e comeram no La Reache — encheram a pança de cuscuz e de dezenas de aperitivos maravilhosos e exóticos cujos muitos pratos cobriram a mesa e transbordaram para a do lado. De lá, andaram até um pequeno pub de que Sylvia gostava muito, perto da Berwick Street, onde tomaram uns drinques e bateram papo.

A menina nova da informática sorria muito para Richard, conforme a noite avançava, e ele não tinha muito o que dizer a ela. Pagou uma rodada de bebida para todos, e a menina da informática o ajudou a carregar os copos até a mesa. Garry foi ao banheiro, e a garota da informática se sentou ao lado de Richard, tomando o lugar dele. Richard sentia a cabeça cheia de tilintar dos copos, do barulho da caixa de música e do cheiro forte de cerveja, Bacardi derramado e fumaça de cigarro. Tentou ouvir as conversas ao redor da mesa e notou que não conseguia mais se concentrar no que as pessoas diziam e, para piorar, não estava nem um pouco interessado no pouco que conseguia compreender.

Então, tudo ficou claro, tão claro e definitivo como se tivesse assistido à cena na telona do Odeon, na Leicester Square: via o resto de sua vida. Naquela noite, levaria a garota da informática para casa e fariam amor com muita delicadeza; no dia seguinte, como era um sábado, passariam a manhã na cama. Sairiam da cama e, juntos, desencaixotariam as coisas de Richard e guardariam tudo. Em pouco menos de um ano, ele se casaria com a garota da informática, receberia outra promoção, e eles teriam dois filhos: um menino e uma menina. Então se mudariam para os subúrbios, para Harrow, Croydon, Hampstead ou até mesmo a distante Reading.

E não seria uma vida ruim. Também sabia disso. Às vezes, não há nada que se possa fazer.

Quando Garry voltou do banheiro, olhou ao redor perplexo. Todo mundo continuava lá, exceto...

— Dick? — chamou. — Alguém viu Richard?

A garota da informática deu de ombros.

Garry saiu do bar, que ficava na Berwick Street. O frio da noite batia em seu rosto como se tivessem jogado água. Sentia o gosto de inverno no ar.

— Dick? — chamou. — Ei? Richard?

— Aqui.

Richard estava encostado em um muro, nas sombras.

— Estou só tomando um ar.

— Tudo bem?

— Sim — respondeu Richard. — Não. Não sei.

— Bem, acho que isso cobre todas as opções. Quer conversar?

Richard o encarou, muito sério.

— Você vai rir da minha cara.

— Eu vou fazer isso de qualquer maneira.

Richard olhou para Garry. E Garry ficou aliviado em vê-lo sorrir, como uma confirmação de que ainda eram amigos. Ele olhou de volta para o pub. Então enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Vamos lá — pediu. — Vamos dar uma volta. Você tira esse peso das costas, e *aí* eu rio da sua cara.

— Idiota — retrucou Richard, soando muito mais como o Richard que ele conhecia do que o Richard das últimas semanas.

— É para isso que servem os amigos.

Eles começaram a caminhar sob as luzes dos postes.

— Sabe, Garry — começou Richard —, você já parou para pensar se a vida é só isso?

— Como assim?

Richard fez um gesto vago, indicando tudo ao redor.

— Trabalho. Casa. Bares. Conhecer mulheres. Morar na cidade. A vida. Será que é só isso?

— Acho que é bem por aí, sim.

Richard bufou.

— Bem, para começo de conversa, eu não fui para Maiorca. Sério. Não fui *mesmo*.

Richard ia falando enquanto andava pelas ruas movimentadas dos fundos do Soho, entre a Regent Street e a Charing Cross Road. Falou e falou,

começando pela história de como encontrou uma garota sangrando na calçada e tentou ajudá-la, já que não tinha como deixá-la lá, largada, e o que acontecera em seguida. E, quando ficou frio demais para andar, entraram em um café mequetrefe vinte e quatro horas. Até que era arrumadinho, do tipo que cozinha tudo em gordura de porco e servia chá em canecas brancas e grandes com lasquinhas na cerâmica, reluzindo por causa da gordura de bacon. Richard e Garry procuraram um lugar para sentar enquanto Richard falava e Garry ouvia, então pediram ovos fritos, *baked beans* e torradas e comeram tudo enquanto Richard continuava a falar e Garry continuava a ouvir. Esfregaram torrada no restinho de gema mole. Beberam mais chá até que, por fim, Richard falou:

— ... aí Door fez alguma coisa com a chave, e eu voltei para cá. Para a Londres de Cima. Bem, a Londres de verdade. O resto você já sabe.

Ficaram em silêncio.

— Foi isso — concluiu Richard. E terminou o chá.

Garry coçou a cabeça.

— Ei — começou a dizer, depois de um tempo —, isso é verdade? Não é uma daquelas pegadinhas sem graça? Quer dizer, não vai aparecer alguém segurando uma câmera escondida, saindo de trás da mesa, e dizer que é uma pegadinha, né?

— Eu sinceramente espero que não — retrucou Richard. — Você... você acredita em mim?

Garry olhou para a conta em cima da mesa, contou suas moedas e as colocou sobre a superfície de fórmica, ao lado do pote de plástico de ketchup com o formato de um tomate de proporções exageradas e restos de molho duro na tampa.

— Bem, eu acredito que *alguma* coisa aconteceu com você, obviamente... Olha, vou ser direto: *você* acredita?

Richard o encarou. Tinha círculos escuros ao redor dos olhos.

— Se eu acredito? Não sei. Acreditei. Estive lá. Em dado momento, você até apareceu, sabe.

— Você não tinha mencionado isso.

— Foi uma parte bem assustadora. Você me disse que eu estava maluco, alucinando enquanto perambulava por Londres como um doido varrido.

Saíram do café e seguiram na direção de Piccadilly Circus.

— Bem, convenhamos que isso faz muito mais sentido do que sua Londres mágica e subterrânea, onde vão parar as pessoas que caem pelas fendas. Já passei pelas pessoas que caíram e foram esquecidas pela sociedade, Richard: elas dormem nas portas das lojas lá perto da Strand Street. E não vão para uma Londres especial. Elas congelam e morrem durante o inverno.

Richard não respondeu.

— Acho que você pode ter levado uma pancada na cabeça — continuou Garry. — Ou sofrido algum choque quando levou o fora de Jessica. Você

pirou por um tempo. Aí melhorou.

Richard sentiu um calafrio.

— Sabe o que mais me assusta? Acho que você pode estar certo.

— E daí que a vida não é empolgante? — continuou Garry. — Beleza. Eu consigo viver com o tédio. Pelo menos sei onde vou comer e dormir hoje à noite. Ainda terei meu emprego na segunda. Não é?

Ele se virou para Richard, que assentiu, hesitante.

— É.

Garry olhou para o relógio.

— Caramba! — exclamou. — Já passou das duas. Espero que ainda tenha algum táxi passando por aqui.

Andaram pela Brewer Street, onde o Soho fazia fronteira com a Piccadilly, passaram pelas luzes dos bordéis e clubes de strip-tease. Garry reclamava dos táxis. Não dizia qualquer coisa original, muito menos interessante. Simplesmente cumpria sua obrigação, como todo londrino, de reclamar dos táxis:

— ... e estava com a luz acesa e tudo mais — ia dizendo. — Eu falei para onde queria ir, e ele respondeu: “Me desculpe, mas estou indo para casa.” E eu falei: “Onde é que vocês, taxistas, moram, afinal? E por que não é mais perto de mim?” O truque é entrar no táxi primeiro, e só então dizer que você mora ao sul do rio. Tipo, e o que ele queria dizer com isso? Do jeito que dirigiu até Battersea, parecia que seria o mesmo que ir até Katmandu...

Richard parou de prestar atenção. Quando chegaram à Great Windmill Street, ele atravessou a rua e examinou a vitrine da *Revistaria Vintage*, examinando as caricaturas de estrelas de cinema esquecidas, os velhos cartazes e as revistas de quadrinhos em exibição. Um vislumbre de um mundo de aventura e imaginação. E não era real. Disse isso a si mesmo.

— E aí, o que você acha? — indagou Garry.

Richard voltou ao presente com um solavanco.

— De quê?

Garry percebeu que Richard não ouvira uma palavra do que ele havia dito. Então repetiu:

— Se não encontrarmos um táxi, podemos pegar o ônibus noturno.

— Sim — concordou Richard. — Beleza. Sem problemas.

Garry fez careta.

— Você está me deixando preocupado.

— Desculpa.

Desceram a Great Windmill Street na direção da Piccadilly. Richard enfiou as mãos bem fundo nos bolsos. Ficou perplexo por um instante e tirou uma pena negra e amassada de corvo, com uma linha vermelha amarrada ao redor da ponta.

— O que é isso? — perguntou Garry.

— É uma... — Hesitou. — É só uma pena. Você tem razão. É lixo.

Ele jogou a pena na sarjeta e não olhou para trás.

Garry hesitou. Então sugeriu, escolhendo as palavras com cuidado:

— Já pensou em procurar um médico?

— Procurar um médico? Olha, Garry, eu não estou louco.

— Tem certeza?

Um táxi se aproximou com a luz de serviço acesa.

— Não — respondeu Richard, sinceramente. — Olha, um táxi. Pode pegar. Eu espero o próximo.

— Obrigado.

Garry fez sinal e entrou antes de dizer ao motorista que queria ir para Battersea. Ele baixou o vidro enquanto o táxi saía e disse:

— Richard... essa é a realidade. Acostume-se a ela. É tudo que existe. A gente se vê na segunda.

Richard acenou para Garry e ficou olhando o táxi partir. Então deu a volta e caminhou para longe das luzes da Piccadilly, subindo a Brewer Street outra vez. A pena não estava mais na sarjeta. Richard parou ao lado de uma velha que dormia um sono pesado na porta de uma loja. Ela estava enrolada em um cobertor velho, e suas poucas posses — duas caixas de papelão cheias de tralhas e um guarda-chuva sujo que já fora branco — estavam amarrados ao pulso por um barbante, assim ninguém poderia roubá-los enquanto ela dormia. A velha usava um gorro de lã sem cor determinada.

Richard pegou a carteira, achou uma nota de dez libras e inclinou-se para enfiar a nota dobrada na mão da mulher. A velha abriu os olhos e acordou com um susto. Ela piscou ao ver o dinheiro com seus olhos velhos.

— O que é isso? — indagou, sonolenta, irritada por ter sido acordada.

— É para você — respondeu Richard.

Ela desdobrou o dinheiro e o guardou na manga da jaqueta.

— Quequívocêquê? — perguntou, cheia de suspeitas.

— Nada — respondeu Richard. — Sério, não quero nada. Mesmo. — Então percebeu como era real aquela frase; quão terrível a situação havia se tornado. — Você já teve tudo que sempre quis? Aí percebeu que não era o que queria?

— Não que eu lembre — respondeu a mulher, limpando a remela do canto dos olhos.

— Eu achei que quisesse isso — contou Richard. — Achei que quisesse uma vida normal e tranquila. Sabe, talvez eu esteja doido. Talvez. Mas se isso é tudo que há, então não quero ser são. Sabe? — A mulher balançou a cabeça. Ele enfiou a mão no bolso interno do casaco. — Está vendo isso? — perguntou, mostrando a faca. — Hunter me deu isso ao morrer.

— Não me machuque — pediu a velha. — Eu não fiz nada.

Havia uma intensidade estranha em sua voz, quando ele continuou:

— Eu limpei o sangue dela da lâmina. Um caçador cuida de suas armas. O Conde me sagrou cavaleiro com isso aqui. Ele me concedeu a liberdade

do Submundo.

— Não sei de nada disso — respondeu a velha. — Por favor. Guarde essa faca. Isso, bom menino.

Richard ergueu a faca. Então se lançou contra o muro de tijolos ao lado da porta na qual a mulher dormia. Cortou três vezes, riscando o muro: uma na horizontal e duas na vertical.

— O que você está fazendo? — perguntou a mulher, preocupada.

— Uma porta.

Ela bufou.

— É melhor guardar isso. Se a polícia vir, vão levar você preso.

Richard olhou para o desenho da porta que rabiscara na parede. Guardou a faca no bolso e começou a dar socos na parede.

— Ei — gritou. — Tem alguém aí? Alguém me escuta? Sou eu... Richard. Door? Alguém?

Ele machucou as mãos, mas continuou batendo, castigando a alvenaria.

Quando a loucura o deixou, ele parou de bater.

— Desculpa — pediu à velha.

Ela não respondeu. Voltara a dormir, ou, o que era mais provável, fazia de conta que voltara a dormir. Roncos senis, reais ou inventados, vieram de perto do batente. Richard sentou-se na calçada e se perguntou como alguém conseguia bagunçar tanto a própria vida como ele acabara de fazer. Então olhou outra vez para a porta que desenhara na parede.

Havia um buraco em forma de porta na parede, onde ele riscara com a faca. Um homem estava ali parado, com os braços dobrados de forma teatral. Ele ficou lá até ter certeza de que Richard o vira. Então deu um bocejo exagerado, cobrindo a boca com a mão escura.

O marquês De Carabás ergueu uma sobrancelha.

— E aí? — indagou, irritado. — Você vem ou não?

Richard o encarou por um milésimo de segundo.

Então assentiu, sem confiar no que poderia dizer, e se levantou. Eles foram embora juntos, passando pelo buraco na parede, de volta à escuridão, sem deixar nada para trás; nem mesmo uma porta.

UMAS COISINHAS A MAIS...

—

UM PRÓLOGO COMPLETAMENTE DIFERENTE, QUATROCENTOS ANOS ANTES

ERAM MEADOS DO século XVI e chovia na Toscana: uma chuva fria e incômoda que deixava o mundo acinzentado.

Um borrão de fumaça preta se erguia para o céu da manhã, vinda do pequeno mosteiro na colina.

Dois homens estavam sentados lá, observando o edifício que começava a pegar fogo.

— Será uma ótima conflagração, senhor Vandemar — comentou o menor dos dois, apontando para a fumaça com a mão sebossa. — Assim que terminar de conflagrar. Embora minha enorme consideração com a verdade possa me compelir a confessar minhas dúvidas quanto às chances de que algum dos habitantes esteja em posição de apreciar este fato de forma plena.

— Por estarem mortos, você quer dizer, senhor Croup? — perguntou o outro.

Ele comia algo que parecia já ter sido um cachorrinho, usando a faca para cortar pedaços volumosos da carcaça e enfiá-los na boca.

— Sim, por estarem mortos, como o senhor pontuou de forma tão erudita, meu sapiente amigo.

Para se diferenciar os dois interlocutores, é preciso observar: primeiro, o sr. Vandemar é cinco palmos mais alto que o sr. Croup.

Segundo, o sr. Croup tem olhos de porcelana azul desgastada, enquanto os do sr. Vandemar são castanhos.

Terceiro, o sr. Vandemar usa na mão direita anéis confeccionados com os crânios de quatro corvos bem avantajados, enquanto o sr. Croup não ostenta joias visíveis.

E, quarto, o sr. Croup aprecia palavras, enquanto o sr. Vandemar está sempre com fome.

Com uma lufada de ar quente, o monastério ficou imerso em chamas: conflagrou-se.

— Não me chame de sapiente. Eu não gosto de sapos — pediu o sr. Vandemar. — Sapos têm gosto estranho.

Alguém gritou; os dois ouviram um barulho bem alto quando o telhado desabou; o estrondo das chamas aumentou.

— Alguém não estava morto — comentou o sr. Croup.

— Agora está — disse o sr. Vandemar, comendo outra fatia de cachorrinho cru. Encontrara seu almoço largado em uma vala, morto, no caminho de volta do monastério. Ele gostava do século XVI. — O que faremos depois disso?

O sr. Croup sorriu, exibindo dentes que lembravam um cemitério depois de um terremoto.

— Cerca de quatrocentos anos no futuro — respondeu. — Na Londres de Baixo.

O sr. Vandemar digeriu a ideia com mais um pouco do cachorrinho. Depois de um tempo, perguntou:

— Matar pessoas?

— Ah, sim — respondeu o sr. Croup. — Creio que posso garantir isso com plena certeza.

COMO O MARQUÊS RECUPEROU SEU CASACO

Comecei esta história em 2002 e parei de escrever quase que na mesma hora. Sempre quis voltar a ela, mas nunca o fiz.

Em 2013, a Radio 4 da BBC transmitiu uma adaptação de Lugar Nenhum. Foi adaptada por Dirk Maggs e estrelada por James McAvoy, Natalie Dormer e Benedict Cumberbatch. Eles enviaram uma versão para que eu ouvisse.

É maravilhosa, pensei. Queria que tivesse mais material.

Então, terminei a história sobre o marquês e seu casaco. No livro que você acabou de ler, ela se passa pouco depois de o marquês perder o casaco e a vida.

Foi bom retornar. Foi bom finalmente reencontrar personagens que imaginei pela primeira vez há mais de vinte anos. E você pode achar que isso me deu uma vontade danada de retornar à Londres de Baixo. E deu, um pouco.

Mas, muito em breve, vai chegar a hora de retornar para uma jornada muito maior.

Neil Gaiman

ERA LINDO. NOTÁVEL. Único. Era o motivo para o marquês De Carabás estar acorrentado a um poste no meio de uma sala circular, nas profundezas mais profundas do Submundo, enquanto o nível da água subia lentamente, cada vez mais. Tinha trinta bolsos, sete bem evidentes e dezenove escondidos, além de outros quatro mais ou menos impossíveis de serem encontrados — de vez em quando, até pelo próprio marquês.

Certa vez (retornaremos ao poste, à sala e à água na hora certa), ganhara — embora o termo *ganhar* possa ser considerado exagero de uma fatalidade, mesmo que justificada — uma lente de aumento da própria rainha Vitória. Era uma peça maravilhosa: ornamentada, dourada, com uma corrente de gárgulas e pequenos querubins, e a lente tinha a habilidade inusitada de tornar transparente qualquer coisa observada através dela. O marquês não sabia onde Vitória conseguira aquela lente de aumento, mas mesmo assim aceitara como uma compensação que não tinha muita certeza se fora ou não acordada — afinal, havia apenas um Elefante, e obter o diário do Elefante não fora fácil, assim como não fora fácil escapar do Elefante e do Castelo, logo que o obteve. O marquês deslizara a lente de aumento de Vitória para dentro de um dos quatro bolsos que praticamente não existiam e nunca mais conseguiu encontrá-la.

Além dos bolsos inusitados, tinha mangas magníficas, um colarinho imponente e uma fenda nas costas. Era feito de algum tipo de couro, tinha cor de rua molhada à meia-noite e, acima e além disso tudo, tinha estilo.

Há quem diga que as roupas fazem o homem, mas eles estão enganados. Entretanto, seria perfeitamente correto dizer que, quando o garoto que se tornaria o marquês vestiu aquele casaco pela primeira vez e encarou seu reflexo no espelho, empertigou-se na mesma hora — sua postura mudou porque ele sabia, vendo aquele reflexo, que o tipo de pessoa que usava um casaco como aquele não poderia ser um jovem qualquer, muito menos um batedor de carteiras ou mercador de favores. O garoto que vestiu o casaco, na época grande demais, sorriu para o próprio reflexo e se lembrou de uma ilustração que vira em um livro: o gato de um moleiro erguido nas patas traseiras. Um gato viajante que usava um casaco elegante e botas grandes e portentosas. E foi assim que deu um nome a si mesmo.

Sabia que um casaco como aquele só poderia ser usado pelo marquês De Carabás. Nunca soube ao certo, seja naquela época ou depois, como pronunciar marquês “De Carabás”. Tinha dias que dizia de um jeito, tinha dias que dizia de outro.

A água chegou a seus joelhos, e ele pensou: *Nada disso teria acontecido se eu ainda tivesse meu casaco.*

Era dia de Mercado Flutuante depois da pior semana da vida do marquês, e as coisas não pareciam prestes a melhorar. No entanto, ele não estava mais morto, e a garganta cortada estava melhorando depressa. Até considerava bastante atraente a rouquidão causada pelo corte. Tinha lá suas vantagens.

Mas havia desvantagens óbvias em morrer, ou, pelo menos, em passar um tempo morto, e perder o casaco era a pior delas.

O Povo do Esgoto não foi de muita ajuda.

— Vocês venderam meu corpo — alegou o marquês. — Essas coisas acontecem. Vocês também venderam meus pertences. Quero tudo de volta. Eu pago.

Dunnikin, do Povo do Esgoto, deu de ombros.

— Vendemos — respondeu. — Assim como vendemos você. Não podemos sair por aí pegando de volta as coisas que vendemos. Não é bom para os negócios.

— Estamos falando do meu casaco — retrucou o marquês. — E estou decidido a recuperá-lo.

Dunnikin deu de ombros.

— Para quem você vendeu? — perguntou o marquês.

O homem não respondeu. Agiu como se não tivesse ouvido a pergunta.

— Posso lhe dar perfumes em troca — ofereceu o marquês, ocultando a irritação com toda a gentileza que conseguiu reunir. — Perfumes gloriosos, magníficos e cheirosos. Você sabe que quer.

Dunnikin encarou o marquês com um rosto de pedra. Então passou o dedo pela garganta. Em termos de gestos, refletiu o marquês, aquele foi de muito mau gosto. Ainda assim, surtiu o efeito desejado. De Carabás parou de fazer perguntas: não encontraria mais respostas ali.

O marquês foi até a ala das barraquinhas de comida. Naquela noite, o Mercado Flutuante acontecia na Tate Gallery. As barraquinhas de comida estavam no salão Pré-Rafaelita, e a maioria das tendas já estava desmontada. Quase não havia mais mercadorias expostas, apenas um sujeito deprimente vendendo algum tipo de linguiça lá no canto, debaixo da pintura de Burne-Jones que retratava moças em roupões transparentes descendo escadas. Alguns membros do Povo dos Cogumelos ainda estavam nas barracas, com os banquinhos, a bancada e uma grelha. O marquês já comera a linguiça do homem deprimente, e ele tinha a política estrita de nunca repetir o mesmo erro, pelo menos não intencionalmente. Portanto, foi até a venda do Povo dos Cogumelos.

Havia três deles tomando conta da barraca, dois jovens e uma garota. Cheiravam a umidade. Usavam casacos de campanha e jaquetas militares e espiavam por trás de cabelos sebosos, como se a luz machucasse seus olhos.

— O que estão vendendo? — perguntou o marquês.

— O Cogumelo. O Cogumelo com torrada. Cru é o Cogumelo.

— Quero um pouco do Cogumelo com torrada — declarou o marquês, e um dos membros do Povo dos Cogumelos, uma jovem pálida, magra e cor de mingau amanhecido, cortou uma fatia do fungo do tamanho de um toco de árvore. — E quero cozido e bem-passado.

— Seja valente. Coma cru — sugeriu a garota. — Junte-se a nós.

— Eu já me aventurei com o Cogumelo — retrucou o marquês. — Nós dois chegamos a um acordo.

A mulher colocou a fatia de cogumelo na grelha portátil.

Um dos garotos, um jovem alto com ombros arqueados e um casaco de campanha que cheirava a porão antigo, inclinou-se para perto do marquês e serviu um copo de chá de cogumelo. Ele se aproximou ainda mais, e o marquês notou uma pequena muda de cogumelos pálidos espalhados como espinhas sobre sua bochecha.

O sujeito Cogumelo perguntou:

— Você é De Carabás? O facilitador?

O marquês não se considerava um facilitador.

— Sim — respondeu.

— Ouvi dizer que está procurando o seu casaco. Eu estava presente quando o Povo do Esgoto o vendeu. Foi no começo do último Mercado. No *Belfast*. Vi quem comprou.

O marquês sentiu os pelos da nuca se eriçarem.

— E o que quer em troca dessa informação?

O jovem Cogumelo umedeceu os lábios com uma língua liquenácea.

— Eu gosto de uma garota, mas ela nem olha para mim.

— Uma garota Cogumelo?

— Quem dera eu tivesse tamanha sorte. Se fôssemos um no amor e no corpo do Cogumelo, não precisaria me preocupar. Não. Ela é da Raven's Court. Mas, de vez em quando, come aqui. E nós conversamos. Que nem eu e você estamos fazendo.

O marquês não abriu um sorriso de pena nem se retraiu. Praticamente nem reagiu.

— E, mesmo assim, ela não retribui seu ardor. Que estranho. O que quer que eu faça a respeito?

O jovem enfiou a mão cinzenta no bolso do longo casaco de campanha e pegou um envelope, que estava dentro de um saco transparente.

— Escrevi uma carta para ela. É mais um poema, por assim dizer, embora eu não seja um bom poeta. É para dizer como eu me sinto. Mas não sei se ela vai ler, se eu entregar. Aí vi você e pensei: se você entregasse esse poema para ela, com todas as suas palavras elegantes e floreios chiques...

— Você acha que assim ela leria e ficaria mais aberta a seus gracejos.

O jovem encarou o marquês, perplexo.

— Gracejos? Mas eu não quero que ela dê risada. Quero que ela goste de mim.

O marquês tentou não soltar um suspiro. A garota Cogumelo colocou na frente dele um prato de plástico rachado com uma fatia fumegante do Cogumelo grelhado e uma de torrada crocante.

O marquês cutucou o Cogumelo com cuidado para se certificar de que estava bem cozido e de que não continha esporos ativos. É melhor prevenir do que remediar, e o marquês se considerava egoísta demais para encarar a simbiose.

Estava gostoso. Ele mastigou e engoliu, embora tenha feito a garganta doer.

— Então você quer que eu garanta que ela leia sua missiva de desejo?

— Está falando da carta? Do poema?

— Sim.

— Então, é. E quero que você esteja lá, do lado dela, e garanta que ela não guarde o envelope sem abrir. E quero que traga a resposta dela.

O marquês encarou o jovem. Ele tinha mesmo pequenos cogumelos brotando do pescoço e das bochechas, o cabelo era pesado de sujeira, e ele cheirava a lugares abandonados, mas, por trás do visual grosseiro, também tinha olhos de um azul-claro intenso, era alto e não tão feio assim. O marquês o imaginou banhado, limpo e um pouco menos fúngico, e gostou da imagem.

— Guardei a carta nesse saquinho para que não se molhasse no caminho — explicou o jovem.

— Muito sábio da sua parte. Agora, me diga: quem comprou meu casaco?

— Ainda não, apressadinho. Você sequer me perguntou sobre meu verdadeiro amor. O nome dela é Drusilla. Vai saber quem é, já que ela é a mulher mais linda de toda a Raven's Court.

— Tradicionalmente, a beleza está nos olhos de quem vê. Preciso de mais informações.

— Eu já falei. O nome dela é Drusilla. Não tem igual. Ela tem uma marca de nascença enorme que parece uma estrela, nas costas da mão.

— Parece uma combinação amorosa improvável. Um homem do Povo do Cogumelo com uma dama da Raven's Court. O que o faz pensar que ela vai abandonar a vida que leva e segui-lo até os porões úmidos de prazeres fúngicos?

O jovem Cogumelo deu de ombros.

— Ela vai se apaixonar quando ler o poema — respondeu. Ele torceu o caule de um pequeno cogumelo guarda-sol que crescia em sua bochecha direita e, quando o fungo caiu sobre a bancada da tenda, coletou-o entre os dedos e continuou a girá-lo. — Temos um acordo?

— Temos um acordo.

— O camarada que levou seu casaco tinha um cajado — declarou o jovem Cogumelo.

— Muitas pessoas usam cajados — retrucou De Carabás.

— Mas esse cajado tinha a ponta em forma de gancho. O sujeito parecia um sapo. Baixinho. Meio gordo. Tinha cabelo cor de cascalho. Precisava de um casaco e gostou do seu.

O jovem enfiou na boca o cogumelo guarda-sol.

— Informação útil. Transmitirei seu ardor e felicitações à bela Drusilla, sem sombra de dúvida — declarou De Carabás, com uma animação que definitivamente não sentia.

O marquês pegou o saquinho das mãos do jovem do outro lado da bancada. Enfiou a encomenda em um dos bolsos costurados dentro da camisa.

E foi embora, pensando em um homem que usava um cajado com um gancho na ponta.

O marquês De Carabás usava um cobertor como substituto do casaco. Ficava enrolado nos ombros, um poncho infernal. Não estava nem um pouco feliz com aquilo. Queria seu casaco de volta. *Nem tudo que reluz é ouro*, sussurrou uma vozinha em sua mente, algo que ouvira ainda garoto. Suspeitava que fosse a voz do irmão e fez o possível para esquecer que ela tinha se pronunciado.

Um cajado com um gancho na ponta: o homem que comprara seu casaco do Povo do Esgoto carregava um cajado com um gancho na ponta.

Pensou bastante.

O marquês De Carabás gostava de ser quem era e, quando corria riscos, gostava que fossem calculados. E era alguém que calculava os riscos duas ou três vezes antes de ter certeza.

Fez as contas pela quarta vez.

O marquês De Carabás não confiava nas pessoas. Era ruim para os negócios e poderia criar precedentes problemáticos. Não confiava nos amigos, nas ocasionais amantes, e nunca, jamais, confiava em quem o contratava. Dedicava toda a confiança que tinha ao marquês De Carabás, uma figura imponente que usava um casaco imponente e era capaz de falar melhor, pensar melhor e planejar melhor que qualquer um.

Só havia dois tipos de pessoas que carregavam cajados com pontas em forma de gancho: bispos e pastores.

Em Bishopsgate, os cajados eram decorativos e puramente simbólicos. E os bispos não precisavam de casacos. Usavam batinas, afinal de contas. Batinas brancas e bonitas, bem bispais.

O marquês não tinha medo dos bispos. Sabia que o Povo do Esgoto não tinha medo dos bispos. Já com os habitantes do Shepherd's Bush a coisa era diferente. Mesmo com seu casaco, no auge de sua forma, com toda a sorte

do mundo e um pequeno exército à disposição, o marquês não gostaria de encontrar com os pastores.

Ponderou se seria boa ideia visitar Bishopsgate, passar alguns dias agradáveis por lá para confirmar que seu casaco não estava de posse de algum dos bispos.

Então soltou um suspiro dramático e foi para o Poleiro dos Guias. Lá, tentou contratar um guia que pudesse ser persuadido a levá-lo ao Shepherd's Bush.

A guia era notadamente baixinha e tinha um cabelo loiro bem curto. No começo, o marquês achou que fosse uma adolescente. Porém, depois de viajar com ela durante metade de um dia, concluiu que a mulher tinha vinte e poucos anos. Falou com meia dúzia de guias antes de encontrá-la. Seu nome era Knibbs, e ela parecia digna de confiança — e o marquês precisava de alguém confiável. Revelou os dois lugares para onde precisava ir assim que saíram do Poleiro dos Guias.

— Então, aonde você quer ir primeiro? — perguntou Knibbs. — Shepherd's Bush ou Raven's Court?

— A visita à Raven's Court é pura formalidade, não passa de uma entrega de correspondência. Para uma jovem chamada Drusilla.

— Uma carta de amor?

— Acredito que sim. Por que pergunta?

— Ouvi dizer que Drusilla é terrivelmente bela e tem o péssimo hábito de transformar os que a desagradam em aves de rapina. Você deve amá-la demais para os dois trocarem correspondências.

— Temo dizer que não conheço a jovem em questão. A carta não é minha. E não importa qual dos dois visitemos primeiro.

— Sabe — comentou Knibbs, pensativa —, é melhor irmos à Raven's Court primeiro, para o caso de alguma coisa terrivelmente desastrosa acontecer com você quando estivermos com os pastores. Assim, a bela Drusilla vai receber a carta. Não estou dizendo que algo horrível vai acontecer, ok? Só é melhor prevenir do que... morrer.

O marquês De Carabás olhou para o próprio corpo envolto no cobertor. Estava indeciso. Sabia que, se estivesse usando seu casaco, não se sentiria assim; saberia exatamente o que fazer. Olhou para a garota e abriu o sorriso mais convincente que conseguiu.

— Vamos para a Raven's Court, então.

Knibbs assentiu e se encaminhou para lá. O marquês foi atrás.

Os caminhos da Londres de Baixo não são os mesmos da Londres de Cima: dependem muito de crença, opinião e tradição, ao menos tanto quanto da realidade dos mapas.

De Carabás e Knibbs eram duas figuras diminutas andando por um túnel alto de teto arqueado, esculpido na rocha branca muito antiga. Seus passos ecoavam.

— Você é o marquês De Carabás, não é? — indagou Knibbs. — Você é famoso. Sabe chegar aos lugares. Por que precisa de um guia?

— Duas cabeças pensam melhor que uma — respondeu De Carabás. — E dois pares de olhos veem muito mais.

— Você não tinha um casaco bacana?

— Sim, eu tinha.

— O que aconteceu com ele?

O marquês ficou alguns instantes em silêncio.

— Mudei de ideia — disse, por fim. — Vamos primeiro ao Shepherd's Bush.

— Sem problemas — respondeu a guia. — É fácil chegar a qualquer um dos dois. Vou esperar fora da feitoria dos pastores, se não se importa.

— Garota esperta.

— Meu nome é Knibbs. Não me chame de garota. Quer saber por que virei guia? É uma história interessante.

— Para falar a verdade, não — respondeu o marquês. Não se sentia particularmente propenso a conversar, e a guia seria bem paga pelo trabalho. — Por que não caminhamos em silêncio?

Knibbs assentiu e não falou mais até chegarem ao fim do túnel, nem quando desceram por uma escada de metal presa a uma parede. Só voltou a falar quando chegaram às margens do Mortlake, o vasto Lago dos Mortos no subterrâneo, enquanto acendia uma vela na praia para chamar o barqueiro.

— A parte interessante de ser guia é que somos vinculados. Então as pessoas sabem que não vamos levá-las para o lugar errado.

O marquês grunhiu em resposta. Estava pensando no que dizer aos pastores na feitoria, testando alternativas em meio às várias probabilidades e possibilidades. O problema era que não possuía qualquer coisa que fosse do interesse deles.

— Se levar alguém para o caminho errado, a pessoa nunca mais consegue trabalho como guia — comentou Knibbs. — É por isso que somos vinculados.

— Eu sei — respondeu o marquês.

Que guia irritante, pensou. Duas cabeças pensam melhor que uma se a outra cabeça calar a boca e não ficar dizendo coisas que ele já sabe.

— Fui vinculada na Bond Street — continuou a garota.

Ela indicou a correntinha amarrada no pulso.

— Não estou vendo o barqueiro — comentou o marquês.

— Ele já vai chegar. Fique de olho naquela direção e faça sinal quando ele aparecer. Vou olhar para o outro lado. De um jeito ou de outro, vamos vê-lo.

Ficaram observando a água negra do lago. Knibbs voltou a tagarelar:

— Antes de eu ser guia, quando era pequena, meu povo me treinou para isso. Disseram que era o único jeito de satisfazer a honra.

O marquês olhou para ela. A garota segurava a vela diante dos olhos. *Está tudo estranho*, pensou o marquês, e notou que deveria ter prestado atenção na garota desde o princípio. *Está tudo errado*.

— Quem é o seu povo, Knibbs? De onde você vem?

— Venho de um lugar onde você não é mais bem-vindo — respondeu a garota. — Fui nascida e criada para prestar vassalagem e lealdade ao Elefante e ao Castelo.

Algo o acertou na nuca, algo como uma martelada, e o marquês viu estrelas na escuridão da mente enquanto desabava no chão.

De Carabás não conseguia mexer os braços. Reparou que estavam amarrados às costas. Ele estava deitado de lado.

Estivera inconsciente. Se as pessoas que tinham feito aquilo continuassem achando que ele estava inconsciente, o melhor seria não convencê-las do contrário. Abriu os olhos o mínimo possível e espiou o mundo.

Uma voz grave e rouca comentou:

— Ah, não seja tolo, De Carabás. Não acredito que você ainda esteja apagado. Tenho orelhas grandes. Posso ouvir as batidas do seu coração. Abra os olhos de uma vez, seu pilantra. Encare-me como homem.

O marquês reconheceu a voz e torceu para estar enganado. Abriu os olhos. Viu pernas; pernas humanas e pés descalços. Dedos grossos e bem juntos. As pernas e os pés tinham cor de teca. Conhecia aquelas pernas. Não estava enganado.

Sua mente se dividiu em duas: uma pequena parte o crucificava pela tolice e falta de atenção. Knibbs *contara* a ele, pelo Templo e pelo Arco, ele é que não tinha ouvido. Mas, mesmo furioso com a própria tolice, o restante do cérebro assumiu o controle, e ele forçou um sorriso e disse:

— Mas que honra. Você não precisava de todo esse esforço para nos encontrarmos. Ora, a mera menção de que Vossa Proeminência tivesse o menor dos desejos de me ver...

— Faria você correr na direção oposta o mais rápido que essas perninhas magrelas permitissem, como o covarde que é — completou o sujeito com pernas cor de teca. Ele estendeu a tromba verde e azulada, longa e flexível, que chegava aos tornozelos, e deitou o marquês de costas no chão.

De Carabás começou a esfregar os pulsos amarrados bem devagar no concreto abaixo do corpo.

— De maneira alguma. Pelo contrário. Não tenho palavras para descrever o prazer que sinto diante de vossa paquidérmica presença. Posso sugerir que me solte e me permita cumprimentá-lo de homem para... elefante?

— Melhor não, ainda mais depois de todo o esforço que despendi para ter esse encontro — retrucou o sujeito. Tinha a cabeça de um elefante verde e cinzento. As presas eram afiadas e manchadas de marrom avermelhado nas pontas. — Sabe, quando descobri o que você tinha feito, jurei que o faria gritar e implorar por misericórdia. E jurei que diria não, recusando a clemência quando você a pedisse.

— Em vez disso, você poderia dizer sim — sugeriu o marquês.

— Não tenho como dizer sim. Você abusou da minha hospitalidade — retrucou o Elefante. — E eu nunca esqueço.

Quando ele e o mundo eram muito mais jovens, o marquês fora contratado para levar o diário do Elefante até a rainha Vitória. O Elefante regia seu feudo com arrogância e, às vezes, até malícia, sem o menor senso de humor ou qualquer sensibilidade, e o marquês achou que ele fosse idiota. Chegou até a acreditar que não tinha como o Elefante identificar corretamente o papel do marquês no desaparecimento do diário. Mas isso tudo acontecera havia muito tempo, quando o marquês era jovem e tolo.

— Todo esse esforço com o treinamento de uma guia para me trair na eventualidade de eu contratá-la — comentou o marquês. — Não é exagero?

— Você não diria isso se me conhecesse bem — retrucou o Elefante. — Quem me conhece bem sabe que fui muito moderado. E também fiz várias outras coisas para encontrá-lo.

O marquês tentou se sentar. O Elefante o empurrou de volta para o chão com o pé descalço.

— Implore por misericórdia — exigiu.

Essa era fácil.

— Misericórdia! — exclamou o marquês. — Estou implorando! Seja misericordioso, este é o maior dom que existe. Combina com você, ó poderoso Elefante, que é senhor de seu próprio território, tenha misericórdia com aquele que não é sequer digno de limpar a sujeira de seus dedos soberbos...

— Sabia que tudo que você fala soa sarcástico? — indagou o Elefante.

— Não. E peço desculpas. Cada palavra que eu disse é sincera.

— Grite — mandou o Elefante.

O marquês De Carabás gritou muito alto por um bom tempo. É difícil gritar quando a garganta foi cortada recentemente, mas ele deu o grito mais alto e cheio de autocomiseração que conseguiu.

— Até seus gritos são sarcásticos — comentou o Elefante.

Um grande cano de ferro saía da parede. Uma válvula ao lado do cano abria e fechava a vazão de seja lá o que saísse dali. O Elefante girou a válvula com os braços poderosos, e um pouco de líquido preto escorreu, seguido por um esguicho de água.

— É o cano de drenagem — explicou. — Bem, é o seguinte: eu fiz minha lição de casa. Você mantém a vida bem escondida, De Carabás. Fez

isso por todos esses anos, desde a primeira vez que nossos caminhos se cruzaram. Nem adianta tentar algum dos meus truquezinhos enquanto sua vida estiver guardada. Tenho gente infiltrada por todos os cantos da Londres de Baixo... gente com quem você partilhou refeições, dormiu, riu ou foi dar uma volta pelado na torre do Big Ben... Mas nada adiantava, não enquanto sua vida estivesse protegida de qualquer mal. Até semana passada, quando todo mundo ficou sabendo que sua vida saiu do esconderijo. Foi quando anunciei que daria a liberdade do Castelo para a primeira pessoa que permitisse...

— Que você me visse gritando por misericórdia — completou De Carabás. — Você já falou.

— Você me interrompeu — reclamou o Elefante, em tom contido. — Eu ia dizer que anunciei que daria a liberdade do Castelo à primeira pessoa que me permitisse ver seu corpo.

Ele abriu a válvula até o fim, e o esguicho de água virou um jato.

— Devo avisar que existe uma maldição sobre aquele que me matar — anunciou De Carabás.

— Vou correr o risco. Embora você provavelmente tenha inventado isso. Você vai gostar da próxima parte: a sala vai se encher de água, então você vai se afogar. Aí, vou esvaziar a água, entrar aqui e rir horrores. — Ele fez um som semelhante a um trompete que o marquês achou que, no caso de um elefante, poderia ser considerado uma risada.

O Elefante saiu de seu campo de visão.

De Carabás ouviu a porta se fechar com um estrondo. Estava deitado em uma poça. Sacudiu-se e se remexeu, e conseguiu ficar de pé. Olhou para baixo: uma algema de metal prendia seu tornozelo a uma corrente enrolada no poste de metal no meio da sala.

Queria muito estar usando seu casaco: dentro dele tinha lâminas, gazuas, botões aparentemente inocentes que de inocentes não tinham nada. Esfregou a corda que amarrava os pulsos ao poste de metal, torcendo para que se rompesse, sentindo a pele dos pulsos e das palmas das mãos se esfoliando enquanto a corda absorvia água e apertava ainda mais. O nível da água continuou a subir, já estava na cintura.

De Carabás examinou a câmara. Só precisava soltar as amarras dos pulsos — o que obviamente conseguiria soltando o poste na qual estava preso —, abrir as algemas que prendia os tornozelos, fechar o registro, sair da sala, evitar o Elefante vingativo ou qualquer um de seus capangas e fugir.

Puxou o poste, que não se moveu. Puxou com mais força. O poste se moveu menos ainda.

Encostou-se no poste e pensou na morte, uma morte final e verdadeira. Pensou no casaco.

Uma voz sussurrou em seu ouvido:

— Fique quieto!

Alguma coisa puxou seus pulsos, e as amarras caíram. Só quando a vida lhe voltou às mãos é que ele notou como os nós estavam apertados. Deu meia-volta.

— Como assim? — indagou o marquês.

O rosto que viu era tão familiar quanto o seu próprio. O sorriso era devastador, e os olhos, aventureiros e inocentes.

— Tornozeleto — disse o homem, com um sorriso ainda mais devastador que o anterior.

O marquês De Carabás não estava devastado. Ergueu a perna, e o homem se abaixou, fez algo com um pedaço de fio e removeu a algema.

— Ouvi dizer que você estava metido em uma situação meio problemática — explicou o sujeito.

Sua pele era tão escura quanto a do marquês. Ele era menos de um centímetro mais alto que De Carabás, mas se portava de tal modo que parecia muito mais alto que qualquer um que ele conhecesse.

— Não. Nada problemática. Estou bem — retrucou o marquês.

— Não está, não. Acabei de resgatar você.

De Carabás o ignorou.

— Onde está o Elefante?

— Do outro lado daquela porta, com muitas pessoas trabalhando para ele. As portas travam automaticamente quando a sala se enche de água. Ele precisava ter certeza de que não ficaria trancado aqui dentro com você. Era com isso que eu estava contando.

— Contando?

— Claro. Estou seguindo esse pessoal faz algumas horas. Desde que fiquei sabendo que você tinha saído por aí com um dos agentes infiltrados do Elefante. *Péssima escolha*, pensei. *Ele vai precisar de uma mãozinha*.

— Ficou *sabendo*...?

— Ei — interrompeu o homem. Ele parecia um pouco o marquês De Carabás, só que um pouco mais alto, e algumas pessoas (mas não o próprio marquês, claro) talvez o considerassem um tantinho mais atraente. — E você achou que eu deixaria alguma coisa acontecer com meu irmãozinho?

A água chegava até a cintura dos dois.

— Eu estava bem — resmungou De Carabás. — Estava tudo sob controle.

O homem foi até o outro extremo da sala. Ajoelhou-se, remexeu em alguma coisa submersa e tirou da mochila algo que parecia um pequeno pé de cabra. Pressionou uma das extremidades abaixo da superfície.

— Prepare-se. Acho que vai ser o caminho mais rápido para fora daqui.

O marquês ainda estava estalando os dedos que formigavam, tentando fazê-los voltar à vida.

— E qual é? — indagou, fingindo indiferença.

— Vamos nessa — anunciou o sujeito, puxando um grande quadrado de metal. — É o ralo.

De Carabás não teve a chance de protestar, pois o irmão o carregou e o jogou dentro do buraco no chão.

Deveriam instalar atrações como essa nos parques, pensou De Carabás. Conseguia imaginá-las. Moradores do mundo de cima pagariam muito dinheiro para curtir aquela atração, se tivessem certeza de que sobreviveriam.

Ele foi batendo pelos canos, deslizando com o fluxo de água, descendo cada vez mais. Não sabia ao certo se sobreviveria à atração e não estava se divertindo.

O marquês se ralou e se bateu nas paredes enquanto descia pelo cano. Cambaleou para fora, caindo de cara em uma caçamba de metal, que parecia pouco capaz de sustentar seu peso. Arrastou-se para fora da caçamba e caiu no piso de pedra ao lado. Sentiu um arrepio.

Ouviu um barulho improvável, seguido pelo ruído do irmão se projetando para fora do cano e aterrissando de pé, como se tivesse praticado.

— Legal, né? — disse o irmão, sorrindo.

— Não muito — retrucou De Carabás. Teve que perguntar: — Você estava gritando “Uhul”?

— Claro! Você não?

De Carabás se levantou meio sem jeito.

— Como você se chama, hoje em dia? — indagou.

— O mesmo nome. Eu não mudo.

— Esse não é o seu nome real, Falcão — retrucou De Carabás.

— Mas me serve bem. Demarca meu território e minhas intenções. E você, ainda diz que é marquês?

— Sim. E sou mesmo, pois é quem digo que sou — retrucou o marquês. Tinha certeza de que soara pouco convincente. Sentiu-se tolo e diminuto.

— A escolha é sua. Enfim, tenho que ir. Você não precisa mais da minha ajuda. Fique longe de problemas. Nem precisa agradecer.

O irmão dispensou os agradecimentos de coração. Era o que mais doía.

O marquês De Carabás odiou a si mesmo. Não queria ter que dizer, mas precisava ser dito:

— Obrigado.

— Ah! — lembrou o Falcão. — Seu casaco. Corre o boato de que foi parar no Shepherd’s Bush. É só o que sei. Então... quer um conselho? Bem sincero. Sei que você não gosta de conselhos. Mas sabe esse casaco? Deixe para lá. Esqueça. Arranje um novo. Sério.

— Muito bem — interrompeu o marquês.

— Ótimo — concluiu o Falcão, sorrindo e se sacudindo como um cachorro, espirrando água para todos os lados antes de pular para as sombras e desaparecer.

O marquês De Carabás ficou de pé, pingando horrores.

Ainda tinha algum tempo antes que o Elefante descobrisse a falta de água e a falta de um corpo na sala e ir atrás dele.

Conferiu o bolso da camisa: o saquinho plástico continuava lá, e o envelope parecia seco e a salvo.

Ponderou, por um momento, sobre algo que o incomodara desde o Mercado. Por que o garoto Cogumelo usara a ele, De Carabás, para enviar uma carta à bela Drusilla? E que tipo de carta poderia persuadir uma mulher da Raven's Court, ainda mais uma com estrela na mão, a desistir da vida na corte e amar alguém do Povo do Cogumelo?

Teve uma suspeita. Não era uma ideia reconfortante, muito menos caridosa, mas a deixou de lado em nome dos problemas mais imediatos.

Poderia se esconder: ficar um tempo na encolha. Tudo aquilo passaria. Mas não parava de pensar no casaco. Fora resgatado — resgatado! — pelo irmão, algo que não aconteceria se tudo estivesse normal. Poderia encontrar um casaco novo. Claro que sim. Mas não seria o *seu* casaco.

Um pastor estava usando seu casaco.

O marquês De Carabás sempre tinha um plano e um plano de emergência; e por trás desses planos ficava o plano real, aquele que nem ele sabia, para quando tanto o plano original quanto o de emergência falhassem.

Doía muito admitir que, dessa vez, não tinha plano. Não tinha sequer um plano normal, tedioso e óbvio para abandonar assim que as coisas ficassem complicadas. Tinha apenas uma necessidade, e isso o impulsionava da mesma forma que a demanda por comida, amor ou segurança impulsionava aqueles que o marquês considerava inferiores.

Era um homem sem plano. E só queria seu casaco de volta.

O marquês De Carabás começou a andar. Tinha no bolso um envelope contendo um poema romântico, estava enrolado em um cobertor molhado e odiava o irmão por tê-lo resgatado.

Quando você se reinventa do zero, precisa de algum modelo, algo em que se inspirar ou do qual se distanciar o máximo possível — todas as coisas que ele queria ou não queria ser.

O marquês sabia quem não queria ser desde criança. Definitivamente, não queria ser como o Falcão. Não queria ser como ninguém, para falar a verdade. Queria ser elegante, brilhante, ardiloso e, acima de tudo, único.

Assim como o Falcão.

O problema é que os pastores nunca forçavam ninguém a nada. Só pegavam os impulsos e desejos naturais e os incentivavam e reforçavam, de modo que a pessoa agia de maneira bastante natural, mas só fazia o que eles queriam. Ouvira isso de um antigo pastor fugitivo a quem ajudara a cruzar o rio Tyburn rumo à liberdade e a uma vida curta mas feliz, como artista do

acampamento da Legião Romana que aguardava ao lado do rio por ordens que nunca viriam.

Lembrou-se daquilo e esqueceu tudo, pois tinha medo de ficar sozinho.

Até o momento, o marquês não sabia que tinha tanto medo de ficar sozinho, e se surpreendeu com a felicidade que sentiu ao ver várias pessoas andando na mesma direção que ele.

— Fico feliz que você esteja aqui — anunciou um deles.

— Fico feliz que você esteja aqui — comentou o outro.

— Também fico feliz por estar aqui — respondeu De Carabás.

Para onde estava indo? Para onde todos estavam indo? Que bom que estavam viajando na mesma direção, juntos. Andar em grupo era sempre mais seguro.

— É bom ter companhia — comentou uma mulher branca e magra, com um suspiro feliz. E era mesmo.

— É bom ter companhia — repetiu o marquês.

— É mesmo. É bom ter companhia — concordou a pessoa do outro lado dele.

Havia algo familiar naquele sujeito. Tinha orelhas grandes como leques, e seu nariz parecia uma cobra grossa, verde-acinzentada. O marquês começou a ponderar se conhecia aquela pessoa, tentando se lembrar exatamente de onde, quando um homem que segurava um cajado com a ponta em gancho o cutucou de leve no ombro.

— Não queremos perder o ritmo, né? — comentou o homem, em um tom razoável.

O marquês pensou: *Claro que não queremos*, e acelerou o passo para não perder o ritmo.

— Que bom. Perder o ritmo é como perder a razão — explicou o homem com o cajado, e seguiu seu caminho.

— Perder o ritmo é perder a razão — repetiu o marquês em voz alta, se perguntando por que nunca reparara em algo tão óbvio e básico. Uma pequena porção deveras distante de sua mente ponderava qual seria o verdadeiro sentido daquilo.

Chegaram ao destino, e era bom estar entre amigos.

O tempo passava de forma estranha naquele lugar, mas o marquês e o amigo de rosto verde-acinzentado e nariz comprido logo receberam uma tarefa, um trabalho de verdade. Era o seguinte: precisavam se livrar de membros do rebanho que não conseguiam mais se mover ou servir, pois tudo que podia ser usado fora removido e reaproveitado. Reuniram os últimos que restavam, com pelo, gordura e tudo mais, e os arrastaram até o fosso, onde jogaram os restos. Os turnos eram longos e cansativos, e o trabalho era sujo, mas os dois trabalharam juntos e mantiveram o ritmo.

Trabalharam orgulhosamente por vários dias, até que o marquês notou algo irritante. Alguém parecia tentar atrair sua atenção.

— Segui você — sussurrou o estranho. — Sei que você não queria que eu seguisse, mas... Bem, é a força do hábito.

O marquês não sabia do que o estranho estava falando.

— Tenho um plano de fuga, vou botá-lo em prática assim que você acordar — anunciou o estranho. — Por favor, acorde.

O marquês estava acordado. Mais uma vez, notou que não fazia ideia do que o estranho falava. Por que aquele homem achava que ele estivesse dormindo? O marquês teria dito algo a respeito, mas precisava trabalhar. Ficou pensando naquilo enquanto desmembrava outro ex-membro do rebanho, até decidir o que poderia dizer para explicar ao estranho por que ele o irritava. E disse em voz alta:

— É bom trabalhar.

Seu amigo de nariz comprido e flexível e orelhas enormes assentiu.

Eles trabalharam. Depois de um tempo, o amigo arrastou os restos de alguns ex-membros do rebanho até o fosso e os empurrou. O fosso era bem fundo.

O marquês tentou ignorar o estranho, que decidira ficar atrás dele. Estava bem incomodado, e sentiu algo cobrir sua boca enquanto suas mãos eram amarradas às costas. Não sabia o que aquilo significava. A sensação o fez se sentir bastante fora de ritmo com o rebanho. E teria reclamado, teria chamado seu amigo, mas seus lábios estavam colados, e ele era incapaz de produzir qualquer coisa além de ruídos ineficazes.

— Sou eu — sussurrou a voz atrás dele, com urgência. — Falcão. Seu irmão. Você foi capturado pelos pastores. Precisamos tirá-lo daqui. — Então completou: — Ah, não.

Um barulho invadiu o ar, semelhante a um latido. Ficou mais próximo: era um latido agudo que, de repente, se transformou em uivo triunfante e foi respondido por outros uivos ao redor.

Uma voz indagou, irritada:

— Onde está seu irmão de rebanho?

A voz grave e elefântica ribombou:

— Foi para lá. Com o outro.

— *Outro?*

O marquês torcia para que chegassem logo, encontrassem-no e resolvessem toda aquela confusão. Obviamente, aquilo era um mal-entendido. Queria estar em ritmo com o rebanho, mas estava fora de sintonia, era vítima, metera-se naquilo contra a própria vontade. Queria trabalhar.

— Pelo portão de Lud! — murmurou o Falcão.

Eles foram cercados por formas de pessoas que não eram bem pessoas: tinham rosto fino e vestiam peles. Falavam muito animadamente umas com as outras.

A pessoa desamarrou as mãos do marquês, embora tenha mantido a fita sobre sua boca. Ele não se importava. Não tinha nada a dizer.

O marquês ficou aliviado por tudo estar prestes a acabar, estava ansioso para voltar a trabalhar, mas, para sua surpresa, o sequestrador e o amigo de nariz comprido e flexível foram levados para longe do fosso, por uma passagem que acabava em uma colmeia de salinhas, cada uma cheia de gente trabalhando no ritmo.

Subiram escadas estreitas. Um de seus guardas, usando pele robusta, arranhou uma porta. Uma voz chamou:

— Entrem!

E o marquês sentiu uma empolgação quase sexual. Aquela voz. Era de alguém a quem o marquês passara a vida toda querendo agradar (a vida toda tinha se resumido a, sei lá, uma semana? Duas?).

— Um cordeiro desgarrado — anunciou um dos guardas. — E seu predador. E também o irmão de rebanho.

A sala era grande e repleta de pinturas a óleo: paisagens, a maioria manchada pela idade, por fumaça e por pó.

— Por quê? — indagou o homem, sentando-se diante da escrivaninha no fundo da sala. Ele não se virou. — Por que me perturbam com essa tolice?

— Porque — respondeu a voz, e o marquês reconheceu que era de seu sequestrador — você deu ordens de que, caso eu fosse capturado nos domínios dos pastores, fosse trazido até você para ser descartado pessoalmente.

O homem empurrou a cadeira e se levantou. Foi andando até eles, adentrando um fecho de luz. Um cajado com a ponta em forma de gancho estava encostado na parede, e ele o pegou enquanto caminhava. Olhou para o grupo por um bom tempo.

— Falcão? — indagou, finalmente, e o marquês ficou animado ao ouvir sua voz. — Ouvi dizer que você tinha se aposentado. Virado monge ou algo do gênero. Nunca sonhei que ousaria voltar aqui.

(Alguma coisa muito grande começava a ocupar a cabeça do marquês. Algo começava a envolver seu coração e sua mente. Era algo enorme, algo que ele quase podia tocar.)

O pastor arrancou a fita da boca do marquês. De Carabás sabia que deveria ter ficado feliz por isso, empolgadíssimo por atrair a atenção daquele homem.

— Agora eu entendo... Quem diria? — A voz do pastor era grave e vibrante. — Ele já está aqui. E já é um de nós? O marquês De Carabás. Sabe, Falcão, passei muito tempo desejando arrancar sua língua e moer seus dedos enquanto você assistia, mas agora acho que seria muito mais prazeroso saber que a última coisa que você viu foi seu próprio irmão como um membro do nosso rebanho sendo o instrumento da sua destruição.

(Algo enorme encheu a cabeça do marquês.)

O pastor era rechonchudo, bem alimentado e usava roupas excelentes. Tinha um cabelo que mesclava a cor de areia com o cinza e uma expressão fustigante. Usava um casaco formidável, ainda que um pouco apertado. O casaco tinha cor de rua molhada à meia-noite.

A coisa enorme que enchia a cabeça do marquês, percebeu ele, era fúria. Era fúria e queimava dentro dele como um incêndio florestal, devorando tudo na rota das chamas vermelhas.

O casaco. Era elegante. Era lindo. Estava tão perto que ele poderia tocá-lo.

E era, inquestionavelmente, *seu*.

O marquês De Carabás não deu qualquer indicativo de que estava acordado. Teria sido um erro. Ele pensou — e pensou rápido —, e suas ideias não tinham nada a ver com a sala onde estava. O marquês tinha uma única vantagem sobre o pastor e seus cães: sabia que estava desperto e no controle de seus pensamentos, e eles, não.

Criou uma hipótese. Testou a hipótese na cabeça. Então, agiu.

— Com licença — chamou, baixinho. — Temo que é chegada minha hora de partir. Podemos acabar logo com isso? Estou atrasado para um compromisso extremamente importante.

O pastor apoiou-se no cajado. Não parecia preocupado com a situação. Apenas disse:

— Você deixou o rebanho, De Carabás.

— Parece que sim — respondeu o marquês. — Olá, Falcão. É fantástico vê-lo tão cheio de energia. E o Elefante. Que beleza. Todo mundo aqui. — Ele voltou a atenção para o pastor. — É um prazer encontrá-lo. Adorei passar um tempo com seu bando de pensadores iluminados. Mas preciso mesmo ir. É uma missão diplomática importante. Preciso entregar uma carta. Sabe como é.

— Irmão, acho que você não entendeu a gravidade da situação... — comentou o Falcão.

O marquês, que entendia perfeitamente a gravidade da situação, respondeu:

— Tenho certeza de que esses bons homens — indicou o pastor e os três sujeitos vestidos com peles, de rosto fino e parecidos com cães — vão me deixar sair, se você ficar para trás. É você quem eles querem, não eu. E tenho algo extremamente importante para entregar.

— Eu posso dar conta do recado — anunciou o Falcão.

— Você precisa ficar quieto — mandou o pastor. Pegou o pedaço de fita que tirara da boca do marquês e tapou a do Falcão.

O pastor era menor que o marquês, e mais gordo, e aquele casaco magnífico parecia meio ridículo nele.

— Algo importante para entregar? — indagou, limpando a sujeira dos dedos. — Do que estamos falando?

— Sinto muito, mas não posso revelar — respondeu o marquês. — Afinal de contas, você não é o destinatário desse comunicado diplomático.

— Por que não? O que é? E para quem?

O marquês deu de ombros. O casaco estava tão perto que ele poderia acariciá-lo.

— Só uma ameaça de morte me obrigaria a mostrá-la a você — explicou, relutante.

— Bem, isso é fácil de resolver. Considere-se ameaçado. E essa ameaça se soma à sentença de morte que você já tem por ser renegado do rebanho. E, para o engraçadinho aqui — o pastor indicou o Falcão, que nem estava rindo, com o cajado —, que tentou roubar um membro do rebanho, também há uma sentença de morte, além de tudo o que já planejamos fazer com ele.

O pastor olhou para o Elefante e perguntou:

— E eu sei que deveria ter perguntado antes, mas, pelo Bezerra Desgarrado, o que é *isso*?

— Sou um membro leal do rebanho — respondeu o Elefante, humildemente, com sua voz grave, e o marquês se perguntou se também soara tão desalmado e neutro quando fizera parte do rebanho. — Permaneci leal e no ritmo, mesmo quando esse aqui falhou.

— E o rebanho agradece por todo o seu trabalho — disse o pastor. Ele estendeu a mão e tocou a ponta afiada da presa elefântica, curioso. — Nunca vi alguém como você e, se vir outro, vai ser demais. Melhor você morrer também.

O Elefante sacudiu as orelhas.

— Mas sou parte do rebanho...

O pastor encarou o rosto enorme do Elefante.

— É melhor prevenir do que remediar — explicou. E se virou para o marquês. — E então? Onde está essa carta importantíssima?

— Dentro da minha camisa — respondeu De Carabás. — Preciso repetir que é um documento de suma importância cuja entrega está sob minha responsabilidade. Para sua própria segurança, devo pedir que não leia.

O pastor puxou a frente da camisa do marquês. Os botões saíram voando e ricochetearam das paredes para o chão. A carta estava no bolso interno.

— Uma pena. Acredito que vá ler em voz alta para todos antes de nossa morte — comentou o marquês. — Seja como for, eu lhe asseguro que eu e Falcão nem conseguiremos respirar, de tanta ansiedade. Não é mesmo, Falcão?

O pastor abriu o saquinho e olhou para o envelope. Ele o abriu e puxou uma folha de papel descolorido de lá de dentro. Saiu poeira do envelope junto com a carta. A poeira pairou no ar da sala pouco iluminada.

— Minha querida Drusilla — leu o pastor, em voz alta. — Embora eu saiba que você não sente o mesmo que sinto por você... Que *tolice* é essa?

O marquês não respondeu. Sequer sorriu. Como explicara, estava prendendo a respiração e torcia para que o Falcão tivesse entendido o recado. Estava contando, pois, naquele momento, contar parecia a melhor forma de se distrair da necessidade de respirar. Em breve precisaria de um pouco de ar.

Trinta e cinco... trinta e seis... trinta e sete...

Por quanto tempo os esporos dos cogumelos permaneceriam no ar?

Quarenta e três... quarenta e quatro... quarenta e cinco... quarenta e seis...

O pastor parou de falar.

O marquês deu um passo para trás, temendo uma facada nas costelas ou uma dentada na garganta de um dos cães de guarda humanos, mas nada aconteceu. Andou para trás, para longe dos homens-cachorro e do Elefante.

Viu que o Falcão também andava para trás.

Seus pulmões doíam. Sentia o coração pulsando nas têmporas, batendo alto o suficiente para abafar o som agudo em seus tímpanos.

Só quando suas costas encostaram na prateleira de livros da parede, o mais longe possível do envelope, é que ele se permitiu respirar. Ouviu o Falcão respirar também.

Escutou o barulho de algo sendo arrancado. O Falcão arreganhou a boca, e a fita caiu no chão.

— Que diabos foi isso? — perguntou o irmão.

— Nossa passagem de saída daqui e do Shepherd's Bush, se eu estiver certo — explicou De Carabás. — E quase sempre estou certo. Poderia fazer o favor de soltar meus pulsos?

Sentiu as mãos do Falcão sobre as suas, e as amarras caíram.

Ouviu um ribombar grave.

— Vou matar alguém — anunciou o Elefante. — Assim que descobrir o quê.

— Calma lá, meu querido — comentou o marquês, esfregando as mãos. — O certo a dizer é *quem*. E posso lhe assegurar que você não vai matar ninguém, não até voltar em segurança para o Castelo.

A tromba do Elefante balançava irritantemente.

— Com certeza vou matar *você*.

— Você está me forçando a cantarolar *lero-lero* — retrucou o marquês, sorrindo. — Ou “quem espera sempre alcança”. Até o momento, nunca tive a menor vontade de dizer “quem espera sempre alcança”. Mas posso afirmar que estou sentindo a vontade surgindo dentro de mim...

— Pelo Templo e pelo Arco, o que há de errado com você? — indagou o Elefante.

— Pergunta errada. Mas vou fazer a pergunta certa em seu nome. A pergunta certa é: o que *não* há de errado com nós três? Não há nada de errado comigo e com Falcão, porque prendemos a respiração. Não há nada de errado com você porque... sei lá, provavelmente, por você ser um elefante de pele bem grossa e, principalmente, por estar respirando pela

tromba, que está mais perto do chão. E o que há de errado com nossos captores? A resposta está nos esporos que não conseguiram entrar em nós, mas entraram no imponente pastor e em seus companheiros pseudocaninos.

— Esporos do Cogumelo? — perguntou o Falcão. — Do Cogumelo do Povo do Cogumelo?

— Isso mesmo. Exatamente esse Cogumelo — confirmou o marquês.

— Minha nossa — murmurou o Elefante.

— E é por isso que, se você tentar me matar ou matar o Falcão, não apenas vai falhar, como vai condenar a todos nós — explicou De Carabás. — Porém, se você fechar essa matraca e se fizermos de conta que ainda somos parte do rebanho, talvez tenhamos uma chance. Os esporos devem estar se infiltrando no cérebro deles. E, a qualquer momento, o Cogumelo vai chamá-los de volta para casa.

O pastor caminhava decidido. Segurava um cajado com a ponta em forma de gancho. Três homens o seguiam. Um deles tinha cabeça de elefante, outro era alto e ridiculamente bonitão, e o último do rebanho usava um casaco magnífico. Caía perfeitamente nele e tinha cor de rua molhada à meia-noite.

O rebanho era seguido por cães de guarda, que se moviam como se estivessem prontos para atravessar o fogo para chegar aonde acreditavam estar indo.

Não era incomum, no Shepherd's Bush, ver um pastor e parte do rebanho andando de um lugar para o outro, acompanhado por vários dos cães ferozes (que eram humanos, ou já tinham sido). Então, quando as pessoas viram um pastor e seus três cães aparentemente levando três membros do rebanho para longe do Shepherd's Bush, ninguém do grande rebanho deu atenção. Os membros do rebanho que os viram simplesmente continuaram fazendo o que precisavam fazer, como bons membros do rebanho, e, se notaram que a influência dos pastores diminuía um pouco, esperaram pacientemente pela chegada de outro pastor para tomar conta deles e mantê-los a salvo dos predadores e do mundo. Afinal de contas, a ideia de ficar sozinho era muito assustadora.

Ninguém notou quando eles cruzaram as fronteiras do Shepherd's Bush e continuaram andando.

Os sete alcançaram as margens do Kilburn, onde pararam, e o ex-pastor e os três homens-cães avançaram em direção à água.

O marquês sabia que, naquele momento, não havia nada na cabeça daqueles quatro além da necessidade de chegar ao Cogumelo para provar outra vez de sua carne e deixá-lo viver dentro deles, para servi-lo — e servi-lo bem. Em troca, o Cogumelo resolveria todos os problemas internos que eles odiavam: tornaria suas vidas muito mais felizes e interessantes.

— Você devia ter me deixado matar todos eles — reclamou o Elefante, enquanto o ex-pastor e os cães de guarda desapareciam ao longe.

— Seria inútil — respondeu o marquês. — Mesmo que por vingança. As pessoas que nos capturaram não existem mais.

O Elefante bateu as orelhas com força e as coçou com vigor.

— Falando em vingança, quem mandou você roubar meu diário?

— Vitória — admitiu De Carabás.

— Ela nunca esteve na minha lista de ladrões em potencial. Como é ardilosa! — comentou o Elefante, depois de um instante.

— Não posso discordar — declarou o marquês. — Aliás, ela não me pagou a quantia acordada. Tive de pegar um brinde por minha conta para complementar o pagamento.

Ele enfiou a mão escura no bolso do casaco. Os dedos encontraram os bolsos óbvios, os menos óbvios e, para sua surpresa, o mais escondido de todos. Enfiou a mão ali e tirou a lente de aumento presa a uma corrente.

— Era de Vitória — contou. — Acredito que seja usada para ver através de materiais sólidos. Talvez você possa considerá-la como um pequeno pagamento para satisfazer minha dívida...?

O elefante tirou algo de dentro do próprio bolso — o marquês não conseguiu ver o que era — e o examinou através da lente de aumento. Então fez um barulho que misturava um ronco de leite e uma trombeta de satisfação.

— Que bom, muito bom — comentou. Enfiou ambos os objetos no bolso. Então completou: — Imagino que salvar minha vida supere o roubo do diário. E, embora eu saiba que não precisaria ser salvo se não tivesse seguido você pelo ralo, qualquer acusação posterior seria desproposital. Considere sua vida como sua novamente.

— Espero poder visitá-lo no Castelo algum dia — respondeu o marquês.

— Não exagere, camarada — retrucou o Elefante, com um sopro irritado da tromba.

— Não vou exagerar — concordou o marquês, resistindo ao desejo de dizer que seus exageros foram exatamente as razões pelas quais vivera até aquele momento. Olhou para os lados e notou que o Falcão desaparecera misteriosa e irritantemente nas sombras, mais uma vez sem sequer se despedir.

O marquês odiava quando as pessoas faziam isso.

Fez uma reverência curta para o Elefante, e o casaco — seu glorioso casaco — seguiu o fluxo da reverência, amplificando-a, tornando-a perfeita, transformando-a no tipo de reverência que só o marquês De Carabás era capaz de fazer. Quem quer que ele fosse.

O Mercado Flutuante seguinte foi realizado no Jardim do Telhado da loja Derry & Tom, que fechara em 1973, mas o tempo, o espaço e a Londres de Baixo tinham um acordo desagradável, e o jardim do telhado era mais jovem e inocente do que seria hoje em dia. As pessoas da Londres de Cima (que eram jovens e passavam com seus saltos e solas por cima das plantas, distraídas em discussões vigorosas) ignoravam completamente as pessoas da Londres de Baixo.

O marquês De Carabás avançou a passos largos pelo jardim do telhado, como se fosse dono do lugar, andando com agilidade até chegar à praça de alimentação. Passou por uma mulherzinha vendendo sanduíches de queijo trançado guardados em um barril com pilhas de coisas, uma barraca de curry, um homem baixinho com uma enorme tigela de peixe branco e cego e um garfo de churrasqueira e, finalmente, chegou à barraca que vendia o Cogumelo.

— Uma fatia do Cogumelo, bem-passado, por favor — pediu De Carabás.

O homem que pegou o pedido era mais baixo que ele, mas também mais corpulento. Era calvo e seu pouco cabelo restante tinha cor de areia, seu rosto imerso em conflito.

— Saindo — respondeu o sujeito. — Mais alguma coisa?

— Não, só isso. — Então, curioso, o marquês perguntou: — Lembra-se de mim?

— Infelizmente, não — respondeu o homem Cogumelo. — Mas devo dizer que seu casaco é lindíssimo.

— Obrigado. — O marquês olhou ao redor. — Onde está o mocinho que trabalhava aqui?

— Ah, meu senhor. É uma história muito curiosa — respondeu o sujeito. Ele não cheirava a umidade, embora tivesse uma pequena colônia de cogumelos na lateral do pescoço. — Fui informado de que alguém disse à bela Drusilla, da Raven's Court, que nosso Vince tinha pretensões com ela e que enviou uma carta cheia de esporos com a intenção de transformá-la em sua noiva perante o Cogumelo. Mas não posso garantir essa última parte, embora tenha certeza de que é verdade.

O marquês ergueu uma sobrancelha, perplexo, embora não achasse nada daquilo surpreendente. De fato, ele mesmo contara a Drusilla e, inclusive, mostrara a carta original.

— Ela recebeu as notícias de bom grado?

— Acredito que não, meu senhor. Não mesmo. Ela e várias de suas irmãs estavam esperando por Vince e nos encontraram no caminho para o Mercado. Drusilla disse a ele que tinham assuntos de natureza íntima a tratar. Vince parecia muito feliz com a notícia e partiu com ela para descobrir quais assuntos eram. Estou esperando Vince chegar ao Mercado para trabalhar desde o começo da tarde, mas não acho que ele vá aparecer. — Então

completou, em um tom melancólico: — Que casaco esplêndido. Acho que fui dono de um bem parecido, em outra vida.

— Não tenho dúvidas — respondeu o marquês, satisfeito com o que ouvira, cortando um pedaço do Cogumelo grelhado. — Mas este em especial é, definitivamente, meu.

Enquanto saía do Mercado, De Carabás passou por um grupo de pessoas que descia as escadas e parou para acenar para uma jovem de beleza incomum. A jovem tinha o cabelo comprido e alaranjado e o perfil achatado da beleza pré-rafaelita, além de uma marca de nascença no formato de estrela de cinco pontas nas costas de sua mão. A outra mão acariciava a cabeça de uma grande coruja amarrotada, que observava o mundo desconfortavelmente com olhos inusitados para um pássaro daquele tipo, de um azul pálido e intenso.

O marquês a cumprimentou cordialmente e continuou a descer.

Drusilla correu atrás dele. Parecia ter algo a dizer.

O marquês De Carabás chegou ao pé da escada antes dela. Parou por um momento, pensando nas pessoas, nas coisas e em como era difícil fazer algo pela primeira vez. Então, envolto pelo belo casaco, desapareceu misteriosamente — até irritantemente — nas sombras, sem sequer se despedir. E sumiu.

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO A TODOS os leitores deste livro, em seus vários rascunhos e versões, pelas sugestões, ideias e impressões, em especial Steve Brust, Martha Soukup, Dave Longford, Gene Wolfe, Cindy Wall, Lorraine Garland e Kelli Bickman. Agradeço a Doug Young e Sheila Ableman, da BBC Books, pela ajuda e pelas ideias, e também a Jennifer Hershey e Lou Aronica, da Avon Books. Também gostaria de agradecer a todos que vieram em meu auxílio quando pedaços deste romance sumiram no computador, e ao Norton Utilities.

Por fim, gostaria de agradecer a Pete Atkins, pela ajuda na montagem da versão final do texto.

Neil Gaiman

SOBRE O AUTOR



©Kimberly Butler / One Love Productions

Neil Gaiman foi citado no *Dicionário de biografia literária* como um dos dez maiores escritores pós-modernos vivos, tem mais de vinte livros publicados para leitores de todas as idades e já foi agraciado com inúmeros prêmios literários, incluindo o Hugo, o Bram Stoker e a Newbery Medal. Começou a carreira como jornalista, mas logo seu talento para construir tramas e universos únicos foi levado para o mundo dos quadrinhos, com a aclamada série *Sandman*, e, depois, para a ficção adulta e a infantojuvenil. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema e para a tevê. Nasceu em Hampshire, Inglaterra, e hoje mora nos Estados Unidos. Pela Intrínseca, publicou também *O oceano no fim do caminho*, *Faça boa arte*, *A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras*, *Os filhos de Anansi* e *João & Maria*.

Junte-se aos mais de dois milhões de seguidores de Neil Gaiman no Twitter ([@neilhimself](https://twitter.com/neilhimself)) e no Facebook ([Facebook.com/NeilGaiman](https://facebook.com/NeilGaiman)) ou visite seu site: www.neilgaiman.com.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Os filhos de Anansi



O oceano no fim do caminho



A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras



João e Maria



Faça boa arte

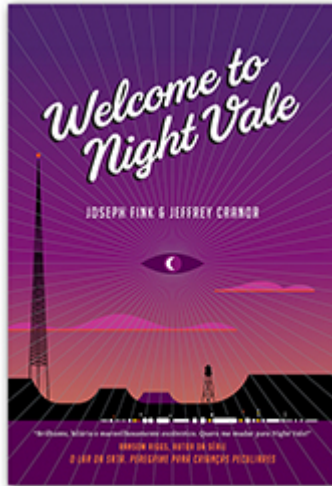
LEIA TAMBÉM



Loney
Andrew Michael Hurley



S
J.J. Abrams e Doug Dorst



Welcome to Night Vale
Joseph Fink e Jeffrey Cranor



O rei de amarelo
Robert W. Chambers



A arte de pedir
Amanda Palmer



Temporada de accidentes
Moira Fowley-Doyle